

Rainhas do Romance  
H I S T Ó R I C O

# MARGARET MOORE

Autora da lista de mais vendidos do *USA TODAY*.



*Desego Doberano*

Edição 02



HARLEQUIN  
BOOKS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



---

# MARGARET MOORE

---

## DESEJO SOBERANO

Tradução  
Alice Klesck



2013

# Capítulo Um

---

---

*Wiltshire, 1204*

— FIQUE DE olhos abertos, Bert — disse o soldado robusto, para seu colega mais jovem, junto aos portões do Castelo Ludgershall.  
— Não estou gostando do modo desse sujeito.

Bert, magrinho e cheio de sardas no rosto juvenil, parou de olhar para o cavaleiro que se aproximava, olhando Godwin com surpresa.

— Ele está sozinho, não está? Não pode estar pensando em atacar esse castelo por conta própria. Só poderia estar louco, já que estamos abarrotados de soldados, enquanto o rei está aqui.

— Tolos e loucos já causaram problemas antes disso — alertou Godwin —, e esse cavaleiro aparenta ter capacidade de liquidar uma dúzia de homens, antes de cair.

— Como sabe que ele é um cavaleiro? — perguntou Bert. — Onde estão seus homens? Os escudeiros? Pajem? Ele não traz nem serviçais, nem bagagem. Provavelmente é mais um daqueles forasteiros que o rei contratou.

Bert cuspiu de aversão. Como a maioria dos soldados ligados ao seu lorde pela terra e a lealdade, ele detestava mercenários, e os que o rei João Sem Terra empregara eram da pior espécie.

Godwin sacudiu a cabeça.

— Ele, não. Olhe a forma como está sentado naquele cavalo. O bicho não é grande coisa, mas só um cavaleiro bem treinado monta daquela forma, como se fosse uma dama costurando. E ele está com a malha de armadura, não está? E uma espada e, a menos que eu esteja ficando cego, há uma clava amarrada à sua sela.

— Muitos homens carregam selas — respondeu Bert —, e sentam eretos quando cavalgam. Além disso, que tipo de cavalo é aquele, para um cavaleiro? Deveria estar puxando uma carroça de feno. Seu sobretudo também já teve dias melhores. E olhe aqueles cabelos. Que tipo de cavaleiro usa os cabelos até os ombros? O sujeito parece mais um viking, ou um daqueles escoceses do norte.

— Confie em mim. Aquele homem é um cavaleiro, ou eu sou uma freira.

— Bem, supondo que seja — cogitou Bert —, por que se preocupar? Nós temos cavaleiros de sobra indo e vindo.

— Como esse, não — respondeu Godwin, saindo da torre da fortaleza para desafiá-lo.

Conforme o estranho obedientemente sofrea seu cavalo, Godwin estudou o rosto sério do homem, suas feições angulosas e os traços de seus lábios. Não, esse não era um homem comum, fosse mercenário, cavaleiro ou lorde.

— É Godwin, não é? — perguntou o estranho, com uma voz grave e rouca.

Ao som da voz familiar e dando uma olhada mais atenta ao rosto esguio, Godwin resfolegou ao reconhecê-lo. Ele imediatamente baixou a lança e abriu um sorriso largo no rosto, fazendo com que a cicatriz em seu queixo também se curvasse.

— Perdoe-me, milorde! — gritou ele de alegria e alívio. — Mas que surpresa, e uma surpresa boa, diga-se de passagem! Fiquei muito feliz em saber que o senhor não tinha morrido.

— E eu fico feliz em não ter morrido — disse lorde Armand de Boisbaston, girando e descendo do cavalo. Ele olhou o segundo guarda, que ainda estava com a lança em punho. — Será permitida a minha entrada em Ludgershall, ou não?

Godwin gesticulou para Bert baixar a lança.

— Esse é o lorde Armand de Boisbaston, um bom amigo do conde. Esteve aqui pela última vez... quando mesmo? Três anos atrás, milorde?

Quando o cavaleiro assentiu, Bert fez como lhe foi dito.

— Perdão, milorde. Isso foi antes de meu tempo.

— Não tem importância — respondeu lorde Armand. — Você foi sábio em negar minha entrada, até que soubesse que eu não era um inimigo, principalmente se o seu amado soberano estiver aí dentro.

Os olhos de Godwin se estreitaram ligeiramente. Amado? Se o que ouvira fosse verdade, e ele não tinha qualquer motivo para duvidar, lorde Armand de Boisbaston não tinha razões para amar o rei, e sim para odiá-lo.

— Qual é o caminho do estábulo? — inquiriu o nobre.

— Fica ao final do muro a oeste — respondeu Godwin. — O Bert pode arranjar...

— Não é necessário — interrompeu lorde Armand, pegando as rédeas do animal. — Eu mesmo cuido de meu cavalo. Da última vez que alguém tentou conduzi-lo, levou um coice.

— Seu escudeiro e serviçais virão com sua bagagem, milorde? — perguntou Bert. — Nós precisamos saber, caso eles não cheguem antes da mudança da guarda.

— Meu escudeiro está morto e tudo que possuo está naquele saquinho amarrado à sela.

Nenhum dos dois soldados soube o que dizer. Então, nada disseram.

— O conde está, ou saiu para caçar? — perguntou lorde Armand.

— Ele está em Gales, milorde — disse Godwin —, cuidando dos negócios do rei. Não está previsto que fique fora por muito tempo.

— E Randall FitzOsbourne?

— Oh, ele está aqui. E ele é um bom rapaz, devo dizer. Nada parecido com aqueles bajuladores que acompanham o rei.

— Obrigado — respondeu o lorde Armand. — Infelizmente o conde está fora, mas acontece que também tenho negócios com o rei. — Ele foi conduzindo o cavalo até a fortaleza. — É bom revê-lo, Godwin.

— O mesmo digo eu, milorde — respondeu Godwin, enquanto observava lorde Armand de Boisbaston, que fora rico e poderoso e agora não era nenhuma das duas coisas, como se tivesse voltado dos mortos.

LADY ADELAIDE D'Averette entrou sorrateiramente no estábulo pouco iluminado. Respirando o aroma de feno e cavalos, ela procurou ouvir vozes, mas só ouviu os animais.

Que santuário!, pensou ela, fechando a porta atrás de si.

Essa escolha de palavras lhe trouxe um sorriso aos lábios, embora fosse verdade. Ela já estava farta do que poderia chamar de perspicácia. E mais do que farta de se fingir lisonjeada por homens da corte do rei. Eles só podiam achá-la uma tola, ou fútil, se pensavam que ela acreditava ou aceitava qualquer coisa que eles diziam como algo sincero, ou que quisessem qualquer coisa além de levá-la para cama.

Quanto às damas, ela estava igualmente ciente dos olhares de esguelha, e das afirmações sussurradas. Não tinha culpa de ser bonita e elas eram invejosas e ambiciosas, buscando homens poderosos e ricos como maridos e amantes.

Apesar da forma como a tratavam, ela não podia condená-las por seus planos e estratégias. Num mundo onde os homens ditavam as regras, seus maridos viriam a determinar se o futuro seria feliz ou triste, próspero ou empobrecido.

Por favor, Deus, não ela, nem suas irmãs. Se pudessem evitar, não deixariam que homem algum exercesse tal poder sobre elas.

Em sua mente, ela voltava a ouvir a voz rude do pai, como se ele estivesse de pé ao seu lado.

— Irei casá-las todas, assim que puder, com o homem que pagar melhor. E se ele quiser examinar o produto antes de me fazer uma oferta, eu mesmo vou despi-las.

Afastando essa lembrança terrível, Adelaide encontrou um estábulo vazio e deitou sobre uma pilha de feno. Ela tirou sua capa bordada e pesada, desamarrou o laço do véu embaixo do queixo e soltou os cabelos.

Um pequeno miado, no canto do estábulo, chamou sua atenção. Ali, aninhada num pequeno cobertor, havia uma gata amamentando seus filhotes. Todos, exceto um. Aparentemente com menos fome, ou mais aventureiro que seus irmãos, aquele vinha na direção de Adelaide.

Era uma coisinha bem bonitinha, quase todo branco, com uma mancha negra nas costas, como se vestisse uma capa. Havia uma mancha preta em seu focinho e outra, logo abaixo da boca, como se fosse uma barba.

Sem querer afligir a mãe, Adelaide ficou onde estava, contente em ver o pequenino passeando pelos arredores. Ele parecia destemido ao vir em sua direção, quando percebeu que seguia até o véu que estava em seu colo. Ela ia colocar o véu atrás dela, quando o gatinho subitamente pulou em cima dele, aterrissando em seu colo. Rindo, mas sem querer rasgar o véu de seda, Adelaide afagou o gatinho, de olho na mãe.

Outro gatinho, quase todo preto, com o peito e as patinhas brancas, veio correndo em sua direção. O gatinho branco começou a sair de seu colo. Ao mesmo tempo a pesada porta do estábulo rangeu ao abrir, e o som inconfundível do cavalo sendo conduzido quebrou o silêncio.

Sem ter certeza de quem poderia ser, e temendo que fosse sir Francis de Farnby, ou algum outro cavalheiro da corte, Adelaide decidiu que seria mais sábio partir.

No entanto, antes que pudesse se mover, o gatinho branco pulou em seu ombro como se fosse um pássaro. O gatinho preto pulou em seu colo, claramente seguindo seu irmão, não importava qual fosse sua direção. Com um miado, o gatinho branco foi para trás de sua cabeça. Ela resfolegou quando ele cravou as pequenas unhas em suas costas, atrás da nuca, enquanto o gatinho negro correu de volta para a mãe.

De cabeça baixa, Adelaide se contorceu, tentando pegar o gatinho, sem êxito. Seu véu caiu no chão, enquanto o gatinho se prendia com mais força, fincando as garrinhas em sua pele e no seu vestido de damasco vermelho.

— Posso ajudar?

Adelaide congelou.

Esse certamente não era nenhum garoto de estábulo. A julgar pelo refinado sotaque do homem, ele tinha de ser um nobre, embora não reconhecesse sua voz grave e rouca.

Ela tentou erguer a cabeça e o gatinho segurou mais forte.

— Ai!

— Permita-me, milady.

Um par de botas gastas e sujas de lama surgiu em sua linha de visão, e o peso do gatinho imediatamente desapareceu, apesar da sensação de dor causada pelas patinhas encravadas em sua pele.

— Por favor, tome cuidado — rogou ela com a cabeça ainda abaixada, numa pose que era tão estranha quanto constrangedora. — Do contrário, o gatinho pode rasgar meu vestido.

— Não podemos deixar que isso aconteça — disse o seu salvador, com uma voz íntima e amistosa, fazendo-a corar como se esse fosse o tipo de encontro clandestino que ela tanto procurava evitar.

Ela ergueu os olhos, esperando ver um pouquinho mais do homem que estava de pé à sua frente. Sua capa cinza era feita de lã e estava respingada de lama e na bainha havia um buraco grande o suficiente para caber o dedo dela.

— Agora venha, pequenino — murmurou o homem, enquanto trabalhava para soltar as garras do gatinho da sua roupa.

Mesmo tentando ignorar a proximidade do estranho, sua voz profunda e o calor de sua respiração na nuca causavam-lhe arrepios na espinha, apesar de não serem de medo. Eram de alguma outra coisa. Algo proibido e perigoso.

— Soltou — disse ele finalmente, erguendo o gatinho. Ele afastou os cabelos dela da nuca, num gesto carinhoso. — Ele a arranhou?

Deus que a ajudasse, pois nenhum homem jamais a tocara desse jeito. Nenhum homem deveria tocá-la daquele jeito, e ela certamente não deveria gostar disso.

— Não vejo sangue algum — disse ele. — Talvez, por baixo do vestido...

— Você não vai olhar embaixo de meu vestido! — gritou ela, ficando de pé e pegando o véu para se virar de frente e olhar...

...o homem mais atraente que já vira.

Os cabelos longos, castanhos claros, emolduravam a bela face de ângulos planos, maçãs do rosto salientes e um maxilar forte. Sobrancelhas escuras e arqueadas eram acentuadas com uma penugem dourada, como se fossem salpicadas de luz do sol. Seus lábios fartos abriram um leve sorriso, que fez o coração dela disparar, como se tivesse corrido vários quilômetros. O gatinho branco e preto estava deitado no braço dele, os olhos meio fechados, ronronando ruidosamente enquanto o homem aflagava sua barriguinha rechonchuda.

Adelaide nunca invejara um gato.

— Eu lhe asseguro, milady, que não estava sugerindo nada impróprio — disse o estranho, com o riso contido na voz áspera. — Só tive a intenção de dizer que deve pedir a sua criada que cuide de quaisquer arranhões. Um arranhão de gato pode ser algo sério.

A boca de Adelaide se fechou quando percebeu que o olhava atentamente, como uma tola. Afinal, ele era apenas um homem, não algo sobrenatural.

— Eu lhe agradeço, senhor, por sua ajuda — disse ela, com uma dignidade arrogante. — Tenho certeza de que os ferimentos são mínimos.

O sorriso dele desapareceu e a luz em seus olhos diminuiu.

Era assim que tinha de ser. Afinal, ela não viera à corte para encontrar um marido. Viera para fazer tudo que pudesse para evitar se casar.

Um miado zangado veio por trás dela. O último dos gatinhos terminara de mamar e a gata claramente achava que era hora de todos partirem.

O gatinho branco pulou do braço do homem e correu para se juntar aos outros.

O belo e bem articulado estranho, certamente um nobre, deu um sorriso triste para Adelaide.

— Ora, eu fui abandonado.

Adelaide não queria sorrir, para que ele não interpretasse isso como um incentivo. Ela desviou o olhar e viu um arranhão nas costas da mão dele.

— Você está sangrando!

— Diabinho — o homem murmurou ao examinar a mão, expondo o pulso e a pele machucada e vermelha, que obviamente teria ficado em carne viva. Como se ele tivesse ficado algemado. Durante semanas.

Adelaide ergueu os olhos assustados e deparou com o estranho fitando-a fixamente, com uma expressão que não deixava escapar nada. Embora estivesse cheia de curiosidade, ela decidiu que seria melhor não dizer nada e simplesmente cuidar de seu ferimento, da mesma forma que ele viera em seu socorro.

Ela se apressou até a tina mais próxima, mergulhou a ponta do véu na água, antes de voltar para lavar o arranhão.

O nobre desconhecido sumiu, assim como a gata e seus gatinhos.

Adelaide ficou ali confusa, imaginando para onde ele teria ido e se deveria ir procurá-lo, até que ouviu a voz bem conhecida de Francis de Farnby. Não seria bom ser encontrada ali, com um homem — qualquer homem — e, principalmente, com um homem tão atraente quando o nobre desconhecido. Ela podia facilmente imaginar o tipo de mexericos que a corte faria a partir disso.

## Capítulo Dois

---

---

— ARMAND! VOCÊ finalmente está aqui! Estava começando a pensar que havia se perdido.

Contentíssimo em ouvir a voz de seu amigo mais próximo, Armand parou de afagar o cavalo e sorriu quando Randall FitzOsbourne entrou mancando no estábulo.

Como de hábito, Randall estava vestido com uma túnica longa e escura que chegava ao chão, com apenas um cinto de couro ao redor da cintura delgada. Ele usava os cabelos claros à moda popular normanda, embora o topete do lado esquerdo da cabeça lhe desse uma aparência ligeiramente distinta de sua personalidade.

— Esse cavalo é seu? — perguntou Randall, olhando o animal inquieto, que se remexeu ao som de sua voz.

— Foi o melhor que pude pagar — respondeu Armand, jogando o trapo que usara num balde, do outro lado do estábulo. — Lamento se lhe causei preocupações. Esse bicho não é dos mais velozes e demorei mais do que pretendia na casa de meu tio.

— Sucesso? — perguntou Randall, as sobrancelhas claras se erguendo, interrogativas.

Com uma das mãos afagando o cavalo que bufava e remexia as patas, Armand enfiou a mão na túnica e arremessou um saquinho de couro para Randall, fazendo tilintar as moedas que estavam dentro, quando ele o pegou. Randall tinha uma coordenação excelente e teria sido um cavaleiro formidável, caso seu pé torto não tornasse isso impossível.

— Quanto? — perguntou Randall, puxando a cordinha para abrir e espiando o lado de dentro.

— Dez marcos.

A decepção de Randall se igualou à de Armand.

— Tão pouco assim?

— Não havia amor algum entre meu pai e meu tio — lembrou Armand ao amigo, sacudindo os ombros largos. — Tive sorte por ele não soltar os cães de caça atrás de mim.

Randall suspirou, recostando-se na parede do estábulo.

— Ruim assim, é?

— Sim.

Armand não via necessidade de se explicar quanto à reação desagradável que sua chegada causara ao tio quando foi pedir dinheiro para resgatar Bayard, seu meio irmão. Ele não repetiria os adjetivos justificáveis dados ao cruel, promíscuo, compassivo e falecido pai, nem o lembrete de que o tio já ajudara a pagar pela libertação de Armand; ele tinha pouca coisa para dar por Bayard.

— Quanto você tem agora?

— Duzentos e oitenta e quatro marcos.

— Então, ainda precisa de duzentos e dezesseis. Tenho certeza de que o conde lhe emprestaria essa quantia de bom grado, porém ele não está aqui — disse Randall, com tristeza. — Seu procurador, embora seja um bom sujeito, provavelmente não lhe emprestará uma quantia como essa, na ausência do conde.

— Quando é esperado o regresso do conde?

— Dentro de uma quinzena, creio.

Armand xingou baixinho.

— Se você me deixasse ir até meu pai, novamente...

— Não. Por mais que eu esteja desesperado para ter Bayard livre, não vou fazê-lo passar novamente por essa humilhação.

Pelo tempo que vivesse, Armand jamais se esqueceria do terrível tratamento que o pai de Randall, lorde Dennacourt, dispensara ao único filho, quando, em seu desespero para resgatar Bayard, ele concordara em seguir com Randall em busca do dinheiro do resgate, ou uma porção dele, e pedi-lo ao nobre abastado. A julgar pela reação do lorde Dennacourt, era de se pensar que Armand queria assassiná-lo e que Randall tivesse deliberadamente aleijado a si mesmo, para opor-se aos planos do pai.

Armand pousou a mão companheira no ombro de Randall, pegando o saquinho de couro e o conduzindo para fora do estábulo.

— Achei outro meio de levantar o dinheiro — disse ele com um bom humor que não era totalmente fingido. — Eu creio, meu amigo, que chegou a hora de Armand de Boisbaston encontrar uma esposa.

Randall o olhou estarecido.

— Vai se casar para conseguir o dinheiro do resgate?

— Se for preciso — respondeu ele, compreendendo a surpresa de Randall.

Antes de sua partida para a Normandia, naquele malfadado empreendimento, ele jamais pensaria num motivo tão mercenário para arranjar uma noiva. O lucro havia sido o motivo para que seu pai voltasse a casar, quando a mãe de Armand havia sido enterrada fazia pouco mais de um mês e o segundo casamento fora um desastre, uma batalha constante pelo testamento, maldições e golpes. Armand prometera a si mesmo que teria afeição, amizade e paz quando se casasse, independente de dotes e terras.

Mas agora, com Bayard dependendo dele, não podia se dar ao luxo de pensar apenas em seus próprios desejos, quando se tratava de uma esposa. E tinha de admitir que seu plano parecia mais palpável agora que ele conhecera uma adorável e acanhada beldade, no estábulo. Não lhe escapara à atenção que ela não estava usando uma aliança.

Quando ela erguera o olhar, ele experimentou aquela onda quase esquecida de empolgação e excitação também. Foi como se o passado recente jamais tivesse acontecido — até que ela viu seu pulso machucado e ele fugiu como um covarde, ou o homem mais tolo do mundo.

— Creio que nosso rei ainda desfrute da companhia de jovens órfãs que sejam suas protegidas da realeza, assim como viúvas abastadas cujas mãos ele possa conceder para casar com amigos, ou àquele a quem deve muito?

— Sim, ele tem — respondeu Randall, quando entravam no pátio.

Vários soldados patrulhavam o caminho junto ao muro e guardavam o portão. Outros, que não estavam em serviço, apenas descansavam sob o sul de julho, rindo e xingando, enquanto contavam histórias. Ignorando os soldados, algumas serviçais seguiam em direção à fonte, cochichando e rindo. Outras, com roupas mais finas, circulavam, realizando tarefas para seus patrões nobres.

Carroças de mercadores e negociantes chegavam com verduras para a cozinha do castelo; outros, já vazios, partiam, com seus condutores xingando tão alegremente quanto os soldados por quem tentavam passar.

Armand notou que a expressão de Randall estava notoriamente séria.

— Eu também estou muito preocupado com Bayard — disse Armand, falando um pouquinho mais alto, para ser ouvido acima do burburinho. — Espero que um casamento signifique que eu possa libertá-lo em breve.

— Talvez.

Essas respostas curtas eram totalmente incomuns para Randall.

— O que há de errado? Há uma escassez de jovens damas descasadas, ou viúvas ricas, ou você acha que o rei não me concederá uma? É o mínimo que ele pode fazer, depois do que sofri por ele.

Armand teve de se esforçar para ouvir a resposta de Randall à medida que passavam pelos cestos de ervilhas e feijão, do lado de fora da despensa da cozinha.

— O rei talvez não goste de ser lembrado de suas perdas na Normandia.

— Não foi minha culpa o fato de ele ter perdido suas terras por lá, e ele ainda deve ser grato por meu serviço.

O olhar de Randall se desviou para Armand.

— Espero que o rei o recompense, espero mesmo. Mas... bem... — Ele propositalmente limpou a garganta. — Você está planejando cortar os cabelos?

— Não, e você sabe o motivo — respondeu Armand, incapaz de ocultar a hostilidade da voz, enquanto pensava no motivo de sua decisão.

— O que dirá a qualquer um que pergunte?

— A verdade.

Randall segurou o braço de Armand e o puxou para trás da carroça mais próxima.

— Pelo amor de Deus, Armand, você quer ser acusado de traição? — perguntou ele, num sussurro inflamado.

Armand sacudiu o braço para se soltar da mão do amigo.

— Não sou um traidor. Jurei minha lealdade ao rei e vou mantê-la, embora me arrependa do dia em que coloquei minha honra em suas mãos. Foi por causa dele que quase morri naquele calabouço. Foi por causa do rei que meu escudeiro e outros bons homens morreram, e é culpa dele que meu irmão ainda seja prisioneiro na Normandia.

— Mesmo assim, você precisa se cuidar, Armand, principalmente por não estar totalmente recuperado de seus ferimentos, ou está? — O olhar de Randall seguiu para o joelho direito de Armand, que havia sido atingido por uma clava e fora deixado para sarar sozinho, enquanto ele esteve aprisionado.

— Quase — respondeu ele, embora seu joelho doesse como o diabo na maior parte do tempo. Seus braços ainda estavam fracos, e sua voz ainda estava rouca, por causa da tosse que já o acompanhava havia quase uma quinzena. Ainda assim, ele estava bem melhor

do que da última vez em que Randall o vira.

— Mas ainda não está bom, então você precisa tomar cuidado — persistiu Randall. — O rei vê conspiração por toda parte e seu juramento talvez não o proteja. E só as suas terras já seriam suficientes para incentivar homens de ganância e ambição a envenenarem o rei contra você. Se você for acusado de traição, então, o que acontecerá com Bayard?

O maxilar de Armand se contraiu antes que ele respondesse, embora soubesse que o amigo estava certo. Ele precisava ser cauteloso naquele ninho de cobras.

— Tomarei cuidado.

— Bom — respondeu Randall, com um alívio verdadeiro. — Agora vamos arranjar alguma coisa para comer. O rei e a rainha ainda estão deitados, portanto, você não precisa vê-los imediatamente.

— Graças a Deus. Do contrário, eu perderia totalmente o apetite.

— FICO feliz que você esteja se sentindo melhor — disse Adelaide a Eloise de Vènerly, enquanto sentavam-se num banco de pedra no jardim do castelo, mais tarde naquela mesma manhã.

Meiga, gentil e bonita, Eloise era a única amiga verdadeira de Adelaide na corte. Ela era realmente boa, confiável e sem ambição.

Perto dali, vários cortesãos jogavam, no centro do jardim. O objetivo era fazer a bola alcançar a que estava no centro e bloquear as que estivessem próximas.

Do lado de fora do jardim havia caminhos margeados de flores e ervas de aroma adocicado. As roseiras subiam pelas paredes e havia vários recantos criados pelas vinhas.

Era a vez do lorde Richard D'Artage. Ele era o pavão mais fútil da corte e a cada manhã passava horas cuidando dos cabelos e da roupa. Comentava-se que havia enchimento nos ombros de sua túnica e que a cor de seus cabelos vinha mais da arte do que da natureza.

Outros jovens nobres olhavam e davam seus palpites, sendo ou não bem-vindos. Também havia várias damas, incluindo a ambiciosa lady Hildegard e sua língua afiada, com os olhos perfurantes e o queixo empinado.

Adelaide ficava um tanto contente em assistir aos outros homens da corte jogando bola, ou fazendo suas manobras pelo poder. Ela preferia ser ignorada, embora sua beleza tornasse isso impossível.

Eloise lançou um olhar encabulado.

— Eu não estava realmente passando mal, essa manhã. Só queria ficar longe de Hildegard por um tempo.

— Compreensível — disse Adelaide. Hildegard também não era uma de suas favoritas.

Eloise suspirou.

— Ela sempre consegue me aborrecer. Eu gostaria de ser mais como você, Adelaide. Nada do que ela diz a incomoda.

— Porque não me importo se Hildegard gosta ou não de mim — respondeu Adelaide, sinceramente. Para ela, importava apenas a opinião do rei, já que ele era quem sempre detinha o poder sobre seu destino, assim como de suas irmãs.

Eloise ainda parecia triste, então Adelaide procurou melhorar seu humor.

— Randall FitzOsbourne estava observando-a dançar, ontem à noite.

A cabeça de Eloise se levantou como a de um cãozinho afoito, depois ela corou e olhou para o chão.

— Acho que não. Ele devia estar olhando para outra pessoa.

— Ele certamente estava olhando para você — Adelaide assegurou. — Talvez essa noite você deva falar com ele.

— Eu não poderia! O que eu diria? Ele ia achar que estou sendo oferecida.

— Duvido. Você é a mulher mais modesta da corte. Tenho certeza de que ele gosta de você. Infelizmente, ele também é tímido e modesto, como você. Talvez, se falasse com ele primeiro...

— Eu não poderia! Além disso — disse Eloise, prosseguindo —, desde que seu amigo chegou, ele provavelmente nem lembra de que existo.

— E que amigo é esse? — perguntou Adelaide, tentando soar desinteressada, apesar da empolgação que a percorreu. Até onde sabia, a única chegada à corte era do homem do estábulo. Ela não ouvira falar de mais ninguém.

— O lorde Armand de Boisbaston — disse Eloise. — Você não estava aqui, da última vez em que ele esteve na corte. Tenho certeza de que se lembraria. Ele é um homem muito bonito.

Tinha que ser o cavaleiro que ela conhecera no estábulo.

— Acho que posso tê-lo visto — disse Adelaide, estranhamente relutante em contar a Eloise sobre seu encontro com o homem no estábulo. — Ele tem cabelos compridos?

— Minha criada disse que chega quase até os ombros. Marguerite ficou toda afogueada ao me falar sobre ele. Espere até que as damas da corte saibam que ele está de volta. Ficarão do mesmo jeito. Mas me pergunto por que ele não cortou os cabelos. Ele costumava ser muito caprichoso com a aparência, antes de partir para a Normandia. Você o achou bonito?

— Sim.

— Fico surpresa por ele ter demorado tanto para regressar à corte. Agora já faz semanas que ele foi libertado.

— Libertado? — perguntou Adelaide, lembrando das cicatrizes em seu punho.

Eloise baixou a voz para um sussurro.

— Ele comandava um dos castelos do rei, na Normandia. Ficaram sitiados durante meses, esperando reforços, mas o rei não mandou reforço algum. Lorde Armand finalmente se rendeu quando o rei francês ameaçou incendiar a cidade e matar a todos. Depois, lorde Armand e os cavaleiros que estavam com ele, assim como seus escudeiros, foram aprisionados, até que os resgates fossem pagos. Os que pagaram rapidamente foram libertados depois de uma quinzena, aproximadamente. Outros não tiveram a mesma sorte. Levou meses para que lorde Armand e seus amigos levantassem o dinheiro. Seu patrimônio ficou um tanto desprovido, depois de equipar um meio irmão mais velho para ir às cruzadas com Ricardo, o Coração de Leão. O pobre sujeito morreu, mesmo antes de chegar à Terra Santa. O meio irmão caçula de Armand ainda está aprisionado na Normandia, esperando o pagamento do resgate.

— Ele tem... dois meio irmãos?

Eloise assentiu.

— Raymond de Boisbaton tinha três filhos legítimos, de duas mães diferentes, e, pelo que ouvi, provavelmente alguns bastardos, também.

— Se o filho lembra o pai, posso entender por que as mulheres ansiavam ir para sua cama — Adelaide pensou alto, imaginando o sorriso do lorde Armand e seus olhos castanhos encantadores.

Eloise acenou a cabeça para os homens que jogavam.

— Os outros homens solteiros não ficarão contentes em saber que lorde Armand regressou.

— Então, ele não tem esposa?

Eloise sacudiu a cabeça.

Adelaide tentou não parecer satisfeita, nem aliviada, ao saber disso. Afinal, o casamento era algo a ser evitado, a menos que ela quisesse se submeter aos caprichos e comandos de um homem, e ser tratada como menos importante do que seus cães ou cavalos. Ela não aturaria nenhum homem agredindo-a por dar à luz meninas “inúteis”, em vez de filhos varões.

E, se ele fosse bonito e tivesse uma voz que promettesse prazeres certamente pecaminosos, sem dúvida jamais seria fiel.

— Talvez o rei lhe dê uma esposa com dote, como recompensa por sua lealdade e sofrimento — Eloise opinou. — Então ele poderia usar o dote para resgatar o irmão. Talvez seja por isso que ele veio até a corte.

— Talvez — Adelaide concordou, feliz por ter insinuado que sua família era relativamente pobre, por se vestir com simplicidade. A única joia que ela usava era o crucifixo da mãe. Era antigo, e, embora fosse feito de ouro e esmeraldas, era uma peça bem modesta, se comparada às joias usadas pelas outras damas da corte.

— Oh, que infelicidade! — gritou lady Hildegard, quando lorde Richard rolou a bola e errou. — O solo deve estar desnivelado, se não, tenho certeza que teria ganhado.

— Que pena, Richard, você quase me ganhou — disse sir Francis de Farnby, vencendo o jogo, com satisfação. Ele era mais atraente do que o lorde Richard, com cabelos lisos, ombros largos e uma cintura delgada. No entanto, assim como lorde Richard, ele tinha plena consciência de seus atributos físicos e da fortuna e prestígio de sua família. Era o tipo de homem que esperava que todos se impressionassem com ele, tanto quanto ele próprio se impressionava.

Adelaide franziu o rosto, quando ele veio na direção delas.

— Ah, milady, eu temi que as fadas a tivessem capturado e levado para junto delas — disse ele ao chegar até elas, ignorando Eloise. — Você pareceu desaparecer no ar.

Foi tudo que Adelaide pôde fazer, para não revirar os olhos e dizer a ele que até desapareceria de vista, se tivesse poder para isso.

— Sem dúvida deve ter sentido falta da lady Eloise, também. Não é sorte nossa que ela esteja se sentindo melhor?

Francis olhou para Eloise, que deu o sorriso benevolente que reservava para crianças pequenas e adultos imbecis.

— Sim, é claro — disse ele, olhando novamente para Adelaide, bem alheio à falta de admiração de Eloise. — Para onde foi? Eu a procurei por todo lado, quase chamei os guardas.

— Fui ao estábulo.

— Se desejava cavalgar, milady, era só pedir. Eu a teria acompanhado com satisfação.

Sem dúvida ele teria tentando tirá-la de cima de seu cavalo para seduzi-la.

— Eu não estava trajada para montar e esse não era meu propósito — respondeu ela. — Acho que a companhia dos cavalos acalma.

Os gatinhos tinham sido uma fonte de divertimento, mas quanto à chegada do lorde Armand de Boisbaton...

— Duvido que os cavalos apreciem tanto a sua extraordinária beleza quanto eu — disse Francis, com um tom suave de lisonja e uma expressão adoradora.

Oh, Deus a salvasse daquele tolo bajulador...

— Ora essa, pelos demônios, não é o sir Francis de Farnby? — disse uma voz ligeiramente rouca e conhecida.

O rosto de Adelaide corou, inflamado, enquanto lorde Armand de Boisbaton vinha caminhando em direção a eles, seguido por Randall FitzOsbourne.

O lorde Armand havia tirado a capa. Agora estava vestindo apenas uma túnica negra, uma camisa branca por baixo, calça preta e botas gastas, sem lama. Seu cinto era largo, parecia ser de couro, e a espada pendia da cintura.

Com aquelas roupas e cabelo, ele parecia mais com um bárbaro do que nunca, ou um homem que não via necessidade de se adornar com roupas finas para causar impressão.

Os homens da corte, que estavam discutindo o jogo, caíram em silêncio e Eloise parecia não saber para onde olhar.

— Você parece surpreso em me ver, Francis — disse lorde Armand, parando ao lado de Adelaide. — Estou encantado em vê-lo tão bem, mas, por outro lado, quando se fica longe da batalha, a gente se torna mais inclinado à saúde. Você não me apresentaria a essas duas damas adoráveis?

Seu olhar se desviou para Adelaide, e embora não demonstrasse qualquer sinal de reconhecimento, uma sensação de familiaridade, até mesmo de um conhecimento íntimo, causou nela um frisson de calor e empolgação — uma sensação que não era bem-vinda. Afinal, ela não era nenhuma mulher desesperada, em busca da aprovação de um homem. Ela preferiria que ele a detestasse, que ao menos desgostasse dela.

— Esta é a lady Eloise de Venery e esta é lady Adelaide D'Averette — disse Francis, com os lábios contraídos. — Permitam-me apresentar lorde Armand de Boisbaston, cuja vaidade e presunção aparentemente não diminuíram, depois de seu recente encarceramento e apesar de ter sido rendido no castelo que estava encarregado de proteger. — Ele olhou diretamente para Adelaide. — Eu lhe advirto, milady, fique alerta com esse homem e sua lábia doce.

Como é que Francis se atrevia a debochar de um homem que arriscara a vida por seu rei, quando ele nunca fizera nada mais perigoso que participar de um torneio?

— Ele não parece estar falando muito bem de sua pessoa, milorde — ela disse, com muita ternura.

Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas de Francis, como se ele estivesse insatisfeito, ou talvez confuso pela resposta.

— Isso é porque não sou uma bela dama. No entanto, a reputação de Armand de Boisbaston é muito conhecida.

— De fato, é — declarou Randall FitzOsbourne, soltando as palavras como se fosse explodir se não as dissesse. — Ele é o melhor e mais corajoso cavaleiro da Inglaterra!

— Você me lisonjeia muito, Randall — protestou lorde Armand, com um sorriso que nada tinha de modéstia. — William Marshall é o melhor e mais corajoso cavaleiro da Inglaterra, e também da Europa. Se eu pudesse ter ao menos uma porção de sua habilidade e honra, eu me consideraria afortunado.

— Honra? — zombou Francis. — Acredito que tenha deixado isso na Normandia.

A raiva faiscava nos olhos castanhos de lorde Armand.

— Ao menos eu já tive, para perder.

— Está me insultando, milorde? — perguntou Francis.

Será que Francis não notara a ira nas feições do homem?, Adelaide se perguntou. Uma pequena ruga de raiva, entre as sobrancelhas? Será que ele realmente queria partir para a briga com esse homem?

— Apenas fiz uma observação baseada em sua referência sobre minha permanência na Normandia — lorde Armand respondeu calmamente, mas o tom de sua voz não combinava com a ira óbvia. — Não posso ser responsável pela forma como faz sua interpretação. Você parece ter desenvolvido uma certa sensibilidade desde que me afastei, Francis. Talvez esteja passando tempo demais na corte.

— Enquanto você parece ter se esquecido de como se vestir para frequentá-la. Meus serviços estão mais bem trajados do que você. Será que não possui nem mesmo uma faca para aparar esse bolo desganhado de cabelos?

— Como fui obrigado a entregar quase tudo que possuo para recuperar minha liberdade, após lutar pelo rei, não tenho roupas mais finas para vestir. Quando aos meus cabelos...

Lorde Armand olhou primeiro para Adelaide, depois sorriu para Eloise.

— Estão tão horríveis assim?

Eloise corou e baixou os olhos, depois sacudiu a cabeça.

Então, ele se virou para Adelaide.

— E quanto à senhorita, milady? Diria que meus cabelos parecem um bolo desganhado?

Adelaide lembrou a si mesma de que estava na corte por uma razão, e esta certamente não era cair no encanto de algum homem. Se Eloise ou lady Hildegard ou qualquer outra da corte quisesse lorde Armand, elas podiam ficar com ele.

— Não, eu não diria — respondeu. — No entanto, ele o deixa com uma aparência um tanto selvagem. Será que devemos esperar vê-lo com o rosto pintado de azul, como um picto? Ou estará usando o capacete com chifres de um nórdico? Há alguma razão para esse cabelo incomum, milorde, ou simplesmente gosta de chocar as pessoas e ser o centro das atenções?

Quando Francis gargalhou, a expressão que surgiu no rosto de Armand a fez querer se encolher.

— Talvez, algum dia milady — disse ele —, eu lhe diga por que não cortei meus cabelos desde que fui levado como prisioneiro. No entanto, duvido que irá entender.

Adelaide corou de vergonha e quis pedir desculpas, mas não ousou. Ela tinha uma reputação a zelar, embora não fosse uma de que ela particularmente gostasse.

— Não preste atenção ao que ele diz, milady — disse Francis. — E você, milorde, é melhor ter cautela com a forma como fala com as protegidas do rei.

Lorde Armand não parecia ter a menor preocupação.

— Diga-me, Francis, enquanto estive no calabouço de comte de Pontelle, onde estive?

Francis endireitou os ombros.

— Eu também estava servindo ao rei.

— Tenho certeza que estava, da sua maneira — concordou lorde Armand, expressando um ar de deboche na voz e nos olhos. — Nem todos podemos dar os braços na batalha.

— E alguns de nós mal conseguimos andar — disparou Francis de volta, desviando o olhar para Randall FitzOsbourne, que ficou vermelho como um pimentão.

Esse foi realmente um golpe baixo. Randall FitzOsbourne não tinha culpa de ser aleijado.

O leve sorriso permaneceu no rosto de Armand, mas seus olhos estavam repletos de um ódio renovado e sua mão foi até o cabo da espada. Assim como a de Francis.

Eloise empalideceu e Randall FitzOsbourne pareceu preocupado. Adelaide, no entanto, estava bem certa de que lorde Armand poderia derrotar Francis, que merecia ser humilhado.

— Ora, pelo amor de Deus, há algo errado com meus cortesãos? — o rei gritou.

Todos se viraram para ver o rei vindo na direção deles, que de tão concentrados na discussão entre sir Francis e lorde Armand nem notaram a sua chegada.

Como sempre, o rei estava trajado ricamente, com uma túnica longa cor de marfim, repleta de bordados ao redor do pescoço, punhos e bainha. Seu cinto era dourado e ele usava um grande broche com um rubi no centro. Os anéis cintilavam em seus dedos rechonchudos, e os cabelos brilhavam com o óleo. O cheiro de perfume caro exalava dele, sobrepondo-se ao aroma delicado das rosas próximas. A rainha e vários de seus cortesãos o seguiam, tentando acompanhar seu ritmo veloz.

Apesar da presença de sua rainha, o rei olhou Adelaide de esguelha e parou.

— Suponho que esses dois frangotes estejam se entreolhando com raiva por sua causa, milady.

— Majestade — respondeu ela, mantendo o tom de voz e a expressão cuidadosamente neutros. — Eu só estava passando o tempo com lady Eloise, quando esses cavalheiros me abordaram.

— Entendo. — O rei lançou um olhar interrogativo sobre lorde Armand, que era mais de um palmo mais alto que ele. — Fomos informados de sua chegada, lorde Armand. Seja muito bem-vindo à corte.

— Obrigado, majestade — respondeu lorde Armand, dando um passo em direção ao rei. — Eu espero...

— Nós podemos adivinhar o que espera — interrompeu o rei, com uma ponta de ressentimento —, e não pretendemos discutir isso enquanto o almoço está prestes a ser servido. — Ele se virou de volta para Adelaide. — Para que haja paz, você terá de sentar ao meu lado na mesa, milady.

Sabendo que ela realmente não tinha escolha, confiando que poderia continuar sem incentivar, nem obviamente desencorajar o rei promíscuo, Adelaide sorriu e disse:

— Será uma honra, Majestade.

## Capítulo Três

---

---

— DESCULPE, REALMENTE achei que conseguiria conter meu temperamento — disse Armand a Randall, enquanto observavam o rei e seus acompanhantes, agora incluindo lady Adelaide, saindo do jardim. — Infelizmente, só de olhar para Farnby me deixa irritado.

E o fato de que Francis estava de conversa com a beldade acanhada não ajudava muito. Aliás, ela acabou provando que de acanhada não tinha nada. Na verdade, suas respostas inflamadas tinham sido desconcertantes.

— Francis irrita a todos — consolou Randall. — Pelo menos, você não o atacou. Isso teria sido um desastre.

Armand se sentou no banco de pedra, que lady Adelaide e sua amiga de cabelos louros haviam desocupado. Ele esticou a perna direita e massageou o joelho dolorido.

— Percebo que Francis consegue não irritar o rei.

— Ele bajula o rei e diverte a rainha.

Armand sabia que deveria afastar qualquer interesse em lady Adelaide e sua língua afiada, e também o desejo que ganhara vida quando ele a viu, dadas as suas razões para se casar e o tipo de esposa tranquila que esperava ter. Também não fazia a menor ideia se a família de lady Adelaide seria rica ou pobre. Afinal, havia outras damas descasadas na corte e, mesmo que não houvesse outra com olhos tão belos, com olhos tão brilhantes e meigos, elas poderiam ser mais ricas, e era disso que ele tinha de se lembrar.

Contudo, ele não conseguiu resistir em perguntar um pouquinho mais sobre a beldade de cabelos escuros.

— Francis também bajula lady Adelaide, no entanto ela não parece suscetível ao seu charme pegajoso. Seria porque está de olho num prêmio maior?

Sentando-se ao seu lado, Randall olhou ao redor, para se certificar de que estavam sozinhos.

— Você quer dizer o rei?

Não foi isso que Armand quis dizer, mas ele não ficaria surpreso se o rei já tivesse subornado aquela beldade para levá-la para a cama.

— Ela é amante dele?

— Ainda não, acho, embora ninguém saiba com certeza.

— Nessa corte, eles saberiam — respondeu Armand, tentando não se trair quanto ao próprio alívio, e também não senti-lo.

— É muito difícil dizer quais são os planos daquela dama — disse Randall —, ou mesmo se há algum homem de quem ela goste, ou queira. Ela não deixa transparecer nada e age com todos da mesma forma.

— Talvez ela não queira limitar sua opção de maridos ricos.

— Acho que não podemos condená-la por isso — disse Randall. — Ela tem duas irmãs solteiras que também são protegidas do rei, embora não estejam na corte, e a família não é muito rica. Se ela fizer um bom casamento, as chances das irmãs irão aumentar consideravelmente.

— E quanto à sua amiga, lady Eloise? — perguntou Armand. — A família é rica?

Randall hesitou por um momento, e não olhou para Armand quando respondeu.

— Sim, sua família é mais rica. Seu dote deve ser mais que suficiente para pagar pelo resgate de Bayard. Não cheguei a perguntar. — Ele rapidamente ficou de pé. — É melhor irmos até o hall, se quisermos comer.

O jeito de Randall e seu súbito desejo de sair foram o suficiente para dizer a Armand que mesmo que lady Eloise fosse a mulher mais rica da Inglaterra e estivesse babando por ele, não deveria considerá-la para noiva — a menos que quisesse aborrecer Randall.

— Imagino que eu pudesse tentar lady Hildegard — refletiu Armand, enquanto seguiam rumo ao portão do jardim.

— As coisas mudaram, desde que você partiu — respondeu Randall. — Ela está de olho em lord Richard.

Armand ergueu uma sobrancelha, enquanto segurava o portão aberto para o amigo.

— Você não acha que eu poderia convencê-la de ser um marido melhor?

— Não duvido de que seria — respondeu Randall —, mas lady Hildegard é ambiciosa como qualquer homem. Lord Richard, com toda a sua vaidade, vem de uma família bem abastada, e a riqueza significa poder.

— Então, terei que escolher outra — disse Armand, sacudindo os ombros enquanto cruzavam o jardim em direção ao hall.

— Ao menos você tem escolha — disse Randall, com uma amargura que Armand jamais o ouvira expressar.

— Qualquer mulher ficaria encantada em estar sob seus cuidados — disse ele. — Você é um sujeito gentil e inteligente e o mais leal que se pode encontrar. Só porque você não pode dançar ou ir para a guerra não é motivo para acreditar que não seja merecedor de uma noiva.

— Isso é dito pelo cavaleiro mais bonito da corte do rei.

— Que tem a felicidade de ser amigo do melhor homem da corte do rei.

Essa resposta honesta fez com que Randall sorrisse, algo que Armand ficou feliz em ver, enquanto entravam no imenso hall.

O conde de Pembroke havia sido pobre na juventude, porém, a julgar pela linda mobília, as tapeçarias coloridas e os estandartes dos cavaleiros, pendurados no hall, ele já não era mais pobre. Depois de anos de serviço leal e dedicado aos reis Plantagenetas, ele recebera Isabel de Clare, a herdeira mais rica da Inglaterra, como noiva.

Um fogo limpo e bem aceso queimava na lareira central, aquecendo a sala que podia ser fria até mesmo no verão. Mesas bem arrumadas foram postas para a refeição, incluindo uma, sobre uma plataforma, para o rei e a rainha e quem eles escolhessem como companhia, com as cadeiras exibindo almofadas de seda para seu conforto. Toalhas de mesa de um branco imaculado cobriam as mesas dos cortesãos, e estavam adornadas com taças e talheres de prata. Também havia colheres de madeira para os soldados e serviçais da nobreza.

As passadeiras no chão haviam sido pulverizadas com alecrim, cujo aroma se mesclava à fumaça que subia da chaminé do telhado e o perfume dos cortesãos. Os vira-latas, sempre presentes, cercavam o hall na expectativa de restos que lhes fossem jogados, da refeição por vir.

O mestre do hall, cercado, ia de mesa em mesa, de servente em servente, para se assegurar de que tudo estava no lugar e pronto para começar.

Conforme seguiam até a mesa, Armand e Randall passaram por malabaristas que se alongavam e treinavam, para a exibição que fariam durante e após a refeição. Ali perto, os músicos afinavam seus instrumentos e um bardo murmurava consigo mesmo, obviamente ensaiando também.

Armand avistou Godwin e Bert e inclinou a cabeça, num cumprimento. Os soldados sorriram em retribuição.

O padre, um sujeito idoso, de rosto enrugado e cabelos grisalhos, fez uma prece pedindo piedade a Deus, nesses tempos terríveis. Quando Armand disse amém, ele pensou que com um rei daquele tipo, pedir piedade a Deus sem dúvida seria uma boa precaução.

— Parece haver um bando de damas descasadas aqui — observou Armand quando assumiram seus lugares. Ele acenou com a cabeça para uma das damas nobres sentadas de frente para eles, mais perto do rei. Suas feições longas infelizmente o lembraram de um cavalo. — Quem é ela?

A jovem o viu olhando e deu uma risadinha, depois corou, enquanto cochichava com a jovem ao seu lado. E aquela dama lançou um olhar ardente para Armand.

Meu Deus, como ele poderia ter esquecido de como era a vida na corte? Os jogos de amor, as pequenas intrigas. As desconfianças. As invejas.

Tendo ou não esquecido, ele precisava de uma noiva de dote rico, portanto teria de participar desses jogos. Ele ergueu a taça, brindando, e disse por entre os dentes cerrados:

— Então, Randall? Quem é ela?

— Aquela é a lady Mary de Chearney, e a mulher loura ao seu lado é lady Wilhemina de Werton — respondeu Randall. — Acredito que ambas tenham dotes suficientes para pagar pelo resgate de Bayard três vezes, mas ouvi dizer que o pai de lady Mary está de olho num conde escocês para ela, e acho que o irmão de lady Wilhemina tem planos de casá-la com um nobre galês idoso, muito, muito rico, dono de terras em March.

Armand foi invadido de alívio, mas também de irritação. Ele não deveria pensar no próprio prazer, quando se tratava de casamento. Tinha de se lembrar de Bayard, deprimido num calabouço, até que seu resgate fosse pago.

Sorrindo timidamente para Armand, a serviçal colocou uma travessa de pão à frente deles. Armand pegou sua faca e cortou a ponta do pão. Que os outros louvem os assados e os molhos deliciosos que estariam por vir, e os ensopados com temperos e ervas procedentes de terras distantes, os pudins feitos de ingredientes raros. Enquanto ficou naquele calabouço, foi do pão que mais sentiu falta. Ele sonhava ter um pão inteiro para si, para degustar com a verdadeira cerveja inglesa.

O sorriso da serviçal o fez lembrar de outro apetite que não era saciado desde sua libertação. Ele não tivera energia por um bom tempo e, ultimamente, todos os seus esforços eram dedicados ao levantamento do dinheiro para libertar seu irmão. E também não conhecia nenhuma mulher que incitasse seu desejo, até lady Adelaide.

Seu olhar seguiu até ela, serenamente sentada ao lado do rei. Estaria ela fazendo cena no estábulo, tentando atrair seu interesse, antes de saber quem ele era? Ou estaria fingindo no jardim, quando fez piada sobre sua aparência?

Randall limpou a garganta quando outra servente colocou as placas de pão ligeiramente dormido que serviriam de pratos. Mais tarde, quando estivessem encharcadas de molho, seriam dadas como alimento aos cães ou aos pobres que esperavam junto aos portões do castelo.

— Acho que lady Eloise seria sua melhor escolha para esposa. Seu dote deve ser o bastante e ela é uma moça muito meiga.

Havia amigo melhor?

— Bayard não ia querer sua felicidade como parte de seu resgate.

— Oh, eu não tenho qualquer interesse por ela, *nesse* sentido.

Armand lançou um olhar que dizia exatamente o que ele pensava daquela resposta.

Seu amigo suspirou enquanto pegou um pedaço de pão para si mesmo.

— Que diferença faz, se eu gosto ou não dela? Ela não vai querer um aleijado.

— Se é só isso que ela vê quando olha para você, então, não o merece.

Randall jogou o pedaço de pão para um dos cães próximos.

— Você não a conhece. Ela é a dama mais gentil e amistosa da corte.

As sobrancelhas de Armand se ergueram.

— Estou olhando para um homem apaixonado?

Quando Randall não respondeu, Armand soube a verdade, e aquilo o fez se sentir... estranho. Foi como se Randall, que geralmente era deixado para trás, tivesse se aventurado num território estrangeiro sem ele.

— Se gosta tanto dela, deveria pedi-la.

Os lábios de Randall se estreitaram de teimosia.

— Eu posso não ser um guerreiro poderoso, mas tenho orgulho.

— Você teme que a família dela o rejeite?

— Temo que ela possa me rejeitar.

Os músicos começaram uma animada melodia e mais serviçais chegaram, trazendo assados de veado, boi, enguias embebidas em cerveja, e um ensopado cremoso feito de fígado, rins e alho-poró. Armand cortou uma fatia de carne assada e colocou em seu prato. O ensopado ele não iria comer. Embora cheirasse bem e provavelmente estivesse saboroso, a aparência o fazia lembrar do grude que lhe davam na cela.

— Então, você não disse a lady Eloise como se sente?

— Mal falei com ela.

Armand parou, com um pedaço de carne a meio caminho da boca.

— Então, como é que você pode estar tão certo quanto aos seus sentimentos?

— Eu simplesmente estou — disse Randall, enquanto servia um pouco de ensopado em seu prato, falando com uma convicção que deixou Armand surpreso.

Randall apontou para o próprio peito.

— Eu sinto em meu coração. Eu me apaixonei por ela no instante em que a vi.

Antes, Armand teria dito que tal coisa seria impossível ou, no mínimo, um feliz delírio. Mas depois ele entrou num estábulo e descobriu uma mulher com um gatinho pendurado nas costas. Uma linda mulher que o fitara com os olhos mais incríveis que ele já vira, algumas mechas de cabelo emoldurando suas feições perfeitas, os lábios abertos, como se implorassem para que ele a beijasse. Ela fizera seu coração disparar, uma vitalidade arrebatando-lhe o corpo, algo que não sentia havia meses.

Ele forçou a atenção de volta ao dilema de Randall, enquanto chegava uma segunda rodada de pato recheado com ovos, maçãs e cravos, e um frango assado recheado com cebola, coberto com molho de alecrim e sálvia. Um jarro de molho ferrugem acompanhava ambos, e Armand se serviu à vontade.

— E quanto à família de lady Eloise? Talvez você possa abordá-los primeiro...

— Lady Eloise não possui família. Ela é uma das protegidas do rei, portanto é ele que decidirá com quem ela irá se casar. Infelizmente, não tenho nada a oferecer ao rei, como privilégio.

Armand estava inteiramente ciente de que o rei aceitava subornos pela concessão de uma noiva, assim como a guarda de jovens herdeiros homens, cujas posses poderiam ser limpas antes que se tornassem maiores de idade.

— Seu pai não lhe deu dinheiro, antes de sua vinda para a corte?

— Algum, mas o que eu tinha acabou.

Armand parou de comer, quando um pensamento terrível o arrebatou.

— Você não usou nada de seu dinheiro para meu resgate, usou?

— Um pouquinho — admitiu Randall.

Armand xingou baixinho.

— Vou lhe pagar de volta. Cada centavo.

— Sei que vai.

Perdendo o apetite, Armand murmurou:

— Eu deveria ter me entregado aos franceses na primeira semana. Deveria ter percebido que, após o acontecido com Arthur e os homens, em Corfe, os franceses não teriam piedade. Deveríamos ter partido do castelo quando podíamos, nos rendido sem lutar.

— Não se culpe pelo que aconteceu, Armand — disse Randall. — Você seguiu as ordens do rei da melhor forma que poderia, como qualquer homem decente faria.

Armand observava os homens finamente trajados, sentados no hall do conde Pembroke, comendo sua comida e bebendo seu vinho. Ele não conhecia um ou dois, como o sujeito de barba escura. Alguns haviam lutado na Normandia; a maioria não, pois preferira pagar a taxa de isenção para o serviço militar. Soberano acima de todos eles, estava o rei, promíscuo e gordo, com o rosto brilhando da gordura do pato.

E pensar que ele cumprira seu dever para manter um rei desses, numa corte como essa.

O mínimo que o rei poderia fazer era ceder-lhe uma esposa rica.

ADELAIDE PREFERIRIA estar sentada em qualquer lugar, exceto ao lado do rei João. Ela podia ter algum consolo pelo fato de que o rei se banhava mais do que muitos nobres, mas isso era a melhor coisa que podia dizer sobre ele.

Ela olhou adiante, para Eloise, sentada na ponta oposta da mesa, entre lady Jane e sua mãe lamurienta.

Sorte de Eloise. Lady Jane falava, independente de alguém ouvir ou responder, e sua mãe estava mais interessada na comida. Você podia comer e pensar, sem ter que participar de qualquer conversa. Isso era o mais próximo possível de se estar sozinha ali.

— Então, milady, outro cavaleiro ousado chegou à corte e, sem dúvida, estará em busca de um sorriso vindo de seus belos lábios — enfatizou o rei. — O que acha de lorde Armand? É um belo sujeito, não?

Subitamente, todos os sentidos de Adelaide entraram em estado de alerta, como se um alarme soasse dos que estavam à volta. Não era costume do rei fazer elogios a outro homem.

— Se for alguém que prefira esse tipo de charme rude — respondeu ela, dando ao rei um leve sorriso e fingindo que os malabaristas a distraíam.

— Milady prefere? — pressionou o rei.

Ela teve de se virar para ele e se deparou com um olhar inquisitivo que fez o suor começar a brotar e descer por suas costas.

Apesar de seu desconforto, ela abriu o sorriso, deixando os olhos pousarem no rei, para mostrar que não havia ninguém mais interessante, importante ou fascinante do que ele. Isso seria uma mentira não dita; mas o que saiu de seus lábios era verdade.

— Eu me vejo desejando fazer algo com aqueles cabelos, e providenciar alguns trajes mais apropriados para sua corte, majestade.

Ela queria, mesmo, fazer algo com os cabelos do lorde Armand. Queria tocá-los. Ela ansiava correr os dedos pelas ondas rebeldes e afastá-las de seu belo rosto. E embora devesse estar prestando atenção ao rei e sua rainha, para se assegurar de não pisar em falso, nem quanto à aparência nem quanto ao que dizia durante a refeição, ela estivera imaginando Armand de Boisbaston vestido com trajes mais apropriados à corte — tecidos ricos, bem talhados, para enfatizar seu corpo magnífico e musculoso. Ela passara boa parte dos primeiros pratos tentando decidir se ele ficaria melhor de escarlate ou de azul.

— Mesmo tão malvestido, ele é um belo homem, não é? — perguntou a jovem rainha com um sorriso malicioso, quando o último prato chegou à mesa, uma torta de carne de coelho e porco, colorida com açafrão e salpicada de canela.

Adelaide deu um sorriso à rainha. Ela não gostava da garota mimada, mas pelo menos Isabel não era Eleanor de Aquitaine. Isabel tinha pouquíssimo poder na corte; João Sem Terra até pegara o ouro da rainha para uso próprio, algo que Eleanor jamais teria permitido.

— Se for alguém que ache que a atração pessoal se restringe à aparência externa — respondeu Adelaide. — Muitas mulheres preferem um homem de conhecimento e intelecto.

Adelaide sabia bem que o rei se considerava um homem culto. De várias maneiras, ele era e havia sido treinado para uma carreira na lei. Adelaide às vezes pensava que ele talvez tivesse sido um bom advogado. Tristemente, seus interesses na lei, como quase tudo nele, haviam sido corrompidos pela ganância e ambição.

— Dizem que o lorde Armand também é bem culto — frisou a rainha. — Ele fala latim como um romano, ou um clérigo.

— Parece saber bastante sobre ele, majestade — Adelaide observou, calmamente.

O rei lançou um olhar para a esposa.

— Parece mesmo.

— É meu dever saber tudo sobre os homens que juraram lealdade a você, meu marido — calmamente replicou a rainha.

João não respondeu nada, mas não foram necessárias palavras para demonstrar que ele ficara irritado. Ele podia encarar suas juras matrimoniais com pouca fidelidade, e esperar que as esposas e filhas de nobres ansiassem por sua cama, mas, quando se tratava da rainha, a história era bem diferente.

— Imagino que ele pedirá dinheiro — disse a rainha —, como se devesse ser recompensado por perder Marchant.

O rei fungou.

— Ele é bem-vindo para pedir.

Adelaide fez um bolo de seu guardanapo de linho, sobre o colo. Não era de se admirar que os barões o odiassem. Ele parecia tratar a lealdade que tinham e o risco que corriam por ele simplesmente como pura obrigação. Ele subestimava os sacrifícios e exigia subornos e pagamentos pelo que deveria conceder como recompensas justas. Ignorava as regras do cavalheirismo e muitos acreditavam que havia matado seu sobrinho com as próprias mãos. Mesmo que não o tivesse feito, Arthur estava desaparecido e era provável que estivesse morto.

Já sem apetite, Adelaide deu uma olhada para os dedos gorduchos do rei, repletos de anéis. Seriam eles capazes de apertar o pescoço de um menino até matá-lo?

Se podia ordenar que um menino ficasse cego e fosse castrado, o que ele não faria?

Não conseguiu conter um arrepio que percorreu suas costas. E pensar que esse homem tinha poder para obrigá-la a levá-la para sua cama, caso decidisse.

— Milady está com frio? — o rei perguntou, inclinando-se mais perto.

E Adelaide só conseguiu dizer:

— Deve ter uma corrente de vento.

— Talvez a dança possa aquecê-la.

A ideia de tocar João a deixou enjoada e ela achou uma desculpa. Colocou a mão sobre a cabeça e deu um sorriso aflito.

— Não estou me sentindo muito bem, acho que vou me retirar.

O rei franziu o rosto, mas graças a Deus não ordenou que ficasse.

— Muito bem. Esperamos que esteja se sentindo melhor amanhã.

Adelaide curvou a cabeça e não disse mais nada, saindo da plataforma. Sentindo os olhos dos outros cortesãos a olhá-la, ela sabia que estariam imaginando se já estivera na cama do rei. Ela ouvira dizer que até apostas haviam sido feitas, e os que acreditavam que o rei ainda não tivera êxito, apostaram que ainda teria.

Apesar da angústia secreta que essa especulação lhe causava, ela manteve a cabeça erguida e as costas eretas como um poste. Ela era lady Adelaide D'Averette e jamais se submeteria de bom grado à dominação de homem algum.

Nem mesmo do rei.

## Capítulo Quatro

---

---

— ENTÃO, RESOLVI usar a desculpa de uma dor de cabeça para me ausentar da companhia do rei — disse Adelaide, enquanto passeava no jardim ao lado de Eloise, após o desjejum.

O dia estava quente e ensolarado, com uma leve brisa que balançava as folhas e as vinhas e fazia com que as roseiras vermelhas e brancas sacudissem. Com um adorável vestido azul delicadamente bordado com folhas verdes e o véu esvoaçante, Eloise parecia o próprio espírito do verão. Adelaide estava vestida mais simplesmente, como combinava com sua suposta falta de sorte, com um vestido de lã, e apenas um cinto de couro ao redor da cintura.

— Eu também disse a sir Oliver que estava me sentindo meio enjoada esta manhã, quando me perguntou se eu ia sair para caçar — disse ela.

— Estou aliviada que grande parte da corte tenha ido embora — disse Eloise. — É tão mais calmo e silencioso, quando eles estão caçando...

Em silêncio, elas caminharam até um pequeno refúgio e sentaram num banco de madeira.

— Você falou com Randall FitzOsbourne, ontem à noite? — perguntou Adelaide.

Eloise corou e observou a roseira branca, ao redor delas.

— Não, não tive a chance.

— Eloise...!

— Eu ia falar — protestou a amiga, enlaçando as mãos sobre o colo —, mas antes que eu pudesse, lorde Armand me convidou para dançar. Teria sido rude recusar e, quando terminamos, Randall havia ido embora.

Eloise franziu o rosto e falou com amargura incomum:

— Eu deveria ter me retirado quando você saiu. Lorde Armand só me tirou para dançar porque lady Hildegard vinha marchando na direção dele, com uma expressão determinada nos olhos. Ele não queria dançar com ela, então me convidou.

Uma súbita onda de decepção percorreu Adelaide, como se ela estivesse em dúvida se aquilo era verdade. Não duvidava de que lorde Armand quisesse evitar a predadora Hildegard, mas também podia acreditar que ele tivesse razões adicionais para convidar Eloise para dançar. Eloise, no entanto, era tão modesta e ingênua que provavelmente nem notaria o franco interesse de um homem.

— Mesmo se Hildegard o atacasse como um cavaleiro, ele não precisava tirá-la para dançar — frisou Adelaide.

— Eu gostaria que ele não o tivesse feito. Ele não disse uma só palavra durante todo o tempo. E estou bem certa de que me convidar para dançar não significa que ele goste de mim *daquela* forma. Depois que dançou comigo, ele convidou a Jane. A pobrezinha ficou tão nervosa que errou os passos e trombou em Hildegard, que disse algo que a fez cair em prantos. Não sei o que lorde Armand disse a Hildegard, mas creio que ela não vai mais correr atrás dele. Terá de se contentar com lorde Richard, se puder. E, se eu fosse ela, não confiaria tanto nisso. Precisava ver o jeito como ele a olhou, quando você deixou o salão ontem à noite.

Adelaide franziu o rosto e disse, com toda sinceridade:

— Realmente espero que o rei não me faça casar com Richard. Nossa, ele ficará mais preocupado com suas botas do que jamais ficaria com a própria esposa.

Eloise começou a rir, concordando. Depois olhou para o sol acima da torre mais próxima.

— Oh, minha nossa, já é quase meio-dia — gritou ela, ficando de pé. — Marguerite já deveria ter voltado com minha roupa limpa, a essa hora. Perdoe-me, Adelaide, mas preciso ver se está tudo bem. Da última vez que ela lavou a roupa, duas peças foram rasgadas.

Depois disso, Eloise arrebanhou as saias e saiu correndo pelo portão do jardim, sem esperar que Adelaide dissesse mais uma palavra.

Adelaide a viu partir com certo alívio. Ela detestava falar de casamento. Tais conversas inevitavelmente a faziam lembrar da infeliz união de seus pais. O pai havia sido um tirano insuportável e a mãe era frágil e delicada demais para se defender, ou aos filhos, quando ele tinha crises de ódio. Adelaide só conseguia lembrar da mãe doente, de corpo e de medo.

Ela jamais esqueceu o choque que sentiu no dia em que se atreveu a entrar no meio dos dois. Pela primeira vez vira um brilho de admiração nos olhos do pai, e ele nunca mais encostou a mão nela, ou na mãe, ou nas irmãs, se ela estivesse por perto.

Naquele dia, ela aprendera que a força não precisa ser física, que a determinação e a ousadia também podem ser pontos fortes.

Também percebeu que seus pais eram fracos. Se o pai não tivesse a lei e os ditames da sociedade para amparar suas regras, e se a mãe tivesse determinação para enfrentá-lo, suas vidas poderiam ter sido bem diferentes.

Passos que se aproximavam interromperam seus pensamentos infelizes. O andar era descompassado, como se a pessoa mancasse, como Randall FitzOsbourne.

Eloise era tão tímida que talvez nunca falasse com ele, embora fosse óbvio que gostasse muito dele. Se Eloise quisesse casar — e ela queria com tanta avidez quanto Adelaide evitava — Randall FitzOsbourne era melhor do que qualquer outro candidato.

Pronta a fazer qualquer coisa que ajudasse a amiga a ser feliz, Adelaide saiu do refúgio e descobriu lorde Armand de Boisbaston caminhando pelo jardim.

Tão estarrecido quanto ela, ele parou a alguns palmos de distância. Depois cruzou os braços e apoiou o peso na perna esquerda, enquanto a encarava, com aqueles olhos castanhos pontilhados de dourado.

Ela soltou a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Achei ter ouvido alguém mancando, e pensei que você fosse Randall FitzOsbourne.

— Obviamente, não sou.

Ela sentiu quase uma dor diante de sua resposta brusca, embora não fosse mais do que merecesse, depois do que lhe dissera no dia anterior.

Ela simplesmente não poderia deixar que ele continuasse a julgá-la de modo tão insolente e rude.

— Desculpe se o insultei ontem, milorde — disse ela. — Fui impertinente e não ficaria surpresa se não quisesse mais falar comigo.

As sobancelhas de lorde Armand se ergueram.

— Duvido ser capaz de realmente reconhecer o que você suportou. Eu deveria ter lhe dado o respeito ao qual tem direito, e me arrependo profundamente pelo que disse.

O corpo dele relaxou e um sorriso surgiu em seu belo rosto. Ela ficou contente em vê-lo, mesmo causando outra onda inesperada de pulsação em seu corpo.

— Diante de seu pedido de desculpas, milady — disse ele —, eu lhe contarei por que não cortei os cabelos.

Ele gesticulou para o banco mais próximo e, embora estivesse um tanto escondido do caminho, ela atendeu ao seu pedido silencioso e sentou.

Ele a acompanhou e explicou:

— Quero que minha aparência lembre ao rei que as coisas mudaram, desde que fui para a Normandia, que eu e os outros pagamos um preço muito pesado por tentar manter suas terras por lá. Não quero que ele se iluda, achando que as coisas permanecem como antes.

— Agora, lamento ainda mais pelo que disse.

— Não pense mais nisso, milady — respondeu lorde Armand, num tom cálido como um cobertor num dia frio. — Está esquecido.

Depois seus lábios se curvaram num sorrisinho malicioso e os olhos brilharam de alegria.

— Embora a ideia de pintar o rosto de azul e pular em cima de Francis tenha um certo atrativo.

Adelaide teve de sorrir.

— Eu gostaria de ver isso.

— Então, posso imaginar que particularmente não goste de Francis?

Ela sentiu que estavam entrando num terreno traiçoeiro.

— Ele é um cavaleiro do castelo do rei — disse ela, cautelosamente.

— Isso não significa que precisa gostar dele.

Ela decidiu que seria melhor não falar sobre os outros homens da corte.

— Espero que o arranhão do gatinho esteja sarando e não tenha piorado.

— Não piorou. E você? — perguntou ele.

— Só tive pequenos arranhões, nada com grandes conseqüências. — Ela desviou o olhar. — Você deixou o estábulo tão bruscamente.

Ficou óbvio o desconforto dele diante desta observação. Por um instante, ela desejou não ter mencionado isso, até que ele deu um sorrisinho e disse:

— Fiquei constringido pelas cicatrizes em meus punhos. Tenho orgulho, como qualquer outro homem, milady, e alguns consideram a rendição uma covardia.

— Eu não — respondeu ela, categórica. — De que adiantaria ter um cavaleiro como você morto?

A expressão que surgiu nos olhos dele fez seu coração acelerar e o corpo todo pulsar com algo que só podia ser cobiça. Muitos homens haviam dito coisas ridículas para lisonjeá-la e causar tal sensação, ela não tinha dúvida. No entanto, nenhum deles havia feito como lorde Armand, sem uma única palavra.

Mais uma vez, um alarme soou em sua mente. Mas agora tinha muito pouco a ver com seu futuro, e tudo a ver com o que ela estava tentada a fazer, ali mesmo.

Felizmente, antes que impulsos pecaminosos pudessem triunfar sobre sua mente racional, uma porta se abriu do lado mais distante do jardim, seguido de uma explosão de riso feminino.

— Lorde Armaaaaand! — gritou Hildegard, como se tivesse bebido um barril de vinho. — Saia, saia, de onde está, ou terá que pagar uma multa por nos abandonar!

Lorde Armand fez uma careta.

— Pelo amor de Deus, achei que eu tivesse escapado.

Adelaide sabia exatamente como ele se sentia.

— Venha comigo, milorde — disse ela, levantando e o pegando pela mão. — Há uma pequena cabana lá no canto do jardim, onde os empregados guardam suas ferramentas. Fica bem escondida, por trás das roseiras.

Ele não fez qualquer objeção enquanto corriam pelo caminho, e ela notou que ele mancava um pouco, favorecendo a perna esquerda.

— Aqui — disse ela, ligeiramente sem fôlego, quando chegaram à casinha de madeira. Ela abriu a porta e o conduziu para dentro.

— Se elas vierem nessa direção, direi que não o vi.

— Você mentiria por mim?

— Para Hildegard, sim.

Ele estava prestes a fechar a porta, quando ouviram outras vozes próximas. Eram o rei e seus acompanhantes, obviamente voltando da caçada.

— Meu Deus! — Adelaide murmurou baixinho. Ela também não queria vê-los, assim como Armand queria evitar Hildegard.

Sem proferir uma palavra, lorde Armand a puxou para dentro da cabana e fechou a porta. Ali dentro estava quente e o ar abafado cheirava a terra úmida, mas não era por isso que Adelaide respirava ofegante, e ela sabia.

Lorde Armand estava perto demais, dentro daquele espaço confinado. Ela podia ouvir-lhe a respiração e sentir o calor emanando de seu corpo, enquanto ele se mantinha de pé atrás dela. Podia sentir seus músculos fortes em alerta, enquanto ele também esperava, tenso. Ela podia identificar o cheiro de seu corpo de guerreiro, o sabão que ele usara para se barbear, o aroma de suas roupas de lã, do cinto e as botas de couro.

O mais perto que ela já estivera de um homem fora durante uma refeição, quando o toque ocorria acidentalmente, o tipo de coisa que ela sempre evitava. Na verdade, ela podia muito bem imaginar o que Francis, o rei e vários outros homens da corte fariam, caso estivessem no lugar de lorde Armand. Ele, no entanto, continuou totalmente imóvel, e não fez qualquer tentativa de tocá-la, o que foi bom, pois ela não se atreveu a deixar o esconderijo. Não podia arriscar ser descoberta por ninguém, nessa situação.

Também não podia se mexer, para evitar derrubar alguma das ferramentas encostadas na parede ou penduradas em ganchos.

Seus ouvidos se esmeravam para escutar qualquer coisa que viesse lá de fora, mas estava tudo em silêncio. Talvez fosse seguro sair...

— Eu gostaria de poder matar a todos, cada um deles, principalmente Filipe — declarou o rei, parecendo estar a menos de três palmos de distância.

Ela instintivamente recuou, colidindo com Armand. Foi como bater no muro do castelo, exceto que um muro não colocaria as mãos em seus ombros para detê-la.

Ela recuou, silenciosamente ordenando que ele a soltasse. O que ele fez. Graças a Deus.

— Ele me mataria, aquele francês almofadinho — prosseguiu o rei. — Quanto a Hugo Capeto, ele deveria me agradecer por tirar Isabel de suas mãos. Ela é uma nojentinha mimada.

— Uma nojentinha bem bonita — respondeu Francis. — Você certamente mostrou a Hugo que você é um homem a ser enfrentado, quando a roubou dele. Ele não deveria ter tentado fazer uma aliança com o pai dela.

O rei deu uma risadinha, parecendo estar ligeiramente mais longe.

— Sim, eu levei a melhor, não foi?

— Como fará, com todos que tentem derrotá-lo — Francis o tranquilizou, com a voz ainda mais distante.

Adelaide foi soltando o ar lentamente e Armand fez o mesmo. Ela colocou a mão na maçaneta, decidida a partir, até que ele cobriu sua mão com a dele.

— Ainda não — sussurrou em seu ouvido. — Eles podem voltar.

Ela não conseguiu discordar, embora fosse um tormento ter Armand tão perto, atrás dela, com a mão lentamente deslizando sobre a sua, como se fosse um carinho.

Ela nunca deveria tê-lo levado até ali. Deveria ter deixado que ele corresse o risco com Hildegard, assim como ela deveria ter feito com o rei e Francis, e quem mais estivesse com eles. Como se ela não tivesse feito isso antes. Em vez disso, ela se encontrava encurralada naquela pequena cabana com esse homem lindo e incrivelmente viril.

Ela encostou o ouvido numa fenda da porta. Não ouvia nada. Certamente seria seguro sair agora. Mais uma vez, ela colocou a mão sobre a maçaneta.

Xingando baixinho, Armand colocou a mão forte sobre sua boca. Seu braço esquerdo a enlaçou pela cintura, puxando-a para trás, junto a ele. Ela relutou e se contorceu, mas ele segurou firme, com braços fortes como aço.

— Shhh — sussurrou ele, tão suavemente como o som do vento percorrendo a grama.

— Então, está decidido — disse um homem, do lado de fora, com a voz baixa, vindo de algum lugar próximo. — Ambos têm que morrer.

Adelaide congelou.

— Primeiro, o arcebispo, depois, Marshall — confirmou outro homem, cuja voz ela não reconheceu.

— Por que não primeiro o conde? — perguntou um terceiro homem, num sussurro brusco. — Ele é o mais forte.

— O arcebispo está velho. Será fácil fazer com que sua morte pareça um acidente, ou doença.

— Quando?

— Você não precisa saber. Apenas esteja pronto para agir, quando o arcebispo estiver morto.

Eles ouviram o som da folhagem se revolvendo, seguida de passos que se afastavam.

Por um momento, Adelaide ficou ali, fraca, nas mãos de Armand, estarrecida demais pelo que escutara para se mexer. Aqueles homens, fossem quem fossem, estavam planejando assassinato.

Sacudida pela percepção, ela relutou para se soltar de Armand e abriu a porta. Saiu correndo pelo caminho, na direção que achou que os homens teriam seguido, decidida a descobrir de quem eram aquelas vozes.

O jardim estava deserto. Não havia sinal de ninguém — nem dos homens que eles haviam escutado, nem do rei e seus acompanhantes, nem das moças.

Armand saiu correndo atrás dela e a pegou pelo braço.

— Onde você acha que vai?

— Precisamos descobrir quem eram eles!

Ele a olhava, incrédulo.

— Você não sabe?

— Não — disse ela, irritada. — Estavam falando baixo demais e pode até ser um choque para você, milorde, mas eu não falei com cada um dos homens, servçais ou clérigos que habitam esse castelo ou viajam com o rei. E agora você está deixando que escapem!

— O que faria se os pegasse? — perguntou ele, com a voz baixa mas firme. — Iria acusá-los de tramarem assassinato? Diante de que provas? Uma conversa cochichada entreouvida no jardim?

— Enquanto você os deixaria fugir? — retrucou ela. — Deus sabe que não tenho amor algum pelo rei, mas eles estão planejando o assassinato de dois dos homens mais capazes de impedi-lo de destruir a Inglaterra.

— Eu irei ao rei. Esqueça o que ouviu.

— Não sou criança!

— Nem é um cavaleiro que jurou proteger o rei — respondeu ele. — Essa é minha função, milady, não sua.

— Posso não ser um cavaleiro — disse Adelaide —, mas não desejo permitir que derrubem o trono com assassinato, principalmente daqueles dois bons homens.

— Não, é perigoso demais — persistiu Armand. — É meu dever proteger as mulheres, não colocá-las em risco. Não permitirei que se envolva nisso.

— Talvez possa ter lhe escapado, milorde — retrucou ela —, mas já estou envolvida. Quanto ao perigo, todas as vezes em que me afasto de meu quarto, a cada minuto que passo na corte, eu corro algum tipo de perigo. Será que acharia fácil ter que andar pisando em ovos ao redor da cobiça do rei, ou de outros homens, procurando não incentivar sua avidez, no entanto sabendo que rejeitá-los diretamente poderia ser ainda mais perigoso do que sofrer o golpe de uma lança?

As sobranceiras de Armand se franziram enquanto pensava nas palavras, e ela estava pronta para argumentar mais. Os homens queriam acreditar que sem eles as mulheres eram fracas e impotentes, quase inúteis, exceto para criar filhos. Ela não concordava e não ia deixar que ele a subestimasse.

Mas em vez de discutir, ele concordou.

— Muito bem. Iremos os dois ao rei.

— Não podemos — disse ela, ao lhe ocorrer outra possível explicação para a trama. — O rei pode estar envolvido.

Armand a olhou como se ela estivesse demente.

Isso também não a dissuadiria.

— O rei detesta que lhe digam o que fazer, ou ouvir conselhos. Ele dá atenção ao conde de Pembroke porque sabe que Marshall preferiria morrer a ser desleal. Ele respeita o arcebispo mais do que a maioria dos clérigos, mas isso não quer dizer muita coisa. Se aqueles dois homens estiverem mortos, ficará livre das duas pessoas cujos conselhos se sente mais compelido a ouvir. Em sua mente, ele finalmente estará livre.

Armand correu a mão pelos cabelos longos e fechou a cara.

— Meu Deus, eu posso acreditar nisso. Talvez você esteja certa e não devamos ir até o rei, até sabermos mais sobre essa trama. Mas, enquanto isso, preciso alertar Marshall. Randall tem muitos amigos entre os clérigos. Ele pode mandar avisar o arcebispo.

Adelaide também via perigo nesse plano.

— Nós devemos alertar Marshall e Hubert, mas somente se você puder fazê-lo sem levantar suspeitas, nem contar a ninguém mais sobre o que descobrimos. Entendo que Randall seja seu amigo e tenho certeza de que ele é um sujeito de confiança, mas quanto menos gente souber sobre essa conspiração, melhor. Homens que procuram chegar aos seus objetivos através de assassinato não hesitarão em matar quem ameaçar seus planos.

Ela esperou que Armand protestasse, dizendo que não era bobo.

— Muito bem. Eu mesmo vou dizer ao arcebispo.

Aliviada por ele não discutir, ela disse:

— Enquanto isso, vou conversar com qualquer um dos cortesãos que não conheço bem e tentar descobrir quem foi que ouvimos.

Novamente, ela esperou que ele fosse contestar, mas Armond não o fez.

— Enquanto você faz isso, vou descobrir se alguém estará se ausentando de Ludgershall hoje. Tenho alguns amigos dentre os guardas, a quem posso perguntar.

— Bom — respondeu Adelaide, satisfeita e surpresa que ele fosse tão cordato. — Agora precisamos pensar numa forma de nos encontrarmos e compartilharmos o que descobrimos.

Lady Jane veio caminhando pelo jardim na direção deles e curvou a cabeça, pensativa.

Armand de Boisbaston bruscamente pegou Adelaide nos braços.

E a beijou.

## Capítulo Cinco

---

---

ADELAIDE FICOU chocada demais para resistir, quando ele a segurou nos braços de guerreiro e cobriu seus lábios, confiante e cheio de desejo. O abraço fez com que seu sangue ardesse de excitação, em desejo poderoso. Outros homens haviam tentado beijá-la e as tentativas hesitantes haviam sido repulsivas. Mas isso... isso foi tão diferente quanto o sol da lua, da noite e do dia. Isso foi... encantador. Excitante. Maravilhoso.

Ela passou os braços ao redor dele, instintivamente retribuindo o beijo com igual fervor — até que ouviu o ofego de lady Jane, seguido pelo barulho do tecido da volumosa saia feminina e os passos se afastando.

Assustada pela própria conduta vergonhosa, assim como a dele, Adelaide afastou Armand.

— O que pensa que está fazendo?

— Beijando você — respondeu ele com calma enervante. — Se as pessoas acharem que a estou cortejando, ninguém irá imaginar coisas, se estivermos sozinhos.

Ele fez aquilo soar como se não tivesse feito nada demais, embora certamente tivesse.

— Você chegou a pensar em minha reputação, quando arranjou esse plano estarrecedor?

— Na verdade, milady, não — disse ele, ainda sem parecer lamentar. — Eu estava pensando que precisava de um meio de estar a sós com você, exatamente como disse, e isso me passou pela cabeça. — Ele teve o atrevimento de sorrir. — Foi tão terrível assim?

— Sim — ela estrilou. — Como se atreve a tal coisa? Como pôde me colocar numa situação dessas? Durante meses venho sendo muito cautelosa dentre os homens dessa corte, e de repente você chega e, num dia, destrói minha reputação.

— Não destruí, certamente — protestou ele. — Afinal, foi só um beijo.

— Só um beijo para você, talvez, mas é diferente para uma mulher, como deve saber. — Ela endireitou o capuz ligeiramente torto. — Vejo que não costuma frequentar a corte, ou saberia que até mesmo o encontro mais inocente pode rapidamente ser exagerado pela fofoca e os rumores.

Toda a expressão de calma desapareceu das feições dele.

— Você não é a única que pagará um preço, milady. Vim até aqui para encontrar uma noiva rica. Não posso fazer isso, se a corte acreditar que a estou cortejando.

— Se este ato precipitado atrapalhar seus planos, só tem que culpar a si mesmo — respondeu ela. — Deveria ter levado em conta as consequências de suas ações, além de me beijar.

— Bem, não levei e agora é tarde demais. Simplesmente teremos que agir da melhor maneira possível quanto a isso.

— Para você é muito fácil falar — disparou ela, enfiando as mãos nas mangas longas do vestido. — Você não é uma mulher, cuja vida pode ser destruída pela maledicência.

— Tive de lidar com rumores e mexericos, desde que entreguei Marchant — respondeu ele, segurando o cabo da espada com a mão esquerda. — E será que nossas próprias vidas não deveriam ser uma pequena consequência, quando a paz do reinado está em risco? O importante a fazer é descobrir quem está planejando assassinar o arcebispo e o conde, não proteger nossas reputações.

Nessa ele a pegou e, por isso, tinha pouca escolha, exceto concordar com o papel que ele lhe designara.

— Quero evitar uma rebelião, tanto quanto você — ela disparou, com frustração e raiva. — Sendo assim, devo seguir seu plano até que possamos descobrir a identidade dos conspiradores, mas só até então.

Depois de dizer isso, ela deu meia-volta e saiu marchando do jardim.

NAQUELA NOITE, depois que as mesas haviam sido tiradas para que os cortesãos pudessem dançar, Armand se serviu de outro vinho e ficou vendo lady Adelaide dar a mão a um cavaleiro moreno, de barba. Ela já havia dançado com três outros homens. Aparentemente, sua tentativa de descobrir os conspiradores envolvia flertar com cada homem da corte.

Deus o ajudasse, pois o que poderia ter se apossado dele, para beijá-la? Aquilo havia sido uma decisão imbecil e impulsiva, se é que se pode considerar uma decisão, quando se sucumbe ao próprio desejo.

Sua explicação viera depois, embora isso não tivesse sido totalmente improvisado. Ele estivera, sim, pensando nas formas como um homem e uma mulher poderiam estar conversando, e o cortejo lhe passou pela cabeça. Depois, ele notou lady Jane.

— Qual é o problema? — perguntou Randall. — Seu joelho o está incomodando?

Armand parou de observar a bela e animada Adelaide, que beijara com uma paixão de parar o coração, e se virou para seu companheiro.

— Sim — respondeu ele, pois isso era parcialmente a verdade. Seu joelho, de fato, doía.

Enquanto isso Adelaide passou por eles trotando, com o barbudo enlaçando sua cintura fina.

Quando se beijaram, ela o fizera esquecer de tudo e de todos, incluindo Bayard. Maldita mulher e maldito o patife de cabelos escuros que estava dançando com ela.

— Quem é aquele com lady Adelaide? Não me lembro de tê-lo visto na corte, antes.

— É sir Oliver de Leslille. Grande parte das terras de sua família fica na Irlanda. Devo dizer que estou um tanto surpreso por lady Adelaide ter aceitado seu convite para dançar. Ela nunca dançou com ele.

O olhar desejoso de Randall seguiu na direção dos músicos e da jovem que estava sentada perto deles.

— Por que não vai conversar com lady Eloise? — sugeriu Armand, tirando da cabeça seus próprios problemas, por um instante. — Ela está sozinha e certamente aceitará bem uma conversa inteligente.

Randall corou até a raiz dos cabelos.

— Oh, eu não poderia. Não saberia o que dizer.

— Você sabe muito de música, fale sobre isso.

Uma expressão de teimosia surgiu nos lábios de Randall.

— Por que você não vai tirá-la para dançar? Já fez isso antes.

— Eu lhe dou minha palavra: embora lady Eloise pareça uma jovem muito meiga e encantadora, só a tirei para dançar para evitar dançar com lady Hildegard — respondeu Armand, sinceramente.

Randall parecia relutar entre o alívio e a irritação.

— Você a usou para se livrar de Hildegard?

— Você não o faria? E deveria se consolar pelo fato de que lady Eloise não ficou feliz em ser convidada. Tenho certeza de que ela teria preferido recusar, mas não quis me ofender.

Randall sorriu e quando levantou para ir, lady Mary veio na direção deles.

— Ouvi dizer que você foi muito travesso essa tarde, milorde — disse ela, se dirigindo a Armand, enquanto Randall saía apressadamente.

Armand forçou um sorriso, embora Adelaide obviamente estivesse certa quanto a se preocupar com os rumores. Também era verdade que ele tivera sua reputação abalada desde a rendição de Marchant, mas, a julgar pelos olhos brilhantes e ávidos de lady Mary, isso não afetaria suas chances de um casamento vantajoso.

— Fui?

Lady Mary apontou seu dedo longo e ossudo para ele.

— Saiu sorrateiramente do salão, privando as damas de sua companhia.

Ela não devia ter ficado sabendo do beijo.

— Fiquei oprimido por tanta beleza e pela conversa inteligente.

Lady Mary não pareceu acreditar nele, e nem deveria, mas ele continuou a sorrir, mesmo assim.

— Para onde foi? — perguntou ela.

— Ver meu cavalo.

Não foi exatamente uma mentira. Ele fora até o estábulo, embora tivesse sido bem mais cedo, para alimentar e dar água ao pângaré. A pobre criatura havia ficado tão satisfeita em vê-lo que ele se sentiu culpado por não ter ido mais cedo. Depois disso, encontrara Hildegard e fugira dela assim que pôde, só para ser forçado a encontrar refúgio naquela choupana, com lady Adelaide. Que havia sido um tipo diferente de tormento.

— Ah, sim, ouvi falar sobre seu cavalo — disse lady Mary. — Muito malvado e inclinado a morder.

— Não se lhe for demonstrado o afeto e respeito apropriado.

Lady Mary baixou o tom de voz e lançou um olhar feroso e ao mesmo tempo pudico.

— Como seu dono?

— Eu não mordo.

— Que pena — murmurou ela, com os olhos cintilando de interesse sedutor.

Sem dúvida, ela esperava excitá-lo, ou ao menos encorajá-lo. Infelizmente, para lady Mary, depois daquele beijo com Adelaide, ela poderia ficar sem roupa que ela não ligaria.

Mas que diabos havia de errado com ele? Estava ali para arranjar o resgate de Bayard e, por Deus, iria consegui-lo.

— Gostaria de dançar, lady Mary?

Quando ela avidamente aceitou, Armand a conduziu em direção aos outros dançarinos, no centro do salão, com um sorriso fixo no rosto, mas uma expressão de martírio nos olhos.

MAIS TARDE, naquela noite, Adelaide subiu a escadaria curva em direção ao seu quarto, na ala leste dos aposentos do castelo. Ela não ficava tão exausta desde o dia em que seu pai morrera, ainda amaldiçoando Deus e sua pobre mãe falecida por não lhe dar filhos homens.

Com quantos homens ela teria dançado esta noite? Quinze? Vinte? E nenhum deles soava como aqueles homens do jardim.

Ela raramente dançava, pois quando o fazia, se sentia numa vitrine, e queria evitar provocar a ira ou a inveja das outras damas.

Esta noite, ela nem sequer recusara o convite de sir Oliver, embora seu olhar sombrio a deixasse inquieta, e sua voz nada tinha a ver com aqueles que eles haviam entreouvido. Era grave demais, e ele tinha um sotaque irlandês — herança da mãe, segundo ele.

É claro que sotaques podiam ser simulados, e talvez os conspiradores tivessem, de alguma forma, disfarçado suas vozes no jardim, ou mais tarde, no salão.

Por que fariam isso, a menos que temessem que alguém os ouvisse? E, nesse caso, como seriam suas verdadeiras vozes — aquelas no jardim, ou no salão?

Também era possível que os conspiradores nem fossem nobres. Os serviços atravessavam o jardim o tempo todo, vindo dos aposentos dos cortesãos até o salão. Ninguém pareceria suspeito, num pequeno grupo de empregados.

Quanto ao beijo impertinente e impróprio de Armand, sua razão para isso havia sido plausível, no entanto...

Um som ecoou na escada próxima, algo raspou no degrau.

Adelaide apressou o passo, para chegar até os quartos de hóspedes, onde ela provavelmente encontraria empregados aguardando que seus amos se retirassem, incluindo a criada que lhe havia sido designada.

Ela pisou em falso num dos degraus gastos e caiu de joelhos. A mão forte de alguém a pegou pelo braço e a pôs de pé.

Em pânico, ela se virou com força e bateu num rosto.

No rosto de Armand de Boisbaston.

— Minha nossa! — rosou ele, colocando a mão sobre a bochecha.

— Você me assustou! — exclamou ela, com o coração disparado. — Achei que poderia ser um dos assassinos.

— Se eu fosse — disse ele entre dentes —, poderia ser porque levantou minhas suspeitas com seu comportamento no salão esta noite. Entendo que não é de seu hábito conversar com todos os homens do salão, nem dançar com cada homem que a convida, mas certamente estava muito alegre e farrista esta noite. Você não poderia chamar mais atenção, nem se tentasse.

Adelaide não gostou da crítica e ergueu o queixo.

— Achei que o tempo era essencial, por isso falei com tantos homens quanto pude. Você está verdadeiramente aflito por eu ter me colocado em risco, ou aborrecido porque uma mulher pode provar ser mais útil em tal assunto do que um guerreiro poderoso?

— Estou aborrecido porque você deliberadamente se colocou em risco.

— Se posso evitar uma batalha pelo trono, então me colocarei em risco. E onde estava toda essa preocupação por mim, quando me beijou e colocou minha reputação em risco? E o que fez para concluir quem está tramando contra o arcebispo e William Marshall, milorde, exceto falar com Randall FitzOsbourne e dançar com lady Mary? Você já concluiu, como eu, que é muito provável que aqueles que ouvimos não sejam nenhum dos nobres que estavam no salão esta noite? E também concluiu que só pode ser um empregado de alto escalão, ou um soldado, para falar com tanto sotaque e não estar servindo ao rei?

— Eu não fiquei à toa — respondeu ele, impaciente. — Falei com Godwin, um dos soldados daqui, e ele me disse que três homens deixaram Ludgershall antes da refeição da noite: um funcionário de Salisbury com uma mensagem para o bispo, um mordomo do castelo, pertencente a sir Francis de Farnby, e um alfaiate de Londres que veio trazer amostras de tecidos para a rainha.

— Não acho que um alfaiate londrino seria capaz de arquitetar de uma trama dessas.

— Se é que ele era um alfaiate — Armand disparou de volta.

Isso fez com que ela parasse um momento, antes que prosseguisse, no mesmo tom desafiador:

— Talvez os conspiradores não tenham partido, e, como ainda podem estar aqui, devemos continuar procurando por eles, da forma que pudermos.

— Não vou permitir que você se coloque em perigo.

Ela não ia deixar que ele, nem homem algum a intimidasse, ou lhe dissesse o que fazer.

— Você não tem direito algum sobre mim, milorde, portanto, não preciso de sua permissão, sua proteção, e sua aprovação, e nem de sua ajuda, para o que tenho de fazer. Agora, se me dá licença, vou para a cama e amanhã posso muito bem descobrir que tenho de falar com vários dos auxiliares do rei. Isso, eu irei fazer, tendo ou não a sua permissão.

Ela puxou a saia longa atrás de si e continuou a subir as escadas, determinada a provar para Armand de Boisbaston que ela não era nenhuma tola intimidada pela aparência dele, seu beijo, ou sua arrogância masculina.

Enquanto isso fingiria estar apaixonada por ele, porque *ele* tornara isso necessário.

ARMAND FICOU olhando Adelaide, furioso, depois se virou e saiu marchando até o salão. Deus me livre, que mulher mais teimosa! Ela era precisamente o tipo de mulher com quem ele jamais se casaria!

Ele estava tão zangado e silenciosamente absorto com Adelaide, que nem viu a sombra sob o lampejo da tocha, quando saiu da escada.

Nem a pessoa por trás da sombra.

## Capítulo Seis

---

---

— PARA ONDE está indo, Godwin? — Armand perguntou ao soldado, enquanto eles atravessavam o pátio, depois do café da manhã. Em vez de seu uniforme de soldado e capacete, Godwin trajava uma túnica, camisa e calças. Ele também estava assoviando uma melodia, enquanto pulava algumas poças decorrentes da chuva na noite anterior.

— Acabei meu turno de guarda e agora estou a caminho da aldeia — respondeu Godwin.

— Posso acompanhá-lo? Estou com vontade de beber uma boa cerveja e o conde me falou, várias vezes, sobre uma cantineira que faz uma boa cevada.

Isso certamente era verdade. No entanto, Armand também não queria ficar no castelo, onde lady Adelaide estaria, e era possível que um ou dois dos conspiradores estivessem na aldeia.

Já havia sido uma pressão e tanto ter de tomar café da manhã com ela, agindo como se ele não quisesse nada além do amor daquela dama, olhando-a de longe, como se ela fosse a deusa de seus sonhos, o tempo todo sabendo que seus sorrisos em retribuição só tivessem a intenção de tornar a farsa convincente.

Pelo menos ele não tivera que sentar ao seu lado. Mesmo que tivesse, certamente teria sido capaz de se controlar melhor do que na noite anterior.

— Ora, essa é a Bessy — respondeu Godwin, com uma risada. — Fico surpreso que nunca tenha experimentado a cerveja de Bessy. É bem encorpada, igualzinha à Bessy.

— Nunca fiquei em Ludgershall por tempo suficiente — admitiu Armand enquanto atravessavam o forte e seguiam rumo à aldeia.

Enquanto o sol aquecia suas costas e cintilava sobre a água do riacho que cortava a campina, conhecido como Honey Bottom, ele percebeu que Ludgershall estava claramente prosperando sob a regência do conde de Pembroke. Inúmeras edificações de dois pavimentos, com espaço para mercadorias no térreo e moradia em cima, perfilavam a área verde. Uma ferraria soltava fumaça no ar limpo da manhã, e vários homens idosos se reuniam embaixo de um carvalho ao lado, abrigando-se do sol de verão. Havia outras casinhas espalhadas ao longo da estrada, antes que esta desembocasse nos sítios de agricultores.

Os aromas de fumaça e carne, frango e porco cozinhando, lã molhada e lama, tudo misturado para lembrar Armand de que ele estava de volta à Inglaterra, e livre. Ele passara muitas horas felizes na aldeia, na propriedade da família, fugindo de sua madrasta.

Sua cela na França era escura durante o dia, fria como o outono e um breu, à noite. Ele não tinha vela, nem tocha, nada que aliviasse a escuridão. Isso perturbava sua mente tanto quanto suas tristezas, seus temores por seus homens, e a preocupação com Bayard, que também estivera no comando de outro castelo do rei e caíra.

A visão da taberna, com sua placa ostentando duas cabeças de veados balançando do lado de fora da porta, o trouxe de volta ao presente, e o cheiro da cevada e pão invadiu-lhe as narinas enquanto Godwin liderava o caminho, adentrando o prédio baixo.

Diversos agricultores estavam sentados num canto, envolvidos numa discussão sobre o corte de lã. Um caixeiro viajante tirava um cochilo perto de uma lareira. Junto ao seu cotovelo havia um prato com restos de ensopado, e a caneca de cerveja ainda estava na mão, precariamente apoiada em seu barrigão. Dois jovens estavam esparramados em outra mesa, observando o caixeiro dorminhoco, como duas raposas olhando uma galinha, silenciosamente apostando na hora em que ele derrubaria a caneca, deixando a cerveja cair sobre a mesa.

Uma mulher agradável e robusta exibia um avental e cumprimentou Godwin ternamente, acenando a cabeça para uma mesa com um banco, não muito distante de um imenso tonel de cerveja fermentando.

— Sentem-se, garotos, vou lhes trazer duas canecas da melhor.

Fazia muito tempo que ninguém chamava Armand de Boisbaston de garoto, no entanto, ele estava longe de se sentir ofendido. Na verdade, gostou muito do modo familiar como ela o chamou. Fez com que se sentisse novamente jovem.

Pelo fato de que ele também queria falar com Godwin sobre algo importante, ficou feliz em perceber que o banco e a mesa que ela havia indicado ficavam num canto do salão. Eles não seriam ouvidos por outros clientes, nem por ninguém que passasse pelas pequenas janelas, pois as cortinas estavam abertas para deixar entrar o ar fresco de verão.

— Gostariam de algo para comer? — perguntou Bessy.

Godwin sorriu.

— Ora, para mim, pão e cerveja. E quanto a milorde?

Armand sacudiu a cabeça. Ele preferia economizar o dinheiro, embora o aroma vindo da cozinha o deixasse com a boca aguçado.

— Como preferir — disse Bessy, jogando os cabelos castanhos para trás e seguindo em direção à cozinha.

— Então, milorde? — Godwin perguntou, enquanto sentava. — Eu estava mentindo? A Bessy não é demais?

— Ela é — concordou Armand.

Godwin deu uma risada e chegou mais perto.

— Vou lhe dizer, milorde, se eu conseguisse fazê-la casar comigo, seria um homem feliz.

— Você teria duas coisas, uma bela esposa e um negócio que parece estar prosperando — concordou Armand. — Ela deve andar muito ocupada essa época, com todos visitando Ludgershall, enquanto o rei está em casa.

— Ah, sim, ela está. Os comerciantes e negociantes de Londres e de toda a Inglaterra têm vindo aqui. — Godwin baixou o tom de voz. — Mas ela até que podia passar sem aqueles cortesãos. Que bando de canalhas, todos eles.

Armand pensou numa outra bela mulher que tinha de suportar a atenção indesejada dos homens, e sentiu uma pontada de arrependimento por não ter arranjado um plano melhor.

Bessy colocou as duas canecas de cerveja e sacudiu a cabeça quando Armand ia pagar.

— Você é Armand de Boisbaston, não é?

— Sou.

— Achei que fosse. Ouvi falar de seus cabelos. Então, não há cobrança, milorde. Guarde seu dinheiro para o resgate de seu irmão. Ele veio aqui uma vez e me prestou um serviço. Havia um arruaceiro que não queria pagar pela comida. Mas pagou rapidinho, quando sentiu a ponta da espada de seu irmão na garganta.

Ela sorriu, lembrando, depois franziu o rosto, quando a mão de Godwin foi até a bolsa, no cinto.

— Nem você, Godwin — disse ela. — Sua cerveja é de graça, até o Natal, por consertar meu telhado.

Ela piscou para o soldado, depois se apressou para servir mais pão aos agricultores.

— Ela é muito generosa — frisou Armand.

— É — murmurou Godwin quando Bessy ergueu a caneca da mão do mercador sonolento, sem acordá-lo.

Quando a dupla de jovens começou a reclamar por ela estragar seu divertimento, ela deu um sorriso maternal e disse:

— Tenham modos, meninos, se não vou fazer a Moll ficar na cozinha.

Eles resmungaram e Armand se virou para Godwin.

— Quem é Moll?

— Filha de Bessy, e tão bonita quanto a mãe.

Quase ao mesmo tempo, uma jovem apareceu na porta que dava para a cozinha. Era muito bonita, com as maçãs do rosto saltadas e robusta. Segurava um prato de ensopado fumegante numa das mãos, com um pequeno pão ao lado e, embora não olhasse para seus dois jovens admiradores, Armand percebeu que ela estava bem ciente da presença deles.

Ela sorriu para Godwin ao colocar a comida à sua frente e reconheceu a presença de Armand com um leve aceno de cabeça, embora ao fazê-lo, tenha lançado um rápido olhar aos jovens. Ela tinha um gingado ainda mais atrevido nos quadris, quando saiu andando na direção deles, depois.

— Uma jovem descasada como essa pode causar muita confusão num vilarejo — disse Armand.

— Ah, ela é uma boa garota, é a Moll — Godwin respondeu, enquanto comia o ensopado com prazer. — E não é nenhum segredo que gosta do filho do ferreiro. A essa altura, já estariam casados, se ele não morasse com os pais. Mas ele começou a construir uma casa, então é provável que se casem antes do inverno.

— Aqueles dois vão ficar decepcionados.

— Nem tanto. Eles só gostam de provocá-la.

E, na verdade, o gracejo dos dois rapazes com a jovem não parecia ser sério.

Após olhar em volta, para ter certeza de que ninguém estava prestando atenção, Armand se aproximou de Godwin e foi ao que interessava.

— Estou contente por tê-lo encontrado esta manhã, Godwin. Tenho um recado para o conde e gostaria que você o levasse.

Godwin parou de comer e o olhou, sério.

— É claro, milorde, se o mordomo chefe me dispensar.

— Acho que dispensará — disse Armand. — Também preciso mandar outra para Canterbury. Há alguém que possa recomendar para levá-la? Alguém de confiança, como você?

A expressão de Godwin era pensativa e também orgulhosa.

— Bert é um bom sujeito e não sabe ler, portanto, mesmo que eu esteja errado, ele não saberia o que há na carta.

Satisfeito, Armand meneou a cabeça.

— Vou escrever as cartas e falar com o mordomo, assim que voltarmos.

— Ó de casa! — soou uma voz masculina jovial do lado de fora, seguida do barulho das patas dos cavalos. — Bessy, meu amor, estou sedento!

A porta da taberna foi escancarada e cinco jovens nobres entraram, rindo e xingando. Liderando o bando, estava o já bêbado sir Alfred de Marleton, seguido pelo lorde Richard d'Artage. Depois veio Charles de Bergendie, a quem Armand conhecia pela fama. Diziam que era bom de briga, apesar de sua juventude. Sir Edmond de Sansuren, e seu irmão, Roger, vinham longo atrás. Armand não sabia nada de ruim sobre esses dois, exceto que pareciam seguir qualquer um que estivesse disposto a liderá-los. Hoje, aparentemente, estavam seguindo Alfred. Ao menos no que dizia respeito ao vinho.

Bessy entrou no salão marchando na hora em que o sexto jovem, de cabelos escuros e aparentemente sóbrio, se juntou aos bêbados: sir Oliver.

— Ora essa, o que temos aqui? — perguntou a taberneira, com uma das mãos no quadril.

Embora ela sorrisse, Armand estava bem certo de que não estava satisfeita nem impressionada com esses potenciais clientes, sendo nobres ou não. Enquanto isso, a filha seguiu ao seu lado na direção da porta da cozinha.

— Uns camaradas de muita sede — disse sir Alfred com um sorriso embriagado. — Achamos que poderíamos encontrar algo para amenizar nossa sede.

— É, talvez — respondeu Bessy. Alfred olhou para Moll.

— Oh, acho que vamos encontrar. E estamos com fome também. — Ele deu um bote em Moll, pegou-a pelo braço e puxou para si. — Muita fome — murmurou ele, deslizando a mão pelo corpete dela, — e aqui está exatamente o petisco que irá nos saciar.

Quando Moll emitiu um gritinho de medo, Armand pulou, ficando de pé. Godwin também se levantou, a mão no cabo da espada. Os dois jovens, com os rostos vermelhos de raiva, também levantaram. O grupo de lavradores se ergueu mais devagar, porém suas expressões eram igualmente zangadas. O mercador, despertado pela comoção, olhou em volta, levando a mão ao cabo do punhal, visível em seu cinto.

— Você está se esquecendo de que é um cavaleiro que jurou proteger mulheres e crianças? — perguntou Armand, exigente, com os jovens nobres olhando atentamente para Alfred, que segurava Moll, amedrontada.

— Não tenho que escutar você — declarou Alfred. — Você também não é nenhum santo, e nem a lady Adelaide, pelo que ouvimos.

Então, ele beijou o rosto de Moll, fazendo-a se contorcer de aversão.

— Solte-a — ordenou Armand. Ele não elevou o tom de voz, mas quando Armand de Boisbaston dava uma ordem nesse tom, ele nem precisava falar alto.

De cara feia, mas obedecendo, Alfred deu um solavanco, soltando Moll. Ela correu na direção da mãe, que olhava os nobres como se os quisesse fervendo no óleo.

Provavelmente queria.

— As garotas dessa aldeia não são amantes para sua diversão — disse Armand, para o oscilante Alfred e seus amigos. — Se o seu juramento à cavalaria não é o bastante para fazer com que se comporte como um homem honrado, eu o lembro de que essa propriedade pertence ao conde de Pembroke, um dos maiores cavaleiros vivos, e não é um homem a quem você queira ter como inimigo. O que acha que ele irá pensar, se ouvir que você andou molestado seus inquilinos?

Sir Edmond estufou o peito como um pombo indignado.

— Nosso pai...

— É um dos valiosos conselheiros do rei — interrompeu Armand. — O que acha que ele dirá, quando descobrir que você se arriscou à ira de William Marshall?

Toda a expressão de valentia sumiu do rosto de Edmond.

— Você contaria a ele?

— Se eu precisar.

Edmond quase tropeçou no próprio pé, tentado chegar à porta, com seu irmão seguindo, logo atrás. Lorde Richard sacudiu os ombros e seguiu atrás deles, enquanto sir Oliver ficou onde estava, como se todos estivessem atuando numa performance para entretê-lo.

Armand calmamente olhou os três cavaleiros que permaneceram.

— Sugiro, milordes, que regressem ao castelo.

— Não pode nos fazer ir — disparou Alfred. Armand ergueu uma sobrancelha.

— Não?

Alfred tateou sua espada.

— Não se atreveria a me atacar!

Armand manteve os braços distantes do corpo.

— Estou atacando alguém?

Enquanto Alfred continuava tentando localizar o cabo da espada, ele gritou:

— Você não me assusta!

— Então, apelo pelo que resta de sua honra. Seu comportamento aqui foi uma desgraça.

— Não fiz nada para me envergonhar! Ora essa, eu mal a toquei! Era de se pensar que a estuprei, pela maneira como você está agindo. — Suas próprias palavras pareceram incentivá-lo. — E desde quando você é o juiz da cavalaria e da honra? Você seduziu lady Adelaide. Na corte, todos estão falando que vocês dois estavam fazendo amor no jardim.

Foi preciso um grande esforço para não reagir àquela insolência e arrancar aquele risinho debochado de seu rosto.

— Não fizemos amor no jardim.

Alfred e Charles o olhavam com pura incredulidade, enquanto o rosto de sir Oliver não deixava transparecer nada. Albert endireitou os ombros.

— Bem, ninguém, exceto lady Adelaide pode garantir isso. Todos sabem que você entregou Marchant.

— O que você sabe sobre batalha, bravura, ou derrota? — perguntou Armand, tentando manter a paciência. — Eu me rendi depois de ficar sitiado durante meses, quando não havia mais esperança, e mesmo assim somente depois que o rei da França ameaçou destruir a aldeia e matar todo mundo. Você

preferia que eu tivesse deixado que Filipe matasse um vilarejo inteiro de camponeses inocentes? E eu não paguei por meu fracasso, se é que foi um fracasso?

Alfred não encarou o olhar fixo de Armand.

— Eu acho... acho que estou meio bêbado — murmurou ele.

— Sim, está, embora isso não seja desculpa para seu comportamento lamentável — disse Armand, com a raiva diminuindo. Jovens afoitos freqüentemente dizem coisas das quais se arrependem depois, como foi com ele, embora jamais tivesse intimidado uma mulher. — Volte para Ludgershall e vá dormir para curar a bebedeira.

Ele seguiu para a porta, deixando claro que pretendia ver se Alfred faria o que estava dizendo, acreditando que ainda havia esperança para esses jovens, se tivessem outros exemplos de comportamento honrável, em vez do rei e seus bajuladores.

— Vocês também, voltem para Ludgershall — ordenou ele, segurando a porta aberta, esperando que os outros passassem.

Charles também não contestou e saiu.

De cabeça baixa, Alfred obedientemente partiu. Por um instante, Armand achou que o irlandês se recusaria, mas depois sacudiu os ombros e saiu, como se a ordem de Armand fosse apenas uma sugestão e ele não tivesse mais nada a fazer.

Moleque insolente!

Godwin também se movimentou para partir, até que Armand acenou para que ele ficasse.

— Fique e termine sua cerveja.

— Obrigado, milorde — Godwin respondeu com um sorriso. As mulheres também sorriram, agradecidas, enquanto se despediam de Armand.

Enquanto Armand fazia com que os jovens cavaleiros voltassem ao castelo sem maiores incidentes, Adelaide atravessava o pátio da corte rapidamente. Ela segurava um pergaminho nas mãos, uma carta para sua irmã Gillian, que um dos ajudantes do rei escrevera para ela.

Ela realmente não precisava da ajuda de um homem para escrever uma carta. Ela e as irmãs haviam aprendido a ler e escrever com um empregado, um dos muitos segredos na casa de seu pai, enquanto ele ainda estava vivo. O pai acreditava que educar as mulheres era uma perda de tempo e esforço, e até chegar a época em que ela tinha idade suficiente para perceber que existia algo como a leitura e a escrita, sua mãe estava exausta demais por parir suas irmãs e outros bebês que não haviam sobrevivido, e não tinha forças para ensiná-la.

Adelaide, no entanto, não queria continuar ignorante. E mencionara ao pai, num dos momentos raros em que ele estava de bom humor, que ser capaz de ler e escrever aumentaria seu valor para um marido potencial.

Seu bom humor desapareceu na hora e ele atirou sua taça sobre ela.

— Acha que sabe mais do que eu, garota? — ele berrou. Ainda bem que o empregado de seu pai, Samuel de Corlette, ouvira a conversa. Depois disso, ele disse a Adelaide que ela estava certa em querer aprender.

— Afinal — dissera ele, sorrindo ternamente, com o rosto cheio de rugas de tensão por lidar com seu pai durante todos aqueles anos, — seu pai não vai viver para sempre.

E não viveu. E no dia em que ele morreu, nem uma única pessoa lamentou seu falecimento.

Foi diferente quando morreu o gentil e paciente Samuel. Ele nascera como filho bastardo de um soldado normando, porém havia sido mais honrável, nobre e gentil do que a maioria dos nobres que ela conhecera, e todos em Averette ficaram tristes em perdê-lo.

Ali em Ludgershall, os empregados vieram para cima dela como abelhas no mel, quando ela surgiu em seus aposentos e perguntou se algum deles poderia escrever uma carta. Todos sorriram e vários se ofereceram, enquanto, indecisa, ela se desculpava por afastá-los de seus valiosos afazeres. Ela tinha conseguido ouvir a maioria dizer algo.

Nenhum deles soava como os homens no jardim.

Ela ficou imaginando onde estaria lorde Armand. Ela não o via desde o desjejum da manhã, quando ele fizera uma imitação perfeita de um pretendente amoroso, como se ela tivesse a felicidade dele nas mãos.

Mas nenhum homem que ficasse com tanta raiva dela jamais poderia verdadeiramente querê-la. O que era um consolo.

Ela torcia para que ele estivesse tentando descobrir quem eles teriam ouvido, e não apenas procurando uma esposa rica. Ela podia até sentir admiração por seu desejo de libertar o irmão, mas...

— Milady! Para onde está indo com tanta pressa, nesse adorável dia de verão?

Contendo uma careta, ela parou e se virou na direção do estábulo, onde Francis de Farnby estava recostado, junto à porta. Ela deveria prestar mais atenção à sua volta, assim o teria evitado. Infelizmente, agora era tarde demais.

— Bom dia, sir Francis — disse ela. — Não foi caçar com os outros?

Ele balançou a cabeça.

— Há muita lama e acho que alguns deles tinham outro esporte em mente.

Ele obviamente pensava que ela acharia divertida sua alusão à prostituição, o que era mais uma prova de que ele não era um cavalheiro, apesar de sua posição e riqueza. Ela também supunha que ele esperasse despertar sua curiosidade por ter ficado para trás. Como se ela ligasse.

— Se me perdoa...

Ele se apressou até ela e deu um sorriso insinuante.

— Na verdade, eu estava à sua procura. Achei que talvez tivesse resolvido passar mais tempo com os ganhões.

Sua escolha de palavras e a expressão em seus olhos foi o suficiente para fazê-la debochar, mas se conteve.

— Eu estava preparando uma carta para minha irmã.

— Essa seria Gillian?

— Lady Gillian, sim. Portanto, se me der licença, sir Francis, preciso perguntar ao mordomo sobre um mensageiro.

— Caminharei com você.

Faltando pouco para lhe dizer diretamente que fosse embora, como teria preferido, ela não teve escolha senão permitir que Francis a acompanhasse, enquanto seguia na direção do solar, onde o mordomo provavelmente estaria. E embora não gostasse de Francis, o rei parecia apreciar sua companhia, e ela não queria correr o risco de tê-lo como inimigo.

— Escrever para sua irmã parece lhe ter feito bem, milady — disse ele, com outro sorriso malicioso. — Está mais bonita do que nunca.

— Obrigada — disse ela polidamente, sem precisar incentivá-lo.

— Ouvi dizer que sua irmã mais nova está longe de casa.

— Ela está visitando amigas, no norte.

— Acho que ela terá uma escolta considerável, quando regressar. Hoje em dia está perigoso, para mulheres nobres.

O tom de sua voz a fez sentir como se um dedo de caveira a tivesse percorrido pela espinha e ela apertou o pergaminho na mão.

— Creio que jamais tenha havido uma época perfeitamente segura para ser uma jovem nobre.

— Mas certamente se sente segura na corte?

— Às vezes, acho que a corte seja o lugar mais perigoso de todos — admitiu ela, com um sorriso ligeiramente contido.

— Não precisa ser. Você tem o poder do rei nas mãos, se quiser pegar.

A idéia de pegar qualquer coisa que tivesse a ver com o rei era tão repugnante que Adelaide apertou os lábios para não dizer isso.

— Não tenho esse tipo de ambição — respondeu enquanto passavam pela capela. — E nem preciso lembrá-lo de que o rei é casado.

— E o que tem isso? — respondeu Francis. — Suas amantes são ricamente recompensadas e ele providenciaria para que ficasse bem casada, quando terminasse com você.

— Para quem sugeriria que eu fosse dada, milorde? — perguntou ela, erguendo uma sobrancelha interrogativa ao parar perto dos degraus que conduziam ao solar. — Você?

Francis a puxou para trás dos montes de feno, para fora da vista das pessoas no pátio.

Apesar de seu ato, Adelaide não sentiu medo, mas indignação. Afinal, tudo que ela tinha de fazer era gritar e a ajuda chegaria.

— Pode parar de fingir ser a donzela virtuosa comigo, milady, e com o rei também — disse Francis, enquanto a imprensava junto à parede. — Foi um bom desempenho enquanto durou, mas aqueles dias chegaram ao fim.

— Eu sou uma donzela virtuosa.

Francis riu fungando debochado, com o rosto desconfortavelmente próximo ao dela.

— Não foi isso que ouvi. Será que devo ir até lorde Armand e perguntar a ele sobre suas virtudes? E aqui estava eu, pensando que você estivesse zangada com Armand, ontem à noite, ou tentando fazer com que ele sentisse ciúmes.

Francis a encurralou contra a parede, com cada mão em um lado de sua cabeça, o nariz a alguns centímetros do dela.

— Você fez com que eu e metade da corte ficássemos pendurados atrás de você, como peixes num anzol, no entanto virou sua cabeça de donzela para aquele cachorro, no primeiro dia em que ele chegou aqui. O que foi que ele fez? Contou suas terríveis fábulas, sobre seu encarceramento? Reclamou sobre o terrível tratamento do rei, e sua relutância em ir salvá-lo, como se ele fosse uma donzela, esperando por um cavaleiro?

— Sir Francis, solte-me ou vou gritar — alertou Adelaide.

— Ora essa, vocês mulheres são todas iguais! — disparou ele, chegando mais perto. — Um belo rosto, uma história que as faz chorar e vocês tiram a roupa como qualquer meretriz, diante de uma moeda.

— Você está chamando minha esposa de meretriz?

## Capítulo Sete

---

---

Antes mesmo que Adelaide pudesse respirar, Armand pulou do muro que ladeava o caminho acima, agarrou Francis pela túnica e o jogou com força de encontro à parede.

— Esposa? — gritou Francis, tão chocado quanto ela, enquanto tentava recuperar o equilíbrio.

— Praticamente — disse Armand com uma expressão voraz no rosto. — Lady Adelaide concordou em casar comigo.

Mas o que é isso, em nome dos santos...! Primeiro, aquele beijo, agora, isso?

— Não acredito! — retrucou Francis. — A corte inteira saberia, se fosse verdade. Você tem de obter a permissão do rei para algumas de suas protegidas. E você não o fez.

— Falarei com o rei agora, assim que ele voltar da caçada — disse Armand, pegando firmemente a mão de Adelaide. — Venha, minha amada. Está vendo a confusão que nosso segredo já causou?

Sem dar-lhe nem um instante para responder, ele a puxou ao redor do monte de feno, de volta ao pátio, onde agora havia uma aglomeração com cavalos bufantes, cães latindo, homens e soldados impetuosos, assim como várias damas que haviam ido caçar naquela manhã.

Adelaide não se importava se todo o aparato do céu estivesse ali reunido. Ela poderia ter lidado com Francis. Ele era um cão que ladrava alto, mas não tinha dentes, um covarde que jamais atacaria fisicamente uma das protegidas do rei.

Mesmo assim, ficara aliviada quando Armand surgiu, como um anjo vingador — até fazer aquela afirmação incredivelmente falsa, de que eles desejavam se casar. Isso certamente poderia chegar aos ouvidos do rei.

Será que ele era realmente tão ignorante quanto ao temperamento do rei? Ou era sempre inclinado a soltar a primeira coisa que lhe viesse à cabeça, uma tendência contra a qual ela também tinha de lutar?

— Por que disse a ele que queríamos casar? — perguntou ela, exigente, enquanto se afastavam da aglomeração ruidosa.

— Porque nosso beijo se transformou em algo mais sério do que galanteio — disse ele, melancólico. — Parece que o mexerico é que andamos fazendo amor no jardim.

Ela apertou mais a mão dele, com assombro.

— Eu o alertei quanto ao escândalo que esse beijo poderia causar. Você deveria ter negado que fizemos amor, já que não é verdade.

— Quaisquer que sejam meus arrependimentos pela minha ação de ontem... e lhe garanto que me arrependo... agora não temos escolha, exceto tentar abrandar o estrago.

— Você poderia ter feito isso sem dizer que queríamos casar — Adelaide frisou, parando na sombra da varanda da capela. Ele também parou, quando ela afastou sua mão da dele.

— Infelizmente, milady — disse ele, cruzando os braços, — afirmar que queremos casar é a única forma para manter ao menos parte de sua honra. Você sabe tanto quanto eu que poderíamos negar os boatos até o dia de nossa morte, e as pessoas ainda acreditariam que fizemos amor no jardim.

Ela abriu a boca para contestar, mas ele estava certo. Ela se achava presa por aquele beijo, assim como ficara pelos braços de Francis.

— E esse não é o único motivo por eu ter dito o que disse — continuou ele. — Meu pai era um homem promíscuo e não quero que as pessoas acreditem que segui seu caminho imoral.

— Embora eu agradeça sua preocupação — respondeu ela, demonstrando simpatia pela última razão, apesar de estar aborrecida, — você novamente agiu sem pensar em todas as conseqüências.

— Não havia tempo para pensar, milady — respondeu ele. — Quanto às conseqüências, não tive escolha, exceto lhe oferecer a proteção de meu nome e minha reputação.

Como se ela tivesse de ser grata por esse imenso sacrifício, embora ele próprio o tivesse tornado necessário.

— Não preciso de sua proteção — rebateu ela. — Não pedi por isso e não quero.

— Apesar de querer ou não, é necessário, e tenho um compromisso com meu juramento de cavaleiro para dá-la. De outro modo, o que aconteceria a você, se Francis ou outro de sua laia a encontrar sozinha?

Infelizmente, ele estava certo quanto ao seu possível destino, se os homens acreditassem que ela era uma mulher solta, mas não estava a ponto de expressar gratidão pela proteção que ele oferecera. Afinal, era culpa dele, por ela precisar.

— Então, agora, graças a você, minha situação na corte se tornou ainda mais perigosa.

— Não se noivar comigo. Ou preferia que eu a tivesse deixado com Francis?

— Eu poderia ter lidado com ele.

— Do jeito que estava?

— Do jeito que estive durante semanas, até que você me beijou.

— Admito que aquele beijo tenha sido um erro terrível, mas repito, milady, o que foi feito está feito e, a menos que queira passar a dividir a cama dos cortesãos, temos pouca escolha, a não ser ficarmos noivos. Também ressalto, milady, que você não é a minha primeira escolha de noiva. Eu queria uma esposa gentil e reservada.

Ele bruscamente a pegou pelos ombros, puxou para perto e a beijou.

Aborrecida por suas palavras, zangada por sua presunção, ela o mordeu no lábio, com força suficiente para fazê-lo parar, embora não o bastante para fazê-lo sangrar.

Dizendo um palavrão baixinho, ele deslizou a boca até a orelha dela.

— O rei está vindo nessa direção. Mesmo que me deteste, mulher, aja com entusiasmo, a menos que queira que o rei novamente a persiga. Sou sua melhor chance para evitar isso.

Se era um desempenho que ele queria, por Deus, ela lhe daria um que reduziria seus esforços a pó.

Ela relaxou junto a ele, leve com um galho de salgueiro, e com uma deliberação sensual acariciou seus lábios com a boca. Ela deslizou as mãos pelas costas largas e para dentro de seus cabelos cheios e ondulados

O corpo dela não sabia que isso deveria ser uma farsa. Seu sangue esquentou como o ferro na forja do ferreiro, derretendo, pulsando de excitação. Quando ele colocou a língua dentro de seus lábios

entreabertos, ela oscilou, com um desejo genuíno, e uma vontade que parecia irromper de dentro dela, com toda força.

— Pelo amor de Deus, o que temos aqui? — declarou o rei. — Vocês não tem qualquer respeito por uma edificação sagrada?

Quando pararam de se beijar e se viraram para o rei pomposo, Armand se esforçou para recobrar seu autocontrole, que havia sido estilhaçado. A visão de Adelaide sendo assediada por aquela cobra do Francis havia instigado sua ira, enquanto esse beijo excitara... algo diferente.

— Lamentamos ter causado qualquer ofensa, majestade — respondeu Adelaide, com a frieza de uma imperatriz e como se não estivesse fervilhando de indignação, embora ele soubesse que estava.

Por mais aborrecida que ela estivesse, e por mais justificado que isso fosse, ele estava certo. Se as pessoas acreditassem que já haviam feito amor, a menos que ficassem noivos, ela seria assediada por todos os cortesãos de Ludgershall, casados ou não, incluindo o rei.

E ele pareceria ser o mesmo tipo de pilantra sedutor que fora seu pai.

— Na verdade, majestade, viemos em busca de uma audiência — disse ele, tentando parecer igualmente calmo. — Lady Adelaide e eu gostaríamos de sua permissão para nos casarmos.

Felizmente, Adelaide não protestou. Talvez a aparição de Francis vindo em direção ao grupo do rei a tivesse feito pensar nessa nova e necessária mentira.

Os olhos do rei se estreitaram de suspeita, como deveriam. O rei não era um homem sábio, mas também não era tolo.

— Isso é uma grande surpresa, milady.

— Foi surpresa para mim também, majestade — concordou ela, — mas a flecha de cupido aponta para onde quer e somos impotentes quanto a isso.

— Como sua majestade pode comprovar — acrescentou Armand.

A explicação que o rei tinha dado para o súbito casamento com Isabel fora seu amor irresistível pela jovem, embora ninguém tivesse acreditado nisso. O casamento deles evitou que Hugo Capeto ganhasse o controle de um vasto território. Quanto à jovem, isso a transformou em rainha.

— Entendo — respondeu o rei, desviando o olhar de um para o outro. — Isso pede alguma discussão que será melhor conduzida em particular. Isabel, espere por mim no salão.

Dando a volta, o rei gesticulou para que Adelaide e Armand o seguissem.

— Eloise irá se perguntar o motivo por eu não ter lhe contado sobre o noivado — sussurrou Adelaide, enquanto eles se apressavam para acompanhar o rei. — Imagino que não tenha pensado nisso. E o que dirá a Randall?

Minha nossa, pensou Armand. Que teia de traições eles estava tecendo? E tudo para salvar um verme como o rei. Infelizmente, seu juramento como cavaleiro não permitiria nada menos.

— Precisamos de uma desculpa.

— Você quer dizer outra mentira.

Ele ignorou seu tom de raiva.

— Podemos dizer que queríamos esperar até termos a permissão do rei.

— Mas como você é esperto, não? — sussurrou ela, enquanto chegavam ao solar do conde, e aquilo não foi um elogio.

O solar era outro aposento bem cuidado, com uma lareira para aquecê-lo, quando estivesse mais frio, e velas imensas, em castiçais polidos e brilhantes. Em um dos cantos havia um armário contendo documentos oficiais. O rei esperou ao lado da mesa de carvalho, enquanto Armand abria a janela para prover mais luz. Não havia um fiapo de poeira em nenhum dos móveis.

Quando Armand voltou para o lado de Adelaide, o rei sentou na cadeira do conde e apoiou os braços sobre a mesa encerada.

— Então, milorde, se apaixonou por essa dama e deseja se casar com ela?

— Sim, me apaixonei e desejo, majestade — disse ele, como se falasse para valer.

— Eu também a amo — respondeu o rei — como um pai ama sua filha e, como pai, não vou concordar facilmente.

Armand podia adivinhar aonde isso ia dar. O rei exigia uma persuasão para aprovar o noivado e, no caso dele, isso significava um suborno.

Ele era parcialmente responsável pela situação na qual ele e Adelaide agora estavam envolvidos, e podia imaginar como se sentiria se estivesse no lugar de Adelaide, sendo forçada a ouvi-los pechinchando sobre ela, como se fosse um cavalo, ou um cão. Ele pouparia a orgulhosa Adelaide dessa humilhação, se pudesse.

— Majestade, talvez fosse melhor se tivéssemos essa conversa a sós.

Ele sentiu, mas não viu, o olhar agudo de Adelaide.

— Majestade — disse ela, — já que meu futuro está em jogo, eu...

— Lorde Armand está certo — declarou o rei. — Ele irá até você e lhe dirá nossa decisão. Pode esperar por ele... — deu um sorriso frio — no jardim.

Então, ele provavelmente também teria ouvido os boatos, enquanto estava caçando.

Adelaide fez um gesto obediente, antes de se virar para Armand.

— Adieu, milorde.

Ficara óbvio, desde o momento em que ele pulara do muro, que ela estava aborrecida, zangada e indignada. No entanto, por trás daquelas emoções óbvias, ele sentiu seu alívio por ele ter ido com seu auxílio, assim como o desejo profundo de ocultar até mesmo o mais leve sinal de vulnerabilidade.

Agora, conforme ela se afastava, mais parecida com a realeza de que o rei jamais poderia ser, ele subitamente percebeu que, da mesma forma que ele vestia sua armadura para a batalha, aquele comportamento frio era sua armadura nesse campo diferente de batalha, escondendo aquela Adelaide mais protetora e meiga que ele conhecera no estábulo, naquele primeiro dia.

— Você é um homem muito afortunado por ter ganho a atenção dessa dama, em particular — disse o rei, lembrando Armand de onde ele estava e o motivo. — Eu já recebi várias ofertas por sua mão.

— De fato, sou muito afortunado, majestade — respondeu Armand, olhando para o homem, cujo egoísmo, ganância e ambição causaram a morte de tantos homens bons e puseram mulheres como Adelaide em risco. — Confesso que fiquei surpreso ao saber que ela ainda não estava comprometida.

— Até agora não me conveio dar a mão de lady Adelaide em compromisso a ninguém, nem ela demonstrou estar ansiosa para se casar.

— Aparentemente, ela mudou de idéia.

— É o que parece — respondeu o rei, secamente. — Então a pergunta é: quanto está disposto a dar por ela?

— O que for necessário — disse Armand, — embora eu espere que sua majestade se lembre de que sofri no serviço leal e que meu irmão, também seu vassalo leal, continua encarcerado até que seu resgate possa ser pago.

— Ah, sim, seu irmão Bayard. Ele continua na França, então? A ira se acumulou dentro de Armand. É claro que Bayard continuava na França. E ficaria lá, até que o resgate fosse pago — e o rei sabia disso.

No entanto, apesar de sua ira, Armand manteve a voz equilibrada e a expressão mais calma possível.

— Sim, majestade.

— Você pretende pagar o resgate?

Considerando o relacionamento amargo que o rei tinha com os irmãos, Armand não se surpreendeu com a pergunta.

— Sim, majestade, assim que eu tiver condições.

— No entanto, vejo que encontrou tempo para cortejar e ganhar a mais bela mulher da corte... embora pareça ter feito isso numa velocidade recorde.

— Nosso amor foi uma surpresa encantadora. O rei estava claramente cético.

— Tenho certeza. Quanto é o resgate de seu irmão?

— Quinhentos marcos.

Os olhos do rei brilharam sob o facho de luz que entrava pela janela.

— Imagino que não tenha o dinheiro, ou já teria pago por sua liberdade.

— É isso mesmo, majestade — respondeu Armand. — Só consegui levantar trezentos marcos.

Qualquer esperança que Armand tivesse quanto ao rei se oferecer para pagar o restante do resgate, ou mesmo toda a quantia, rapidamente desapareceu.

— Pena. Tenho certeza de que o conde poderia lhe emprestar o restante, se estivesse aqui. Mas não está. — A expressão do rei ficou mais especulativa. — Se Bayard morrer, você não terá que dar a ele a parte dos bens de seu pai. Será tudo seu.

Armand ainda escondia sua raiva crescente.

— Meu pai sempre deixou claro que Bayard deveria receber a parte dos bens que eram de sua mãe. Como era a mãe dele, não tenho qualquer reclamação.

— Você é um sujeito muito generoso, Armand. Não teme que seu meio irmão tente lhe tirar os bens de seu pai?

— Ele sabe que não tem direito a isso e é um homem de honra, majestade.

— Bem, bem, se você está contente, que assim seja. E agora deseja se casar com lady Adelaide, uma das mulheres mais belas que já vi. Embora fria, me parece. Ela é fria?

— É terna o suficiente para mim, majestade — respondeu ele, cuidadosamente.

O rei soltou uma gargalhada.

— É o que imagino, do contrário você teria ganho um prêmio maior.

O rei voltou a ficar sério.

— Na verdade, estou muito necessitado de recursos. Custará muito dinheiro para reaver minhas posses na França. Se você casar com lady Adelaide, vou lhe exigir seus trezentos marcos.

A mão de Armand foi até o cabo da espada.

— Majestade, esse é todo o dinheiro que possuo. O rei ficou de pé.

— Sugiro que tire a mão de sua lâmina, milorde. E o lembro de que detenho seu destino, como o de seu irmão e o da mulher que você alega amar, na palma de minha mão.

Armand não tinha intenção de atacar o rei. Se o fizesse, só teria um breve momento de satisfação antes que fosse preso, nada mais. Bayard ainda estaria encarcerado e a honra de Adelaide, comprometida.

— Não há necessidade de alarme, majestade — ele assegurou ao rei.

— Bom — respondeu o rei, — principalmente se você quer lady Adelaide. Eu me pergunto: qual é o seu jogo com ela? Pelo que ouvimos, você já colheu aquela rosa, em particular, embora outros homens tenham tentado e fracassaram. Isso seria o suficiente para contentá-lo.

Por um momento, novamente imaginando Bayard naquela cela fria, Armand ficou tentado a manter seu dinheiro e abrir mão de Adelaide — até pensar na forma como Francis a tratara, naquela manhã.

Se Bayard soubesse das circunstâncias, ele diria que a honra e a segurança de uma mulher vinham antes da de um cavaleiro. Concordaria que Armand fizesse a coisa certa por Adelaide e se casasse com

ela, mesmo que ele tivesse que ficar um pouco mais em seu cativeiro.

— Terei lady Adelaide como esposa, mesmo que isso custe os meus trezentos marcos, o que significa que meu irmão, seu servidor leal, terá de sofrer mais.

Aparentemente não dando a mínima para o destino de Bayard, o rei sorriu e Armand imaginou que uma serpente sorriria assim, se tivesse lábios.

— Há uma outra condição que terá de cumprir, milorde, antes que eu concorde. Terá de reafirmar seu juramento de lealdade a mim no salão, esta noite.

Pelo amor de Deus! Como se sua lealdade estivesse sob suspeita, apesar de seu serviço na Normandia!

— E o fará de joelhos.

Por mais enfurecido que estivesse, e embora seu orgulho protestasse, Armand sabia que tinha pouca escolha, além de concordar, a menos que quisesse atirar Adelaide para os chacais da corte.

— Muito bem, majestade.

Os olhos do rei reluziram de cobiça.

— Espero que a dama também seja grata. O rei finalmente fora longe demais.

Armand cruzou os braços fortes e deixou que a ira transparecesse em seu rosto.

— Exige o dinheiro necessário para a libertação de meu irmão, me pede para que eu me humilhe diante de sua corte, e com tudo isso eu concordei... mas jamais irei compartilhar minha esposa com outro homem, seja o rei ou um cidadão comum.

O rei bateu no queixo com o dedo ornamentado por um anel e olhou para Armand com uma animosidade arrogante, lembrando a Armand, que independente de qualquer outra coisa, ele era um Plantageneta, família conhecida por ser descendente do Diabo.

— Você recusaria um comando direto de seu rei?

Havia algumas coisas que nenhum homem honrado tolerava e havia outras, que nem mesmo o rei deveria se atrever a fazer.

Margaret Moore

— Esse, sim, eu recusaria e teria o apoio da Igreja e dos homens da corte.

Felizmente, o rei reconsiderou, ou decidiu que Adelaide não valia o provável problema, pois voltou a rir, e disse:

— Pelo amor de Deus, isso só pode ser amor! Desse modo, não vou pedir nada além dos trezentos marcos, antes da refeição desta noite e que faça novamente seu juramento.

Mas também havia hostilidade nos olhos do rei.

— De outro modo, milorde, caríssimo, pode se ver num calabouço inglês.

## Capítulo Oito

---

---

Randall estava esperando por Armand, quando ele deixou o solar.

— O que está havendo? — perguntou ele, enquanto vinha mancando em direção ao amigo noivo. — Num instante, você está procurando por uma noiva rica, no outro, está de portas fechados, no solar, com o rei, pedindo permissão para se casar com lady Adelaide. É claro que ela é muito bonita, e uma boa amiga de lady Eloise, mas sua família é pobre. Quase caí para trás, quando soube para onde você havia ido, e o motivo.

Armand parou para dar a Randall a chance de alcançá-lo. Somente uma vez, em toda sua vida, ele ficara tão zangado como estava agora. Ao ficar sabendo que o rei não mandaria os reforços que ele precisava para salvar Marchant.

— Não queríamos dizer nada sobre o compromisso antes que o rei concordasse — disse ele, usando a mentira que havia sugerido a Adelaide. — Quanto à nossa pressa, nem posso traduzir em palavras os meus sentimentos por lady Adelaide — prosseguiu ele, enquanto seguiam rumo ao jardim, num ritmo mais lento.

— Então foi por isso que lady Eloise estava igualmente sem saber — disse Randall.

— Você falou com lady Eloise? — Ele poderia tirar algum consolo dessa situação bizarra, se ela ajudasse Randall a ganhar a mulher que amava.

Randall corou como a mais tímida das donzelas de Wiltshire.

— Fui levado a isso.

— E o que lady Eloise acha de nosso compromisso?

— Ela aprova, mas ficou magoada porque lady Adelaide também não lhe contara nada. — Randall parou para recuperar o fôlego, lembrando a Armand para ir mais devagar. — Para onde estamos indo?

— Ao jardim. Adelaide está esperando para ouvir a resposta do rei.

— Imagino que o rei não tenha simplesmente dito sim — disse Randall enquanto eles prosseguiam.

— Preciso pagar-lhe trezentos marcos. Infelizmente, Bayard terá que esperar mais um pouquinho.

— Isso é terrível!

— Mas não é surpreendente. Você pode me emprestar dezesseis marcos, para que eu inteire ao dinheiro que juntei para o resgate de Bayard?

— É claro.

Armand estampou um sorriso no rosto.

— Então, deseje-me sorte, meu amigo, pois estou prestes a me casar com lady Adelaide.

Eloise quase agarrou Adelaide, ao encontrá-la no jardim, esperando por Armand.

— É verdade? — perguntou ela, com os olhos acesos. — Está comprometida com lorde Armand?

— Não sei — respondeu Adelaide, sinceramente, ainda tentando assimilar o inesperado comunicado de Armand. — Devo esperar por Armand aqui e ele me dirá se o rei concordou. Você me faz companhia, enquanto espero?

De outro modo, ela poderia cair em lágrimas, não de tristeza, nem de decepção, mas de frustração. Mais uma vez, seu destino estava nas mãos de um homem.

— É claro — disse Eloise, enlaçando o braço de Adelaide e caminhando com ela por um dos caminhos de paralelepípedos.

— Devo confessar que não acreditei que você quisesse casar com Armand de Boisbaston, até que Randall FitzOsbourne me disse que Armand também não lhe contara nada, quanto aos planos de vocês. Ele ficou imaginando por que vocês estariam com o rei e tive de concordar. E agora vejo que era mesmo verdade.

— Eu queria lhe contar, mas decidimos manter nossa esperança em segredo até que tivéssemos a permissão do rei para nos casarmos — disse Adelaide. Ela detestava ter que contar algo falso para Eloise, e a raiva que tinha dos conspiradores aumentou. Eles haviam tornado necessária essa desonestidade.

A expressão de Eloise ficou mais preocupada.

— Espero que você não vá contar o que falei quando dançar com ele.

— É claro que não — Adelaide a tranqüilizou, enquanto elas voltavam pelo caminho, em direção ao portão. — Eu também ficaria irritada se achasse que um homem me tirou para dançar apenas para evitar outra mulher.

— Você vai pedir a ele que corte os cabelos?

— Acho que não. Eu até que gosto.

Ela percebeu que isso era verdade. Ela gostava dos cabelos longos de Armand. Ele ficava parecido com os guerreiros de antigamente. Um celta selvagem, ou um rei saxão.

— Bem, mesmo com aqueles cabelos ele é um homem muito bonito. E tão cavalheiro! Nossa, Randall me contou coisas sobre sua defesa de Marchant que me trouxeram lágrimas aos olhos! Ele dividia todas as provisões minguadas igualmente e animou os homens, dizendo-lhes que eram os melhores soldados de toda Europa e que tinha muito orgulho em servir com eles. Todos teriam morrido por ele, sabe, até o último homem, segundo Randall. Depois que lorde Armand foi forçado a se render, ele próprio jejuou por muitos dias, tentando manter vivo o seu escudeiro. Mesmo assim, o pobre homem morreu em seus braços. Randall me contou que o primeiro lugar para onde Armand seguiu, depois de ser libertado, antes mesmo de tentar levantar o dinheiro para o resgate do irmão, foi até a casa do pai do escudeiro. Ele se prostrou diante do idoso e implorou perdão por fracassar com seu filho.

Adelaide podia facilmente imaginar Armand tentando animar seus homens, dividindo o que houvesse de comida e vinho, incentivado, quando as coisas estavam sombrias. Ela também podia imaginá-lo fazendo tudo que pôde para salvar a vida do escudeiro, até mesmo segurar nos braços o corpo desfalecido do pobre rapaz.

— Randall tinha lágrimas nos olhos quando me contou. Ele é um sujeito de bom coração e muito leal também. Acho que ele morreria por Armand, se fosse preciso.

Independente do que mais acontecesse, o fato era que esse negócio estava aproximando o meigo Randall e Eloise.

— Fico contente em ouvir que Armand seja um homem ainda melhor do que eu imaginava — disse ela.

O portão do jardim se abriu e Adelaide resfolegou, mas em vez de entrar Armand, surgiram Hildegard e suas duas mais ardentes assistentes, lady Mary e lady Wilhemina. Atrás delas, acompanhando o passo firme da mãe, entrou lady Jane. Lady Ethel fulminou Adelaide, como se ela fosse uma criminoso, enquanto Jane lançou a Adelaide um sorrisinho, sentando ao lado da mãe no banco mais próximo.

— Então, aí está a virtuosa, esperta, honrável lady Adelaide, que finalmente pescou um marido, fazendo o papel de piranha — disparou Hildegard, com uma expressão superior no rosto. — E pensar que você se rendeu assim — continuou ela, estalando os dedos — depois de iludir metade dos homens da corte, para ficarem correndo atrás de você, durante meses.

— Lorde Armand foi o primeiro homem que conheci que me fez querer ceder — respondeu Adelaide, equilibrada, serenamente alisando a saia.

Hildegard parecia querer vomitar veneno, enquanto lady Jane conteve um suspiro.

— Se há alguém aqui que tentou arranjar um marido dando seu corpo, é você, Hildegard — disparou Eloise, parando diante de Adelaide. — Ora, eu precisaria dos dedos das duas mãos para contar os homens com quem você dormiu nos últimos meses. Não é de se admirar que lorde Richard não queira se casar com você, embora tenha ido para a cama dele nas últimas três semanas.

O rosto de Hildegard ficou vermelho como um pimentão.

— Ao menos os homens me acham atraente. Ninguém está ansioso para cortejar você.

Adelaide gentilmente afastou Eloise, tirando-a do caminho.

— Não estou surpresa que as excelentes qualidades de Eloise não lhe sejam visíveis, Hildegard, já que você não possui virtude alguma.

Cruzando os braços, Hildegard lançou um olhar insolente a Adelaide.

— Quem é você para agir como se ditasse as regras por aqui? Não tem poder algum na corte, principalmente agora, que pertence a lorde Armand.

— Não pertencem a homem algum!

— Ah, sim, a poderosa Adelaide não pertence a ninguém. Ela dita suas próprias regras e age como se todos estivessem abaixo dela e fossem tolos. Faz o papel de rainha, embora seu pai não fosse nada além de um pobre cavaleiro de pequenas posses, e que surrou a esposa até matar...

— Ele não fez isso! — Seu pai era culpado de muitas coisas, mas não de assassinato.

— No entanto, ainda temos que admirar e respeitar você — Hildegard continuou, como se Adelaide não tivesse falado.

— Bem, eu não admiro e jamais o farei. Tenho certeza de que Armand de Boisbaston se arrepende do dia em que se casar com você!

— Não se arrepende, não — respondeu Adelaide, determinada a refutar as palavras odiosas de Hildegard. — Serei a esposa mais amável que um homem poderia desejar.

— Mulher vil! — gritou lady Ethel, apontando um dedo trêmulo para Adelaide. — Nojenta! Desgraçada!

Adelaide não pôde evitar corar; apesar disso, não desviou a atenção de Hildegard.

— Como posso esperar que uma mulher como você, que só pensa em si própria, saiba algo sobre amor?

Hildegard ergueu o queixinho pontudo.

— Eu sei muito sobre isso.

— Não estou me referindo ao que você faz com seu corpo, Hildegard — respondeu Adelaide. — Estou me referindo ao seu coração, presumindo que tenha um.

O rosto de Hildegard ficou roxo de ódio, uma visão terrível.

— Eu te odeio!

— É mesmo? Minha nossa, vou dormir chorando por causa disso, se me lembrar.

A boca de Hildegard se mexeu sem ruído algum, depois ela deu meia-volta e foi marchando para o portão. Ela o abriu com tanta força que quase o arrancou das dobradiças de couro.

Depois de lançarem um olhar hostil a Adelaide, Mary e Wilhemina seguiram para alcançar a amiga zangada.

Enquanto isso, lady Jane levantou e ajudou a mãe a ficar de pé.

— Vamos tomar um pouco de vinho, mama — sugeriu ela cautelosamente, como se temesse que Adelaide talvez quisesse discutir com ela também. — Acho que ficou um tanto frio aqui fora.

Adelaide foi abrir o portão para elas, mas nenhuma das duas disse uma palavra ao passar.

Adelaide conteve um suspiro de desânimo. Ela sempre gostara e admirara Jane, por sua paciente devoção à mãe queixosa.

Eloise deu um sorriso confortante a Adelaide.

— Lady Ethel nos mandaria todas a um convento, se pudesse.

— Você, não — respondeu Adelaide enquanto caminhavam de volta ao jardim, feliz por falar em outro assunto que não fosse Hildegard, ou Armand.

— Oh, acho que principalmente eu. Ela vive me dizendo que ótima freira eu daria. Devo confessar que não sei como lady Jane consegue ser tão boa com ela. Acho que eu já teria fugido, anos atrás.

— Você sabe que seria zelosa, da mesma forma — Adelaide respondeu ao se sentarem no banco que Jane e a mãe desocuparam.

Ela imaginou quanto tempo Armand ainda demoraria, e o que o rei teria decidido.

— Você também — disse Eloise. — Cuidava de seu pai e ele não era tão amável.

— Cumpri meu dever — respondeu Adelaide quando o portão foi escancarado e Armand, resolutamente e obviamente zangado, entrou no jardim, seguido por Randall FitzOsbourne.

Adelaide de súbito se sentiu como se tivesse 13 anos novamente, com as irmãs reunidas atrás dela, enquanto seu pai as espreitava, numa de suas crises de ira. Ela deu um pulo e ficou de pé, e seu coração disparou. Todos os seus sentidos pareciam intensificados, quando ela ergueu a mão à frente.

— Pare aí, milorde!

Ele parou subitamente, e sua expressão raivosa passou a ser de confusão.

Ele não era seu pai enfurecido, vindo descarregar sua frustração com desaforos e agressões ocasionais. Seu pai estava morto e enterrado, e ela deveria estar apaixonada por esse homem.

— Ai, meu Deus — gritou ela, enlaçando as mãos num gesto de desespero. — O rei recusou?

O que aconteceria, se ele recusasse?

Quando os lábios cheios de Armand se curvaram num sorriso, foi como vê-lo se transformar antes de começar uma performance. Ele atravessou o espaço entre os dois num passo largo e a puxou para seus braços.

— Boas notícias, meu amor! O rei deu permissão para nos casarmos.

Então, ele a beijou. Seus lábios roçaram os dela devagarinho, beijando da forma como um verdadeiro amante deveria, ou assim ela imaginou que um verdadeiro amante faria.

Tentou não sentir nada, mas foi em vão. Teria de estar morta. Em vez disso, ela se sentiu profundamente viva, à medida que ele a puxava para mais perto.

Ela sabia que precisava resistir, mas o beijo dele era como a chave que abria um lugar escondido dentro dela, que abria uma porta para sentimentos e desejos que jamais soubera possuir.

Reagindo instintivamente, ela deslizou as mãos pelas costas dele, sentindo os músculos sob suas palmas. Ele se mexeu ligeiramente, fazendo com que uma parte maior de seu corpo entrasse em contato com o dela, aumentando a paixão poderosa e excitante.

Uma paixão perigosa, pois era quase impossível de controlar. E também lhe causava ressentimento, devido ao juramento solene que ela não podia quebrar.

Apesar daquela promessa, ela queria que ele fizesse mais do que apenas beijá-la. Queria que ele a pegasse no colo e a carregasse para uma das alcovas, ou, melhor ainda, para aquela pequena cabana, e fizesse amor com ela. Ela queria deixar que ele a possuísse, fizesse amor até que ela estivesse saciada além do que pudesse supor.

Ela não queria ser casada e prometera que não casaria, mas queria. Nenhum outro homem jamais a fez sentir da forma como ele fazia — querendo somente a ela e, mesmo se não fosse bonita, ainda ia querê-la.

E quando ele a levasse para a cama, ela era quem seria recompensada.

No entanto, pôs as mãos sobre o peito dele e o afastou.

— Milorde, meu amor! Por favor! Não estamos sozinhos. — Ela acenou a cabeça para Eloise e Randall, de pé ao seu lado.

— Mas que pena — disse ele, com um sorriso sedutor. — De outro modo, minha querida, eu a carregaria para aquela alcova e daria à corte mais motivos para mexericos.

Essa sugestão deveria assustá-la, não excitá-la. Tanto envergonhada quanto decepcionada pela própria reação, ela respondeu, séria:

— Milorde, tal atividade já me causou constrangimento suficiente. Acredito que qualquer coisa a mais deve esperar até nossa noite de núpcias.

— Que para mim não poderá ser breve o bastante — disse ele baixinho, com outra expressão no olhar que a fez se sentir como se tivesse bebido vinho. — No entanto, se precisar me conter, o farei. — Ele se virou para os amigos. — Vocês poderiam nos esperar junto ao portão? Eu gostaria de discutir os termos de nosso compromisso com minha noiva.

Enquanto Randall e Eloise fizeram como lhes foi pedido, Adelaide se esforçava para deter suas emoções. Ela se perguntava o que o rei teria exigido em troca de sua permissão. Devido aos seus apetites, ela tinha uma certeza nauseante quanto ao que ele desejaria dela. Essa seria outra razão para estar zangada com as declarações apressadas de Armand, de que eles queriam se casar.

— Termos? — disse ela, quando os amigos já não podiam ouvir.

Armand ficou sério, desaparecendo qualquer traço de amor ou sentimento de carinho.

— Devo voltar a jurar minha fidelidade ao rei, diante da corte inteira, assim como pagar trezentos marcos.

— Só isso?

— Só? — repetiu Armand, incrédulo. — Pelo amor de Deus, milady, só? Tenho de me humilhar ao repetir meu juramento solene, como se o primeiro tivesse sido uma mentira, ou como se eu houvesse traído o rei, que me deixou com meus homens para morrermos em Marchant. E embora você possa se valorizar acima de trezentos marcos, isso significa que meu irmão terá de suportar mais tempo naquele calabouço francês. Esse é um dinheiro que mal posso me dar ao luxo de perder, a menos que você possa prover o restante. Pode? Qual é o grau de sua pobreza, milady?

— É sua própria culpa, mais do que minha, que esteja nessa situação — respondeu ela, na defensiva. — Eu não o beijei, milorde. Eu não anunciei que estávamos comprometidos, nem quis estar. No

entanto, estou seguindo suas ações, porque não tenho escolha, e ainda temos de descobrir quem está tramando contra o conde e o arcebispo.

Ela parou e respirou fundo, porém calmamente.

— Quanto ao resgate de seu irmão, não fui completamente sincera sobre as posses de minha família enquanto estive na corte. Não tive o desejo de me tornar ainda mais assediada. É muito provável que minha irmã possa nos mandar os trezentos marcos de Averette, embora leve algum tempo até que possa fazê-lo. O rei exige o pagamento para quando?

— Hoje. E devo fazer o juramento esta noite.

— Tão cedo? Então não temos escolha, a não ser usarmos o seu dinheiro do resgate. — Ela colocou a mão dentro do cinto e tirou um pergaminho. — Vou escrever outra carta para Gillian, pedindo que ela mande os trezentos marcos.

— E ela simplesmente o fará? Assim?

— Sim. Ela confia em mim. — Ela pensou no sofrimento dele, naquele calabouço, e tudo que tivera de suportar pelo serviço ao rei. — Talvez Gillian possa até mandar toda a quantia do resgate. Vou pedir a ela. Depois que rompermos o noivado, você pode nos pagar de volta.

As sobrancelhas escuras de Armand baixaram.

— Romper o noivado?

— Certamente. Você não acha que realmente devemos nos casar, não é?

Aparentemente, ele achava.

— Concordei com os termos do rei.

— Concordo que temos de pedir para ficarmos noivos, pelo que disse e fez, mas não quero me casar com você.

Ele a olhou como se ela o tivesse insultado.

— Por mais terrível que o casamento possa lhe parecer, milady, essa é a única forma para que possamos manter nossas reputações honradas.

Ele não podia estar falando sério... no entanto, a julgar por sua expressão, certamente estava. Não podia ser.

— Apesar dos boatos e mexericos, ou das atenções de homens promíscuos, não ficarei amarrada, pelo resto da minha vida, aos laços do matrimônio a um homem que mal conheço.

Ele parecia perplexo, como a maioria dos homens ficaria, ao ouvir um pronunciamento tão determinado, vindo de uma mulher.

— Não tenho desejo algum de ser posse de qualquer homem — ela esclareceu.

— Um marido certamente seria um amo bem melhor que o rei — respondeu Armand.

— Melhor talvez, mas ainda seria um amo.

Armand obviamente não aceitava o que ela estava dizendo.

— O casamento não precisa ser um jugo, nem a esposa uma escrava. Eu lhe asseguro, jamais serei um tirano.

— Eis um homem falando que, segundo a lei e a sociedade, já tem o direito de mandar em mim, simplesmente pela virtude da diferença de sexo. Pode me prometer, milorde, que serei mais feliz como sua esposa do que como protegida do rei? Que irá me tratar melhor do que apenas um de seus bens? Pode sequer me assegurar de que estarei mais segura da cobiça do rei?

Já que o rei não respeitava o status de nenhuma mulher casada que ele quisesse.

— Se for minha esposa, estará segura. Ele não se atreverá a tocá-la.

Ela o encarava pensativa. Mas o comportamento promíscuo do rei não era sua principal preocupação para evitar o matrimônio.

— E sempre me trataria com respeito? Ouviria minhas opiniões, ou eu só teria valor meramente para dividir sua cama, criar seus filhos e cuidar da casa? Eu seria sua parceira, ou sua serviçal glorificada?

— Eu trataria minha esposa com todo respeito, deferência e consideração que lhe seria devida.

— E você será o árbitro disso?

— E quem mais seria?

Realmente, quem mais? E assim, ele provava não ser diferente de homem algum, apesar de suas belas palavras.

— Independente da ruína de minha reputação, eu jamais me casarei com você, milorde. Uma vez que descobrirmos quem está envolvido na conspiração, nosso compromisso estará rompido.

— E se o rei se recusar a nos deixar romper o acordo? — perguntou ele. — Ele pode insistir que nos casemos.

— Já que nenhum de nós deseja isso, vou persuadi-lo de que se trata de seu próprio interesse não insistir.

— Não duvido que possa fazer isso — respondeu ele, — mas ele pode exigir algo de você, em troca.

— Não será nada que ele já não tenha tentado obter de mim, sem sucesso.

— E se dessa vez ele ameaçar suas irmãs, para fazê-la concordar?

Ele tocara na única razão pela qual ela se daria ao rei. Contudo, não se renderia inteiramente, nem ao rei, nem a ele.

— Então, naturalmente teremos de fingir aceitar o decreto do rei, enquanto adiamos, até que João fique frustrado e ele mesmo rompa o compromisso. Afinal, se nosso noivado for rompido, ele ainda pode me casar com outra pessoa... ou tentar. Se eu precisar, vou para um convento.

Armand olhava, num misto de surpresa e incredulidade.

— Vai se tornar freira?

— Apenas se for meu último recurso. Não tenho desejo algum de me fechar para o mundo.

— Romper um noivado é diferente de simplesmente parar um cortejo — ele frisou, melancólico.

— Tenho consciência disso, e é uma pena que você tenha dito que estávamos noivos, mas só precisamos fingir até descobrirmos quem foi que ouvimos no jardim.

Cruzando os braços, ele apoiou o peso na perna esquerda.

— E depois que os conspiradores forem conhecidos, devo simplesmente atirá-la de volta aos lobos da corte?

— Venho lidando com esses lobos há um bom tempo... e, para alguns, agora serei um petisco bem menos apetitoso. — Talvez pudesse haver até algum benefício para ela em tudo isso, pensou, apesar do que ele fizera.

— Para alguns, não todos.

— Que outra opção temos?

Como ela esperava, ele não teve resposta para isso.

— Agora, milorde, nossos amigos estão esperando e tenho uma carta para escrever. E você precisa levar seu dinheiro ao rei.

Armand deu uma olhada por cima do ombro, para Randall e Eloise, que conversaram baixinho, juntos.

— Sim, nosso soberano está à espera de seu suborno. Ele ergueu a mão dela até os lábios.

— Então, até esta noite, milady. — Os lábios dele se curvaram num sorriso isento de alegria, um sorriso só para mostrar. — Quando teremos de continuar como aparentemente começamos, escravos de nosso desejo.

Irritado, determinado e, acima de tudo, frustrado, Armand se esforçava para esconder suas verdadeiras emoções, ao deixar o jardim. Ele não pedira a Randall que deixasse o jardim com ele, mas o amigo se despediu de Eloise e agora se esforçava ao máximo para acompanhar os passos irados de Armand, que marchava rumo aos aposentos que compartilhavam.

E pensar que ele viera a Ludgershall com um firme propósito — arranjar o dinheiro do resgate de seu irmão — para acabar se vendo enredado numa confusão irritante que estava lhe roubando o único dinheiro que já conseguira juntar, e lady Adelaide agia como se estar noiva dele fosse semelhante a ser banida para uma casa de leprosos.

Enquanto Randall silenciosamente observava, sem dúvida achando que a raiva de Armand devia-se às exigências do rei, Armand foi até a cama estreita e a afastou da parede.

— É uma pena que você tenha que pagar tanto ao rei. — Randall se aventurou a dizer. — Tem certeza de que não posso...

— Não — disparou Armand, enquanto se ajoelhava ao lado da parede.

Ele respirou fundo, se acalmando, depois deu uma olhada por cima do ombro, para o amigo.

— Tudo que preciso é de um empréstimo de dezesseis marcos. Eu nem precisaria disso, se o rei não quisesse o dinheiro hoje. Felizmente, a família de Adelaide talvez não seja tão pobre quanto fomos levados a crer. Ela acha que a irmã talvez possa prover essa quantia, dos bens da família, ou até pagar pelo valor total do resgate de Bayard.

Ele começou a mover as pedras, tirando pedacinhos da argamassa da parede, que caíam no chão. Não desperdiçara todo o seu tempo na cela. Ele se tornara perito em remover pedras e depois as recolocar, antes que o guarda viesse trazer sua mísera refeição, ou remover o balde. Aquilo não lhe fornecera um meio de fuga, mas ajudara a passar o tempo, as horas pesadas, depois da morte de seu escudeiro.

— Isso é maravilhoso! — gritou Randall.

Seria, pensou Armand, se ele não estivesse preocupado em pagar o dinheiro de volta, ou receoso quanto ao que aconteceria com Adelaide, quando anunciassem que o noivado fora rompido.

Apesar do quanto ela estivesse certa de que poderia lidar com as conseqüências, Armand tinha a mesma certeza de que seria mais difícil do que ela pensava. Ela, obviamente, sem surpresa alguma, jamais passara tempo algum na companhia de homens numa taberna. Nunca ouvira a forma como falavam das mulheres, quando não as havia ao redor, exceto as serviçais ou prostitutas.

Armand colocou uma pedra no chão e enfiou o braço dentro da parede.

Xingando baixinho, ele freneticamente apalpava o espaço vazio.

— O que há de errado? — perguntou Randall.

Armand sentou sobre as pernas dobradas e olhou o buraco.

— Meu dinheiro desapareceu.

## Capítulo Nove

---

---

— Como você pode ser tão tolo?

Recostado na parede fria da capela, Francis olhava para as botas e não respondeu a quem o acusava. Ele tremia — porque as pedras estavam frias, dizia a si mesmo, não porque estivesse com medo.

— Eu não toquei em lady Adelaide — sussurrou ele. — E como é que eu podia saber que eles estavam noivos, ou quase isso? Pelo amor de Deus, Armand acabou de chegar aqui!

— Ele trabalha rápido, tenho que lhe dar esse crédito — concordou o acompanhante de Francis, com um sorrisinho malicioso e o rosto mais visível sob a luz oscilante das velas votivas que queimavam, aos pés da estátua da Virgem, que estava próxima.

— Eu também nunca pensei que o rei fosse concordar — disse Francis. — Ele tem andado atrás de Adelaide, tanto quanto qualquer outro.

— Sem dúvida, nosso soberano se lembra de que Armand é um cavaleiro bem treinado e honrado que, ao contrário de você, já provou seu valor em batalha. No entanto, o rei parece favorecê-lo agora, nunca se esqueça disso. Ele o colocará de lado num piscar de olhos se tiver de escolher entre você e Armand, quando for novamente atrás de suas terras na França, como certamente o fará, o pateta ganancioso.

Francis se movimentou, tentando respirar fundo. O ar estava fortemente aromatizado tanto de incenso quanto pelo perfume do acompanhante.

— O serviçal do rei me disse que Armand tem de pagar trezentos marcos pelo compromisso e também jurar fidelidade novamente, perante toda a corte, esta noite.

O amigo de Francis assobiou, depois sacudiu a cabeça.

— Isso é loucura.

— É como se ele estivesse jogando Armand contra si — concordou Francis, alterando sua expressão. — O que foi, você não acha?

— Acho que o rei pretende a humilhação de Armand, para servir de lembrete a todos nós de que possuiu bons homens que juraram servi-lo e continuarão a fazê-lo, apesar do que ele fizer, como um alerta àqueles de nós que hesitarem em sua lealdade.

— Isso, se Armand jurar — respondeu Francis, enfiando os polegares no cinto da espada. — Ele é um bastardo orgulhoso. Tenho pensado em apostar que ele não o fará.

— Nem mesmo sendo a mão de lady Adelaide a recompensa?

— Acho que há mais que amor por trás desse noivado, apesar do que Armand diz. O que ele realmente está pretendendo?

— Você não acha que o homem pode realmente estar apaixonado?

Francis riu com deboche.

— Em menos de uma semana? Não.

— Talvez ele só quisesse roubar esse prêmio delicioso de você e do rei.

— Nisso eu posso acreditar com mais facilidade — disse Francis, com o dedo no cabo da espada. —

Se Armand realmente jurar, também teremos de matá-lo.

— Tudo a sua hora — assegurou o conspirador, enquanto olhava ao redor da capela, vazia, salvo por Francis e as armadilhas da fé. — Tudo a sua hora. Bem, onde diabos está Oliver?

— Aqui, milorde — uma voz baixa respondeu, quando o próprio surgiu, saindo das sombras.

Francis se assustou. Ele havia verificado a capela cuidadosamente, quando entrara para esperar seus companheiros de trama. Não vira Oliver e o homem não poderia ter chegado depois, pois só havia uma entrada para a capela, e estava inteiramente à vista.

Se Oliver estivera ali escondido, ele era ainda mais habilidoso em subterfúgios do que imaginava.

— Marcus partiu? — perguntou o líder ao irlandês.

— Sim. Ele ficará feliz em não ter que interpretar o irmão sagrado, por um tempo. Eu não me surpreenderia se ele seguisse até um bordel em Canterbury, antes de encontrar o arcebispo.

— Você lhe deu o veneno e lhe disse para administrá-lo? Oliver assentiu.

— O vinho deve facilmente disfarçar o gosto.

— Tem certeza de que ninguém será capaz de dizer o que causou a doença?

Oliver sorriu com satisfação.

— Eu o utilizei antes, milorde. Meu pai não durou a noite toda e o mais hábil médico afirmou que havia sido seu coração.

Pela primeira vez, Adelaide ficou aliviada em deixar a companhia de Eloise, quando elas foram se trocar para a refeição da noite. Eloise ficava falando do noivado, enquanto Adelaide preferia não pensar sobre isso, ou em Armand, se conseguisse.

Suspirando profundamente, ela entrou em seu pequeno aposento, que mal tinha espaço para a cama cortinada, a cômoda e os baús que guardavam suas roupas, e fechou a porta atrás de si.

— Milady?

Ela se virou para ver Armand de pé, perto da janela. Uma onda de emoção inegável a percorreu, seguida de breve irritação. Noivo ou não, ele não deveria estar ali.

Antes que ela pudesse falar, ele disse:

— Fui roubado.

— O quê? — resfolegou ela, instintivamente indo em direção a ele. — Roubado? Aqui em Ludgershall?

— Sim, aqui em Ludgershall — respondeu ele, passando a mão nos cabelos. — O dinheiro estava bem escondido em meu quarto. Somente Randall sabia onde estava e confio nele com minha vida.

— Você procurou? — perguntou ela, enquanto tateava a banquetta ao lado da penteadeira e sentou.

— É claro. Randall e eu reviramos o quarto inteiro. Depois fomos até o mordomo comunicar o roubo. De Chevron também ficou chocada e concordou em revistar os aposentos dos empregados.

— E quanto aos quartos dos cortesãos?

— acredite, milady, sugeri isso — disse Armand, começando a andar de um lado para o outro, — mas De Chevron não permitiu. Ele disse que somente o conde poderia ordenar tal coisa. Ele informaria

o conde quanto ao roubo, mas até ter notícias de seu amo, não se arriscaria a insultar nenhum dos convidados do conde.

— Você acha que o rei irá esperar pelo dinheiro, se souber que foi roubado?

A expressão de Armand não lhe deu esperanças.

— Meu encontro com o rei não terminou bem. Acho que ele mandará me prender, se eu não lhe der o dinheiro hoje.

— Sob que alegação? — perguntou ela.

— Traição.

Certamente, nem mesmo o rei desceria tão baixo. Ele não se atreveria!

— Ele já se atreveu a cometer injustiças maiores.

Infelizmente, era verdade, mas só fez aumentar a injúria de Adelaide.

— Não deixarei que ele o coloque na prisão!

A declaração fez surgir um leve sorriso no rosto de Armand.

— Por mais encantado que eu esteja, diante de seu apoio, não tenho nenhum outro meio de pagá-lo, a menos que você tenha trezentos marcos ao seu dispor e não tenha me falado.

Ela sentou novamente.

— Mandeí minha carta para Gillian, mas levará pelo menos três dias para que seja recebida e para que ela mande o dinheiro que pedi.

— Então, receio que nosso noivado já tenha chegado ao fim — disse Armand. — De fato lamento pelo que aconteceu, milady, e pelo transtorno que isso lhe trará. — Ele suspirou. — E é melhor que eu me prepare para mais um período preso numa cela.

Por mais zangada e aborrecida que tivesse ficado por causa das atitudes de Armand, ela não o queria preso, nem queria que os conspiradores tivessem sucesso, nem que Bayard de Boisbaston ficasse preso num calabouço mais tempo que o necessário.

— Eu tenho algo que vale os trezentos marcos. Baixando a cabeça, ela esticou as mãos para trás do pescoço, para tirar o crucifixo da mãe.

— Milady, não.

— Você tem outros trezentos marcos escondidos em algum lugar? — perguntou ela. Ele pareceu angustiado ao sacudir a cabeça, e sua relutância tornou a decisão dela mais fácil de suportar, de alguma forma. — Então, não temos nenhuma outra escolha.

No entanto, apesar de suas palavras intrépidas, a satisfação que sentiu por ele perceber que esse não era um pequeno sacrifício de sua parte, e sua crença de que essa era a coisa certa a fazer, seus dedos tremiam quando ele abriu o fecho. Essa era a única coisa que possuía, da mãe.

Quando Armand veio por trás dela e ergueu o véu, para não atrapalhar, ela tentou ignorar a sensação dos dedos dele roçando em sua nuca.

— Milady, eu gostaria que não fosse preciso fazer isso — disse ele, com voz profunda e baixa, e repleta de mágoa, ao erguer o crucifixo, contornando-a para olhá-la de frente. — Gostaria de ter algo de igual valor que pudesse dar ao rei, mas, como não tenho, dou-lhe minha mais solene jura e prometo que vou pagá-la tão logo possa.

Como é que ele poderia saber que o crucifixo representava para ela muito mais do que o simples valor monetário?

Ele foi até a porta, depois parou na soleira e olhou para ela.

— Adelaide, você tem certeza do que estamos fazendo? Podemos acabar com esse noivado falso agora mesmo, se preferir.

Sem querer deixá-lo ver sua dor, temendo que ele a considerasse fraca, ela o olhou com toda dignidade que conseguiu.

— Mas assim não poderíamos ser vistos juntos, ou o que as pessoas pensariam? Que, depois de lhe dar minha virgindade, eu não posso deixá-lo? Que estou implorando por você, como uma tola? Deus me livre, milorde. Meu orgulho tem de suportar o que tem de ser suportado, se vamos frustrar essa trama.

Ela atravessou o quarto e fechou a mão dele ao redor do crucifixo.

Quando falou novamente, ela estava com a voz mais suave, embora menos determinada.

— Fique tranqüilo, eu posso suportar muito mais, quando as vidas de William Marshall, do arcebispo e de seu irmão estão em jogo. Elas são mais valiosas do que isso.

Ele a olhou de cima a baixo e, para Adelaide, pareceu que seu sacrifício valia a pena, pela gratidão e respeito nos olhos de Armand de Boisbaston.

— Algum dia — disse ele, — os outros saberão o que você fez por eles.

— Já será suficiente que eu saiba — respondeu ela.

— Sei disso — ele a lembrou, beijando-a levemente no rosto antes de sair pela porta.

Depois que ele se foi, Adelaide pousou a mão no local onde ele a beijara e disse a si mesma, repetidamente, que ela fizera o que era necessário, nada além disso.

Embora a ira de Armand tivesse diminuído ao estar com Adelaide, ela voltou com força total, enquanto ele marchava rumo aos aposentos do rei e pensava no sacrifício dela em dar esse crucifixo que obviamente representava tanto para ela. Ele vira a angústia em seus belos olhos, e percebera suas mãos trêmulas quando ela tentou tirá-lo. A dor que ela sentiu o atingiu na alma e duplicou sua culpa, pois ele era responsável pelos boatos que tornara necessária a perda de algo que ela estimava tanto.

O colar que ela lhe dera para subornar o rei era de ouro e esmeraldas e bem antigo e delicado, como as feições de Adelaide, demasiadamente bom e belo para o rei, ou sua rainha.

Mas ele não deixou que o desânimo transparecesse em seu rosto, conforme se aproximou de Falkes de Bréauté, do lado de fora dos aposentos do rei, já esperando que o tolo insolente o impedisse de encontrar o soberano.

Ao contrário, de Bréauté imediatamente abriu a porta, exibindo um sorriso de deboche, curvando a cabeça de modo impertinente.

O aposento do rei tinha pouca luz e era abafado também pelas tapeçarias grossas que o faziam parecer mais uma tenda do que uma sala. O clima da tarde era bom, mas as cortinas estavam totalmente fechadas. Três lareiras de bronze repletas de carvão reluzente aqueciam o cômodo, a um calor quase insuportável. Tapetes caros e pesados revestiam o chão de pedra, abafando passos.

Demorou um instante para que os olhos de Armand se ajustassem ao escuro e, quando isso aconteceu, ele descobriu por que o cômodo estava tão quente e fechado. O rei estava deitado numa banheira de madeira, próxima às lareiras, se deleitando num de seus banhos freqüentes, com os braços para fora da borda e os olhos fechados, como quem está em êxtase. Dois serviçais o atendiam. Afora eles, o rei estava só.

Se fosse um assassino, pensou Armand, principalmente alguém preparado para morrer ao alcançar seu objetivo, essa seria a chance perfeita para agir.

Mas ele não era um assassino e havia jurado proteger esse homem com a própria vida.

— Ah, lorde Armand — disse o rei, abrindo os olhos e dando um sorrisinho satisfeito. — Imagino que tenha o dinheiro.

— Majestade, eu lamento, mas não tenho.

O rei franziu o rosto e se deslocou para uma posição mais ereta, fazendo com que a água espirrasse por cima da borda da banheira e molhasse o chão.

Enquanto um dos serventes se apressou para limpar, Armand disse:

— Meu dinheiro foi roubado.

A expressão do rei relaxou de volta ao sorriso.

— Foi mesmo? Mas que infortúnio o seu, e da dama também.

Armand imaginou se o rei estaria por trás do roubo. Tristemente, ele poderia muito bem acreditar que o monarca não seria detido por nada a fim de manter o controle sobre um de seus nobres. No entanto, se o rei estivesse envolvido no roubo, não havia nada que Armand pudesse fazer a respeito. O dinheiro havia evaporado no ar e ninguém seria culpado.

Graças a Deus, e graças a Adelaide, ele tinha um meio de triunfar sobre o rei, ao menos nesse caso.

— Felizmente, tenho uma outra coisa que vale ao menos trezentos marcos, majestade — disse ele, segurando o crucifixo.

O rei gesticulou para que um de seus serviçais o trouxesse até ele.

— Reconheço isso — disse ele, examinando o objeto. — Geralmente está adornando o pescoço de lady Adelaide.

— Até agora, majestade — concordou Armand.

O rei entregou o crucifixo de volta ao criado, como se não fosse mais que uma bijuteria barata.

— Guarde isso junto com minhas outras jóias. E se alguma coisa minha sumir, você pagará com a própria vida.

Pálido, o serviçal assentiu e foi fazer o que o rei mandou.

Armand esperou que o rei o dispensasse, mas, em vez disso, ele ordenou que o empregado que ficou fosse buscar vinho para ambos.

— Sente-se, milorde — ordenou o rei, apontando para uma poltrona próxima.

Armand obedeceu e aceitou uma taça de ouro com vinho, servida por uma serviçal de meia-idade.

— Então, lady Adelaide paga pelo privilégio de se casar com você — frisou o rei, depois de dar um gole no vinho excelente. Ele observava o rosto de Armand como um gato espreitando um rato. — Estou chocado que ela abra mão disso por você. Pertencia à mãe dela, pelo que sei.

Adelaide devia adorar a mãe, e por isso Armand a invejava. A única mãe que ele conhecera fora sua madrasta, que nunca havia gostado dele. Ela via Armand e seu irmão mais velho como impedimentos da herança de seu próprio filho.

Graças a Deus, Bayard não se sentia dessa forma. Ele fora um bom amigo e companheiro enquanto cresciam juntos. Agora Bayard estava abandonado num calabouço, na Normandia, graças a esse monarca pálido e roliço, sentado numa banheira, como um pedaço de porco salgado.

O rei fechou os olhos e recostou a cabeça na beirada da banheira, expondo o pescoço como se desafiasse Armand a cortá-lo.

— A mãe de lady Adelaide teve uma vida muito infeliz, eu soube. Dizem que seu marido era um tirano cruel. Andei pensando que lady Adelaide não fosse inclinada ao casamento porque lorde Reynard causou na filha uma aversão aos homens. Evidentemente, eu estava errado.

Talvez o pai de Adelaide não tivesse conseguido arruinar totalmente a opinião da filha quanto aos homens, mas provavelmente era o responsável pela aversão que tinha ao casamento.

— Meu próprio pai jamais gostou de lorde Reynard — continuou o rei, — mas, por outro lado, ele raramente gostava ou confiava em alguém. Ele próprio não era nenhum marido exemplar.

Armand deu outro gole no vinho, em vez de comentar sobre o pai do rei.

— Agora que eu mesmo sou um rei, começo a entendê-lo melhor. Um rei não pode confiar em ninguém. — Ele abriu os olhos e sentou ereto, olhando diretamente para Armand. — É uma vida muito solitária, a de um rei.

Os dedos de Armand apertaram o cálice. Ele já ouvira histórias sobre o irmão dele, e suas preferências por homens. Embora o rei tivesse muitas amantes, Armand também sabia que alguns homens gostavam de ambos os sexos.

O rei soltou uma gargalhada debochada.

— Não precisa ficar tão abalado, milorde Armand. Você não é o tipo de amante que gosto. Sua noiva é muito mais do meu gosto.

Armand lentamente pousou a taça sobre a mesa perto dele.

— E eu lhe disse que não vou dividi-la.

— Sim, eu me lembro. No entanto, lady Adelaide tem irmãs, e ouvi dizer que são tão belas quanto ela. Espero que as convide para o casamento.

Ele acenou em direção à porta.

— Agora vá para sua noiva, milorde. Eu o verei no salão, ao renovar seu juramento.

Armand não confiava em si mesmo para responder, ao dar um breve aceno de cabeça e deixar o rei de molho na banheira.

Naquela noite, o salão parecia mais lotado e esplêndido do que nunca, e pairava um ar de excitação. As tochas cintilavam e as velas de cera de abelha queimavam nos candelabros de bronze, nos arcos imensos, pendurados acima das cabeças das pessoas. Os aromas perfumavam o ar, se misturando ao odor de tecidos pesados, que passavam arrastando pelo chão. Os criados se mantinham perto do corredor que dava na cozinha, esperando por um sinal que lhes diria a hora de começar a montar as mesas e trazer a comida.

Uma cadeira grande de madeira entalhada havia sido colocada no centro do palanque, como um trono, tendo ao lado uma cadeira menor e mais leve, sem dúvida para a rainha.

Grupos de cortesãos chegavam juntos e se separavam, como fragmentos de um naufrágio, na maré. As tapeçarias ondulavam nas paredes conforme as pessoas passavam, como se elas também estivessem ansiosamente aguardando.

A essa altura, todos já haviam ouvido falar sobre a cerimônia que aconteceria. Adelaide já entreouvira muitos sussurros inflamados, para saber que vários dos cortesãos estavam esperando que Armand se recusasse a repetir seu juramento, apesar de seu amor por ela. Várias apostas haviam sido feitas sobre isso, mas igualmente havia os que esperavam que Armand fosse fazer conforme o rei comandara.

Ela avistou Eloise ao lado de Randall FitzOsbourne, que estava ansiosamente roendo uma unha, e seguiu na direção deles.

Onde estava Armand? E se ele decidisse que isso seria humilhação demais para suportar? Ela não poderia condená-lo por isso, mas, se ele o fizesse, esperava que ele não tivesse dado o crucifixo de sua mãe para o rei.

Quanto aos deboches, cochichos e insinuações maldosas que teria de aturar, isso aconteceria agora, ou quando Armand não aparecesse, ou mais tarde, quando o noivado fosse rompido.

— Acha que ele fará?

Adelaide gelou. Ela ouvira aquela mesma voz, falando naquele mesmo tom suave e baixo, quando estava escondida na cabana, com Armand atrás dela.

## Capítulo Dez

---

---

Adelaide rapidamente se virou e deparou com a debochada Hildegard.

— Ora essa, se não é a noiva de lorde Armand — disse Hildegard. — Onde será que ele está, eu me pergunto? Cavalgando para casa, feliz em escapar de suas garras, talvez? Afinal, por que ele deveria se unir a uma pobre coitada como você, com mulheres tão mais valorosas na corte?

Adelaide queria arrancar Hildegard do caminho, para que pudesse ver quem estava atrás dela, mas isso seria difícil explicar. Além disso, as pessoas estavam se movimentando demais, mudando de posição, perto do palanque, e sua chance de descobrir quem era o dono daquela voz suave e baixa provavelmente já havia passado.

Zangada pela oportunidade perdida e pelas palavras rudes de Hildegard, Adelaide lançou-lhe um olhar tão hostil quanto o dela.

— Ele virá. Ele me ama e eu o amo. Hildegard fungou.

— Se é o que diz.

— Digo.

Houve uma comoção perto da porta e, com o canto do olho, ela viu Randall endireitar a postura. Ou era a comitiva real, ou Armand.

Era Armand.

Adelaide olhou com alívio e também com uma pontada de ressentimento pelo crucifixo perdido, conforme Armand se aproximava. Ele trajava uma túnica de lã preta, calças pretas e suas botas haviam sido bem engraxadas. Os cabelos estavam penteados, mas não cortados. Ainda exibia uma aparência sedutoramente selvagem, chegando até seus ombros largos.

Estavam presentes vários outros guerreiros que lideraram homens nas batalhas, e lutaram pelo rei, no entanto, havia uma tamanha aura de comando em Armand de Boisbaston que até mesmo os mais experientes, ou de patentes mais altas, lhe abriam caminho.

Da mesma forma, as jovens o olhavam desejosas.

De súbito, ela teve uma sensação emocionante por ele pedi-la em noivado, e foi decepcionante se dar conta de que era apenas uma farsa.

Então, lembrou de seu juramento e o motivo por tê-lo feito, e desviou o olhar do cavaleiro para outra fonte de ruptura. O rei, trajado como um pavão, com um robe longo e bordado, os cabelos

engomados e cortados ao estilo normando, o rosto rechonchudo sorridente, conduzia sua rainha juvenil e diminuta.

Ao se sentar na poltrona estilo trono, ele imediatamente avistou Armand e o sorriso de satisfação em seu rosto deixou Adelaide com uma aversão ainda maior por terem de suportar tanto por um homem desses. No entanto, que escolha tinham, a menos que quisessem uma rebelião ou uma guerra?

Ela foi seguindo seu caminho em meio à multidão, na direção de Armand. Assim também fizeram Randall e Eloise.

Francis estava do outro lado do salão, observando os acontecimentos, com o rosto franzido. Lorde Richard e sir Alfred estavam juntos, perto do corredor que levava à cozinha. Com um frio no coração, ela notou a hostilidade no rosto de sir Alfred, enquanto ele observava Armand.

E se Armand também estivesse correndo o mesmo perigo que William Marshall e Hubert, o arcebispo? Afinal, ele também era leal ao rei e ficaria entre João Sem Terra e qualquer um que tentasse tomar o trono.

— Senhores e senhoras — anunciou o mordomo, antes que eles chegassem até lá, — o rei lhes roga o testemunho para o juramento de lealdade de lorde Armand de Boisbaston a João, com a graça de Deus, rei da Inglaterra, lorde da Irlanda, duque da Normandia e de Aquitaine e conde de Anjou. Lorde Armand de Boisbaston, aproxime-se, preste sua obediência e jure fidelidade ao seu senhor e rei.

Armand seguiu em frente, um rei entre os homens por dignidade e valor, se não pelo título.

Ele parou por um instante e, como todos ao seu redor, Adelaide ficou na expectativa. Será que ele se recusaria, afinal? Será que lembraria ao rei que já havia jurado e quase morrera a seu serviço? Declararia que não se humilharia fazendo isso novamente? Abriria mão do noivado, mesmo sendo falso?

Lentamente, de postura ereta, Armand se ajoelhou e estendeu as mãos para o rei, que as pegou.

Se esse ato teve a intenção de humilhar Armand, o rei errou seriamente. Vendo aquele quadro, ninguém poderia duvidar quanto a quem era mais forte, tanto em atributos pessoais, quanto em honra ou nobreza, mesmo o vendo ajoelhado diante do outro.

Um suspiro pareceu ecoar da aglomeração, enquanto todos, incluindo Adelaide, relaxaram.

Ali perto, sir Oliver cruzou o olhar com o dela, e o manteve. No passado, ela teria achado isso enervante. Agora, ela sorriu também, sem se sentir intimidada, embora não parasse para pensar no motivo.

Então, Armand falou, mantendo a voz firme e forte:

— Juro, diante de Deus e dessa corte, que serei o leal vassalo de João, com a graça de Deus, rei da Inglaterra, lorde da Irlanda, duque da Normandia e de Aquitaine e conde de Anjou.

Pronto, ele havia feito.

— Em retribuição a esse juramento e ao serviço fiel que você já desempenhou — declarou o rei, percorrendo o olhar pelo salão, até chegar a ela, — eu lhe dou em casamento a minha protegida e joia dessa corte, lady Adelaide D'Averette. Aproxime-se, minha querida, e venha estar com seu marido. Sugiro que se apresse, antes que outra dessas damas tente tirá-lo de você.

Adelaide foi ficar ao lado de Armand e sorriu para o rei.

— Ai da dama que tentar tirá-lo de mim — disse ela, falando alto o suficiente para que todos no salão ouvissem.

O rei riu e soltou as mãos de Armand.

— Erga-se, milorde, assumo sua noiva. Nunca deixe que digam que seu rei não é um homem generoso, pois eu realmente poderia ter ganhado muito mais por ela.

O rei riu novamente, e embora os que estavam perto o acompanhassem, o riso era no máximo contido. Isso estava bem perto de ser engraçado, para que alguém pudesse salvar o rei.

Armand agiu como lhe foi dito, estendendo o braço para Adelaide, que suavemente pousou a mão, antes que eles se curvassem diante do rei.

— Obrigado, majestade, por me conceder tal noiva — disse ele.

O rei se inclinou à frente e disse, baixinho:

— Espero que vocês dois se lembrem de minha generosidade e sejam gratos. — Depois, ele levou os dedos até seu mais novo ornamento, um crucifixo de ouro e esmeraldas.

Adelaide teve de morder o lábio para conter as lágrimas de raiva que brotaram em seus olhos. Ela se enojava ao ver os dedos dele, pálidos como minhocas, afagando o colar de sua mãe.

E pensar que esse era o homem cujo reino eles estavam tentando salvar. Eles deviam esquecer o que tinham ouvido quanto à conspiração e deixar que isso seguisse seu curso... exceto pelo fato de que as mortes do arcebispo e de William Marshall seriam o preço.

— Majestade — disse Armand com voz baixa mas impressionantemente séria e determinada. — Devo lembrá-lo de que minha noiva não é um objeto a ser compartilhado, nem mesmo com o senhor?

Ela jamais ouvira alguém falar com o rei daquela forma, nem mesmo William Marshall. Ela realmente podia acreditar que Armand a protegeria do rei, ou de qualquer outro inimigo.

Essa percepção fez com que ela se sentisse... estranha. Não fraca, porém mais forte e confiante do que jamais se sentira antes.

O rei sorriu, embora o sorriso não lhe tenha chegado aos olhos.

— Você está dispensado.

Depois de outra rápida reverência, Armand e Adelaide desceram do palanque. Conforme seguiam na direção de Randall e Eloise, Armand assentia em resposta aos cumprimentos de outros cortesãos, assim como Adelaide, até que Francis surgiu, como um convidado indesejado.

— Preciso dar meus cumprimentos ao feliz casal — disse ele, com o mais falso dos sorrisos.

Em retribuição, Adelaide deu um sorriso radiante, mas igualmente sem significado.

— Obrigada, nós estamos muito felizes.

— Sim, estamos — disse Armand com sua voz baixa e sedutora, causando arrepios pelo corpo dela. Seu olhar era tão repleto de um evidente desejo genuíno que a deixava sem fôlego.

Francis já não estava tão presunçoso.

— Tome cuidado, milorde, para não se esquecer e tomar sua noiva aqui mesmo no salão, da forma como fez no jardim.

Lady Jane, que estava perto com a mãe, resfolegou diante da rudeza do comentário.

— O quê? — perguntou lady Ethel. — O que foi que ele disse?

— Não posso repetir, mama — disse lady Jane, com um vigor inesperado. — Tal linguajar na corte do rei!

Armand, por outro lado, ignorou tudo, mas Francis, assim como ele, continuou sorrindo, embora seus olhos estampassem o deboche.

— Se não consegue ser civilizado, Francis, talvez eu lhe sugira manter silêncio.

— Parece ter perdido seu senso de humor, milorde — respondeu Francis.

— Várias semanas num calabouço tendem a roubar um pouco do bom humor, principalmente quando bons homens morrem, enquanto outros que têm muito menos a oferecer vivem calmamente no conforto — respondeu Armand, sua voz parecendo um chicote.

Francis ergueu as sobrancelhas e os olhou, aparentemente com um remorso verdadeiro, a menos que se reparasse direto em seus olhos.

— Perdoe-me por aborrecê-lo e à sua dama, milorde. Não tive a intenção de insultar.

— Não tema sir Francis — disse Adelaide, afagando o braço musculoso de Armand, e dizendo a si mesma que isso era parte da representação. — Tenho certeza de que qualquer coisa que disser esta noite será esquecida amanhã.

Armand passou o braço ao redor dela e a puxou para perto.

— Eu já esqueci — disse ele, com uma voz baixa e rouca que a fez sentir como se estivesse derretendo, como manteiga sob o sol.

Ela poderia ter esquecido mais que Francis, se o mordomo do salão não tivesse ordenado aos criados que preparassem tudo para a refeição.

— Venha, milady. Estou faminto pela comida, assim como por seus doces beijos.

Ela assentiu sem dizer nada e deixou que ele a conduzisse até uma mesa.

E embora estivesse quase dominada pela luxúria inspirada pelo belo cavaleiro ao seu lado, ela percorreu o olhar pela multidão do salão. Quem desses homens era o conspirador que ela voltara a ouvir esta noite?

Quem quer que fosse, ela teria de encontrar um meio de dizer a Armand que ao menos um dos traidores ainda estava em Ludgershall.

Adelaide apenas beliscou os vários pratos, incluindo uma salada verde com molho de vinagre, azeite e ervas, três tipos de peixe, seguidos de carneiro assado, enquanto esperava pela oportunidade de falar com Armand.

Infelizmente, ele parecia mais inclinado a conversar com Eloise, que sentava-se à sua esquerda, enquanto Randall estava à direita de Adelaide. Entre a falta de atenção de Armand e o volume da música, ela não se arriscava a elevar a voz e dizer a ele o que ouvira, e também não conseguia ouvir muito do que a amiga e Armand conversavam.

Então, ela tentou aproveitar o banquete. Marshall ordenara ao mordomo e lacaios que fizessem tudo ao seu alcance para alimentar, entreter e manter o rei confortável. O mordomo de Ludgershall estava cumprindo essa ordem de forma admirável. A quantidade de comida, dinheiro, vinho ou cerveja que seria deixada em Ludgershall depois da partida do rei era outra questão. Adelaide duvidava que houvesse muita coisa até a próxima colheita. Mas, por outro lado, Marshall e seus homens se deslocariam junto com o rei, deixando essa casa com a chance de se recuperar, antes que seu amo e sua comitiva regressassem.

Armand esticou a mão para pegar outro pedaço de pão e seu braço roçou no dela. Ela tentou ignorar a sensação de seu toque, enquanto dizia a si mesma que não tinha importância que o dote de Eloise fosse mais que o seu. Afinal, Eloise não gostava dele. Ou, ao menos, não havia gostado. Armand indubitavelmente dava uma impressão muito melhor, depois de se tornar conhecido e era um homem deslumbrante. Ali havia mulheres com dotes até maiores, e várias delas o observavam tão atentamente que ela não ficaria surpresa se comesçassem a babar.

Ela deveria dizer algo a Armand, ali, agora, sobre ter ouvido novamente o conspirador. Podia se aproximar e cochichar no ouvido dele. Amantes não cochichavam assim? Ninguém repararia — e isso não era precisamente o motivo por eles estarem fingindo o noivado?

— O que espera dele, milady?

Adelaide quase derrubou seu vinho, diante da súbita pergunta de Randall, feita com tanto fervor, quando ela estava prestes a falar com Armand.

— Perdoe-me, porém mal o conhece, milady — disse ele. — Não duvido que creia amá-lo. Sei que o amor pode arrebatá-lo como um raio. E Armand é um homem bom, o melhor deles, embora, na verdade, não tenha tido a mais amável das famílias. Mas ele é vorazmente leal e sempre irá tratá-la bem.

Ela pensou na paixão dos beijos de Armand, mesmo não estando apaixonado por ela, e na forma como ele continha a raiva, quando era atizado.

— Não acho que a esposa de Armand terá qualquer motivo para duvidar de sua devoção, ou temê-lo.

— Espero que, da mesma forma, milady seja uma esposa boa e fiel para Armand — disse ele.

— Quando eu me casar — respondeu ela, apesar de sua promessa de jamais se casar, — eu jamais irei desonrar meus votos, pode ficar certo disso, e quando der meu coração, será por toda a vida.

Aquilo fez surgir um sorriso no rosto de Randall. Entre isso e seu topete, ele certamente parecia travesso e ficou mais fácil entender a amizade entre esse sujeito quieto e gentil e Armand de Boisbaston, assim como a atração que Eloise sentia por ele.

Adelaide esticou o braço para pegar o cálice e deu um gole. E ficou pensando no que a teria impulsionado para falar de seu coração.

— Você deve ter ficado feliz em vê-lo sair do cativeiro e regressar em segurança à Inglaterra.

— De fato, fiquei — respondeu Randall, enquanto picava um pedaço de pão em pedacinhos. — Seu mordomo arranhou tudo que podia nos fundos da propriedade para levantar o resgate de Armand, e dei o que pude. O abade do monastério que fica perto da propriedade da família dele, lembrando de toda a gentileza que lhes dispensavam, embora costumássemos roubar maçãs, quando meninos... bem, Armand as roubava e eu as comia — confessou, — mas também deram tudo que podiam. Depois que arranjei o dinheiro, fui até o castelo onde ele estava detido. Realmente acredito que não cheguei nem uma hora antes do tempo. Mais um dia e Armand teria morrido naquela cela. — Randall estremeceu. — Se o inferno não for de labaredas, acredito que seja um lugar frio e escuro daquele jeito.

Adelaide também estremeceu.

— Ele é sortudo em ter um amigo tão bom.

— Somos bons amigos desde a infância, milady — respondeu Randall, com o sorriso clareando o astral sombrio que havia recaído sobre eles. — Ele era meu protetor e eu, seu professor particular. Armand não era nenhum sábio quando se tratava de latim, ou grego, e sua aritmética era ainda pior.

— O pai dele tencionava mandá-lo para a igreja? — perguntou ela, apesar de não conseguir imaginar Armand como padre, ou mesmo celibatário.

— Ele tinha de ser o melhor dos nobres das terras, como Simon, seu irmão mais velho. Bayard, também. Seu pai esperava que eles fossem os melhores em tudo. Cavaleiros podem ser mais que soldados, milady, e o pai de Armand pretendia que eles chegassem ao mais alto escalão do conselho do rei, e viajassem a negócios da realeza.

— Alguns pais, tendo ou não a intenção, forçam seus filhos a competir pela honra, ou predileção — disse Adelaide, embora ela e as irmãs não tivessem que suportar esse fardo. Seu pai achava que as três filhas eram inúteis, exceto para trocá-las como boas noivas.

Randall assentiu.

— O pai de Armand tinha Simon como predileto, e a mãe de Bayard mimava o próprio filho. Armand cresceu praticamente sozinho, milady, mas amava demais Bayard para guardar rancor dele devido à preferência da mãe, e admirava demais Simon para se tornar amargo.

Embora Armand não tivesse sucumbido ao ressentimento, nem ao ciúme, que infância faminta de amor ele deve ter tido! Ao menos, ela tivera o amor e a devoção da mãe, antes de sua morte.

Ela podia até adivinhar o que Randall pensaria dela, quando soubesse que o noivado havia sido rompido e era doloroso saber que ela perderia a boa opinião desse jovem.

— O que está dizendo a Randall, para que ele esteja tão sério? — perguntou Armand, interrompendo-lhe os pensamentos. — Devo ficar enciumado?

— Não, a menos que eu deva invejar Eloise — ela respondeu e depois instantaneamente se arrependeu das palavras precipitadas, quando viu uma centelha de diversão nos olhos dele.

A mão dele, forte e quente, cobriu a dela, causando uma sensação que preencheu seu coração de intenso prazer, que ela nunca experimentara antes, exceto quando ele a beijara.

— Ela é uma dama muito encantadora — respondeu ele, se aproximando. — E posso ver por que você gosta dela, mas, nem de perto, é fascinante como você.

Isso certamente também fazia parte da encenação e ela não podia se esquecer, apesar do quanto fosse excitante ver a expressão, suas palavras e o toque de sua mão. E ela deveria se aproveitar desse momento.

— Preciso falar com você, em particular.

Ele franziu as sobrancelhas por uma fração de segundo, antes de afagá-la na bochecha, e aquele ato suave causou outra onda de excitação que ela tentava não notar.

— Eu estava pensando a mesma coisa, amada.

Teria ele ouvido também o conspirador ou talvez descoberto algo importante?

— Estou cansado de passar meus dias no castelo e amanhã parece que será um dia de clima bom e ensolarado — disse ele. — Tenho certeza de que o mordomo do conde não se negará a nos emprestar dois cavalos... ou quatro, se Randall e lady Eloise também quiserem nos acompanhar?

Por que ele queria que Eloise e Randall fossem junto?

Porque isso afastaria um pouco dos mexericos e, já que eles supostamente estavam noivos, Eloise e Randall não ficariam desconfiados, caso eles buscassem alguns momentos sozinhos, segundo a lógica de sua mente.

A companhia deles também evitaria que Armand tirasse vantagem da situação, caso ele ficasse tentado.

Ou se ela ficasse, sua consciência sugeriu.

Provavelmente seria melhor nem sair com ele a cavalo.

— Melhor antes.

— Por mais encantadora que possa ser a idéia de estar a sós com você, num canto escuro — respondeu ele, baixinho, — considerando a velocidade de nosso namoro e minha disposição de me humilhar por seu amor, receio que seremos atentamente vigiados esta noite. Seria arriscado demais. A menos que você ache que vale a pena.

Já que ela não sabia a quem ouvira pela segunda vez, e pelo fato de os conspiradores aparentemente se sentirem seguros o suficiente para permanecerem em Ludgershall, ela decidiu que não era urgente — principalmente ao lembrar a empolgação perigosa que sentiu ao ouvi-lo falar em estar com ela, num canto escuro.

— Pode ser amanhã — disse ela, torcendo para que não fosse um erro. — Talvez possamos ir até Pickpit Hill. Dizem que foram os druidas que o construíram e ainda não vi.

E ela ficaria sobre o cavalo, onde não haveria possibilidade de contato físico. Nem beijos.

Ela percebeu que o mestre de cerimônias havia silenciado os músicos e que a atenção de todos estava voltada para eles.

— Lorde Armand — disse o rei, — vou repetir, pode se desgrudar de lady Adelaide e vir jogar uma partida de xadrez?

— Com prazer, majestade — disse Armand, antes de pegar a mão dela e levar aos lábios, pressionando a boca morna. — Afinal, terei muitas noites para estar com minha dama, quando ela se tornar minha esposa.

Alguns cochichos empolgados começaram dentre as mulheres, assim como risos em meio aos homens e risadinhas das mocinhas mais jovens.

— Mas que juventude é essa, de hoje em dia? — disse lady Ethel. — Mas que exibição vulgar!

Adelaide não achou o beijo dele vulgar, mas sim desconcertante.

— Milorde — sussurrou ela, por entre dentes. — Está nos transformando num espetáculo.

— Estou? — murmurou ele e a soltou, olhando-a com um olhar endiabrado. — Foi apenas uma demonstração de meu amor, milady.

Ele se aproximou novamente e falou bem baixinho:

— Imagine o que eu faria, se estivéssemos realmente noivos. Deixando-a com essa idéia inquietante, ele saiu faceiro na direção do palanque, como se fosse o dono do salão.

Francis fazia uma cara feia, enquanto observava Armand beijando a mão de Adelaide.

— Ora, vamos, Francis! Por que está tão tristonho? — disse lorde Richard, sentando-se ao seu lado, num banco. Ele ajustou o fecho de sua túnica bordada, sobre a camisa branca de linho.

— A dama fez sua escolha, e o que tem isso? Logo Armand estará de volta na Normandia, tentando recuperar as terras perdidas do rei, e ela será deixada em casa. Com alguma sorte, da próxima vez, Armand não voltará.

— Minha nossa, milorde, mas essa afirmação o faz parecer tão sem coração — disse lady Hildegard, de um lugar próximo.

— Pareço? — perguntou lorde Richard, se virando para ela, erguendo uma sobrancelha interrogativa. — Eu diria prático.

— E devemos ser práticos nos assuntos do coração, milorde?

— Se formos sábios, milady.

Franzindo o rosto, Hildegard se perguntou se ela deveria ficar de olho em outro homem, enquanto pegava seu vinho.

— Eu não teria acreditado, se eu próprio não tivesse visto — disse sir Alfred, enquanto entregava um saquinho de prata a Charles de Bergendie. — Um homem orgulhoso como aquele, fazendo seu juramento pela segunda vez.

— Eu jamais me humilharia daquela maneira — declarou sir Edmond, olhando para eles com a confiança da juventude.

— Ora, vamos, por que não? — perguntou Charles. — Que mal há em repetir, quando o prêmio é uma mulher como aquela?

— Ela já deu a ele o que deveria — disse Alfred.

— É o que dizem — respondeu Charles. — No fim das contas, talvez ela não tenha dado.

O grupo inteiro de jovens cavaleiros olhou para a jovem, enquanto seu noivo seguia em direção ao palanque, cada um deles pensando em como seria fazer amor com ela, e principalmente em ser o primeiro.

— De Boisbaston é um bastardo de sorte — murmurou Alfred, ao pegar mais vinho.

— Eu não diria isso — replicou Charles, enquanto observava Armand tomar seu lugar, de frente para o rei, do outro lado do tabuleiro de xadrez.

Armand resfolegou quando sentiu a água fria bater em seu rosto, na manhã seguinte. Recostado junto ao lavabo, ele respirou profundamente. Randall já havia saído para a missa e para o café da manhã. Ele resmungara, quando Randall o havia chamado, puxando as cobertas por cima da cabeça dolorida e voltando a dormir.

Ele deveria ter deixado os soldados muito tempo antes do que o fez. Até a hora em que eles terminaram o primeiro odre de vinho, ele percebeu que nenhum dos soldados que estava no salão era

um dos conspiradores. A maioria era de gauleses, com um sotaque acentuado na voz. Alguns vinham da Gasconha, e um ou outro procedia do norte. O restante, assim como Godwin, era nativo de Wiltshire, e ele os reconheceu por ter visitado o local anteriormente.

Pelo amor de Deus, que noite! Primeiro, a humilhação de ter que fazer novamente o juramento, depois aquele tormento de ficar sentado ao lado de Adelaide enquanto jantavam, sabendo que o noivado era uma encenação. No entanto, era movido pelo desejo, a cada vez que olhava para ela.

O desafio de jogar xadrez com o rei, na realidade, fora um alívio. O rei era um jogador astuto, portanto, ele tivera de jogar prestando muita atenção. O soberano acabou ganhando o que o deixou de bom humor. Por um instante, Armand se atreveu a esperar que o rei fosse devolver o crucifixo, com o qual brincava durante o jogo.

É claro que ele não o fez. Em vez disso, maliciosamente comentou que lady Adelaide parecia ter se retirado, sem dar boa noite.

— Eu nunca a achei uma mulher modesta, mas talvez sua demonstração de afeição tenha sido demais para ela.

— Talvez — respondeu ele com um sorriso, deixando que o rei pensasse o que quisesse, enquanto chamava a rainha e também se retirava para a cama.

Ele não sentira motivo algum para sorrir nas vezes em que avistou Adelaide conversando com outros cortesãos durante o jogo. Isso era necessário, se pretendiam encontrar os conspiradores. Eles não iam mesmo se casar, mesmo assim ele sentira ciúme.

O que era profundamente ridículo. Adelaide nada tinha a ver com a mulher com quem ele queria casar, mesmo sendo linda. Era arrogante demais, convicta demais das próprias idéias. De seu valor.

No entanto, quando a beijava ele esquecia de tudo, exceto o desejo que ela inspirava, sua inteligência, coragem, seu orgulho, até que ela deixara bem claro que, apesar do que seu beijo pudesse sugerir, ela só estava com ele por necessidade.

Ele jogou a cabeça para trás e sacudiu os cabelos, tirando-os do rosto, depois os penteou para trás, com os dedos. Ele não gostava da idéia de cavalgar com Adelaide esta manhã, mas era óbvio que ela tinha algo a lhe dizer e ele precisava contar-lhe sobre a ordem do rei quanto às suas irmãs.

Ele foi até a cama, pegou a camisa que estava em cima, passou pela cabeça e foi até a janela. Era um lindo dia de verão, perfeito para cavalgar. Talvez isso o ajudasse a espairecer e seria bom ficar longe da corte, principalmente do rei.

No pátio abaixo os empregados circulavam, cuidando de seus afazeres. A fumaça subia da chaminé da cozinha. Alguns soldados estavam a caminho de render o plantão de seus companheiros do portão, ou na patrulha ao longo do pátio. Alguns ainda levavam sobras de pão preto, outros conversavam com os colegas.

Ele não havia conhecido todos os soldados de Ludgershall, portanto, ainda era possível que os assassinos estivessem entre eles. Ele desconfiava que um soldado pudesse estar envolvido, porque eles eram treinados para matar e tinham experiência em fazê-lo. Um homem que nunca tirara a vida de outro talvez falhasse quando chegasse a hora, apesar do quanto sua causa fosse justa. Ele já vira isso acontecer antes em batalha. Seu jovem escudeiro, o pobre do Albert, tinha vomitado e quase desmaiou da primeira vez em que viu um homem morrer de modo sanguinolento.

Ele também não excluía os serviçais, nem os clérigos. Como dissera a Adelaide, alguém podia vestir as roupas apropriadas e alegar ser qualquer coisa. Ele provavelmente passaria por um padre, se quisesse, graças à ajuda de Randall com o latim e o grego.

Ou talvez não, pensou quando lembrou do desejo que Adelaide lhe despertava. Deus que o ajudasse, pois ele já sentira desejo por mulheres antes, mas aquelas atrações anteriores pareciam meros

anseios quando comparadas à força do desejo físico que Adelaide despertava.

O que havia nela que mexia tanto com ele?, ele se perguntava enquanto enfiava a camisa para dentro das calças e colocava a túnica de couro. Teria sido por causa da forma como eles haviam se conhecido? Ele quase caíra na gargalhada diante da visão de uma mulher nobre e bem vestida, à mercê de uma bolinha de pelo, até perceber que ela estava realmente sentindo dor.

Depois, ficara estarrecido ao deparar com aqueles olhos gratos, de uma mulher de beleza estonteante. Ele imediatamente se sentira como um mendigo esfarrapado, um ninguém... até que ela sorriu. Então, ele se sentiu orgulhoso como no dia em que se tornou cavaleiro.

Fazia semanas que não se sentia orgulhoso de si mesmo.

Ele afivelou o cinturão da espada ao redor da cintura. Será que isso explicava a intensidade de seus sentimentos por essa mulher, o fato de que ela o fizera se sentir orgulhoso e valoroso novamente? E seria orgulho ou desejo, que o alertava, quando ele via a forma tão diferente como ela agia em relação a outros homens?

Ele sentou na cama e esticou a mão para pegar a bota. Enfiou o pé e encontrou algo preso na ponta. Intrigado, ele tirou o pé e enfiou a mão na bota, achando um saquinho de couro.

Cheio de moedas.

Ele despejou o conteúdo em cima da cama, e o tilintar formou um monte de ouro, prata e cobre e ele ficou olhando, por um instante. Seria possível...?

Ele começou a contar e sua suspeita rapidamente se confirmou. O saco de couro tinha 284 marcos. Seu dinheiro desaparecido.

O ladrão só podia ter devolvido, pois nenhuma outra pessoa teria necessidade desse subterfúgio. Mas por quê? E como ele explicaria a Adelaide, que dera seu crucifixo e escrevera para a irmã, pedindo a quantia inteira pelo resgate de Bayard?

Ele passou a mão nos cabelos e tentou decidir o que fazer.

Talvez não precisasse contar a Adelaide sobre o dinheiro recuperado. Afinal, ele não podia obter o crucifixo de volta do rei, e ela já escrevera à irmã, pedindo o dinheiro do resgate.

Mais tarde, poderia simplesmente dizer que tivera algum tipo de sorte inesperada, ou que o resgate de Bayard havia sido reduzido, ou algum outro tipo de... mentira.

Havia poucas coisas que Adelaide gostava mais do que montar, principalmente quando isso a distanciava da corte, e num lindo dia como esse. Nuvens cheias e brancas pontilhavam o céu, como se fosse algo que Deus imaginara para seu próprio prazer. Um falcão passou lentamente planando. O ar estava fresco, com o aroma da vegetação molhada pelo orvalho, o chão úmido e um leve cheiro de lenha queimada, vindo das carvoarias da floresta, o cheiro parecendo um sussurro na brisa. Por trás de um espinheiro, ela pôde ver uma casinha de camponeses, feita de pau a pique e ouviu os gansos grasnando, galinhas cacarejando, enquanto uma mulher jogava comida.

Armand cavalgava silenciosamente ao seu lado e ela gostava do silêncio, embora mais tarde precisasse contar a ele sobre a voz que ouvira na noite anterior, no salão. Por hora, ela aproveitaria um tempo para apreciar a distância dos cochichos, dos mexericos e das tentativas de favorecimento, para estar onde não precisasse pesar cada palavra, como geralmente fazia — algo que gostaria que Armand tivesse feito.

Eloise e Randall vinham atrás a uma curta distância, conversando alegremente. Adelaide torcia para que isso fosse um sinal de que um dia eles se casassem. Ela queria que a amiga fosse feliz, e Eloise queria muito se casar e ser mãe. Randall era um bom homem e provavelmente lhe daria essa felicidade.

Para ela, no entanto, o casamento ainda era algo a ser evitado, mesmo se que ela começasse a perceber que nem todos os homens eram monstros egoístas que só pensavam em seus próprios prazeres

e no sucesso. Contudo, ela não queria se unir a um homem pelo resto da vida, dar-lhe o poder sobre seu corpo e seu futuro, vê-lo tomando todas as decisões, independente de a afetarem ou não.

Mais atrás vinham dois guardas, pois o mordomo, Walter de Chevron, insistira para que levassem escolta. Ela notara a camaradagem entre os guardas e Armand, apesar da diferença de patente. No entanto, embora Armand tivesse rido e brincado com eles, ao montarem e se prepararem para sair, a reação dos soldados foi tão respeitável quanto amistosa. Parecia que Armand de Boisbaston tinha a habilidade de inspirar tanto o respeito quanto a afeição, como Gillian, que conseguia brincar com os empregados mas jamais precisava lhes dizer duas vezes para fazer algo.

Seria porque ele, assim como Gillian, era o filho do meio? Seria isso algum tipo de compensação, por não ser o mais velho e poderoso, nem o caçula mimado?

Como a mais velha, ela sempre tivera de ser responsável. Tinha de liderar, sem esperar afeição como retribuição.

Ela deu outra olhada em seu companheiro, conforme passavam por um carvalho, observando seus cabelos longos, parecendo uma juba. Olhando para ele era fácil ver como os gregos teriam imaginado uma criatura metade homem, metade cavalo.

Armand a flagrou olhando para ele, e seu sorriso pareceu uma carícia que chegou até ela.

— Dia lindo, milady. Faz muito tempo que não desfruto de um dia tão bonito, ao lado de uma companhia tão bela.

Uma pequena vibração se espalhou por seu corpo ao ouvir as palavras, mas ela lembrou a si mesma que tinha negócios mais importantes do que se deleitar em flertes, mesmo que tivesse que aparentar dessa forma.

Por esse motivo — e somente por esse motivo — eles deveriam se afastar dos outros.

Ela bateu com os calcanhares nos flancos da égua, fazendo-a partir a galope pela estrada acima. Pelotas de lama voavam das patas do bicho e as árvores passavam depressa. Mesmo assim, ela podia ouvir Armand atrás, numa perseguição inflamada.

Seu sangue acelerou com a empolgação da perseguição, malgrado sua causa. A frente, pôde avistar a silhueta de Pickpit Hill. Os flancos da égua se contraíam conforme ela incitava o animal a prosseguir. Querendo chegar primeiro. Precisando vencer.

O capuz de sua capa caiu para trás, e ela pôde sentir o vento no rosto. Na estrada à frente, havia um galho grosso de carvalho, caído. Em vez de guiar o animal para contorná-lo, ela deixou que a égua saltasse, caindo do outro lado, mas sem diminuir o ritmo nem por um instante.

O cavalo de Armand vinha logo atrás, até que ele empacou diante do galho. Ela sabia disso porque o ouviu xingar.

Ela diminuiu a égua para um trote e se virou para olhar Armand e o cavalo que o mordomo o deixara pegar emprestado. Ele estava pateando ao redor do galho, como se fosse uma cobra.

— Parece, milorde, que minha égua tem mais coragem do que um garanhão — disse ela, rindo, — enquanto esse cavalo do conde é mais nervoso que uma noviça.

Armand obviamente não estava nada satisfeito com seu cavalo, nem com a observação dela.

— É nisso que dá pedir cavalo emprestado — resmungou ele. — Acho que meu pobre pangaré teria pelo menos tentado.

Adelaide afagou o pescoço da égua.

— Bem, não fique muito aborrecido, milorde. Deu para ver que não foi o cavaleiro, e sim o cavalo.

Ele assentiu ao descer da sela.

— Imagino que essa corrida tenha tido outro motivo, além de me mostrar que você monta muito bem. Tem algo a me dizer, milady?

Ele ficou de pé, ao lado da montaria dela e estendeu os braços silenciosamente, oferecendo ajuda para que ela apeasse.

O que significaria segurá-la nos braços, praticamente num abraço.

— Sim, tenho — disse ela, ignorando a pose dele. — Ontem à noite, antes da cerimônia...

— Desculpe minha interrupção, mas não acho que essa seja a forma como dois amantes conversam, e Randall e Eloise estarão aqui em breve. Você poderá falar mais baixinho se estivermos próximos, e já estamos quase na colina. Podemos seguir pelo caminho. — Com um aceno de cabeça, ele indicou um caminho estreito, passando por um espinheiro, que conduzia a uma pequena colina logo atrás. Infelizmente, ele estava certo.

— Já que você tem mais experiência em como amantes devem se comportar, vou me dobrar ao seu conhecimento — respondeu ela, relutante. — No entanto, posso apear sozinha.

— Como queira.

Ela jogou a perna e a saia por cima da sela e falou no instante em que estava no chão:

— Quando eu estava esperando pelo seu juramento, ontem à noite, ouvi um dos conspiradores atrás de mim. Mas quando me virei para ver quem era, dei de cara com Hildegard e não consegui ver além dela. A multidão estava se movimentando, portanto, não consegui descobrir quem era.

— Poderia ter sido um empregado?

— Naquela hora, eles não estavam no meio dos cortesãos. Armand pegou as rédeas da égua, junto com as do seu cavalo; e começou a caminhar subindo a colina.

— Passei várias horas em companhia dos guardas do castelo, ontem à noite, e a maioria é de galeses ou de Ludgershall. Há outros soldados que pertencem aos nobres que estão ficando aqui. Mas não ouvi ninguém que parecesse com os conspiradores, embora eu possa ter deixado de ver alguns, que estavam de guarda.

— Certamente não poderiam ter sido soldados os que ouvimos — disse ela caminhando ao lado dele, tomando cuidado para evitar as poças de lama. — Suas vozes e sotaques mostravam que os conspiradores eram homens bem educados.

— Nem todos os soldados, ou guardas, são camponeses ignorantes. Alguns podem ser filhos caçulas de nobres, ou de mercadores que atravessam dificuldades, ou uma mudança na sorte da família. E um soldado é treinado para matar, milady. A consciência de tal homem irá perturbá-lo muito pouco, e seu desejo pelo dinheiro pode ser grande.

— Eu não havia pensado nisso — admitiu ela. — Achei que talvez fosse mais provável ser alguém fazendo o papel de clérigo ou administrador, pois eles são educados. Mas quando eu estava com os funcionários do rei, outro dia, também não reconheci as vozes.

— Ao menos parece que estamos diminuindo o campo, um pouquinho.

— Um pouquinho — concordou ela. — Contanto que haja a possibilidade de que os conspiradores ainda estejam aqui, nós precisamos continuar procurando. Você mandou a mensagem para o conde?

— Sim, embora tivesse de ser vaga. Ainda assim, ele é um homem cauteloso por natureza e bem capaz de se defender, portanto tenho confiança de que estará seguro. Porém, o arcebispo... isso foi mais complicado. Perguntei a Randall, de uma forma geral, a respeito de seus amigos em Canterbury, e dei a entender que pode ser uma boa idéia sugerir a eles que, durante essa época perigosa, o arcebispo tome cuidados redobrados. Temi que mais do que isso fosse arriscado. Contudo, rezo a Deus para que encontremos os traidores em breve.

Eles chegaram ao pé da colina supostamente criada pelos druidas e olharam acima, a superfície gramada e macia, com círculos de erva-traqueira e ubiáceas amarelas.

— Então, Hildegard a confrontou no salão, não foi? Subitamente deixando seu devaneio, ela descobriu um ar de diversão nos olhos escuros de seu companheiro.

— O que ela queria? — perguntou ele.

— Ela não aprovou nosso noivado. Bem, para ser mais precisa, é a mim que ela não aprova.

— Randall diz que ela está praticamente noiva de lorde Richard.

— Eloise acha que não. — Ela não pôde resistir e acrescentou: — Sua chegada parece ter causado um pouco de confusão na corte.

A expressão divertida desapareceu do rosto de Armand e ele amarrou as rédeas num galho baixo de olmo.

— A única pessoa que quero aborrecer é o rei.

— Você não tem culpa de ser bonito — disse ela.

— Da mesma forma que você não tem como evitar ser linda — respondeu ele, virando-se na direção dela, falando naquele tom profundo e baixo, que fazia seu coração disparar. — Soube que suas irmãs também são bonitas.

Ela franziu as sobrancelhas, imaginando o que o fizera lembrar de Gillian e Lizette.

Ela podia arranjar pelo menos uma razão para que ele tivesse pensado em Gillian.

— Gillian irá mandar o dinheiro, assim que puder — ela o tranqüilizou. — Acredito que já poderá estar aqui depois de amanhã.

Em vez de parecer aliviado, Armand franziu o rosto.

— Por mais satisfeito que fique em ouvir isso, eu não estava pensando no dinheiro. O rei me ordenou que convidasse suas irmãs para nosso casamento.

Adelaide enlaçou as mãos fortemente e lutou contra o desânimo.

— É claro. Agora que já fiquei comprometida, ele quer oferecê-las como prêmios e recompensas. Ele também tentará seduzi-las — acrescentou ela, a voz repleta de aversão. — Graças a Deus não haverá casamento, portanto, elas não terão que vir e eu posso ficar na corte para protegê-las.

— Você quer dizer mantê-las a salvo do rei e de algum outro patife sedutor?

Ela decidiu que chegara a hora de esclarecer a ele quanto ao seu propósito na corte, para que entendesse o que ela realmente estava fazendo ali — algo que ainda não explicara a Eloise.

— Não vim para a corte simplesmente para me divertir, milorde, nem porque o rei mandou. Estou aqui para nos manter longe do casamento ao bel prazer do rei, pelo maior tempo que eu puder. Enquanto faço isso, Gillian cuida de nossa propriedade.

Ele acentuou o franzido no rosto.

— E Lizette?

— Lizette faz o que gosta, pois não faz as coisas de outro jeito. Felizmente, isso significa ficar longe do rei. Se ela tivesse que vir à corte, provavelmente diria na cara do rei exatamente o que acha dele e acabaria sendo executada por traição.

Armand puxou um capim longo e o enrolou ao redor dos dedos fortes.

— Espero que suas irmãs sejam gratas pelo que você está fazendo por elas. Ou você tem outros objetivos na corte, para tornar sua tarefa mais prazerosa?

Falar sobre prazer era levar a conversa para um rumo que ela não queria, então respondeu com uma certa insolência:

— Ora, eu tenho o prazer de conhecer belos homens como você, milorde, e fazer com que desejem casar comigo.

Ele não sorriu.

— E o que fará, eu me pergunto, quando finalmente for pega?

— Esse dia nunca chegará, pois sou muito esperta.

— E sábia também, sem dúvida. Mas o amor pode fazer tropeçar o mais rápido e determinado dos corredores, como Atalanta e as maçãs.

Eles ouviram o som de galope e Randall chamando seus nomes.

— Aqui! — Armand gritou de volta. Ele se virou para ela, com uma expressão que a fez corar. — Receio, milady, que no momento não parecemos amantes.

Ela começou a recuar.

— Os amantes nunca conversam um com o outro? Nós poderíamos estar desfrutando de uma conversa agradável.

— É possível — respondeu ele, ao esticar as mãos e pegá-la pelos ombros, puxando-a para perto. — Mas assim é mais o jeito.

## Capítulo Onze

---

---

Eloise nem sabia para onde olhar, quando eles chegaram perto de Adelaide e lorde Armand, que se beijavam apaixonadamente, no sopé da colina de Pickpit. Claro que estavam comprometidos, mas era constrangedor flagrá-los num momento tão íntimo. Randall obviamente compartilhava do constrangimento, pois também corou. Os dois soldados, no entanto, riram e cutucaram um ao outro, como se estivessem encantados.

Quando nem isso anunciou a presença deles a Adelaide e Armand, Randall limpou a garganta ruidosamente, e eles finalmente se separaram. Adelaide ficou vermelha como um pimentão, mas lorde Armand não aparentou o mínimo acanhamento.

— Desculpe-nos por um comportamento tão vergonhoso — disse lorde Armand, com um bom humor jovial. — A culpa é toda minha, claro. Não consigo me conter quando estou com minha futura noiva.

Adelaide desviou o olhar, no entanto não pareceu por ser uma modéstia de donzela. Em vez disso, ela parecia... irritada! Mas ela certamente não esperava que ninguém ficasse chocado por eles estarem se beijando. Não se estavam noivos. Foi certamente desconcertante encontrá-los, mas ninguém ali se apressaria a julgar.

— Vocês sabiam que achavam que os druidas estavam enterrados aqui? — perguntou Randall, falando casualmente conforme eles caminhavam. — Ninguém nunca achou ouro, ou nenhuma outra coisa, então talvez eles tenham construído um altar em cima, algo assim. Deve ter havido muita adoração, nessa parte do país. Considere Stonehenge, por exemplo.

Enquanto ele prosseguia e os conduzia colina acima, Eloise tentava prestar atenção, pois Randall sabia um bocado de coisas interessantes sobre os druidas e o passado. Ela também gostava do som da voz dele, e da forma tímida como a olhava, como se realmente se importasse com sua opinião e estivesse falando principalmente para ela.

Contudo, ela ainda estava confusa por Adelaide e sua fisionomia nada contente. Era certo que lorde Armand não era seu tipo. Ele era bem excessivo, e ela não queria ser casada com um guerreiro ousado, que sempre estaria longe, em guerras pelo rei ou cumprindo seu dever de cavaleiro. Ela preferiria um marido que ficasse perto de casa.

Mas podia compreender por que outras mulheres queriam lorde Armand. Ele era bonito e confiante, sem ser arrogante, ao contrário dos inúmeros homens da corte, que eram presunçosos sem

motivo algum, exceto por suas patentes. Ele também havia sofrido injustamente. Muitas mulheres iam querer consolá-lo.

Então, por que Adelaide estava aborrecida?

Talvez por eles terem sido interrompidos e ela queria mais... tempo... com seu noivo.

Com sua apreensão abrandada por essa conclusão, Eloise voltou-se para Randall. Ele estava animado e empolgado, contando algo sobre o nascer do sol em Stonehenge, durante o solstício de verão.

Randall também podia se apaixonar, ela não tinha dúvida, e feliz da mulher que incitasse esse fogo dentro dele.

Dois dias depois, lorde Richard ergueu o olhar de uma carta supostamente de um alfaiate de Londres.

— Marcus ainda não encontrou uma chance de fazer o que mandamos — disse ele a Oliver. Sua voz estava diferente, mais forte, séria, profunda, assim como sua postura, o cortesão vaidoso substituído por um rebelde determinado.

Oliver se recostou na parede do aposento masculino.

— Não é você quem está sempre aconselhando paciência? Melhor que ele seja cauteloso do que flagrado. Alguma notícia de Gales?

Richard sacudiu a cabeça, ao enrolar o pergaminho, e guardá-lo na túnica.

— Não, ainda não. Ouvi dizer que Armand mandou uma mensagem para o conde.

Oliver assentiu, mas não pareceu nem um pouco preocupado.

— Pedindo dinheiro. Eu mesmo li, antes que o mensageiro partisse. — Seus lábios se curvaram num sorriso. — Parece que o mensageiro tem algumas dívidas, então ficou contente em ganhar algumas moedas extras.

— Sua iniciativa continua a me impressionar.

— Tudo por uma boa causa, milorde. Esse país será muito melhor quando o rei e seus apoiadores estiverem mortos.

Richard ergueu uma sobrancelha.

— E lady Adelaide viúva? Oliver sorriu.

— Francis ainda está de olho nela, você sabe.

— Ele pode olhar o quanto quiser, mas jamais a terá.

— Devido à sua evidente afeição por lorde Armand, talvez ela também não seja sua.

Oliver ainda sorria.

— Veremos, milorde.

Enquanto Richard discutia sobre as últimas notícias de Marcus, Armand tentava não escorregar na grama lisa e molhada por dois dias de chuva, se esquivando da espada de sir Charles.

Os dois homens estavam de torsos despidos, vestindo apenas as calças até as canelas e as botas, enquanto se exercitavam no pátio, observados por sir Edmond, lorde Richard e sir Alfred, além de vários outros cortesãos.

Armand ergueu a espada para bloquear outro golpe. Ele sentiu o golpe ressonante braço acima, embora seu ombro estivesse virado para as costas. Seus braços ainda estavam um tanto fracos, e seu joelho doía como o diabo. Ele jamais deveria ter escalado Pickpit Hill.

Ele ergueu o braço para girá-lo novamente, mas não conseguiu erguer o suficiente. Charles facilmente evitou o golpe e quando Armand perdeu o equilíbrio, ele bateu na lâmina do adversário, fazendo com que cambaleasse e caísse no chão, aterrissando com força sobre o joelho dolorido.

Armand ergueu o braço esquerdo, com o qual segurava um pequeno escudo redondo.

— Chega — disse ele, mais ofegante pela dor do que pela respiração em si. — Perdi.

Charles sorriu com satisfação orgulhosa, quando esticou o braço para ajudar seu oponente a se levantar.

— Você me deu uma boa luta.

— Um ano atrás, eu teria lhe dado uma luta melhor — respondeu Armand, sentindo-se dolorido, fraco e velho, enquanto olhava seus companheiros jovens. Charles e os outros, incluindo o silencioso irlandês, sir Oliver, que estava de pé, olhando impassível. Eram mais jovens que ele, no mínimo, três anos.

Ele poderia facilmente odiar sir Oliver, pensou enquanto lembrava a forma como o irlandês novamente dançara com Adelaide, na noite anterior.

Essa encenação estava se tornando tão difícil quanto suportar o encarceramento. Era um inferno totalmente diferente interpretar o amante afetuoso, enquanto sabia que as conversas inflamadas que tinham no jardim, ou no salão, eram apenas performances para ela. Apesar da determinação que tinha em agir da mesma forma, ele se sentia como um desesperado, um tolo apaixonado, tentando ganhar uma donzela relutante, com um bando de admiradores aos seus pés.

— Meu pai disse que você foi o melhor que ele viu numa batalha, depois de William Marshall — disse sir Charles.

— Ouvi dizer que você era melhor — disse lorde Richard. Ele recusara o treino de luta, dizendo que preferia observar e aprender. Armand pensou que ele provavelmente não queria sujar a roupa, ou temia o constrangimento de ser derrotado por um homem mais velho.

Armand balançou a cabeça enquanto caminhava na direção deles, tentando não fazer careta de dor, nem mancar, embora seu joelho o estivesse agonizando.

— Não há ninguém melhor que o conde de Pembroke, e fico lisonjeado por ser considerado o melhor, depois dele.

Sir Alfred esticou a mão com o odre de vinho, mas Armand sacudiu a cabeça.

— A essa hora da manhã, para mim, não. E quando estou com tanta sede, água é melhor.

Ele ergueu um cântaro de água fresca que trouxera exatamente com essa finalidade, e bebeu fartamente. A água refrescante escorreu por seu queixo e sobre o peito suado.

Ele pousou o cântaro e limpou os lábios com as costas da mão.

— Se eu bebesse desse jeito agora, ficaria bêbado e essa não é a postura para estar na corte do rei. As damas não gostam.

Alfred deu uma olhada para o odre e o colocou no banco, ao seu lado.

— Preciso lhe perguntar, milorde — disse sir Edmond de Sansuren, enquanto Armand esticava o braço para pegar a camisa que estava em cima do banco. — Por que usa seus cabelos tão compridos? Não atrapalham sua visão quando está lutando?

— Não estava tão comprido assim da última vez em que estive em batalha. No entanto, não há serviços no calabouço.

Os jovens trocaram olhares.

— Agora já faz tempo que está livre — frisou lorde Richard, falando por todos.

— Estou, mas não pretendo cortar meus cabelos até que meu irmão seja libertado. Esse é meu lembrete de que ele ainda está encarcerado e sofrendo, até que eu possa pagar por seu resgate.

Ele evitou mencionar que também desejava lembrar ao rei quanto ao cativo de Bayard e seu sofrimento.

Sir Oliver foi o único que não pareceu se impressionar.

— Você não aprova? — Armand perguntou a ele, determinado a ouvir o que o jovem tinha a dizer. Ele parecia forte e cruel o suficiente para matar sem remorso.

— Eu estava imaginando o que sua noiva pensa a respeito — respondeu Oliver.

Ele pareceu vagamente familiar, mas não como um dos homens do jardim.

Talvez ele fosse, e a memória de Armand estava falhando. Quanto mais tempo passasse até que descobrissem os conspiradores, mais difícil seria ter certeza de que haviam encontrado os homens certos. Ele detestaria acusar um homem injustamente.

— Ela nunca reclamou — disse ele em resposta à pergunta de Oliver, antes de seus lábios se curvarem num sorriso orgulhoso e satisfeito, exatamente como o de Charles. — Na verdade, ela até gosta muito.

Charles e Alfred deram uma gargalhada, lorde Richard pareceu pensativo, e Edmond e seu irmão, Roger, sorriram. Sir Oliver, como era de se esperar, não pareceu satisfeito.

— Claramente, houve um lado positivo em estar encarcerado — disse Charles, ainda sorrindo.

Armand se apressou a esclarecer.

— Não há lado positivo em ficar acorrentado durante dias, recebendo água suja para beber e uma cumbuca de grude, a cada vários dias, para comer. Não há lado positivo em ficar no escuro durante semanas, vendo, impotente, seus companheiros morrendo.

— É uma pena que o rei seja um monstro — disse Roger, de dezesseis anos. — Se ele não tivesse assassinado Arthur e deixado os homens morrerem de fome em Corfê, você não teria que ter sofrido como sofreu. Os franceses teriam sido mais cavalheiros.

— Ora, vamos! Você sabe que estou certo! — exclamou Roger, quando o outro não disse nada. — Mesmo antes que matasse Arthur, ele mandou seus capangas castrarem e cegarem o menino, para evitar que ele fosse o rei. Graças a Deus, sir Hubert evitou isso. Pena que não pôde evitar que o rei matasse o sobrinho com as próprias mãos e atirasse o corpo do pobre rapaz no rio. E agora mantém a irmã de Arthur trancafiada em Bristol. Eu não me surpreenderia se ele jamais a soltasse!

— Fique quieto, Roger. Você está falando de forma traiçoeira — alertou Edmond.

— Estou falando a mais pura verdade e vocês todos sabem disso — retrucou Roger. — Não está correto, lorde Armand? Se o rei não tivesse assassinado seu sobrinho e deixado aqueles homens em Corfê para morrerem de fome, você poderia ter sido tratado com mais respeito e cortesia, como um cavaleiro deve ser tratado.

Armand entortou a ponta de sua espada, cravando a ponta no chão, como se a estivesse enfiando no rei.

— Ninguém sabe o que aconteceu com Arthur e dizem que os homens em Corfê preferiram morrer de fome a se arriscarem com o rei. Eles foram muito corajosos, ou muito tolos, dependendo de seu ponto de vista.

— Qual é a sua opinião? — perguntou Charles.

— Acho que a vida não é algo que deva ser facilmente jogado fora, mas eu não estava na situação deles — respondeu ele, honestamente. — Não me cabe julgar suas ações.

— Então, acredita que o rei é digno de nosso respeito e obediência? — perguntou Oliver.

— Eu sei que o rei é milorde soberano e que jurei ser leal a ele, e o farei — respondeu Armand. — Isso significa que devo aprovar tudo que ele faz? Fazer isso, me tornaria pouco melhor que seu cão, ou um escravo.

— Muito bem falado, milorde — frisou uma mulher que vinha por trás dele.

Ao som da voz de Adelaide, Armand imediatamente ficou de pé.

Ela vinha caminhando na direção deles com sua graça habitual, trajando um vestido vermelho de lã. O espartilho acentuava a graciosa sensualidade de seu caminhar, e um véu branco de seda tremulava ao redor de seu belo rosto.

De canto de olho, ele viu os mais jovens rapidamente arrumando as roupas.

Ela teve esse efeito sobre ele também, deixando-o ciente de que estava suado e desgrenhado, vestindo apenas uma camisa aberta, calças sujas e botas enlameadas. Sua túnica estava em cima do banco e ele mal pôde resistir ao impulso de pegá-la para vestir.

Apesar de lamentar pelo traje, ele colocou um sorriso no rosto e disse:

— Bom dia, milady.

Ela sorriu radiante, fazendo com que o coração dele disparasse de prazer e o enchendo de orgulho, embora o noivado fosse uma farsa.

— Desculpe-me se estiver interrompendo — disse ela, com seu tom meigo.

Os jovens simultaneamente disseram que ela era muito bem-vinda, com a notória exceção de sir Oliver, que não disse absolutamente nada.

Ela baixou os olhos, como se fosse a mais tímida donzela da Inglaterra.

— Os cavalheiros se importariam se eu lhes tirar meu noivo?

— Importem-se ou não, estou cansado e pronto para não fazer nada além de olhar para minha bela noiva — disse Armand, pegando a túnica no banco e levando-a para longe.

— Você não parece muito cansado — frisou ela, enquanto caminhavam em direção ao portão do castelo.

— Sua presença me revigorou.

Os lábios dela se curvaram, numa expressão insatisfeita.

— Não precisa fingir ser o noivo encantado, quando estivermos sozinhos.

— Então, o que deseja, milady? Não acho que tenha sido fingimento o fato de não ter conseguido passar a manhã sem voltar a me ver.

Godwin e Bert, novamente de guarda, os cumprimentaram com um sorriso e um aceno de cabeça, depois os deixaram passar.

— O servente do rei veio me ver, enquanto eu estava costurando — disse ela, baixinho, enquanto contornavam um carrinho cheio de cestos de peixe e enguias, e ele teve de esmerar os ouvidos para escutá-la, em meio ao pátio cheio e barulhento. — O rei quer saber quando será a cerimônia de casamento. Ele espera que seja o mais breve possível. Quer partir para Salisbury em três dias e está generosamente nos concedendo até uma quinzena para reunirmos minhas irmãs lá, para que possamos nos casar na Catedral de Salisbury.

Eles chegaram ao lado do portão do jardim. Algumas das serviçais estavam junto à fonte, pegando água, e os observavam sorrateiramente.

Armand deu um sorriso endiabrado e, antes que Adelaide pudesse impedi-lo, ou dissesse qualquer palavra em protesto, ele a pegou pela cintura e a apressou para dentro do jardim, fechando o portão atrás deles.

Ela se esforçou para se acalmar e pensar, embora tivesse dificuldade para pensar de forma coerente desde que vira Armand esparramado no banco, com suas pernas longas e musculosas esticadas, a camisa colada ao corpo suado e o colarinho aberto, revelando seu peito musculoso.

— O que acha que está fazendo? — perguntou ela, exigente.

— Nós supostamente somos amantes, milady — ele a lembrou, enquanto dava um passo atrás.

Ao longo dos dois últimos dias, enquanto a chuva caía em Ludgershall, Armand fizera o papel de apaixonado e devoto perfeito, até demais. Estava se tornando um tanto difícil lembrar que o noivado era apenas uma encenação, e ela não deveria se apaixonar por ele, independente do quanto começava a admirá-lo, ou como ele a olhava, com aqueles olhos escuros que devastavam seu autocontrole.

Porque mesmo que ela se apaixonasse por ele, não poderia desposá-lo, nem a homem algum, pois dera sua palavra.

— Na verdade, milorde — anunciou ela. — Eu ia sugerir que é hora de começarmos a jogar as sementes do rompimento de nosso noivado. Dessa forma, quando o anunciarmos, as pessoas pensarão e lembrarão que já esperavam que acontecesse. Hildegard, principalmente, vai adorar.

Armand correu a mão pelos cabelos desgrenhados.

— Entendo. Então, talvez eu deva flertar com as damas no salão esta noite.

— Ótima idéia — respondeu Adelaide, dizendo a si mesma que era.

— Enquanto você continua flertando com os homens.

— Se estive flertando, milorde, foi por ser necessário.

— Você pareceu gostar.

Ela inclinou a cabeça para estudá-lo, imaginando se ele estaria realmente aborrecido, ou não.

— Sabe porque fiz aquilo... ou isso é um ensaio pelas brigas que virão?

Eles ouviram vozes de mulheres, incluindo a da rainha e a risadinha de Hildegard. Armand fez a careta mais azeda que Adelaide já vira, depois a levou para o caramanchão mais próximo. Em pé ao seu lado, ela podia sentir sua proximidade, podia ouvir o batimento de seu coração ou seria o dela que estava retumbando em seus ouvidos?

— O que é isso que estou vendo? — exclamou a rainha. — Acho que é a bainha do vestido de uma dama. Quem está aí?

Adelaide percebeu que não tinha outra escolha a não ser responder.

— Sou eu, majestade — disse ela, dando um passo para fora. Ricamente vestida de azul, num traje brocado de seda, com esmeraldas e safiras reluzindo no pescoço, e mais jóias nos dedos, a rainha lançou a Adelaide um olhar de cima a baixo. Atrás de Isabel, estavam Hildegard e várias outras damas da corte, que coraram, como se tivessem flagrado algo imoral.

— Escondendo-se no jardim, milady? — perguntou a rainha. — Por quê? Alguém a está perseguindo? Ou está fazendo algo que não deveria?

— Eu estava...

Ela resfolegou quando os braços de Armand enlaçaram-na pela cintura e a puxaram para junto dele.

— Perdoe-nos, majestade. Buscávamos alguns momentos a sós.

— Não ficaram sozinhos o suficiente? Adelaide corou, enquanto Armand disse:

— Podem duas pessoas apaixonadas ficarem sozinhas o suficiente?

Hildegard bufou com desdém, enquanto algumas das outras damas suspiraram ansiosas, e Adelaide fingiu não notar a sensação dos braços de Armand ao seu redor.

— Talvez possam ficar, quando estão inclinadas a pecar — respondeu Isabel. — Eu acho, lorde Armand, que deve deixar sua noiva ir se banhar e vestir algo mais apropriado a um dos nobres do rei. Concorda, lady Adelaide?

Adelaide assentiu, enquanto Armand a soltava.

— Sim, majestade. Ele realmente está bem desalinhado. Se ao menos eu o convencesse a cortar os cabelos, já seria uma mulher feliz.

Ela sentiu o desprazer de Armand, mas disse a si mesma que isso era necessário.

— Isso é verdade, milorde? — perguntou Isabel. — Recusa-se ao pedido dela, para cortar seus cabelos?

— Jurei não cortar meus cabelos até que meu irmão seja libertado. Embora não possa satisfazer minha amada nisso, majestade, espero contentá-la de outras formas.

A voz grave estava repleta de promessas não ditas, e Adelaide quase não sabia para onde olhar.

— Essa parece uma promessa estranha — disse Hildegard. — Achei que você talvez estivesse se achando outro Sansão. — Ela desviou o olhar debochado para Adelaide. — Isso só a transformaria em Dalila.

— Só se eu cortar os cabelos dele sem permissão — disse ela. — Não tenho intenção alguma de fazer isso.

— Graças a Deus — murmurou lady Jane, depois corou como um pimentão, quando percebeu que falara em voz alta.

— O que é isso? — perguntou sua mãe, exigente. — O que foi que disse?

— Ela estava me fazendo um elogio — disse Armand a lady Ethel, que o olhava como se ele a tivesse xingado.

Ele se virou de volta para a rainha.

— Se sua majestade me der licença, deixarei as damas discutindo comparações bíblicas, enquanto vou me fazer mais apresentável.

— Sim, faça isso, milorde — comandou a rainha.

Antes de sair, Armand sorriu para Adelaide de uma forma que deixaria qualquer mulher invejando sua sorte.

— Adieu, amada.

— Adieu, milorde — respondeu ela.

Adelaide se afastou da rainha e das outras damas o mais rápido que conseguiu. Ela pegou sua costura e foi para o salão. Não queria ficar sozinha, pensando sobre a situação em que se envolvera. Eloise a encontraria ali, assim como o mensageiro de Averette, quando chegasse. Infelizmente, vários dos cortesãos também estavam descansando na sala grande, discutindo os vários méritos dos falcões e dos cães de caça.

Eloise chegou de repente, rindo, ao sentar ao lado de Adelaide, que apoiou seu bordado junto à janela para aproveitar a luz.

— Estão todos falando na corte sobre você e lorde Armand, novamente juntos no jardim — sussurrou ela. — Realmente, Adelaide, achei que você fosse mais cuidadosa.

— Pareço ter pouca escolha — respondeu ela, sincera, enquanto empurrava a agulha no linho. — Perco todo o senso de discrição quando estou com Armand.

O sorriso de Eloise desapareceu e foi substituído por uma expressão preocupada.

— Também ouvi falar que você disse às outras damas que quer que Armand corte os cabelos. Não foi isso que me disse.

— É atraente, mas é incompatível com a corte — mentiu ela. — Temo que os outros cortesãos não o levem a sério, caso ele continue com aquela aparência de bárbaro.

— Oh, eu não havia pensado nisso. — disse Eloise, com o rosto ligeiramente franzido. — Você provavelmente tem razão.

Mas seria uma pena. De alguma forma, combina com ele. — Ela deu um sorriso triste. — Obviamente não somos as únicas que pensamos assim. Marguerite me disse que Hildegard quase ficou louca de inveja. E eu soube que lorde Richard deixou claro que não tem qualquer intenção de se casar com ela. Sir Oliver tem falado com ele a respeito de uma irlandesa herdeira de uma imensa fortuna, que é uma beldade e cujo pai espera arranjar um casamento vantajoso, com um lorde inglês.

Adelaide ergueu os olhos da estampa de folhas sagradas em que estava trabalhando, para olhar o grupo de homens, do outro lado do salão.

— Talvez o próprio Oliver tenha intenções com Hildegard.

— Não vi nenhum sinal de interesse, particularmente da parte dele — disse Eloise. — Também ouvi dizer que ele raramente dorme sozinho, desde que chegou aqui, e não só com as serviçais.

Eloise subitamente corou e inalou o ar.

— Oh, minha nossa, ele está vindo pra cá!

Capítulo Treze

## Capítulo Doze

---

---

Adelaide preferiria levantar e sair, antes que Oliver chegasse até elas, mas estava cercada pelo bordado, o cesto contendo linhas, agulhas e um pequeno canivete.

Então, ela se deu conta de que a atenção de sir Oliver podia ser outra desculpa para romper o noivado com Armand.

— Bom dia, senhoras — disse sir Oliver, chegando ao lado dela. — Fui atraído por seus olhos radiantes.

Essa foi a primeira vez que ela ouvia sir Oliver falar sem o barulho de outros cortesãos falando, ou dos músicos tocando. Havia um tom familiar em sua voz, no entanto ela estava quase certa de que ele não era um dos conspiradores.

— Mas que coisa adorável de se dizer — respondeu ela, com um sorriso amistoso.

Eloise se remexeu inquieta, enquanto assentiu, num cumprimento. Ela demonstrava uma expressão confusa e alerta quando olhou para Adelaide, mas ela não podia fazer nada em relação ao seu espanto.

— Tenho pensado em como sei pouco a respeito da Irlanda — Adelaide disse a Oliver. — Como o rei tem grande interesse naquela parte do reino, talvez eu deva descobrir mais a respeito.

— O que gostaria de saber? — perguntou Oliver, pousando a mão no encosto da cadeira.

Aquilo pareceu uma familiaridade impertinente, mas ela ignorou o próprio desconforto.

— Ouvi dizer que as pessoas são um tanto bárbaras. Oliver sacudiu a cabeça.

— Eles têm suas lealdades tribais e podem ser muito ardentes em relação a isso, mas os mosteiros estão repletos de homens cultos. E sabem contar histórias como ninguém. Essa é uma arte na qual até mesmo os mais pobres são especialistas.

A porta do salão se abriu e Armand entrou, seguido por Randall FitzOsbourne. Armand se banhara e colocara uma camisa e calças limpas, e penteara os cabelos.

Adelaide sentiu a mesma pontada de excitação que sempre sentia quando colocava os olhos nele, como acontecera da primeira e da última vez. Ele revolia um desejo dentro dela que nenhum homem jamais conseguira — de uma forma que ela não acreditava que homem algum conseguiria.

Isso o tornava mais perigoso do que qualquer homem, ao menos quanto a sua paz de espírito.

Enquanto isso, os olhos de Armand se estreitaram e seus lábios se apertaram. Seria por causa da situação com o rei, da perda de seu dinheiro, ou porque ela estava conversando com Oliver?

— Bom dia, milady, Lady Eloise, sir Oliver — disse ele, ao chegar, com um tom gélido na voz.

— Sir Oliver estava nos falando sobre a Irlanda — disse Adelaide.

Armand ergueu uma sobrancelha arrogante.

— Não me diga...

Os olhos escuros de Oliver faiscaram numa resposta desafiadora.

— Por quê? Há algum motivo para que eu não falasse?

— Não, motivo algum — disse Armand com os olhos hostis, apesar do sorriso, quando ele esticou o braço e pegou a mão de Adelaide. Como se ela lhe pertencesse.

Não foi difícil Adelaide aparentar descontentamento quanto a isso.

Um ligeiro ar de triunfo surgiu nos olhos castanhos de sir Oliver, conforme ele curvou a cabeça e deu um passo atrás.

— Como não quero causar nenhum problema para o casal feliz, estou me retirando. Se houver mais alguma coisa que queira saber sobre a Irlanda, milady, apenas me pergunte e farei o melhor para responder — disse ele, antes de sair desfilando de volta até lorde Richard e os outros.

— Não havia necessidade de ser tão rude! — Adelaide sussurrou baixinho para Armand, mas alto o suficiente para que Eloise e Randall ouvissem.

— Não fui rude — respondeu Armand em tom zangado, como de uma criança petulante.

Se ele estava fingindo aquela reação, saía-se muito bem.

— Você não foi nada amistoso — disse ela.

— Você estava sendo amistosa o suficiente, por nós dois.

— Eu estava sendo educada — respondeu ela. — E queria saber algo sobre a Irlanda, ou você preferiria que sua esposa fosse uma tola ignorante?

— Eu preferiria que minha futura esposa não flertasse com todos os homens da corte.

— Eu não estava flertando. Estava, Eloise?

Eloise se remexeu, constrangida. Adelaide detestava fazer isso com ela, mas não havia como evitar. Eloise não podia saber da verdade sobre o noivado, nem do rompimento.

— Estava, Eloise? — repetiu ela. Eloise defendeu a amiga.

— Ela realmente não estava. Deveria se desculpar, milorde. Adelaide ficou perplexa pela exigência inesperada que a amiga fez a Armand, enquanto Randall encarava Eloise com sincera admiração.

— Desculpar? — murmurou Armand, após um momento de silêncio.

— Sim — respondeu Eloise. — O que disse foi insultante e totalmente injustificado. Deveria envergonhar-se.

Diante disso, Armand se transformou na própria imagem do arrependimento. Ajoelhando ao lado da cadeira de Adelaide, pegou a mão dela e olhou em seus olhos com um remorso aparentemente genuíno.

— Eloise está certa e agi totalmente errado. Sou um tolo ciumento. Perdoe-me, amada.

Adelaide sabia que ele estava apenas interpretando um papel, mas uma mulher teria de ser de gelo para ficar imune ao seu apelo sincero, e ela não era.

— É claro... amado.

Eloise suspirou de satisfação e Randall pareceu aliviado. Então, Armand colocou as mãos nas bochechas de Adelaide e, apesar da presença dos outros, trouxe-a mais perto para lhe dar um beijo.

Um beijo meigo e suave, em busca de perdão. Um leve toque dos lábios fez com que seu coração ansiasse por algo que ela acreditava que só pudesse lhe causar dor.

Ele a beijou, depois a fitou nos olhos.

— Vou me desculpar novamente quando estivermos sozinhos — sussurrou ao levantar.

Deus que ajudasse! Ela não se atreveria a ficar novamente sozinha com ele. Nem esta noite, nem nunca mais. Afinal, ela era uma mortal fraca, e a tentação que ele representava era quase maior do que podia resistir.

Quase.

Mais tarde, naquela noite, depois que as damas se retiraram, Armand seguiu caminhando lentamente, subindo os degraus para seu quarto. As tochas cintilavam nos suportes das paredes e a luz da lua cheia brilhava através das janelas.

Apesar de ter dito que se desculparia novamente com Adelaide quando estivessem a sós, ele conseguira evitar ficar somente em sua companhia. Ela era tentadora demais e Armand estava achando cada vez mais difícil lembrar que o amor entre eles era supostamente uma mentira.

Mas ela parecia não ter qualquer dificuldade com isso, ou em armar o palco para o rompimento do noivado. Seus flertes com o irlandês certamente pareciam verdadeiros...

Infelizmente, seu ciúme não foi completamente fingido. Quando ele viu Adelaide conversando com o irlandês, quis estrangular o homem por sua presunção.

Essa reação só podia ser algum orgulho masculino primitivo, pois ele não amava Adelaide — o que era bom. Mesmo que a discussão no salão tivesse sido só de fachada, foi incômoda como as discussões entre seu pai e sua madrasta, forçando-o a lembrar que ele queria uma esposa calma e amável — uma noiva completamente diferente de lady Adelaide D'Averette.

É claro que ele ainda podia admirá-la e respeitá-la, mas precisava conter seus outros sentimentos que ele incitava e assim faria.

Ele passou pela escada que conduzia a outro bloco de apartamentos — o bloco em que ficava o quarto de Adelaide, ele sabia, quando passos apressados vindos da escada o fizeram parar.

Uma mulher virou a curva, com uma das mãos no corrimão preso à parede de pedras. Ela parou, curvando-se à frente, pelo esforço de recobrar o fôlego.

— Oh, graças a Deus! — lady Jane gritou quando o viu e seu rosto estava pálido, no escuro. — Por favor, ajude-me.

Armand estava ao lado dela no mesmo instante, amparando-a da melhor forma que podia.

— O que houve? O que aconteceu?

— É mama. Ela caiu da cama e está respirando de forma estranha.

— Nós deveríamos chamar um cria...

— Sim, sim, mas primeiro vamos colocá-la de volta na cama. Ela está deitada no chão frio de pedras!

Lady Jane estava quase histérica. Talvez fosse melhor fazer primeiro o que ela estava pedindo, depois chamar um criado.

— Muito bem.

Jane pegou a mão dele e, segurando a saia com a outra, praticamente o puxou escada acima.

Ela olhou cautelosamente para o corredor, antes de sair da escada, o que pareceu estranho para ele, e o fez pensar que algo poderia estar errado — e isso talvez não tivesse nada a ver com a mãe dela.

— Milady...

— Milorde, por favor! — disse ela, abrindo a porta do quarto mais próximo e o empurrando para dentro.

A luz de uma única vela colocada num castiçal, sobre uma mesinha de madeira, não revelava uma idosa deitada no chão. Ele também não ouviu qualquer som de angústia vindo do outro lado da cama. O quarto estava vazio, exceto pelos móveis e os artigos femininos espalhados em cima da mesa.

Temendo uma armadilha, Armand sacou a espada e se virou, quando Jane fechou a porta e girou a tranca. Então, ela se encostou junto à porta, como se invasores estivessem atrás deles.

— Por que me trouxe aqui? — perguntou ele..

— Por que... por que sacou sua espada? — gritou ela quando viu a arma na mão dele.

Ainda preocupado em ser uma armadilha, ele não baixou a lâmina.

— Onde está sua mãe?

— Segura em sua cama — gaguejou Jane. Ela seguiu na direção dele, com uma expressão ansiosa e intensa nos olhos azuis. — Por favor, guarde sua espada, milorde. Não está correndo perigo algum.

Armand não guardou a arma e manteve-se em posição de alerta.

— Vou perguntar novamente, milady, por que me trouxe aqui?

Ela juntou as mãos, num gesto de súplica.

— Quero que faça amor comigo!

Ele se sentiu como se tivesse levado um soco na cabeça.

— O quê?!

Ela continuou indo na direção dele, enquanto ele recuava.

— Nenhum homem jamais me pediu em casamento, nem tentou me seduzir, nem mesmo o rei. Estou com quase vinte e cinco anos e quero saber como é fazer amor, mesmo que seja apenas uma vez.

Ele ergueu a mão para silenciá-la e também para mantê-la à distância, enquanto seguia de lado, em direção à porta.

— Milady — disse, tentando ser paciente e compassivo, apesar do pedido absurdo. — Fico lisonjeado que queira ser minha amante, mas dei minha palavra a lady Adelaide.

— Os homens quebram suas promessas o tempo todo.

— Eu, não.

— Ninguém jamais saberá. Pode ser nosso segredo.

— Eu saberei que quebrei a confiança de Adelaide.

— Você ainda não é casado — apelou Jane, observando-o, como se fosse um homem faminto olhando um banquete.

— Praticamente — respondeu ele ao chegar à porta. Ela correu para barrar o caminho.

— Então, fez amor com ela!

— Praticamente — repetiu ele. — Agora deixe-me sair, milady, e esqueceremos que isso aconteceu.

Ela subitamente virou-lhe as costas, apoiando a cabeça na porta, e começou a chorar.

— Eu tinha que morrer!

Deus que o ajudasse, mas que apuro! Ele desejou que Adelaide estivesse ali. Uma mulher certamente saberia o que dizer para confortar Jane.

— Tenho certeza de que ainda há esperança para sua causa...

— Oh, você é um tolo! — gritou ela, se afastando da porta para olhá-lo de frente, com o nariz vermelho e os olhos transbordando de lágrimas. — Eu sei a verdade e todas as mulheres daqui também sabem. Ficarei velha, sem jamais ter um marido, ou filhos. Tudo que posso esperar é cuidar de minha mãe, até que Deus a leve, e então, ficarei num convento, até o dia de minha morte. Imagine ter um destino desse tipo a sua frente! Iria gostar? Não ia querer conhecer o amor, o amor apaixonado, pelo menos uma vez?

— Lady Jane — disse ele baixinho, pois compreendia o desespero, — eu tive a morte como futuro, não faz muito tempo. Mas também tive esperança, assim como você precisa ter. Tem amigas aqui...

— Amigas? Acha que as damas daqui são minhas amigas? Elas fingem ser, na minha frente, mas sei que riem de mim pelas costas. Oh, que criatura tola! Oh, pobre lady Jane! — Ela caiu em prantos, com a respiração ofegante, o nariz escorrendo.

— Milady, por favor — implorou ele. — Não chore. Tem amigas, sim. Lady Adelaide...

— Ela o terá sempre que quiser, depois que forem casados — respondeu Jane por entre as lágrimas.  
— Mulheres bonitas conseguem tudo que querem. O restante de nós tem de pegar o que arranjar e ser grata... mas não consigo arranjar ninguém!

Ela limpou o nariz com a manga comprida do vestido e o olhou suplicante.

— Sei que você precisa de dinheiro para o resgate de seu irmão.

Minha nossa!

— Milady — disse ele, tentando não parecer zangado nem indignado, embora se sentisse assim, — não espera que eu venda meu corpo para salvar meu irmão.

— Oh, não! Virgem misericordiosa! — choramingou ela. — Eu só estava lhe oferecendo ajuda, se você me ajudar!

— Não posso. Não o farei.

Com um choro angustiado, Jane escancarou a porta e saiu correndo do quarto.

Armand levou um instante para se acalmar, mas só um instante. Ele não fazia idéia de quem seria esse aposento, mas certamente não queria ser descoberto ali. Já tinha o suficiente para perturbá-lo, sem isso. Quanto a lady Jane, ela certamente não ia querer que ninguém mais soubesse desse confronto.

Depois de se assegurar de que não havia ninguém no corredor, ele saiu, sorrateiramente.

Uma dor bateu e um corpo se atracou a ele e o levou direto ao chão, tirando-lhe o ar dos pulmões.

— Bandido! Bastardo! — gritou uma mulher, ao pular em cima dele, batendo-lhe com os punhos fechados.

Armand teve um rápido vislumbre do rosto enfurecido, em meio à cabeleira escura, e agarrou seus braços, para fazê-la parar.

— Adelaide?

Ela parou de bater nele.

— Armand?

— Sim.

— O que está fazendo aqui?

— Apanhando — respondeu ele, sério, tentando não notar a sensação do corpo seminu, em cima do seu. Ela estava vestindo apenas uma camisola fina que escondia pouca coisa de seu corpo bem torneado, e os cabelos caíam em ondas de desalinho.

Ela saiu de cima dele e ficou de pé.

A luz do luar deixava a camisola ainda mais transparente e, Deus que o ajudasse, ele não conseguia desviar o olhar. A visão era quase suficiente para fazê-lo esquecer da dor tormentosa em seu joelho, e imaginar o que a fizera atacá-lo.

Quando se levantou, ela cruzou os braços — mais pela raiva e o frio do corredor, do que pela percepção de que estava quase nua, pensou ele.

— O que está havendo, milady?

— Havia alguém em meu quarto — respondeu ela. — Eu estava tentando pegá-lo, mas ele fugiu.

Qualquer pensamento desejoso sumiu da mente de Armand, ao pensar no perigo que ela teria corrido, enquanto as portas de outros quartos abriam no corredor e surgiram os rostos assustados das damas e suas criadas, que dormiam junto às portas.

Segurando um robe ao redor do corpo, Eloise se apressou até eles, com uma empregada obviamente aterrorizada atrás dela.

— Adelaide! — gritou, alarmada. — Você está ferida? Foi atacada?

Ela fez exatamente as perguntas que Armand ia fazer, enquanto ele também imaginou onde teria ido a serviçal de Adelaide. Talvez ela tivesse sido alertada, ou paga para sair.

Ela realmente parecia bem, mas ele podia ver um ligeiro tremor em seu lábio inferior, quando ela falou. Mesmo que não fosse desmaiar de medo, não estava tão impassível quanto fingia estar.

Ela era uma mulher corajosa e capaz de se impor, tanto quanto um homem. Talvez fosse um equívoco pensar que ele poderia imaginar o que estaria passando por sua mente perspicaz.

— O que está havendo, Jane? — inquiriu a voz de lady Ethel, de um quarto mais distante. O rosto pálido de Jane rapidamente sumiu da porta, que foi logo fechada.

Quase na mesma hora, o mordomo e três soldados chegaram ao pé da escada. De Chevron estava vestindo uma camisa aberta e calças até os joelhos, de pés descalços. Os soldados, que deveriam estar de guarda, empunhavam espadas. — O que houve, milorde? — perguntou de Chevron, olhando para Armand e desviando o olhar da presença atordoante de Adelaide.

— Havia alguém em meu quarto — disse Adelaide com a voz ainda firme, embora estivesse corada, com os braços cruzados, talvez finalmente percebendo a pouca roupa que vestia. — Eu aposto que havia — um dos soldados murmurou, baixinho.

Armand lançou um olhar fulminante ao homem. — Tem conhecimento de algum bandido à solta no Castelo de Ludgershall? — perguntou ele, com a voz tão fria quanto o vento do norte.

O homem corou e murmurou: — Não, milorde.

— Então, mantenha suas observações para si — estrilou o mordomo.

— Eu não vi quem era — prosseguiu Adelaide, se dirigindo a Armand e ao mordomo e ignorando os soldados. — Onde está sua criada? — perguntou Armand. — Ela a deixou sozinha?

— A dama não quer uma criada em seu quarto — de Chevron se apressou em dizer, sem dúvida imaginando que se não o fizesse, pensaria mal dele, ou de seu amo. — Ele está certo — confirmou Adelaide. — Enquanto meu pai era vivo, eu dividia um pequeno quarto com minhas irmãs e, desde sua morte, prefiro ficar sozinha em meu quarto, à noite. Durante o dia, Walter sempre me concede uma empregada, se eu solicitar.

Era um sistema estranho, e obviamente implicava em algum risco, mas ele podia muito bem acreditar que ela podia ser tão insistente que de Chevron não tivera alternativa, exceto atender à solicitação.

— Posso sugerir que todos se retirem e deixem essa questão somente para mim e meus homens? — propôs o mordomo.

— Excelente idéia — disse Armand.

Apesar da evidente ansiedade de sua criada para voltar ao quarto, Eloise hesitou.

— Adelaide, você quer que eu...

— Estou bem e tenho certeza de que agora tudo está seguro — garantiu a amiga. — Por favor, volte para a cama.

Eloise assentiu e fez como Adelaide pediu, enquanto a empregada praticamente correu para o quarto.

Adelaide ficou na ponta dos pés e esticou o braço para pegar uma tocha de um do suporte na parede, fazendo com que a camisola apertasse seus seios. Depois ela voltou marchando para o quarto, seguida por de Chevron e seus subordinados — e Armand, tentando afastar a visão do corpo de Adelaide seminu.

De Chevron ordenou que os soldados permanecessem do lado de fora, antes que ele e Armand entrassem no quarto, agora iluminado pela tocha que Adelaide segurava na mão trêmula.

Os dois homens olhavam a confusão. Alguém havia aberto o baú de roupas de Adelaide e revirado todas as peças, véus, meias, espalhando tudo pelo quarto. Sua capa debruada de pele estava em pedaços no chão. Os vestidos também haviam sido deliberadamente rasgados.

Armand foi até Adelaide, e ficou de pé, imóvel, em meio à destruição e ao caos. Ele podia ver o choque, por trás de sua expressão austera, a brancura de suas bochechas, e o desânimo, no fundo de seus olhos.

Ele espiou seu robe, caído aos pés da cama. Aparentemente tinha escapado ao massacre e ele se apressou em colocá-lo ao redor dos ombros dela.

— Aqui, dê-me isso — disse ele, baixinho, erguendo a tocha da mão trêmula e entregando ao mordomo aturdido. — Venha, sente-se.

Ele a conduziu até a cama e a fez sentar. Ao ver seus chinelos embaixo da cama, ele ajoelhou para colocá-los.

Os pés dela estavam congelados e ele os esfregou por um momento, para aquecê-los.

— Pelo menos foram só suas roupas — disse ele. — Se você tivesse sido ferida...

Se ela tivesse sido ferida, ele não descansaria até encontrar o culpado. E o canalha se arrependeria do dia em que nascera.

— Não tem ideia de quem fez isso, milady? — perguntou o mordomo.

— Eu acordei... acho que foi quando um vidro de perfume quebrou... e percebi que havia alguém em meu quarto. Estava escuro demais para ver com clareza, mas eu vi... uma pessoa... então, saí da cama para pegá-la.

— Deveria ter gritado por socorro — disse Armand, aterrorizado ao imaginar o que poderia ter acontecido, se o canalha tivesse se virado para atacar, em vez de fugir.

— Não pensei nisso — admitiu Adelaide. — Vi alguém em meu quarto e apenas... — ela sacudiu os ombros — fui atrás dele.

— Foi algo muito perigoso de se fazer. Você deveria ter chamado um guarda.

Armand falava sério, para esconder seu espanto e a imensa preocupação que sentia pela segurança dela. Era quase tão forte quanto seus temores por Bayard.

Não, ele subitamente percebeu, com convicção inegável, que se preocupava com ela ainda mais. Afinal, Bayard era um guerreiro treinado. Apesar do quanto fosse corajosa, Adelaide era apenas uma mulher.

— Se acontecer novamente, tentarei lembrar de seu sábio conselho, milorde — disse ela, demonstrando irritação.

Ele não tivera a intenção de ferir seu orgulho. Não diria mais nada em relação ao que ela fizera. Afinal, ele também provavelmente sairia correndo atrás.

— Então, foi um homem que viu? — perguntou de Chevron.

— Acho que era um homem vestindo uma capa. Poderia ter sido uma mulher — respondeu Adelaide.

— Imagina se está faltando algo?

Adelaide ficou de pé, demonstrando determinação. Posso fazer um inventário. Imagino que vocês darão início a uma busca por intrusos e também informarão todos os guardas.

Como é que ele deixaria de admirar e respeitar uma mulher dessas? Como poderia deixar de ligar para seu destino?

— Começarei uma busca imediatamente — disse o mordomo, seguindo era direção à porta. — Os sentinelas foram alertados quando chamei os soldados, portanto, se foi um ladrão, ele ainda estará aqui e nós o pegaremos. Também vou colocar um guarda em sua porta, milady. Ninguém irá perturbá-la novamente.

— Não, não vai — disse Armand. — Porque pretendo ficar com milady.

Adelaide obviamente não ficou satisfeita com esta declaração.

— Um guarda do lado de fora de minha porta será ampla proteção — disse ela, firme.

A despeito do quanto ela fosse capaz, ou corajosa, ele simplesmente não correria o risco de que sofresse qualquer dano.

— Não vou deixá-la sozinha.

— Milorde, fico grato pela preocupação por sua noiva, mas isso não seria... apropriado — disse o mordomo. — Meus homens a manterão em segurança.

— Não tenho a intenção de fazer qualquer crítica aos seus homens, Walter, mas, ao menos esta noite, vou ficar aqui — disse Armand, deixando claro que não sairia.

Adelaide deu as costas, como se estivesse constrangida, mas não antes que ele visse a expressão de fúria em seus olhos. Haveria palavras ásperas da parte dela quando estivessem sozinhos, mas ele não ligava. Ela podia espernear o quanto quisesse, desde que estivesse segura.

— Como desejar, milorde — disse de Chevron, seguindo em direção à porta. — Ainda vou colocar um guarda do lado de fora.

— Obrigado — disse Armand.

Adelaide também assentiu agradecendo, mas, no instante em que a porta se fechou atrás do mordomo, qualquer gratidão desapareceu das feições dela. Ela fulminou Armand, como se ele fosse o intruso.

— Poupe-me de seu discurso, milady — disse ele, decidido. — Não vou deixá-la sozinha nesse quarto esta noite.

## Capítulo Treze

---

---

- Estou ferida? — perguntou ela. — Estou aos prantos de terror?
- Ele gesticulou para a bagunça ao redor deles.
- Está segura? Você não tem inimigos? Será que não lhe ocorreu que você pode estar em grande perigo?
- Quem quer que tenha sido, ele arruinou minhas roupas e me deixou em paz.
- Dessa vez.
- Não consigo pensar que alguém seria tolo o suficiente para tentar me fazer mal com um guarda do lado de fora de minha porta.
- Não vou correr riscos — Armand respondeu, inflexível.
- Ah, então você vai mandar em mim? Eu o lembro, senhor, de que não é meu marido, nem jamais será.
- Será que preciso lembrá-la de que há um guarda do lado de fora da porta? Baixe seu tom de voz, milady, e lembre-se de que supostamente estamos apaixonados. Que amante dedicado e preocupado eu seria, se a deixasse sozinha, depois desse acontecimento angustiante? Até onde a corte sabe, já fizemos amor ao menos uma vez e isso é praticamente estar casado, portanto, vou representar o papel de seu marido zeloso, da mesma forma que você deve agir como uma noiva dedicada e amorosa.
- Você está indo longe demais com essa encenação — disse ela, por entre os dentes cerrados, fechando os punhos.
- Vou até onde acho necessário, milady.
- Ah, sim, como você acha cabível! — retrucou ela, fechando mais o robe. — Bem, entenda isso, amado. Não vou permitir que homem algum me controle. Sobrevivi à tirania de meu pai e não vou me dobrar diante de outro homem.
- Pelo amor de Deus, milady, estou pedindo que faça isso? — perguntou ele, exigente, jogando as mãos para o alto. — Eu lhe garanto que não estou, mas apenas que faça seu dever, como eu preciso fazer o meu, mesmo que isso signifique ficar noivo de uma mulher que não é o tipo de esposa que eu gostaria, me humilhar diante do rei que me traiu e arriscar a vida de meu irmão. É melhor se poupar e parar de tentar me fazer agir de outro jeito.
- Cumprir seu dever não significa que tenha que ficar em meu quarto.
- Acredito que sim.

Ela sentou na cama e, subitamente, seus ombros caíram, como se ela estivesse exausta.

— Muito bem; milorde. Fique. Não tenho mais disposição para discutir com você esta noite.

Ela realmente devia estar exausta, e talvez a destruição de suas roupas tivesse sido mais perturbador do que ele havia presumido.

A frustração e irritação dele começaram a dar lugar a uma vontade de confortá-la. Infelizmente, ele podia até imaginar como ela reagiria a isso.

— Acha que isso tem alguma coisa a ver com a conspiração?— perguntou ela. — Acha que os traidores sabem que estamos cientes de sua trama e isso é um tipo de aviso?

— Pode ser — respondeu ele, recostando na penteadeira dela e deliberadamente mantendo distância. — Mas se é um aviso, é bem pobre. É vago demais, isso sim. Acho que parece mais um ato de inveja. Já vi esse tipo de sabotagem antes, numa guarnição onde um soldado parece ser favorecido em detrimento de outro. O que não foi favorecido desconta sua raiva no outro, destruindo suas armas, ou armadura. Como suas roupas foram arruinadas, isso me parece mais um ato vindo de uma mulher... talvez Hildegard.

— Sim, pode ser — concordou Adelaide, levantando e começando a catar as roupas. — Consigo ver Hildegard fazendo algo assim.

Ela parou e deu-lhe uma olhada quando ele começou a ajudar.

— Você não precisa fazer isso — disse ela, esticando a mão para pegar uma de suas roupas da mão dele.

— Não me incomodo em dar uma mão — disse ele, recusando-se a entregar a peça branca macia. — Já que não estamos realmente noivos, portanto sendo improvável que façamos qualquer coisa que seria esperada de um casal noivo, passando a noite juntos num quarto, posso ajudá-la.

Improvável que façamos qualquer coisa que um casal noivo faria num quarto? A garganta de Adelaide ficou seca e suas mãos recomeçaram a tremer quando ela pegou mais roupas.

— Então, você vai ficar aqui para me proteger de Hildegard, ou outra mulher? — disse ela, tentando parecer achar divertido.

— Ao contrário da maioria dos homens — respondeu ele, enquanto continuava a ajudar a catar as roupas, dobrando-as e fazendo uma pilha sobre a cama, — não acredito que mulheres sejam incapazes de violência. Se você tivesse uma arma nas mãos, esta noite, sem dúvida eu estaria morto.

— Não posso discordar — disse ela. — No entanto, acho que posso me proteger contra outra mulher.

Se você estivesse igualmente armada, não duvido. Mas qualquer um pode ser derrotado por um adversário mais bem armado.

— Você acredita que Hildegard seja capaz de assassinato?

— Não tenho certeza se ela teria coragem, quando realmente chegasse a hora — disse ele. Ele gesticulou ao redor do quarto. — Mas algo desse tipo... certamente. Onde fica o quarto de Hildegard?

Ela lembrou de onde ele estava, quando ela o derrubou.

— É aquele, de onde você saiu — disse ela lentamente, se virando para ele, imaginando o que exatamente ele estaria fazendo lá.

— Eu não estava desfrutando de um encontro secreto com aquela inescrupulosa, se é isso que está pensando — disse ele, curvando-se, para pegar os restos de uma capa.

— Não significaria nada para mim, se estivesse — disse ela, num tom ligeiramente afetado demais. — Afinal, teremos que romper o noivado em algum momento, e se as pessoas acharem que você andou dormindo com Hildegard...

— Acharão que sou o mesmo tipo de promíscuo que foi meu pai — retrucou ele, apertando a capa nas mãos, como se quisesse rasgar. — Isso é algo que não quero.

Ele jogou os restos da capa sobre a cama.

— Aliás, eu estava a caminho do meu quarto, quando lady Jane pediu minha ajuda. Ela me disse que sua mãe havia caído da cama. Sugeri que chamássemos um serviçal, mas ela afirmou que queria primeiro tirar a mãe do chão. Estava tão aborrecida que concordei, somente para descobrir que a mãe não estava lá. Temi que pudesse ser uma armadilha... e era — ele terminou de falar num murmúrio zangado, quando se inclinou para pegar outra peça de roupa.

Adelaide o encarava, quase tão aturdida como quando viu seu quarto, sob a luz da tocha.

— Uma armadilha! Jane está envolvida na conspiração? — Seria difícil de acreditar.

— Não.

Isso era um alívio, no entanto...

— Então, que tipo de armadilha era?

— Não é importante. Eu não corria perigo algum. Saí do quarto e você me derrubou no chão.

Ele estava propositalmente evitando olhá-la. E estaria corando?

Por que ele ficaria constrangido...? Ele era um homem muito atraente e Jane era mulher.

— Ela o beijou?

Isso fez com que ele a olhasse. Ou melhor, a fulminasse com os olhos.

— Não!

— Mas ela tentou? — incitou Adelaide. Ela podia entender por que uma mulher faria isso.

— Eu disse que ela fez algo desse tipo?

Quanto mais ele se esquivava, mais certa ela ficava de ter tido um palpite certo.

— Então, ela tinha outra razão para estar sozinha com você? Talvez quisesse alguma tradução de grego, ou latim?

— O que aconteceu naquele quarto é entre lady Jane e eu, e não é da sua conta! — rosnou ele, pegando outra peça de roupa e arremessando na cama, sem tentar dobrá-la.

— É claro que não tem que me contar, se não quer — disse ela ao esticar a mão para pegar um véu rasgado, — embora eu certamente possa entender por que Jane ficaria tentada. Você é um homem muito atraente.

Ele a olhou diretamente.

— Você acha isso divertido?

— Não. Na verdade, triste. Pobre Jane.

Ele fechou a tampa do baú e sentou em cima. — Ela disse que temia jamais se casar e queria ter a experiência do amor, ao menos uma vez. Comigo.

— Espero que você não tenha ficado muito zangado com ela.

Ele deu um salto e começou a andar de um lado para o outro, como uma fera enjaulada.

— Tentei ser gentil, apesar de que aquilo me fez sentir como se eu fosse um prostituto.

Ele estava verdadeiramente perturbado pelo que havia acontecido, o que dizia, mais que palavras, que ele não era nenhum cafajeste mulherengo.

— Ela fez com que você se sentisse como um objeto, não uma pessoa — Adelaide disse, baixinho. — E agora você sabe como eu me sinto, todos os dias da minha vida.

Ele parou de andar.

— Todos os dias?

— Todos os dias em que estou na corte — afirmou ela. Ele a olhou com uma nova compreensão nos olhos escuros, uma compaixão que ela inesperadamente achou mais desconcertante do que a raiva dele.

— Suponho que também não é fácil ser um cavaleiro — disse ela, caminhando em direção à janela, onde a lua quase cheia brilhava, no céu noturno. — Ir para onde o rei manda e agir segundo suas ordens, principalmente quando o rei é um homem como João.

— Não, não é. — Ele concordou, seguindo-a. — Houve muitas vezes em Marchant que teria sido fácil me render, se meu juramento e minha honra não tivessem impedido.

— Você salvou muitas vidas inocentes ao se render, quando o fez — disse ela, aborrecida ao ouvir a condenação na voz dele, e alerta por ele estar tão perto, atrás dela. — Se você não tivesse se rendido, muito mais gente teria morrido. E você pagou um preço alto, quando o fez.

— Não tão alto quanto muitos — murmurou ele. Ela se virou de frente para ele.

— A morte de seu escudeiro não foi culpa sua — sussurrou, querendo confortá-lo. Precisando fazê-lo,

— Você sabe?

— Sim, sei. — Ela esticou a mão e pousou no braço dele. — Você fez tudo que pôde. Não pode se condenar.

Apesar de apertar os lábios, o remorso era visível nos olhos pontilhados de dourado.

— Ele não merecia aquela morte. Nenhum dos homens merecia.

— Porque você foi abandonado pelo rei que deveria ter feito tudo em seu poder para salvá-lo. Não foi culpa sua, Armand.

Ele baixou a cabeça e cobriu a mão dela cora a dele, e esse gesto simples, mais que terno, cheio de significado, foi mais emocionante que um beijo.

Mas talvez ele fosse beijá-la, e ela não lamentaria...

Ele não a beijou. Em vez disso, disse:

— Tenho algo a lhe contar, Adelaide. Encontrei o dinheiro do resgate que havia sido roubado, dentro da minha bota.

Ela o olhou, chocada.

— Você conseguiu seu dinheiro de volta, depois de levar a única coisa de valor que eu possuía?

— Fui roubado — insistiu ele, com as mãos rijas, nas laterais do corpo. — O dinheiro foi devolvido ao meu quarto e colocado dentro da minha bota. Por que, eu não sei. Consciência pesada, talvez? O ladrão temia ser pego? Qualquer que tenha sido a razão, eu lhe dou minha palavra de honra como cavaleiro que não tinha o dinheiro, quando entreguei seu crucifixo ao rei.

Ela foi em direção à cama e sentou pesadamente.

— Mas por que um ladrão, depois de ter levado seu dinheiro, o devolveria?

— É isso que tenho me perguntado, desde que o encontrei em minha bota.

— Pode ser que ele queira causar confusão entre nós — cogitou ela.

— Pode ser, e ele quase foi bem sucedido.

— Você tem de admitir que isso é muito estranho, Ele suspirou e assentiu.

— Parece que só têm acontecido coisas estranhas, desde que vim para Ludgershall. — Ele deu um sorriso de reprovação. — As coisas deviam ser bem tediosas antes.

— Eu não diria isso — respondeu ela, cruzando os braços, enquanto pensava em todas as vezes que se sentia com a faca no pescoço, rebatendo as palavras do rei ou de outros cortesãos.

— Acho que foi tolo de minha parte dizer isso, Não pode ser fácil para você viver aqui. — Ele franziu as sobrancelhas, enquanto a observava. — Você deve estar exausta. Deve ir para cama e tentar dormir.

— Se eu fizer isso, onde você estará, milorde?

Ele arrastou uma banqueta até a parede de frente para a cama e sentou, depois se recostou na parede e esticou as pernas à frente, no chão. Cruzou os braços sobre o peito largo.

— Bem aqui.

Aquilo não podia ser confortável, com a parede de pedras frias nas costas.

— Passei três meses num calabouço, dormindo numa palhoça fétida, portanto você não precisa se preocupar com meu conforto.

Apesar das palavras sinceras, ela afastou a pilha de roupas de cima da cama e puxou a coberta para entregar a ele.

— Agradeço, mas não preciso — disse ele, com um sorriso.

— Há cobertas de sobra em minha cama. Vou ficar aquecida o suficiente sem essa.

Ele pegou a colcha assentindo, com uma expressão nos olhos castanhos que a deixou mais aquecida do que qualquer coberta deixaria.

— Obrigado, milady. Mas se sentir frio, tem de me dizer. E ele... faria o quê?

Devolveria a colcha, claro, pensou ela, silenciosamente censurando os pensamentos impuros, quando se apressava em voltar até a cama. Ela rapidamente tirou o robe e entrou embaixo dos lençóis, deixando a pilha de roupas onde estava.

No entanto, apesar de ser tão tarde, o sono não vinha. Ainda estava agitada demais pelo que havia acontecido e distraída pela presença de Armand. Ela apurava os ouvidos para tentar escutar se ele se mexia. Imaginava se ele realmente poderia dormir naquela posição, ou se só lhe dissera isso para amenizar as dúvidas quanto ao seu conforto.

Ele se mexeu algumas vezes e, em cada ocasião, ela ficava na expectativa. Ela não temia que ele a machucasse, ou forçasse algo.

Temia suas próprias fraquezas.

Quando estava perto de Armand, quando ele agia gentilmente, quando ele era evidentemente diferente de seu pai brutal, como era possível que um homem fosse, ela o achava irresistivelmente atraente. Nessas horas era fácil esquecer sua promessa e a razão por tê-la feito. Em vez disso, ela ficava recordando que jamais prometera ser celibatária.

Ela suspirou e virou de lado. Finalmente, ao leste, o dia começava a raiar. Ela podia ouvir os cânticos matinais dos pássaros, que logo deram lugar aos ruídos feitos pelos empregados quando começava o dia de trabalho e a mudança da guarda.

Ela desviou o olhar da janela, na parede do lado oposto, e encontrou o olhar fixo de Armand.

— Aborrecida demais para dormir, milady? — perguntou ele, baixinho, apoiando o peso à frente, fazendo com que a banqueta ficasse sobre as quatro pernas.

— Não estou acostumada a ter um homem em meu quarto. Isso fez surgir um sorriso no rosto dele.

— Nem eu a sentar numa banqueta, na presença de uma mulher, de quem supostamente estou noivo.

— Não, imagino que não.

Ela levantou para sair da cama e ele se apressou em lhe dar o robe. Seu olhar desviou para os seios e os mamilos eram visíveis por baixo do tecido fino, sob a luz da manhã.

Deus do céu! Era o mesmo que estar nua! Ela subitamente se virou de costas para ele enquanto vestia o robe e esticou os braços para trás para tirar os cabelos de dentro. A criada deveria chegar logo...

As mãos dele entraram por baixo da cortina de cabelos e troçaram sua nuca quando ele pegou os cabelos. Ela ficou dura como um toco e ele deixou que os cabelos escorregassem por entre os dedos.

— São mais macios que veludo — murmurou ele.

Ela sentiu o corpo inteiro reagir, como se ele a tivesse acariciado com as mãos.

Ela se afastou e virou-se para olhá-lo, amarrando o robe como se fosse uma armadura.

— Você é tão lisonjeiro quanto Francis.

Quando viu a expressão de injúria nos olhos dele, imediatamente se arrependeu das palavras impetuosas.

— Não há necessidade de me insultar — disse ele, se afastando.

— Você me pegou desprevenida — admitiu ela. — Nunca deixei que nenhum homem fizesse nada assim. Você... me aborrece.

Olhando-a fixamente, ele gentilmente a segurou pelos ombros.

— Essa é a única forma como a faço se sentir, milady?

Ela não podia olhá-lo, não conseguia evitar o rubor nas bochechas e o calor em seu corpo. Não conseguia responder.

— Acho que não — sussurrou ele, trazendo-a mais para perto, baixando a cabeça para beijá-la.

Impeça-o!, a mente dela gritava. Isso está errado. Só mi causar mais confusão. Mágoa e desonra e uma promessa quebrada. Pare agora, enquanto pode!

Mas ela era impotente para negar o desejo que brotava por dentro. Como sempre, surgira quente e forte e, dessa vez, não teve como contê-lo. E venceu seus protestos internos. Ali, agora, a única coisa que parecia importante era esse homem e seu beijo, seu desejo que ansiava por ser satisfeito. O futuro não tinha importância. O presente era tudo.

Com um gemido baixinho, ela se rendeu às sensações causadas pelos lábios dele sobre os seus. Ele deslizava a boca sobre a dela, saboreando, provocando, enquanto os braços de Adelaide o enlaçaram pela cintura esguia, e as mãos dela se espalharam sobre as costas musculosas.

As mãos dele a seguravam pelos cabelos soltos, antes de descerem até as nádegas, apertando-a junto a si. Ela sentiu os mamilos se contraírem, suas partes mais íntimas pulsavam, como num convite, ao sentir o pênis rijo.

Ele a pegou nos braços e carregou para a cama, deitando-a. Ela esticou os braços e o recebeu com os lábios, puxou-o abaixo, ao seu lado, deixando cair a pilha de roupas no chão. Ele acariciava seu corpo, enquanto as línguas se entrelaçavam. Então, quando ela levou os braços ao redor do pescoço dele, pare trazê-lo mais para perto, ele a acariciava com as pontas dos dedos, descendo pelos seios, brincando com a ponta do mamilo. A camisola fina era uma barreira frágil, pouco mais que nada, e ele a provocava no mamilo, com a ponta do polegar. Quando o joelho dele separou suas pernas devagarinho, ela avidamente ergueu o quadril para pressionar o próprio corpo junto à coxa dele.

Os lábios de Armand foram percorrendo o pescoço, o colo, deixando beijinhos conforme desciam. Enquanto isso, ele levantou a bainha da camisola, deixando a perna nua quase até o alto da coxa. Depois disso, começou a acariciá-la, começando abaixo do joelho.

Mais parecia uma tortura, à medida que a mão dele subia lentamente, até chegar ao quadril.

Fez cócegas e ela resistiu, mas, no momento seguinte, os lábios dele estavam apertados contra os dela, com uma avidez ainda mais ardente. Ela sentia todo o corpo dele junto ao seu, os seios colados ao peito dele. Então, ele sentiu a mão dela, lá... uma pressão lenta mas instigante.

Gemendo, ela se arqueou e o segurou com força, fazendo com que seu corpo ficasse ainda mais em contato com o dele. Ele continuava acariciando-a em sua umidade nua. Então, deslizou um dedo para dentro.

Conforme a tensão latejava em ondas de uma força inacreditável, ela soltou um grito, um som primitivo e alto, em meio ao silêncio.

A porta do quarto se abriu.

Resfolegando, Adelaide se desvencilhou dele e sentou, quando Eloise entrou apressada, segurando o vestido verde no braço.

## Capítulo Quatorze

---

---

— Não estou nem um pouco surpresa por você ainda estar na cama, Adelaide — disse Eloise, enquanto seguiu até a banqueta e colocou o vestido sobre ela, antes de se virar na direção da cama. — Acordar e encontrar um homem...

Ela soltou o ar, exasperada, depois recuou, em direção à porta, o rosto vermelho como vinho.

— Sinto muito! Eu não sabia... não esperava... Apenas trouxe... Achei que você tinha respondido à minha batida e...

Ela remexeu na fechadura por um instante, depois saiu correndo do quarto, batendo a porta. Armand também sentou.

— Isso foi um infortúnio.

Para sua humilhação, Adelaide percebeu que estava tentando não rir.

— Infortúnio? — ela estrilou, enquanto pegava as roupas no chão e colocava na cama. — Foi muito mais que isso.

Ele levantou e pousou a mão no braço dela, para fazê-la parar.

— Não há necessidade de ficar aborrecida, Adelaide. Nós somos noivos.

— Por enquanto — disse ela, retorcendo o braço para se soltar dele. Foi até a penteadeira, pegou o pente e passou nos cabelos em desalinho.

Claro que ela estava aborrecida. Ele também não estava exatamente livre da frustração. Contudo, o que ele dissera havia sido para valer. Ele faria o que fosse necessário para endireitar as coisas. Ele sabia que ela dava valor à honra, tanto quanto qualquer homem. Tanto quanto ele. E ele não era como seu pai.

— Vai ficar tudo bem, Adelaide. Eu lhe dou minha palavra como cavaleiro do reino que irei me casar com você.

Ele estava sendo completamente sincero. Ele queria Adelaide D'Averette como sua esposa, tanto quanto queria que Bayard fosse libertado. Queria levá-la para casa, em Boisbaston, onde ela poderia ser a dama de seu castelo e formariam uma família de bons filhos e lindas filhas.

Para surpresa e assombro dele, ela franziu o rosto, enquanto colocava o pente na penteadeira.

— Eu lhe agradeço pela oferta, milorde, mas esse noivado teve o propósito de ser uma encenação e assim permanecerá.

— Mas...

— Não vou me casar com você, Armand.

Diante da resposta áspera, o coração dele pareceu estilhaçar, embora ele tentasse dar sentido à recusa dela. Seus beijos, abraços, a paixão que ela demonstrara esta manhã, tudo o levava a pensar que seus sentimentos por ele iam muito além da encenação.

Obviamente, ele estava errado.

Por baixo da dor dessa percepção, havia outra ferida que havia sido reaberta, da forma como ele fora incapaz de ganhar a afeição do pai, como não fora importante para ele, nem digno da atenção da madrastra, exceto para ser criticado.

Depois, o orgulho que o mantivera durante a infância e juventude, o fato de saber que Bayard o amava e que Randall gostava dele, pareceu sarar esse ferimento.

— Perdoe-me por pensar que ser minha esposa não seria o pior destino do mundo.

O tom dela abrandou, assim como a expressão no olhar, ao se dirigir a ele.

— Realmente não acho isso. É simplesmente o que eu disse. Não vou me casar com você.

As palavras dela não suavizaram sua amargura.

— Em vez disso, você me tem como qualquer um desses devassos que tentaram seduzi-la, exceto que quase fui bem sucedido, onde tantos fracassaram.

— Sei que você não é assim. Você é melhor do que muitos homens da corte.

As palavras não lhe trouxeram consolo algum, apenas mais dor e confusão.

— No entanto, não sou bom o suficiente para você.

— Minha decisão não tem nada a ver com você.

De certo modo, isso era ainda pior.

— Isso deveria me consolar?

Ela enlaçou as mãos e o olhou com puro arrependimento.

— Não vou me casar com você porque não posso me casar com ninguém, Armand. Fiz uma promessa de jamais me casar.

Ele a olhava, perplexo.

— Quem a forçou a fazer tal coisa?

— Ninguém me forçou — respondeu ela. — Fiz o juramento por vontade própria e, assim como você dá valor à sua palavra, também dou à minha.

Ela manteve o olhar fixo no rosto dele, odiando a si mesma por magoá-lo, triste por ter de fazê-lo, desejando poder poupar a ambos, mas querendo que ele aceitasse que, da mesma forma como não quebrou seu juramento ao rei que o abandonara, ela não quebraria sua promessa às irmãs.

Ou não seria nada além de uma mulher fraca, no fim das contas, já que sua palavra em juramento não valeria mais que pó.

— Depois que meu pai morreu, quando eu e minhas irmãs finalmente tivemos um pouquinho de liberdade, queríamos continuar livres, ou livres como uma mulher pode ser — explicou ela. — Nós juramos que jamais nos submeteríamos a maridos, e fizemos um pacto de honra de nunca nos casarmos.

Ela endireitou os ombros, com mais determinação do que jamais tivera.

— Eu não vou, não posso quebrar essa promessa. Nem por você.

Ele jamais se sentira tão impotente, nem mesmo acorrentado.

E ao olhar o rosto resolutivo de Adelaide, lembrando de sua coragem, força e determinação, ele percebeu que, dessa vez, essas qualidades seriam contra ele. Ela não era uma mulher fraca, nem inconstante, do tipo que dava às mulheres a reputação de criaturas tolas e indecisas. Ela jamais quebraria uma promessa.

Jamais se casaria com ele.

— Se você deu sua palavra, tem de mantê-la — disse ele. Depois, ele saiu do quarto sem dizer mais nada, nem sequer olhar em sua direção.

Depois que ele saiu, Adelaide sentou na cama e ficou olhando a porta fechada. Assim era como tinha de ser, disse a si mesma. Como as irmãs, ela dera sua palavra, e sua honra exigia que a mantivesse, mesmo não estando tão certa de que o casamento era uma escravidão. Tivera tanta certeza que homem algum jamais lhe daria o valor e respeito que demonstraria por alguém do mesmo sexo. Ela acreditara que jamais encontraria um homem com quem desejasse passar o resto da vida.

Ela estava errada. Tão, tão errada...

Outra batida soou na porta, porém leve e cautelosa. Uma empregada, provavelmente.

Ela não queria ver ninguém. Queria ficar sozinha. Queria chorar. Como uma menina fraca e tola.

Ela secou as lágrimas que já haviam caído em suas bochechas e lembrou a si mesma que era lady Adelaide D'Averette. Ela se mantivera firme diante do pai brutal, para proteger a mãe e irmãs, e da mesma forma resoluta aceitaria as conseqüências de sua promessa.

— Entre! — gritou, decidida a agir como se não houvesse nada de errado, e continuar a farsa do noivado até que pudesse descobrir quem estava tramando o assassinato do conde e do arcebispo.

Não foi uma empregada que espiou pela porta do quarto. Era Eloise.

— Por favor, entre — disse Adelaide, lembrando da última vez em que vira Eloise. Corando, ela rapidamente buscou refúgio ao lavar o rosto.

— Desculpe, Adelaide, de verdade! — disse a amiga humildemente, enquanto entrava no quarto. — Eu estava tão preocupada que você não tivesse nada para vestir e queria lhe dar aquele vestido.

— Fico grata por sua atenção — respondeu Adelaide, enquanto secava a água fresca do rosto. — Mas talvez eu consiga me virar com meus próprios vestidos. Há alguns que só precisam ser costurados para ser usados.

— Oh, mas eu tenho mais do que posso usar, assim como várias outras damas, olhe.

Adelaide deu uma olhada por cima do ombro e viu Eloise com os braços repletos de roupas. Ela se apressou em pegar algumas de Eloise e colocá-las sobre a cama, enquanto Eloise também colocava o restante.

— Maravilhoso, não é? — disse Eloise. — Você é mais conhecida do que imagina.

Adelaide olhou, maravilhada, a variedade de vestidos, meias e véus.

— Mais de uma das damas disse ter certeza de que isso foi coisa de Hildegard. É claro que Hildegard está negando ter qualquer coisa a ver com isso, mas ninguém acredita nela. Até lady Mary mandou essas peças. É provável que fiquem curtas em você, mas é melhor do que nada. E lady Wilhemina deu sete vestidos.

— Fico surpresa que essas duas tenham sido tão generosas — disse Adelaide, passando a mão no vestido verde. — Sempre achei que elas valorizassem a amizade de Hildegard mais do que a minha.

— Aparentemente, até agora. Hildegard deixou bem claro que ela consideraria qualquer ajuda a você como uma afronta pessoal. Eu me pergunto se foi por isso que lady Jane estava agindo de forma tão estranha. Ela não disse nada, nem sequer olhou pra mim.

— Talvez ela não quisesse aborrecer a mãe — disse Adelaide, embora pudesse imaginar o motivo por Jane se comportar dessa forma. Jane certamente estava chateada devido ao que acontecera com Armand, na noite anterior. Ela provavelmente pensou que Armand contara a Adelaide sobre tudo que houvera e temia que eles contassem aos outros.

— Eu sei que a mãe dela tem noções muito severas de decoro — disse Eloise, — mas sempre achei que Jane fosse mais generosa. Afinal, você e Armand estão noivos. Infelizmente, parece que ela não é.

Apesar da forma como lady Jane estava se comportando, Adelaide queria que Eloise soubesse ao menos parte da verdade.

— Nós não fizemos amor.

Os olhos de Eloise se arregalaram.

— Não fizeram? Mas eu vi... quer dizer... — Ela caiu em silêncio, constrangida, e começou a arrumar os vestidos, até que mudou de assunto. — Você acha que Hildegard estragou suas roupas?

— Eu gostaria de saber — respondeu Adelaide, aliviada por não estar falando sobre o que acontecera, e o que não acontecera, com Armand na noite anterior. — Sei que não foi você, nem Jane...

No momento em que proferiu o nome de Jane e viu a mudança no rosto de Eloise, ela quis morder a língua e pegar as palavras de volta. Mas não podia.

— Jane estava falando com Armand no instante em que minhas roupas eram destruídas — explicou ela.

— Ah, é? — respondeu Eloise, num tom curioso. Não foi para contar sobre a solidão desesperada de Jane.

— Acho que não devo dizer mais nada.

A luz da curiosidade sumiu dos olhos de Eloise, substituída por uma tristeza que deixou Adelaide aflita.

— Se você não quer me contar... — murmurou ela.

— Foi algo entre Armand e Jane, então acho que não devo.

— É claro. Eu entendo. Armand compartilha de suas confidências, eu não.

Adelaide não queria que esse noivado farsante custasse a amizade de Eloise, mas ela realmente não achava ser de sua conta descrever o que acontecera entre Jane e Armand.

— Vou deixá-la, para se vestir — disse Eloise, seguindo em direção à porta. — Tenho certeza de que sua criada virá logo. Ou prefere descansar?

Na verdade, Adelaide queria se aninhar sob as cobertas e ficar sozinha, longe de Armand e todos os outros, mas, se ela ficasse em seu quarto, o que isso diria a Hildegard, ou quem tivesse arruinado suas roupas? Que ela poderia ser derrubada por um ato tão covarde?

— Obrigada, Eloise, mas vou ao salão e considerarei um grande favor se você ficar e me ajudar a me vestir. Prefiro sua companhia a uma das criadas. Depois podemos ir ao salão juntas, se não se importar em ser vista comigo.

Para alívio de Adelaide, Eloise sorriu.

— É claro que não me importo em ser vista com você. Você é minha amiga e não é o caso de ter feito nenhuma desgraça.

Ainda, não, o desejo de Adelaide sussurrou. Jamais, sua determinação retrucou.

De cabeça baixa, Armand entrou no quarto que dividia com Randall. O amigo estava de pé no meio do quarto, tenso, como se estivesse esperando durante horas e, a julgar por sua expressão...

— Bayard! — exclamou Armand, ofegante, e suas pernas quase dobraram. — Ele está morto?

— Não, não! Eu não tenho uma notícia dessas — disse Randall, rapidamente.

Quando desabou em sua cama, Armand pensou em outro motivo para que Randall pudesse estar com aquela expressão.

— William Marshall está morto?

Franzindo o rosto intrigado, Randall sacudiu a cabeça.

— Não, embora eu tenha tido notícias dele. E não são boas.

Isso explicaria o comportamento ansioso de Randall, e Armand receou que seu alerta tivesse chegado tarde demais.

— Ele está doente?

Randall franziu as sobrancelhas ainda mais e sentou na cama do lado oposto.

— Ele está muito bem, até onde sei. Seu regresso de Gales será adiado. Não é isso que está me preocupando. Walter de Chevron me contou sobre o intruso no quarto de Adelaide, ontem à noite.

É claro.

— É perturbador, mas ela não foi ferida, graças a Deus.

— Ele também me disse que você insistiu em ficar no quarto dela.

— Sim, é verdade. Eu não estava disposto a correr riscos com sua segurança.

O olhar de Randall hesitou.

— Confio que você esteja planejando o casamento para breve. A essa altura, a corte inteira já deve ter ouvido falar sobre a noite de ontem e, bem, certamente não preciso lhe dizer o que vão ficar comentando.

Armand ficou de pé e começou a andar de um lado para o outro, como fizera no quarto de Adelaide e na pequena cela da prisão.

Adelaide sabia o que as pessoas iriam dizer sobre eles, mas ainda assim não se casaria com ele. E depois que identificassem os traidores, pelo menos assim ele supunha, depois de um certo tempo, ou se eles não conseguissem achá-los, ela declararia que o noivado terminara, apesar das conseqüências.

Ele parou e enlaçou as mãos atrás das costas, a mão esquerda segurando o punho direito fechado.

— Na verdade, estou em dúvida quanto a me casar com ela. Randall olhava Armand como se não compreendesse o que estava ouvindo.

Ele provavelmente não compreenderia e, embora Armand estivesse satisfeito por reconhecer isso como um elogio à sua honra, ele agora fazia o amigo acreditar que poderia ser desonrado e quebrar uma promessa.

— Não nego que ela seja uma mulher atraente. Inteligente, também. Mas é muito inclinada a me dizer o que fazer. Você pode imaginar o quanto gosto disso.

Randall demonstrava uma expressão mais séria do que Armand jamais vira.

— Mas você passou a noite no quarto dela.

Era verdade. E ele que insistira, outra decisão errada.

— Sim, passei... para protegê-la. Mas seja lá o que a corte estiver falando, jamais fiz amor com ela. Lady Adelaide ainda é virgem.

Os olhos de Randall se arregalaram por um instante; depois, sua indignação séria retornou.

— Se ela é virgem ou não, isso não importa. Você passou a noite em seu quarto e, a menos que se case com ela, sua reputação será destruída.

— Ela é uma bela mulher — disse Armand. — Facilmente encontrará outro marido que não se incomodará com os boatos, principalmente quanto eu deixar claro que não tirei sua virgindade.

Randall o olhava com absoluta incredulidade.

— Se o fez, ou não, você realmente consideraria romper o noivado?

Pelo amor de Deus, por que Randall não podia apenas aceitar o que ele estava dizendo?

— Você sabe como foi a minha vida quando minha madrasta estava viva. Quero paz em meu lar, e começo a temer que isso talvez não seja possível com lady Adelaide como minha esposa.

— Mas seu acordo de compromisso, sua promessa de se casar com ela, nada disso significa algo para você? — perguntou Randall, incrédulo. — Você está esquecendo de que esse é exatamente o tipo de coisa que seu pai fazia: prometia casamento apenas para desonrar e abandonar sua conquista?

— Não sou como meu pai — rosnou Armand, segurando o punho fechado na palma da mão. — Não fiz amor com Adelaide.

— Mas prometeu se casar com ela. Pelo amor de Deus, Armand, eu o tenho defendido desde Marchant, mas começo a achar que não o conheço de verdade.

— Não vou me prender a um casamento infeliz — insistiu Armand e ao menos isso era verdade.

Randall foi mancando até a porta e parou na soleira, olhando para trás, com uma expressão fria e áspera.

— Achei que você fosse um homem de honra, Armand, mas se não se casar com lady Adelaide, é, de fato, filho de seu pai.

Quando Randall bateu a porta atrás de si, uma nuvem de mágoa e desespero pairou sobre Armand. Ele sentou na cama, mergulhou o rosto nas mãos e desejou jamais ter vindo para Ludgershall.

Embora tivesse a presença confortante de Eloise ao seu lado, Adelaide mentalmente se contraiu, ao atravessar a entrada do salão naquela manhã.

Graças a Deus, Francis e Oliver não estavam presentes. Nem lorde Richard, ou os Sansuren. Infelizmente, Hildegard estava, assim como muitas das outras damas que olhavam Adelaide com franca curiosidade, enquanto cochichavam atrás das mãos.

— Mulher desavergonhada! — murmurou lady Ethel em voz alta, de seu banco perto de uma das pilastras. — Não chegue perto dela, Jane. Não quero que seja maculada.

— Sim, mama — respondeu Jane de seu lugar, ao lado da mãe. Ela nem olhou para Adelaide e, embora esta tivesse uma explicação para que Jane agisse dessa forma, aquilo a magoou.

— Ora vejam se não é a honrada lady Adelaide — declarou Hildegard, marchando na direção dela.

— Eu sou uma dama honrada — respondeu Adelaide.

— Todos ouviram dizer que lorde Armand passou a noite em seu quarto. Espera que acreditemos que ele não lhe encostou a mão durante todo o tempo? — perguntou Hildegard.

— Lorde Armand ficou em meu quarto para assegurar que eu não fosse atacada. Quanto ao que aconteceu enquanto estávamos sozinhos, Armand de Boisbaston é o mais honrado e nobre cavaleiro desta corte, portanto, já que ainda não estamos casados, ainda sou virgem. Infelizmente, o mesmo não pode ser dito sobre todas as mulheres solteiras da corte.

Ela sorriu para Hildegard, com o mesmo desdém.

— Armand não era o único que não estava no quarto certo ontem à noite, era, Hildegard? Não me recordo de ter visto seu rosto em sua porta, quando o intruso fugiu de meu quarto.

Hildegard ergueu o queixo pontudo.

— Eu estava dormindo.

— Você deve ter um sono bem pesado.

— Ao menos, durmo sozinha!

— Não foi o que ouvi, embora talvez você já esteja sozinha até a hora em que adormece.

Hildegard corou e cerrou os punhos.

— Como se atreve a dizer tais coisas para mim, sua... sua... vadia!

Adelaide deu um passo à frente. Hildegard cambaleou para trás, como se temesse que Adelaide fosse atingi-la. Mas Adelaide jamais recorria a tapas ou agressões. Fazer isso era reagir como seu pai tempestuoso.

Em vez disso, ela usou a voz, séria e fria:

— Se você for inteligente, Hildegard, jamais voltará a me insultar. E se for a pessoa que entrou sorratamente em meu quarto, como um bandido, e arruinou minhas roupas, deveria deixar a corte. Armand providenciará que o autor seja punido, e eu também.

Enquanto as duas mulheres se encaravam, uma ligeira comoção surgiu na entrada da rainha e suas serviçais acompanhantes. Uma delas se apressou para afogar a almofada da cadeira menor, das duas que

estavam colocadas no palanque, enquanto a outra carregou a cauda do traje pesado da rainha, em damasco azul.

Ao se sentar, Isabel gesticulou para que Adelaide se aproximasse.

— Ouvi o que aconteceu ontem à noite — disse ela em sua voz de menininha. — Mas que coisa terrível! E num dos castelos de William Marshall. Eu juro que não há lugar mais seguro na Inglaterra!

— Foi mais um trabalho de uma criança petulante do que um bandido — respondeu Adelaide, ao curvar a cabeça para a rainha. — Ou talvez de uma mulher invejosa.

Ela ouviu Hildegard inalar o ar ruidosamente, mas não sentiu culpa. Era bem possível que Hildegard tivesse destruído suas roupas e, mesmo que não tivesse, ela merecia o constrangimento pelas coisas cruéis que dissera a Eloise.

— Espero que não tenha se ferido — disse a rainha.

— Não, só mexeram em minhas roupas.

A rainha correu os olhos pelo vestido de Adelaide.

— Esse foi poupado? — perguntou num tom que insinuava ser uma pena que um vestido feio tivesse sido poupado, enquanto outras roupas mais bonitas foram estragadas.

— Lady Eloise generosamente me deu esse. Ela tem bom coração, como sua majestade.

A rainha sorriu, como Adelaide esperava. Isabel gostava de ser lisonjeada e, sendo sincero ou não o elogio, não fazia a menor diferença. Ou talvez Isabel fosse incapaz de compreender que nem todas as lisonjas eram genuínas.

— Embora eu aprecie a generosidade de lady Eloise, sugiro que providencie alguns vestidos que lhe sirvam melhor — respondeu Isabel. — Esse está apertado demais.

— Sim, majestade. Vou consertar o que puder e providenciar alguns novos, o mais rápido possível.

A rainha enlaçou as pequenas mãos no colo.

— Disseram-me que um mensageiro chegou de Averette. O coração de Adelaide disparou.

— Se estiver trazendo seu dote, espero que lorde Armand lhe permita dispor de algum dinheiro para roupas mais adequadas.

Se o mensageiro tivesse trazido o dote, ela poderia dá-lo a Armand, para que pudesse libertar o irmão. Na Normandia.

O que significava que deixaria Ludgershall, a deixaria.

Ela já sabia que esse dia chegaria. Estivera ciente dessa situação, desse noivado que era temporário e fadado a terminar. Sua promessa tornava as coisas assim.

— Ouvimos outra coisa sobre ontem à noite que nos leva a presumir que seu casamento com lorde Armand deva acontecer muito em breve — a rainha prosseguiu.

Apesar de sua angústia, Adelaide olhou fixamente para Isabel.

— Nada me faria mais feliz — disse ela, antes de inclinar a cabeça e começar a recuar. — Se me dá licença, majestade, eu realmente preciso encontrar o mensageiro de Averette.

Depois que a rainha inclinou a cabeça, Adelaide seguiu rumo às portas duplas, dando um aceno de cabeça a Eloise, como despedida, enquanto passou por ela.

Ela se apressou para atravessar o pátio, na direção dos estábulos, onde esperava encontrar o mensageiro, e tentou não pensar na partida de Armand. Em vez disso, pensou no quanto ele ficaria feliz quando seu irmão estivesse livre. Em como seus olhos se iluminariam de alegria e imaginou o sorriso que se abriria em seu rosto.

Ela estava passando pelo beco entre a sala de armas e o estábulo, quando a mão surgiu e a agarrou.

## Capítulo Quinze

---

---

— Para onde está indo, minha orgulhosa e travessa lady Adelaide? — perguntou Francis, puxando-a no espaço estreito. — Vai encontrar seu amante no estábulo, dessa vez?

Ainda segurando-a firmemente pelo braço, ele imitou uma voz feminina.

— Eu gosto de passar um tempo com os cavalos. Eles me acalmam. — A voz dele voltou ao tom sarcástico de deboche.

— Tenho certeza de que você se acalma no estábulo. — Já se esqueceu do que aconteceu da última vez em que me tocaiou, sir Francis? — disparou Adelaide, enquanto tentava soltar o braço da mão dele. — Está ávido para perder sua vida?

— Acha que tenho medo de Armand? — perguntou ele, sarcástico. — Ele não é o guerreiro poderoso que você parece considerá-lo e um dia provarei isso. Então, sua adorável viúva ficará totalmente sozinha. Posso esperar, milady. Sou um sujeito paciente... embora ocasionalmente dê vazão ao meu temperamento.

Ele sorriu e se atreveu a tocar o rosto dela.

— Você dorme tão serena, como um anjo. Foi muito difícil não deitar ao seu lado ontem à noite, minha querida, mas, como eu disse, posso esperar.

— Foi você, seu vira-lata infantil! — gritou ela, ligeiramente trêmula de raiva, enquanto batia o dedo no peito dele. — Você destruiu minhas roupas!

Francis se aproximou mais, respirando no rosto dela.

— Não admito nada, exceto que você é linda e tentadora, e sabe muito bem disso, provocando os homens e brincando conosco a seu bel prazer. Atraindo-nos, depois recuando, fria como gelo, depois de nos deixar de sangue quente. Meu Deus, Eva, Dalila e Jezebel não foram nada, comparadas com você. Mas um dia, milady, querendo ou não, você virá para minha cama, e nesse dia eu vou lembrar de cada palavra, cada insulto, cada olhar de deboche e você pagará por cada um deles.

— Isso jamais acontecerá — retrucou ela. — Prefiro morrer a compartilhar sua cama. E você vai pagar pelo que fez ontem à noite.

— Acha mesmo? Eu não acho. Mesmo que, de alguma forma, você consiga provar que estraguei suas roupas, lembre-se de que tenho amigos, milady, amigos poderosos. Se você ou Armand me acusarem, irão se ferir, assim como aquele meio irmão arrogante dele, que ele acha tão maravilhoso.

Sem querer ouvir mais, Adelaide empurrou Francis e seguiu andando. Ele voltou a agarrar seu braço e a empurrou contra a parede.

— Pode agir como a dama honrada o quanto quiser, Adelaide, você não é melhor que uma meretriz... e um dia vou tratá-la como tal.

Ela o empurrou com toda sua força.

— Armand irá matá-lo!

Francis riu, enquanto ela correu para dentro do pátio.

— Ele pode tentar... se não liga para o irmão. Adelaide parou e lentamente se virou para ele.

— O que quer dizer?

Francis se recostou no muro de pedras, de braços cruzados, com um sorriso malicioso de satisfação.

— Quero dizer, milady, que tenho amigos na Normandia, portanto, é melhor que você e Armand tomem cuidado com a forma como me tratam.

Ele parecia uma criança mimada. E será que esquecera de onde eles estavam?

— Suas ameaças não me assustam, Francis, nem afetarão Armand. Ele também tem amigos, incluindo o conde de Pembroke.

Com isso, ela deu as costas e saiu correndo, pronta para procurar Armand e contar a ele o que ficara sabendo, até que viu o homem junto à porta do estábulo. O nome do soldado de meia-idade era Thomas e ele era um membro de confiança das tropas de Averette.

O mensageiro de Gillian, sem dúvida.

Alegria, desespero, alívio e preocupação a tomavam quando se apressou na direção dele. Ela olhou uma vez para trás, por cima do ombro, e viu Francis saindo sorrateiramente, de cara feia, depois correu até Thomas, para pegar o que ele lhe trouxera.

— Outra cerveja, milorde? — Bessy perguntou a Armand, quando ele se sentou na taberna. Ela estava de pé ao lado da mesa dele, com um jarro da melhor cerveja na mão, e a outra mão no quadril largo, e um sorriso no rosto.

Ele assentiu, segurando a caneca. Nem de longe estava bêbado, nem queria ficar, mas também não queria permanecer no castelo, onde Adelaide estaria.

Ou Randall. Deus que o ajudasse, Randall o abandonara como se ele tivesse uma moléstia, e por uma boa razão, pelo que acreditava.

— Obrigada por aquele dia, milorde — disse Bessy, servindo a bebida dourada. — Eu decidi mandar Moll passar um tempo com a avó.

— Isso foi inteligente — concordou Armand. — Eu a manteria por lá, até que o rei prossiga viagem.

Bessy assentiu e foi servir outro cliente — um comerciante próspero, a julgar pelas roupas finas, o belo cinto e as botas de couro — enquanto Armand bebia sua cerveja.

Ele estava na terceira caneca da excelente cerveja, quando a porta se abriu e lorde Richard d'Artage entrou na taberna, seguido por sir Edmond e seu irmão, sir Charles, e aquele maldito irlandês de cabelos escuros.

— Meu Deus, se não é Armand de Boisbaston! — declarou sir Oliver, aproximando-se da mesa enquanto Bessy seguia para a porta da cozinha e o porrete, que Armand notou, encostado à parede.

— O que faz aqui, milorde, solitário, longe de sua amada noiva? — perguntou o irlandês. — Veio até aqui se recuperar? Ela o desgastou?

Apesar de sua raiva, Armand teve a sensação de já ter ouvido a voz de sir Oliver antes, embora, infelizmente, não no jardim. Ele teria grande satisfação, se pudesse provar que esse sujeito insolente era um traidor.

— Lembro-lhe, senhor, que está falando de uma dama e minha futura esposa.

Oliver curvou a cabeça.

— Não tive a intenção de desrespeitar a dama — disse ele, com um sorriso jocoso que nada ajudou para abrandar a raiva de Armand. — Ela é a moça mais adorável que já vi. Espero que saiba o que está fazendo ao se casar com você.

Armand ficou de pé, preparado para desafiar o irlandês ali mesmo.

Ao mesmo tempo, Bessy resfolegou e deixou cair o jarro, mas não por causa deles. O rei surgira na porta da taberna.

E o cheiro da cerveja derramada se misturou aos outros aromas já pungentes no ar, enquanto o rei entrava no estabelecimento de teto baixo, olhando ao redor, como se jamais tivesse estado num lugar como aquele, embora certamente já tivesse.

— Bom dia, lorde Armand — disse ele. — Devo dizer que não esperava encontrá-lo por aqui. Espero que sua encantadora dama tenha tido um sono tranqüilo, apesar de tanta agitação. Ouvi dizer que várias damas estavam aborrecidas demais para dormir, mas, por outro lado, sem dúvida, elas se sentiram menos protegidas.

Claramente, o rei ouvira tudo a respeito da noite passada.

— Foi muito angustiante, majestade — respondeu Armand, enquanto Bessy catava os cacos do jarro e colocava ao lado do tonel de cerveja. — Tanto, que insisti em ficar no quarto de lady Adelaide. Achei que minha presença ia confortá-la, assim como evitar que o agressor voltasse.

O riso baixo e malicioso do rei era um dos sons mais asquerosos que Armand já ouvira.

— Aposto que você a confortou mesmo. Não que eu o culpe. Ela é uma das mulheres mais belas que já vi.

— Apesar do que possam ter lhe dito, majestade, ainda não tive o prazer de fazer amor com minha noiva.

O rei não fez segredo de seu ceticismo.

— Você passou horas no quarto de sua noiva e não a possuiu?

— Não, majestade.

Enquanto os outros homens trocavam olhares de admiração ou incredulidade, o rei sorria.

— Então, a dama mantém até você à distância.

— As juras não foram feitas diante da capela, majestade, e ela é uma mulher que valoriza a honra tanto quanto eu. No entanto, tenho certeza de que ela valerá a espera, e nenhum homem jamais terá uma esposa tão digna de confiança como eu.

O sorriso do rei hesitou.

— Estou começando a achar que deveria ter lhe pedido muito mais do que concordei para seu noivado.

Armand se retesou e a atmosfera na taberna ficou tensa. Todos ali presentes sabiam que o rei era capaz de rescindir sua permissão e exigir mais dinheiro. Contudo, Armand disse:

— Sua permissão já foi concedida.

O rei riu. Cruelmente. Impiedosamente.

— Não há necessidade dessa expressão, como se eu tivesse acabado de anunciar a sua execução, milorde. Não tenho qualquer intenção de rescindir minha permissão, embora eu pudesse. Estava meramente fazendo uma observação. No entanto, aqui está você, e ela está no castelo. Bem, imagino que não haja motivo para que você a fique adulando. Suponho que Marshall ficará muito aflito ao saber o que aconteceu. Ele leva essas coisas tão a sério.

— Ele é um homem muito bom, majestade.

— Eu nunca disse que não era — respondeu o rei, enquanto se sentava no banco mais limpo. — Claro que ele é orgulhoso, assim como todos os grandes cavaleiros, porém, não há ninguém em quem eu confie mais do que em Marshall. Contanto que eu o tenha ao meu lado, meu reinado estará a salvo.

Parecia que o rei realmente admirava o apoio do conde, embora essa gratidão fosse mais por egoísmo. Ele devia saber muito bem que sem o melhor cavaleiro da Europa ao seu lado, seu reino duraria pouco. Se assim fosse, certamente não tomaria parte na trama para matar Marshall e o arcebispo.

— Ora, aí está a dama em pessoa, provavelmente lhe procurando, milorde — disse o rei, acenando a cabeça em direção à porta que dava no pátio.

Adelaide estava no portal, graciosa como uma rainha, adorável como a liberdade, radiante e encantadora como as primeiras flores da primavera, embora estivesse trajando um vestido escuro que não lhe servia apropriadamente.

Imaginando o que a trouxera ali, certo de que devia ser importante, Armand fez uma reverência para o rei.

— Se sua majestade me dá licença...

O rei assentiu e desviou a atenção para Bessy. Quando Armand seguiu até a porta, os outros cavaleiros sentaram nos bancos, exceto Oliver, que os observou saindo, com uma expressão impenetrável no rosto barbudo.

— O que foi? — Armand perguntou a Adelaide, ao pegá-la pelo braço e levá-la para longe dos soldados do rei, que esperavam no pátio. Ele avistou Godwin, que regressara depois de entregar a mensagem ao conde, e agora estava próximo aos cavalos.

Ele ficou aliviado por Adelaide não ter vindo até a aldeia sozinha, principalmente depois do que havia acontecido na noite anterior. No entanto, ele não queria que Godwin ouvisse a conversa deles. Fosse qual fosse o motivo de Adelaide vir procurá-lo ali tinha de ser algo importante, portanto, seria melhor se discutido em particular.

— Acredito que Bessy gostará de sua companhia — ele disse ao soldado, que assentiu agradecido e se apressou a entrar na taberna.

Armand e Adelaide seguiram em direção à margem do pequeno rio que corria ao lado da aldeia, passando pelas árvores e se distanciando da estrada principal.

— O que houve, milady? — perguntou ele quando teve certeza de que não poderiam ser ouvidos.

— O mensageiro de minha irmã chegou.

A julgar por sua expressão séria, Gillian não havia mandado o dinheiro solicitado.

Relutante em ter suas esperanças perdidas, ele não disse mais nada, enquanto pararam atrás de alguns carvalhos, onde ficaram ocultos da estrada que levava à taberna.

Quando Adelaide pegou suas mãos, um sorriso radiante se estampou no seu rosto e o coração dele voltou a bater.

— Gillian não pôde mandar os quinhentos marcos — disse ela, com um tom de tristeza, — mas mandou quatrocentos. Já que o dinheiro roubado foi devolvido a você, haverá mais que o suficiente para o resgate de seu irmão.

— Oh, graças a Deus — murmurou Armand, impensadamente puxando-a para junto de si, abraçando-a. Ele não ficava tão feliz e aliviado desde que a porta da cela se abrisse e ela vira Randall, ali, em pé.

Adelaide gentilmente se soltou do abraço.

— Lamento se lhe dei motivo para preocupar-se. Eu teria dito antes, se o rei e os outros não estivessem na taberna.

Ela desviou o olhar, pela primeira vez sem encará-lo corajosamente.

— Você vai querer levar o dinheiro para a Normandia assim que possível, imagino.

— Sim — respondeu ele, percebendo que deveria partir de uma vez.

Deixando-a, para ir resgatar Bayard.

Mas o problema da conspiração continuaria e ela poderia estar em perigo.

— Ainda não sabemos quem está tramando contra o conde e o arcebispo.

— Continuarei tentando descobrir — respondeu ela, com sua confiança habitual.

Claro que ela o faria.

— Regressarei à corte assim que libertar Bayard.

— Isso pode não ser muito sábio — disse ela. Ela se afastou e encostou-se ao tronco de uma árvore volumosa, cujos galhos caíam ao redor deles como uma cortina. — Talvez seja melhor se você ficar longe do rei e da corte. O rei certamente não ficará satisfeito quando rompermos o noivado, mesmo que ele já tenha obtido um lucro por isso. Será menos provável que ele desconte sua raiva em mim, quando eu o lembrar que ainda pode me utilizar para seu ganho.

— Mas talvez ele o faça. — Armand podia imaginar uma infinidade de maneiras que o rei teria para se vingar de uma mulher, se ele assim escolhesse.

Por outro lado, a beleza e o título de Adelaide, que enfatizavam seu valor, assim como suas habilidade de manipular o rei, poderiam lhe prover alguma proteção. Talvez o pior que ela poderia temer fosse casar contra a vontade... embora, para ela, isso talvez fosse pouco melhor do que a morte.

Também seria um tormento para ele saber que ela teria sido dada a outro, com a mesma facilidade que um outro homem concedesse um robe, ou outro presente.

— E se o rei não lhe der permissão para voltar à Normandia? — perguntou ela, interrompendo os pensamentos dele.

— Não pretendo pedir permissão a ele, pois assim estarei arriscando sua recusa.

— Talvez seja melhor partir de uma vez — concordou ela. — Depois, posso dizer ao rei para onde você foi. — Ela baixou a cabeça, depois olhou para ele, como a mais tímida das donzelas. — Então, você vai hoje?

Era como se estivessem novamente no estábulo, no dia em que se conheceram, e um pouco daquele encantamento dos primeiros instantes pairasse outra vez ao redor deles.

— Hoje não — disse ele, baixinho. — Logo estará escuro. Amanhã.

Ela assentiu.

— Amanhã. — Ela deu um sorriso tristonho, que o deixou de coração partido. — Você vai poder cortar os cabelos.

— Você gostaria que eu os cortasse?

— Que diferença faz a minha opinião? — perguntou ela, se afastando e mexendo numa folha que segurava com o polegar e o dedo indicador.

— Eu gostaria de saber.

— Muito bem — disse ela, deixando a folha cair, flutuando até o chão. — Gosto de seus cabelos como são.

Deus que o ajudasse. O que ele estava fazendo, ficando ali, assim? Ele deveria estar rapidamente regressando à Normandia, ou se preparando para fazê-lo.

No entanto, apesar de seu desejo de libertar Bayard, havia outro desejo, igualmente forte, que o detinha. Uma vez que ele deixasse Ludgershall, seria o fim de... seja lá o que fosse que ele tinha com Adelaide.

Então, ela o olhou diretamente e ele viu algo que o fez vibrar até a alma, e novamente partiu seu coração: um desejo e desespero, um anseio que se assemelhava ao que ele próprio estava sentindo e a

tristeza pela perda que ele conhecia tão bem.

Atraído por aquela expressão e a necessidade de estar com ela, de pegar suas mãos, de a tocar e beijá-la, ele a puxou para seus braços e tomou-lhes os lábios.

Ela se agarrou a ele e retribuiu o beijo, como se acreditasse que fosse um beijo de despedida.

Se ao menos ela não tivesse feito aquela promessa, ele jamais a deixaria.

Ele aprofundou o beijo, curvando o corpo para que ela ficasse mais encostada a ele, sentindo a feminilidade de seu corpo. Era um deleite perigoso, mas ele não podia resistir.

Ele gentilmente colocou a língua junto aos lábios dela, induzindo-a a abri-los. Ela o fez, gemendo baixinho, quando a língua dele entrou em sua boca. O som o inflamou ainda mais, e ele levou a mão até o seio quente, que se encaixava tão perfeitamente na sua palma. O mamilo enrijeceu sob seu toque. Ainda beijando-a profundamente, ele massageava de modo suave, sentindo a excitação dela aumentar.

Ela recuou por um instante e ele temeu ter ido longe demais, até que ela falou, a voz rouca de desejo:

— Minha promessa era de não me casar. Não tinha nada a ver com celibato. Venha ao meu quarto esta noite, Armand, por favor.

Ele mal podia acreditar no que estava ouvindo. Era como ter uma visão, ou estar sonhando acordado, em pleno dia.

— Estou falando sério, Armand. Quero estar com você. — Ela deu um sorriso tímido porém determinado, que só podia pertencer a Adelaide. — Assim como Jane, eu teria uma noite de paixão. De amor.

Ela, de fato, gostava dele. Só podia gostar, ou jamais se daria a ele, ou falaria de amor. E, de súbito, Armand soube que amava Adelaide D'Averette. Agora, quando estava prestes a partir e finalmente resgatar seu irmão, soube da profundidade de seu sentimento — mesmo sabendo que não poderia aceitar o que ela oferecera.

— Não vou amá-la e abandoná-la — disse ele, com uma tentação incalculável, porém com a determinação de ser um homem honrado. — Isso é algo que meu pai faria e eu não serei como ele.

— Não é a mesma coisa — respondeu ela. — Você não estará me seduzindo e insensivelmente me abandonando. É meu pedido que você me ame, e também sou eu que estou pedindo que não casemos. Você vai salvar seu irmão, como deve. Não precisa sentir culpa.

Honra e paixão, desejo e determinação guerreavam dentro dele.

— E se você engravidar?

Ela sorriu, embora também houvesse tristeza em seus olhos.

— Seria uma dádiva.

Ela estava pensando com o coração. Ele tinha de responder com a cabeça.

— Seria um bastardo.

O desejo diminuiu nos olhos dela, substituído pela astúcia que pertencia a mulher tão bem sucedida em navegar pelas águas perigosas da corte do rei.

— Muitos nobres respeitados são bastardos. William Longespre, filho do rei Henrique, é um. A ilegitimidade pode não ser uma mácula, se você reconhece a criança.

— E eu o faria. Nenhum filho meu, legítimo ou não, jamais será deixado de lado, ou abandonado, forçado para fora do portão, como se tivesse de se envergonhar por ter nascido. Mas filhos naturais dos reis são tratados com respeito por causa de seus pais. O mesmo pode não ser verdadeiro para um filho nosso.

Ela falava sem hesitação.

— Acha que eu deixaria um filho meu sofrer zombaria ou ser diminuído?

Ela ergueu a mão dele, beijou a palma calejada e a segurou junto ao rosto macio.

— Não tema quanto ao destino da criança, Armand. Nosso bebê será bem cuidado em Averette, e tenho minhas irmãs para me ajudarem, ou assumirem meu lugar, caso algo me aconteça.

Ela quis dizer se ela morresse.

Se ela morresse, o coração dele morreria junto.

— Eu ia querer ver meu filho de vez em quando — disse ele, com a voz embargada de emoção. E ela. Ele também ia querer vê-la. Estar com ela, ao menos para ver seu rosto e ouvir sua voz.

— É claro. Você será sempre bem-vindo a Averette. — Finalmente o olhar dela hesitou. — Mesmo que se case com outra.

Oh, Deus! Meu sublime Salvador! Como é que ele poderia fazer isso? Como ele poderia prometer fidelidade a outra mulher amando Adelaide como amava?

Ele não podia. Sentiu como se também tivesse feito uma promessa de jamais se casar.

— E quanto eu voltar? Quando tivermos descoberto os conspiradores e salvado o reino? Então, o que será de nós?

— Oh, Armand, não me faça tais perguntas. — Ela enlaçou as mãos, com os olhos suplicantes. — Por favor, apenas venha me ver esta noite.

Ele não tinha a força para recusar, ou questionar mais. Seu desejo era forte demais. Ele precisava estar com ela apenas uma vez, mesmo que isso significasse que jamais amaria outra mulher.

— Sim — sussurrou ele, pegando-a nos braços e a beijando. — Irei vê-la esta noite.

## Capítulo Dezesseis

---

---

Depois de voltar da aldeia, Adelaide se apressou rumo ao seu quarto para se vestir para o jantar. Ela queria estar em sua melhor apresentação para Armand. Pediria à criada que trançasse seus cabelos com uma fita entremeadada. Por baixo do lindo vestido usaria sua melhor e mais macia lingerie. Ela sorriria e o provocaria um pouquinho. Faria esta noite memorável. Não diria nada sobre Francis, nem o que ele fizera, nem suas ameaças. Esta noite, não.

Ao passar pelo quarto que lady Jane dividia com a mãe, a porta se abriu e Jane apareceu, com um dos vários xales da mãe sobre o braço.

— Adelaide! — gritou ela, parando subitamente, os olhos arregalados de surpresa e o rosto corando.

— Jane — respondeu Adelaide, cautelosa. Ela não teria ficado surpresa se Jane tivesse passado por ela sem dar uma palavra.

— Lamento muito por suas roupas — disse Jane, aparentando sinceridade. — Acho que você foi muito corajosa em perseguir o intruso. Eu teria desmaiado.

— Foi muito assustador — concordou Adelaide, imaginando se Jane estaria sendo mais amistosa por achar que Armand não teria contado sobre o que acontecera entre eles.

— Você é tão bonita, corajosa e inteligente, não admira que lorde Armand queira se casar com você. — Jane tentou sorrir, mas franziu o rosto. Ela deixou o xale cair e cobriu o rosto com as mãos. — Enquanto eu sou tão horrível e tola!

— Ora, Jane, tudo bem — disse Adelaide, usando o mesmo tom que costumava usar quando consolava suas irmãs. Ela pegou o xale, colocou ao redor de Jane e carinhosamente a conduziu de volta ao quarto.

O cheiro dos inúmeros unguentos de lady Ethel dominava o pequeno quarto. Num dos lados ficava uma cama grande, com um cortinado pesado e cobertas grossas. No outro, havia uma pequena cama, onde Adelaide tinha certeza de que não era utilizada pela criada e sim por Jane, há muito sofredora.

— Oh, Adelaide, estou tão envergonhada! — ela dizia, aos prantos. — Você está sendo tão boa comigo e eu quis... tentei...

— Tudo bem, Jane. Eu sei. Fiz Armand me contar o que estava fazendo no corredor, depois que o derrubei no chão, do lado de fora do quarto de Hildegard.

Jane abaixou as mãos, revelando seu rosto vermelho e os olhos inchados.

— Oh, não! Espero que você não tenha pensado que ele estava com ela!

— Não pensei, mas quis saber o que ele estava fazendo ali — respondeu Adelaide, enquanto jogava o xale em cima da cama. Depois despejou um pouco de água fria na bacia em cima da mesa. Ela mergulhou um pedaço de pano dentro e, depois de torcê-lo, gesticulou para que Jane sentasse na banqueta. Então entregou o pano úmido para que ela lavasse o rosto lacrimoso.

— Armand é um homem muito atraente e deve ser difícil e solitário para você cuidar de sua mãe — disse Adelaide, ao pegar o pano de volta.

— Você não está... não está zangada? — perguntou Jane, fungando.

— Não — Adelaide a tranqüilizou. — Eu compreendo a solidão. Sinto muita falta de minhas irmãs e minha casa.

— Ao menos você tem Armand.

Por enquanto- Por esta noite. Mas jamais para casar.

Ela forçou a atenção de volta a Jane.

— Sua vida está bem longe de acabar e você ainda pode se casar. Há gente de sobra que admira sua paciência e devoção por sua mãe, e tenho esperanças de que, um dia, um homem perceptivo também irá admirá-la.

— Um velho que precise de uma enfermeira, talvez — disse Jane, amarga, olhando os vários jarros e potes de cerâmica sobre a mesa ao seu lado. — Que alegria haverá nisso para mim? Que paixão? Você pode entender a solidão, mas como pode uma bela mulher como você realmente compreender como é a minha vida?

— Minha beleza não é nenhuma grande dádiva — respondeu Adelaide. — Ela me transforma numa presa de todos os homens da corte, incluindo o rei. Sou como um objeto numa vitrine, uma coisa para que eles possuam, não uma pessoa a ser estimada.

— Nunca pensei nisso — disse Jane, refletindo em voz alta, enquanto empurrava os potes para longe da borda da mesa. — Ainda assim é melhor do que não ter ninguém que a queira. — Ela levantou. — Preciso que ir. — Pegando o xale, ela suspirou e disse: — Mama vai ficar imaginando por que estou demorando tanto.

Ela seguiu na direção da porta, depois se virou e olhou para Adelaide, que vinha atrás.

— Vou sentir sua falta quando você se casar e for embora da corte.

Adelaide não respondeu, enquanto seguiram direções opostas, e lamentou por não ter passado mais tempo com Jane. Talvez pudesse tê-la ajudado com a mãe e feito um pouco de companhia. Talvez logo pudesse convidar Jane para ir a Averette, se lady Ethel lhe desse permissão.

Jane também não poderia compreender sua vida, nem entender por que Adelaide a invejava — não por ter que cuidar da exigente lady Ethel, mas porque os cortesãos devassos a deixavam em paz.

Mas será que ela realmente gostaria de ser ignorada, ou motivo de chacota, como Jane?, pensou Adelaide, enquanto chegava à porta de seu quarto.

Ela entrou e encontrou uma das criadas zelosamente consertando um lindo vestido bordado que ela sempre usava. Bem vestida, ela se sentia igual a qualquer rainha.

Ela vestiria essas roupas nesta noite, para Armand.

E, depois desta noite, talvez nunca mais o visse.

Apesar de sua determinação de ficar alegre e se divertir, não foi fácil para Adelaide fingir que estava com seu coração leve e feliz, sentada ao lado de Armand, durante a refeição da noite. Ela estava bem consciente da partida de Armand, para se divertir, principalmente quando ele fatiou os melhores pedaços da carne assada e do presunto para ela, sussurrando encantos e tocando em sua mão, agindo como um amante faria.

Olhando para ele como uma amante olharia, com desejo e anseio, ela quase não continha a vontade de pedir que ele fosse de uma vez com ela para a cama.

Por mais tensa que ela estivesse, Armand parecia tranqüilo e os outros cortesãos estavam mais alvoroçados, pois o rei e a rainha não se achavam no salão. A explicação oficial era de que o rei se encontrava ligeiramente indisposto e a rainha estava cuidando dele. Todos imaginavam que a indisposição do rei era uma que exigia outro tipo de cuidado da rainha.

Até Hildegard parecia uma pessoa mais alegre e feliz, flertando com sir Charles e sir Edmond. Apenas lady Ethel lamentavelmente estava igual, mantendo a filha ocupada enquanto reclamava sem parar.

Eloise e Randall também estavam felizes. Eloise sentou à direita de Adelaide, com Randall ao seu lado, e toda a reticência entre os dois desaparecera. Eles conversavam e riam, de uma forma que lhe dava esperanças de que teriam um futuro feliz, juntos.

Enquanto ela permaneceria sozinha.

Eloise se virou para Adelaide, quando elas se levantaram para que os empregados pudessem tirar as mesas para a dança.

— Randall me disse que Armand partirá para a Normandia, pela manhã.

— Gillian mandou meu dote, então, naturalmente, ele quer libertar o irmão, tão logo possa — respondeu Adelaide.

— Tenho certeza de que ele logo voltará para você — disse Eloise, com uma expressão solidária, tentando consolar a amiga, ignorando totalmente que Adelaide não tinha certeza do que era pior: que Armand voltasse e talvez cortejasse outra, ou ficasse longe.

Tinha tão pouco tempo para ficar com ele! Para tê-lo somente para si. Para amá-lo.

Se ele de fato regressasse à corte, ela não poderia ser sua amante? Será que estar nos braços de Armand não valeria a vergonha? Assim, ela não estaria quebrando a promessa...

No entanto, chegaria o dia em que um homem honrado como Armand ia querer uma união honrada e ela não poderia lhe dar isso. Não seria ainda mais difícil se separar dele, então?

Assim que o salão foi arrumado e os músicos ocuparam seus lugares, Randall convidou Eloise para dançar. Quando eles foram, Armand se virou para Adelaide com aquele sorriso que parecia ter somente para ela.

— Gostaria de dançar, milady? — perguntou ele, com a voz baixa e rouca, fazendo-a se sentir como se a tivesse abraçado.

— Prefiro ficar sozinha com você — sussurrou ela, sem querer esperar mais quando sua mão buscou a dele.

— Prefere que saíamos? — perguntou ele, com um tom provocador, enquanto seus olhos faiscavam de desejo.

— Você não? — perguntou ela, no mesmo tom.

O sorriso dele foi o bastante para fazê-la tremer de expectativa.

— Na verdade, eu gostaria.

Seguiram para a porta, até que Armand percebeu o olhar de Francis, que estava esparramado num banco, de costas para a parede, com um cálice de vinho na mão.

— Vá para seu quarto, Adelaide — disse Armand. — Quero trocar algumas palavras com Francis antes que eu deixe Ludgershall.

Adelaide não queria que esta noite fosse arruinada por qualquer assunto com Francis.

— Deixe-o, Armand. Ele não vale o trabalho.

— Só vou demorar um instante.

Ela viu o ar sério no rosto do amado, ouviu a seriedade em sua voz, ainda assim, disse:

— E nesse instante o que vai fazer, além de aumentar a animosidade entre vocês? Ele tem amigos poderosos, Armand, que podem causar grandes danos a você e a seu irmão com um estalar de dedos, e algumas palavras no ouvido do rei, enquanto você estiver lutando as batalhas dele. Deixe-o, Armand.

Franzindo o rosto, Armand voltou à sombra de uma das tapeçarias que exibia uma dama num jardim.

— Ele lhe disse algo, não foi? O que foi? E quando?

Ela não tinha outra escolha a não ser segui-lo, a menos que quisesse que os que estavam próximos ouvissem essa conversa.

— Não tem importância.

— Conte-me — insistiu ele.

Ela esticou a mão para acarinhar seu rosto.

— É tão importante?

— Se ele a ameaçou, é muito importante. E não deixarei esse salão até que você me conte o que ele disse.

Ela percebeu que não tinha escolha, a menos que quisesse discutir.

— Ele confessou que estragou minhas roupas. E quando eu disse que se arrependeria disso, ele ameaçou você e seu irmão também.

— Aquele maldito...

— Deixe para lá — disse Adelaide baixinho olhando Armand, acima, e querendo que ele lhe desse atenção. — Venha comigo.

Ele sacudiu a cabeça.

— Ainda não. Agora, mais que nunca, preciso falar com Francis, antes de partir. — Ele deu um sorriso fantasma. — Não vou ameaçá-lo diretamente, mas não vou deixar Ludgershall sem fazê-lo entender que se ele lhe fizer algum mal, ou a Bayard, irá se arrepender.

— Posso me cuidar.

A expressão de Armand se abrandou.

— Bayard faria o mesmo, portanto deixe-me fazer isso por mim, Adelaide... por minha paz de espírito. Prometo não demorar. — Ele sorriu. — Não quero demorar na companhia dele, sabendo que você está a minha espera.

Ela não tentou mais impedi-lo. Em vez disso, assentiu concordando e o deixou.

Enquanto sua bela Adelaide saía do salão, Armand marchou em direção a Francis. Ele preferiria sacar sua espada e desafiar o covarde asqueroso bem ali, agora, mas Adelaide estava esperando e ele não queria que a última noite que passariam juntos fosse maculada pela violência.

Francis ficou de pé quando viu Armand se aproximando. Outros nobres que não estavam dançando, incluindo sir Charles e a avidamente curiosa Hildegard, perceberam o nobre cabeludo marchando determinado e se aproximaram.

Armand estava totalmente ciente de que tinha uma platéia, assim como Francis e os observadores pareciam lhe dar confiança.

Bem, e por que não? Francis seguramente podia presumir que Armand não tentaria matá-lo no salão de Ludgershall.

— O que você quer? — perguntou Francis quando Armand parou.

— Apenas me despedir de você, antes de minha ida à Normandia, para pagar o resgate de meu irmão e trazê-lo para casa — disse Armand com um sorriso, como se eles fossem melhores amigos.

Francis franziu o rosto.

— O rei sabe que está partindo de Ludgershall?

— Você me faria interrompê-lo? — perguntou Armand, com a mesma amabilidade. — Creio que ele não me daria as boas-vindas esta noite, não acha?

Charles prendeu uma risada e vários outros também riram. Armand não deu atenção à platéia.

— Antes de ir, Francis, eu gostaria de me desculpar com você por minha terrível demonstração de temperamento, no outro dia. Que tristeza, preciso aprender a dominar minha raiva, como todo cavalheiro honrado deve fazer, principalmente quando se trata de lady Adelaide. Nossa, eu o teria matado, assim que o vi abordar lady Adelaide, junto ao muro. Graças a Deus que não o fiz mas eu poderia arrancar a cabeça de alguém por sequer insultar minha dama. Isso seria algo terrível, não?

Francis o olhou cauteloso, mas não disse uma palavra.

— Portanto, você tem minhas desculpas e a promessa sincera de que tentarei moderar meu temperamento no futuro.

— Bom — murmurou Francis, fechando a cara sinistra.

Armand colocou a mão no ombro de Francis com tanta força que os joelhos do homem quase dobraram, mas foi a expressão dos olhos de Armand, que realmente o deixou fraco.

— Confio que não haverá nenhum motivo de mal-entendidos, esteja eu aqui ou não — disse Armand. — Randall escreve boas cartas, você sabe.

Ele deu um passo atrás e ergueu uma sobrancelha interrogativa.

— Então, estamos entendidos, meu amigo? Esfregando o ombro, Francis assentiu.

— Excelente! — gritou Armand com a aparência de bondade, antes de dar meia-volta e sair do salão.

Adelaide abriu a porta de seu quarto e descobriu que Armand já estava ali, em pé, perto da janela, de costas para ela. Ele acendera um castiçal e a chama fraca cintilava na escuridão.

Como é que ele conseguiu chegar lá antes dela? Teria, no fim das contas, decidido não falar com Francis e subido pela outra escada?

— Armand?

O homem se virou.

— Sir Oliver! — Adelaide resfolegou. — O que está fazendo aqui? Saia!

Ele estava ao lado dela, segurando a porta fechada, antes que pudesse sequer dar as costas.

— Não precisa sair correndo, nem gritar por ajuda, milady — disse ele, com seu sotaque irlandês mais acentuado do que o habitual. — Não vou lhe fazer mal. Sei que Armand me cortaria ao meio se eu a ferisse.

Apesar de sua afirmação, ela cautelosamente recuou.

— Eu lhe trouxe algo que não poderia lhe dar em nenhum outro lugar — anunciou Oliver.

Ele segurou um colar que reluziu sob a luz fraca. Uma cruz dourada e verde, pendurada num cordão de ouro.

— O crucifixo de minha mãe! — ela resfolegou, incrédula, esticando a mão para pegar. — Como conseguiu?

Ele o segurou a uma distância que ela não conseguia alcançar.

— É melhor que não faça muitas perguntas, milady. Apenas aceite como meu presente e seja grata.

Os olhos dela se estreitaram, enquanto ele continuou a segurar o objeto longe dela.

— O quão grata espera que eu seja?

Ele deu uma gargalhada e sacudiu a cabeça.

— Deus me proteja, você está na corte há tempo demais. Não espero nada em retorno, exceto seu agradecimento.

Ela esticou a mão, a palma virada para cima.

— Então, me dê isso e vou agradecer-lhe. Novamente, ele sacudiu a cabeça.

— Ainda não. Aqui não. Pode haver uma revista se o rei perceber que desapareceu, embora eu duvide que ele note, já que tem jóias mais finas para usar. Mas se ele notar, você não vai querer que isso seja encontrado em seu quarto, ou em seu adorável pescoço. Vou enterrá-lo junto ao pé de uma árvore, a 15 quilômetros daqui, na Chute Forest. Poderá pegá-lo depois, quando for mais seguro. Apenas siga a estrada rumo leste, ao sair daqui, e quando entrar na floresta, verá uma árvore que foi atingida por um raio. Eu não seria maluco de escolher aquela, tão óbvia. A partir dali, olhe ao norte e verá um olmo miúdo, com um carvalho ao lado. Estará junto à raiz do carvalho, do lado oeste.

— Obrigada — disse ela, imaginando se ele realmente faria isso, — mas ainda não compreendo por que...

— Não tenho muito tempo — Oliver interrompeu, dando uma olhada para a janela, — e não há muita coisa que eu possa lhe contar. Sei sobre a conspiração para matar o conde e o arcebispo.

— Que conspiração? — perguntou ela, determinada a obter respostas antes de revelar o que sabia.

Ele sorriu.

— Você é bem esperta, milady, mas não é mais esperta que eu. Eu sei sobre essa conspiração, também estou nela... ou assim pensam os outros. No dia em que cheguei à corte, percebi que algo estava acontecendo e resolvi descobrir o que era. Foi fácil fazer o papel de nobre descontente e ambicioso, e logo descobri. Richard é o homem que está por trás disso, embora eu não me surpreendesse se ele estivesse agindo segundo as ordens de outros.

— Richard? Mas ele é um tolo almofadinha!

— Não é mais almofadinha do que eu, e não tem nada de tolo. Não o subestime, pois é isso que ele quer. Ele mandou um sujeito chamado Marcus envenenar o arcebispo. Marcus não terá êxito porque lhe dei uma poção que só colocará o homem para dormir. Francis também é um traidor, mas não acho que você precise se preocupar muito com ele. Uma coisa é certa, ele não consegue manter a boca fechada. Eu ficaria de olho em sir Alfred, mais do que nele. Ele fica bêbado a metade do tempo, mas, na outra metade, abomina o rei por ter seduzido sua irmã.

Adelaide já ouvira a história triste. A irmã de Alfred morrera ao dar à luz ao bastardo do rei. Oliver atravessou a janela.

— A agora, milady, preciso ir.

Pela primeira vez, ela notou um gancho preso a uma corda, na base da janela, o que explicava como ele havia entrado.

— Eu agradeceria se pudesse soltar o gancho e jogá-lo lá embaixo, quando eu chegar ao chão.

— Espere! — ela gritou baixinho, seguindo-o até a janela. — Por que está me contando tudo isso? Por que roubou meu crucifixo do rei e por que está me devolvendo?

Ele respondeu enquanto fixava o gancho e arremessava a corda para o lado de fora.

— Porque você é uma mulher corajosa e valorosa e o rei é um homem mau e perverso. — Ele colocou as pernas ao redor da corda. — Até logo, milady.

— Obrigada! — disse ela, fervorosamente, de repente certa de que ele faria conforme dissera. Ela não conseguia explicar por que tinha tanta fé nele, mas tinha.

— Que diabos — ele murmurou e, antes que ela pudesse impedi-lo, ele a puxou e beijou.

Ela ficou tão perplexa que nem ouviu a porta abrir, nem o fecho voltando ao lugar, quando ela se fechou.

## Capítulo Dezessete

---

---

— Mas que diabos...

Adelaide se virou para trás. Armand estava de pé diante da porta fechada, puxando a espada, a ira retorcendo suas feições.

Como seu pai em crise de fúria, erguendo a mão para agredir.

— Não é o que você pensa! — gritou ela, empurrando Oliver para longe e se apressando na direção de Armand.

Ele mal olhou para ela, concentrando toda sua atenção e seu ódio no irlandês, que pulou de volta para dentro do quarto.

— Eu deveria matá-lo, agora mesmo, por tentar atacar minha dama — rosnou Armand, — mas seria uma morte rápida demais para alguém como você.

Adelaide correu para Armand antes que ele alertasse os guardas.

— Não foi por isso que ele veio até aqui. Ele sabe quem são os conspiradores.

De espada ainda em punho, Armand olhou para ela.

— Como é que ele sabe disso?

— Porque sou um deles... ou assim pensam — declarou Oliver, ficando de pé. — São uns tolos. E não precisa ficar todo nervoso, milorde, eu não estava atacando sua noiva, embora você tenha de admitir que ela seja uma mulher terrivelmente atraente. Não pode me condenar por roubar um beijo.

— Posso e condeno.

— Ele tem informações valiosas, Armand, sobre a conspiração — disse Adelaide, interferindo, antes que eles saíssem no tapa. — Richard é o líder.

— Richard? — repetiu Armand, ainda cético, enquanto olhava Oliver como se ele fosse um percevejo. — Isso é impossível.

— Por quê? — desafiou Oliver. — Porque ele se finge de almofadinha, da mesma forma como vocês fingem que o noivado é real?

— O que o faz pensar isso? — retrucou Armand.

Um brilho malicioso surgiu nos olhos castanhos de Oliver.

— Não há necessidade de negar. Sou bom em descobrir segredos, e vocês não precisam se preocupar. Não contei a mais ninguém. Posso guardar um segredo tão bem quanto os descobro.

— Ele também deu ao assassino do arcebispo uma poção inofensiva, em vez de veneno — disse Adelaide, torcendo para que Armand ao menos baixasse a espada.

— Você deu a ele? — repetiu Armand.

— Sim, dei. Não quero um país inteiro em guerra por causa de quem senta num trono. A guerra é um jogo para cavaleiros, mas é um inferno para os camponeses.

— Desde quando um nobre irlandês se preocupa com camponeses?

— Quem disse que sou um nobre irlandês?

Enquanto Adelaide e Armand encaravam Oliver, igualmente perplexos por seu pronunciamento, ele sorria, embora seus olhos não fossem joviais.

— Olhe atentamente, milorde. Já faz anos, mas já nos encontramos antes.

O olhar de Adelaide desviou de Armand para o irlandês e de volta, enquanto Armand franzia as sobrancelhas, com concentração. Será que eles realmente já haviam se encontrado? Onde e quando? Num salão nobre? Numa batalha? Na Normandia? Não podia ter sido recentemente...

— Sou seu irmão.

— O quê? — resfolegou ela, enquanto Armand ficou pálido como o linho.

— Meu único irmão vivo está na Normandia — disse ele, com uma voz baixa e cautelosa, e não havia dúvida no fundo de seus olhos castanhos.

Olhos que eram como os de Oliver, assim como o nariz reto de Armand, seus lábios e talvez a linha do maxilar, apesar de o de Oliver estar oculto pela barba.

Isso explicaria a familiaridade da voz de Oliver...

— Seu único irmão ilegítimo — disse Oliver, sem tirar os olhos do rosto de Armand. — Minha mãe me levou ao castelo de seu pai quando eu tinha oito anos, para implorar a ele por dinheiro e comida, antes de passarmos fome. Eu o vi escondido atrás da teta do salão, enquanto o ouvia chamar minha mãe de meretriz. Ela não era, até que nosso pai a seduziu com uma porção de promessas que não cumpriu e a abandonou com um filho. Diga-me, irmão meu, você também estava olhando, enquanto ele nos chicoteou para sairmos do portão?

— Era você? perguntou Armand, verdadeiramente abalado, o que dizia a ela que ele presenciara tal cena.

Não era de admirar que ele rapidamente concordara em reconhecer qualquer filho que ela tivesse fora do matrimônio, e disse que filho dele jamais seria banido...

O irlandês ergueu a túnica e a camisa, expondo várias cicatrizes nas costas musculosas.

— Isso é tudo que nosso pai me deu. Você levou o melhor em tudo, enquanto eu, também filho de nosso pai, não ganhei nada além dessas marcas.

— Acha que foi mais fácil crescer sob o controle daquele bruto?

— Ao menos você sabia que comeria todas as noites. Você não viu sua mãe morrer de frio e fome.

— Vi minha mãe morrer, depois que meu pai a empurrou escada abaixo. Tive que ouvir meu pai xingar e diminuir minha madrasta, enquanto ela o denunciava por adultério. E não foi nenhum céu ficar naquele calabouço.

— Tudo bem — admitiu o irlandês, recostando-se no parapeito da janela, como se esse fosse o seu quarto. — Nós dois sofremos por causa daquele canalha.

E tinha sofrido mesmo, pensou Adelaide, ao menos, tanto quanto ela sofrera pela negligência, ira e amargura do próprio pai.

Ela foi até Armand e pegou sua mão.

— Agora vocês dois estão livres. — Assim como ela. — E você é um cavaleiro, também — disse ela, se dirigindo a Oliver.

— Eu, cavaleiro? Não seja louca — disse o irlandês, debochado. — Sou um ladrão. Levei anos para aprender a falar como os nobres ingleses, em vez de um camponês irlandês. Vocês ficariam surpresos ao ver como é fácil ganhar entrada nos lares abastados quando você fala como um cavaleiro. Uma vez lá dentro, é fácil pegar as joias.

Armand colocou a mão na testa.

— Pelo amor de Deus — murmurou ele, enquanto sentava na cama. — Você é um impostor e ladrão?

— Sim — disse o irlandês, sem qualquer sinal de vergonha. — O verdadeiro sir Oliver de Leslille ficou bêbado numa aldeia da Cornualha, onde eu por acaso estava. Ele caiu e quebrou a cabeça, e quem era eu para ignorar uma chance de ir à corte? Nesse momento, ele está se recuperando na Cornualha. Eu o deixei com uma mulher que poderia cuidar bem do filho de um homem rico.

— E você veio à corte do rei apenas para roubar?

— Claro. Os traidores e seus planos apenas cruzaram meu caminho, de certa forma. Mas acabei descobrindo que as jóias do rei eram muito bem vigiadas, até mesmo para mim. Decidi buscar algo mais fácil.

— No entanto, você pegou meu crucifixo de volta para mim — frisou Adelaide.

Oliver, ou qualquer que fosse seu nome, na verdade corou, enquanto Armand olhava ainda mais perplexo.

— O quê?

— Ele o pegou de volta para mim — explicou ela. — Ele vai escondê-lo na Chute Forest, até que seja seguro para que eu o recupere.

— Isso é verdade? — perguntou Armand, obviamente não querendo acreditar.

Oliver ficou irritado.

— Só porque um homem é ladrão, não significa que ele seja completamente desonrado... da mesma forma que aqueles que alegam ser honrados e são piores que ladrões. E roubar um colarzinho não é tão difícil quando uma das serviçais da rainha o considera um sujeito muito atraente.

Adelaide achava isso fácil de acreditar.

— Oh, que inferno, melhor contar logo a verdade — murmurou Oliver. Ele endireitou os ombros. — Eu estava amargurado e queria me vingar, então também roubei o dinheiro de seu quarto, Armand.

— Que tipo de ladrão fica roubando e devolvendo o que roubou? — perguntou Armand.

Adelaide sabia o que Armand estava realmente perguntando. Se Oliver era realmente apenas um ladrão, ou se era outro tipo de criminoso.

Oliver também adivinhou o que o meio irmão queria dizer.

— Meu Deus, José, será que é tão surpreendente que o filho de uma meretriz se transforme num ladrão? Ou que ele possa roubar os mais ricos? Quanto ao tipo de ladrão que sou, me considero o melhor, exceto por minha consciência desagradável que não me deixa roubar um homem a quem me orgulho em chamar de irmão, ou uma mulher valente e boa que não deveria dar a um homem como o rei algo que ela valoriza.

Antes que pudessem responder, ele mexeu no topete, com uma humildade debochada.

— E agora que sabem de todos os meus segredos, é hora de partir e fico contente em ir. Ao menos os ladrões não choramingam pela honra e honestidade, enquanto mentem descaradamente.

Mais uma vez o irmão de Armand sentou no parapeito da janela.

— Richard e aqueles outros temem seu irmão e você mais do que imagina, Armand. E faça com que Francis saiba que você está de olho nele. Aquele covarde trairá qualquer um se achar que isso pode salvar sua vida miserável.

Oliver deu a Adelaide um sorriso malicioso que o deixou ainda mais parecido com seu irmão.

— Será que não quer deixar esse honrado pateta e fugir comigo, milady? Não posso prometer muito, exceto aventura, emoção e eu, claro.

Ela não achou que ele estivesse falando sério, mas falou, ao responder:

— Fico grata por sua ajuda e por pegar de volta o crucifixo de minha mãe, mas não vou com você.

— Ora, bem, valeu perguntar — respondeu ele, enquanto saía pela janela.

— Você nem nos disse seu verdadeiro nome — gritou Adelaide, enquanto corria até a janela e olhava abaixo. Guardando a espada, Armand se juntou a ela, observando o irlandês segurando firme na corda, com os pés sobre a parede.

— Melhor não saber — respondeu ele, sorrindo para ela. — Também é melhor não nos encontrarmos novamente, milady, ou poderei ficar malvado e levá-la comigo.

Com isso, ele começou a descer pela parede.

Juntos, Adelaide e Armand o observaram descer, como se fosse um inseto. Depois de se assegurar de que os guardas junto ao muro não estavam olhando, ela soltou o gancho e o jogou abaixo para ele.

— Acabamos de ajudar um ladrão — Armand murmurou, enquanto seu meio irmão ilegítimo pegava o gancho e a corda e, após uma breve saudação, desaparecia por entre as sombras.

— Ele pode ser um ladrão, mas também é seu irmão e é um bom homem, acho. Acredito que ele estava falando a verdade sobre Richard. Talvez ele tenha, mesmo, uma mente mais afiada do que deixa transparecer.

Armand se recostou na parede, ao lado da janela.

— Pelo amor de Deus, não sei mais no que acreditar. Como saberemos se ele é realmente meu meio irmão? Aquelas cicatrizes nada provam. Elas só significam que ele foi surrado uma vez. Ele podia ser qualquer pessoa.

— Quantas pessoas sabem sobre o menino e a mãe indo até o castelo de seu pai?

— Os criados e soldados que os viram.

— Então, como explica o fato de ele se parecer com você? Isso pode até não ser o suficiente para que vocês sejam relacionados, mas vocês têm a mesma cor, o mesmo queixo, os mesmos lábios. E a voz dele também parece com a sua. Por isso ele soava tão familiar.

— Eu sei. Você está certa. — Armand suspirou. — E a mãe dele não seria a primeira garota ignorante que meu pai seduziu e abandonou.

Ouvindo a dor na voz de Armand, Adelaide pegou a mão dele e o levou até a cama, onde ela sentou ao seu lado.

— Ele nos deu um meio de parar a conspiração... através de Francis, É provável que ele traia seu bando, se achar que está em perigo.

Armand assentiu.

— Voltarei para a corte o mais rápido que puder, depois que resgatar Bayard. E então poderemos acusar Francis.

Ele colocou o braço ao redor dela e encostou-lhe a cabeça em seu ombro largo. Que maravilhoso seria se ela pudesse sempre se apoiar nele, sentir sua força confortadora e saber que não precisava seguir sozinha contra o mundo para proteger suas irmãs.

E se assim fosse, ela também protegeria Armand, se pudesse. Armand se colocaria em perigo, caso acusasse Francis diretamente, então, enquanto ele estivesse na Normandia, salvando o irmão, ela trabalharia contra Farnby. Plantaria sementes de dúvida e desconfiança na mente do rei e dos outros barões, enquanto os lembraria da honra e do valor de Armand de Boisbaston.

Mas ela não diria isso a Armand antes que ele partisse. Ele protestaria e tentaria impedi-la, e ela não queria isso. Nem queria perder mais tempo esta noite com traições e conspirações. Tudo que ela queria era ficar com Armand.

Ela ergueu a cabeça e passou os braços ao redor do pescoço dele. Armand sorriu e a preocupação sumiu de suas feições e os olhos ficaram repletos de um intento que fez o coração dela disparar de expectativa.

— Bem, milady — disse ele, baixinho, naquele tom rouco que era a sedução em si.

— Aqui estamos nós, sozinhos.

— Aqui estamos nós, de fato — sussurrou ela.

— Realmente quer fazer amor sem casamento? — perguntou ele carinhosamente, e ela sabia que se dissesse não ele não protestaria, nem tentaria fazê-la mudar de idéia.

E, por isso, ela o amava ainda mais.

— Sim, Armand, com você, mais do que qualquer coisa que já quis na vida — disse ela, certa de sua decisão. Sem sentir qualquer vergonha, nem medo, nem culpa, apenas amor e certeza. — Por favor, Armand, me ame.

Enquanto ele a puxou para perto e a beijou, ela passou os braços ao redor dele, abraçando-o com um desejo fervoroso. Reagindo avidamente, Armand aprofundou o beijo. Ela abriu os lábios num convite silencioso, dando-lhe as boas-vindas, o que ele aceitou, enquanto suas mãos deslizavam sobre as costas dela. Ele tirou-lhe o véu da cabeça e, ainda beijando, soltou os cabelos que caíram em seus ombros e costas, em ondas pesadas.

Separando as bocas, ele traçou uma linha de beijinhos descendo pelo pescoço de Adelaide, que arqueou as costas e o pegou pela túnica e a camisa.

— Faça amor comigo, Armand — sussurrou ela.

— Farei.

— Agora! — insistiu ela, a voz renovada de um fervor que nascia da paixão e do desejo.

Com essa mesma paixão, ela buscou o nó do cadarço da camisa dele, por baixo da túnica.

— Deixe que eu faça isso — disse ele, com o olhar preso ao dela, enquanto desamarrava o nó e afrouxava o cadarço.

Quando ela deslizou a mão por dentro para acariciar sua pele, ele deu aquele sorriso incredivelmente sedutor e perguntou:

E agora, milady? Esta noite estou sob suas ordens. O calor percorreu o corpo dela, ao perceber que ele estava falando sério. Esta noite, faria qualquer coisa que ela pedisse. Ela teria uma liberdade que jamais esperara ter. E a usaria para deleite deles dois.

Ela saiu da cama e, segurando as mãos dele, o puxou para ficar de pé.

— Tire a túnica — ordenou ela, com a voz baixa e repleta de convite.

Ele ergueu a túnica e lentamente a puxou por cima da cabeça, depois a soltou no chão, ao seu lado.

— Agora, sua camisa — disse ela, recuando para que o corpo dele inteiro ficasse em seu ângulo de visão.

Depois de feito isso, ele ficou ali em pé, com metade do corpo nu, seu torso magnífico exposto para a admiração dos olhos dela, que sussurrou:

— Agora, suas botas.

Ele se inclinou à frente, com os cabelos compridos até os ombros caindo em seu rosto, e tirou a primeira bota, depois a outra, deixando que caíssem no chão com batidas ocas. Ainda abaixado, ele ergueu os olhos e provocativamente murmurou:

— As calças também, milady?

Ela engoliu com dificuldade, depois assentiu, vendo-o tirar o cinto com a espada e colocá-lo em cima do baú de suas roupas, depois tirar as calças de lã, jogando-as para o lado.

Quando ele ficou diante dela totalmente nu, sem qualquer vergonha, a evidência de que estava excitado era impossível de não notar.

— Do que gostaria agora, milady? — sussurrou ele, parecendo a própria encarnação da paixão.

— Meu cadarços — sussurrou ela, virando-se de costas para ele. — Desamarre meus cadarços.

— Com prazer — respondeu ele.

Ele ficou atrás dela e seus dedos longos trabalharam rapidamente no nó. Depois que desamarrou, ele passou levemente os lábios no pescoço dela.

Embora isso a tenha feito estremecer de deleite, ela disse:

— Eu não lhe dei permissão para me beijar, dei? Achei que estivesse no comando esta noite.

— Como desejar, milady — disse ele com voz profunda, novamente causando arrepios no corpo dela. — Vou procurar manter algum autocontrole.

— Até que eu lhe dê permissão para perdê-lo — respondeu ela, de modo sedutor, puxando o vestido para baixo, serpenteando um pouquinho para fazê-lo descer. Os movimentos deixaram exposta a combinação branca, uma peça que já havia sido tão lavada que o tecido estava bem fino e macio junto à pele, como as pontas dos dedos dele.

— Se você continuar a se mexer assim, milady, não vou conseguir me conter por muito tempo.

Segurando o vestido junto aos seios, ela se virou de frente para ele.

— Então, ficarei totalmente imóvel para que você possa terminar de me despir.

Os olhos dele faiscavam de desejo quando se aproximou e, com mãos carinhosas, pegou o vestido pela gola. Foi descendo por cima dos seios, passando pela cintura e os quadris, como se estivesse desembrulhando um objeto precioso.

Ela ficou o mais imóvel que pôde, embora estivesse tremendo de excitação, quando ficou diante dele, vestindo apenas a combinação.

Ele lentamente a olhou de cima da cabeça até a ponta das sapatilhas. Quando ergueu os olhos até o rosto dela, ela ficou surpresa pela expressão de dor que ele demonstrava.

— Você é tão linda, Adelaide. E forte e boa. Eu respeito sua promessa e o motivo por tê-la feito, mas como eu gostaria que você pudesse ser minha esposa!

— Eu também gostaria de jamais ter feito aquela promessa — respondeu ela, dizendo com toda sinceridade de seu coração. — Se não a tivesse feito, eu faria tudo que pudesse para ser digna de você.

— Você é... é mais que digna. Eu é que... Ela colocou o dedo sobre os lábios dele.

— Você é mais que digno, milorde. Um homem de honra, merecedor da mais profunda admiração e respeito. Sua disposição em sustentar minha promessa é a maior prova disso, mesmo que signifique que não podemos nos casar.

Ela desamarrou o laço da combinação.

— Mas agora estamos juntos aqui, e não há nada que eu queira mais do que passar a noite em seus braços.

Aos pouquinhos, olhando-o fixamente, ela puxou a combinação de um dos ombros, depois do outro. Depois desceu, passando a cintura.

Ela passou a combinação pelo quadril e tirou. Finalmente tirou as sapatilhas e ficou nua diante dele, coberta apenas pela cortina de seus cabelos.

— Sejamos marido e mulher esta noite, ao menos de uma forma — sussurrou ela quando ele não fez qualquer movimento para tocá-la, nem se aproximou. — Armand, me ame.

— Eu amo — disse ele, admitindo a profunda verdade de seu coração. — Eu te amo, Adelaide.

Ela esticou os braços para ele.

Se isso era tudo que ele podia ter dela, se ser seu amante era a única forma de felicidade que poderiam compartilhar, ele aceitaria.

Ele a pegou nos braços e carregou até a cama, deitando junto com ela, acariciando-a, sussurrando palavras de carinho enquanto a afagava, tocava, lambia e chupava com todo fervor e avidez, enquanto as mãos dela faziam a mágica do toque feminino em sua pele quente. No entanto, ela fez mais que beijar. Com o instinto de uma mulher que busca dar tanto prazer quanto recebe, ela deslizou os lábios para longe dos dele, para saborear sua pele, seu maxilar, seu pescoço, sua pulsação latejante. Depois desceu até o ombro e encontrou seu mamilo.

Ela o sugou e a sensação quase o fez ultrapassar os limites de êxtase, bem ali. Ele cerrou os dentes, se contendo, enquanto se posicionava, apoiando-se nas mãos para penetrá-la.

E ela se preparou para recebê-lo.

Ela jamais sentira tanta paixão, tanto desejo. Ela o queria com todas as fibras de seu ser, da mesma forma que o amava com todas as fibras de seu ser.

Essa fome tinha de ser saciada. Agora. De uma vez.

Ela precisava estar mais que pronta. Mesmo assim haveria dor e sangue. Mas ela não se importava. Ela havia sofrido muito mais do que isso. Ele ainda sofria, e ela podia confortá-lo.

Ele era maravilhoso. Nobre. Bom. Lindo. Viril. Mas não perfeito. Impulsivo. Teimoso. Orgulhoso. No entanto, se ela não tivesse feito aquela promessa e, apesar de sua infância, ela se casaria com ele num piscar de olhos e se acharia abençoada.

Movimentando o quadril devagarinho, ela tentou incentivá-lo com seu corpo, depois falou bem baixinho, enquanto buscava seu pênis e o guiava até ela.

Ele entrou, passando pela membrana que se rompeu. Ela resfolegou com a dor aguda e ele se ergueu um pouquinho.

— Adelaide? — perguntou ele, com uma expressão interrogativa.

Como resposta, ela ergueu as pernas ao redor das coxas dele, puxando-o para mais perto e ignorando a ligeira agonia.

— Minha decisão — disse ela, querendo que ele acreditasse que ela estava sendo sincera. — Minha escolha.

Ele abaixou a cabeça, quase como se estivesse em prece, depois, com um gemido baixinho, mergulhou o rosto na lateral do pescoço dela. Respirando ofegante, entrou nela novamente e foi como se a virgindade de Adelaide nunca tivesse existido. Seu corpo o aceitara, o recebera, o acolhera.

Não havia mais dor, nem desconforto, enquanto ele pressionava os lábios na pulsação do pescoço dela. Ele murmurava seu nome e era como se todo louvor que ele tinha por ela estivesse contido naquela palavra.

A tensão e a avidez começaram a se acumular dentro dela. Seu corpo se movia em conjunto com o dele, erguendo e abaixando, como se eles estivessem num barco, numa maré suave.

Depois, não tão suave assim. A respiração dele foi ficando mais ofegante, as veias de seu pescoço estavam saltadas, suas investidas eram mais fortes. Ela respondia da mesma forma, com uma paixão selvagem, deixando que ele a levasse para onde quisesse.

E ela jamais se sentiu mais liberada.

As sensações inundavam seu corpo, sua mente, como se ela e Armand fossem um só ser, buscando a mesma libertação, a mesma finalização. A sensação da pele dele, quente. A força de seus músculos. O cheiro de sua pele.

Ela se agarrava a ele, ansiosa, desejosa.

Ele estava ainda mais rijo e forte, e, mais poderoso, seu corpo mergulhava dentro do dela com uma compulsão voraz — até que ele gemeu alto em seu ouvido. Quase no mesmo instante, a tensão dentro dela rompeu, e eles eram como duas criaturas indomáveis, arqueando e resfolegando, numa onda de desejo até que a última libertação irrompeu sobre eles e os mandou para uma praia mais tranqüila.

Para descansarem nos braços um do outro, saciados, juntos e completos.

Pouco tempo mais tarde, naquela noite, Richard esperava por Francis, na sombra da cabana do jardim.

— Que diabos Armand queria com você? — perguntou Richard quando seu companheiro de conspiração se juntou a ele.

Francis lembrou a hostilidade estampada nos olhos de Armand. Ele estava certo de que a cadela contara a Armand que ele havia sido o intruso que destruíra suas roupas. Mas por que Armand não o acusara?

Talvez Armand não soubesse e só suspeitasse. Talvez Adelaide tivesse percebido que fora responsável pelo que ele fizera. Ela deveria, pois não passava de uma meretriz hipócrita.

No entanto, não havia necessidade de Richard saber dessas coisas. Afinal, isso não afetava diretamente os planos deles.

— Ele queria se desculpar por sua raiva de mim, antes de partir para a Normandia.

— Então, ele está com o dinheiro — disse Richard. — Eu havia ouvido que um mensageiro chegara de Averette. Estou surpreso que o rei o deixe ir. Achei que ele não ia querer os dois Boisbatons na Inglaterra.

— O rei não sabe. Armand disse que não ia interrompê-lo. Richard franziu ainda mais o rosto.

— No entanto, ele queria se desculpar com um homem que não fazia qualquer segredo quanto ao desejo por sua futura esposa, antes de partir?

Francis ergueu o queixo.

— Por que não? É um erro ser meu inimigo.

Em vez de concordar, Richard olhava Francis com desdém absoluto.

— Você está maluco? Armand de Boisbaston pode não ser rico, mas ainda tem amigos poderosos... ao menos, tão poderosos quanto os seus. Não, o homem está tramando algo, ou desconfia que estamos tramando.

A coragem de Francis diminuiu, pois isso explicaria o comportamento de Armand de uma forma melhor que qualquer sentimento de remorso ou medo.

Se Armand suspeitava deles, ele tinha de manter alguma distância de seus companheiros de conspiração.

— Acho que está na hora de eu ir até o norte, para tentar persuadir mais barões a aderirem à nossa causa.

— Você é mais útil aqui — respondeu Richard, — principalmente se Armand está partindo. A jovem rainha gosta de você, ou pelo menos o acha divertido. Por enquanto, isso significa que você pode ser mais útil ficando na corte. E não me diga que desistiu da esperança de cortejar a justa Adelaide.

— A justa Adelaide já não vale o esforço. Principalmente se os Boisbastons planejavam acusá-lo de traição.

— Devo pensar que domá-la, depois do jeito como ela o tratou, deve ser algo muito satisfatório. Além disso, ainda há a possibilidade de que Armand encontre a ruína na Normandia, quando o rei voltar a invadir, como ele certamente fará. Então, os bens de Armand irão para sua viúva.

Os bens de Adelaide e Armand. Era tentador, ainda assim...

— Ou Armand pode viver. E se ele libertar Bayard, será outro cavaleiro leal a lutar pelo rei.

No entanto tinha de haver um meio de obter o que ele queria. O que ela merecia por ficar lisonjeando e bajulando aquele rei porco e sua insípida rainhazinha. Afinal, por isso que ele se juntara a Richard e os outros.

— Não seria melhor nos livrarmos dos dois Boisbastons agora? — sugeriu ele. — Destruir Armand antes que ele chegue à França, para que Bayard apodreça na Normandia?

Richard ajustou a manga da túnica de seda, enquanto pensava na sugestão.

— Eu acredito que você possa estar certo, Francis. Acho que está.

Enquanto se aconchegava junto a Armand, Adelaide tentava conter as lágrimas. Lágrimas eram uma fraqueza. Tolice de mulher. Ela já sabia que ele tinha de partir. Ela aceitara isso. Fazer amor não deveria fazer diferença. Ela se entregara livremente e livremente eles se separariam.

No entanto, agora era um tormento ainda maior imaginá-lo casando com outra, pensar em outra mulher compartilhando a felicidade que ela encontrara nos braços dele. Era uma tortura pensar que ela havia experimentado o prazer de estar junto, como marido e mulher, com Armand, só para perdê-lo.

As lágrimas ameaçavam cair e ela piscava para afastá-las. Armand não podia vê-las. Ele não podia acreditar que ela sentia qualquer remorso ou desapontamento pelo que haviam feito. Assim que ela lhe dissera que seria. Nenhum contrato legal de união. Nada que a forçasse fazer o que ele mandasse, a ser sua propriedade.

Com um suspiro, Armand ergueu uma mecha dos cabelos dela e o apertou no meio dos dedos.

— Tenho vontade de tocar seus cabelos desde a primeira vez que a vi.

Ela fechou os olhos e, temendo que a voz tremesse pela tristeza, não confiou em responder.

Ele assentiu para a janela aberta, onde ela podia ver os primeiros raios do amanhecer.

— Está ficando tarde.

Ela conteve a tristeza. Isso poderia esperar até depois que ele partisse. Então, ela poderia chorar. Poderia cair em prantos.

— Eu sei.

— Preciso ir.

Ele estava certo, no entanto, ela se agarrou a ele com mais força.

— Sim.

Ele a beijou carinhosamente e, quando a olhou, havia uma determinação voraz, assim como amor, em seus olhos escuros.

— Voltarei para você, Adelaide — ele prometeu. — Casando ou não comigo, ficaremos juntos. Eu amo demais para abrir mão de você. Não ligo mais para o rei, ou qualquer um... Mão pesada bateu à porta e uma voz áspera gritou: — Armand de Boisbaston, abra a porta, em nome do rei! Você está preso por traição!

## Capítulo Dezoito

---

---

— Traição? — disse Adelaide, ofegante, segurando o lençol junto aos seios, enquanto rapidamente sentava.

Armand já estava fora da cama, enfiando as calças.

— Fique aqui — ordenou ele, enquanto um punho continuava a bater na porta.

Ela não ficaria na cama, como uma covarde. Saiu das cobertas e rapidamente pegou a combinação no chão.

A voz áspera de Falkes de Bréauté voltou a exigir sua entrada.

— Abra, em nome do rei!

— Só um instante, para me vestir! — gritou Armand, em resposta.

A porta foi escancarada e os soldados do rei, liderados por Bréauté, invadiram o quarto, Adelaide pegou o lençol na cama e enrolou em seu corpo ainda nu. Metade vestido, de pés descalços, Armand segurava a camisa nas mãos, mas parecia uma cobra encurralada, ou um felino pronto a atacar.

Adelaide procurava freneticamente a espada de Armand e a avistou em cima do baú, mas, antes que um deles conseguisse pegá-la, um dos soldados se antecipou.

Ela se colocou na frente de Armand, caso ele estivesse tentado a atacar, apesar de seu estado indefeso.

— Como se atreve? — perguntou ela a Bréauté. — Você não tem vergonha?

Os soldados riram, enquanto Falkes sacou sua espada.

— Lorde Armand de Boisbaston, você está preso por ordem do rei. Devo acompanhá-lo até o calabouço. Se não vier silenciosamente, tenho ordens para matá-lo. — O olhar dele se desviou para Adelaide. — Ou qualquer um que interfira na ordem do rei. — Ele se dirigiu aos soldados: — Homens, amarrem-no e levem-no.

— Não! — gritou Adelaide para os soldados que se apressaram à frente, para agarrar os braços de Armand e segurá-lo.

Então, lorde Richard d'Artage, trajado em sua habitual fineza, muito bem penteado e de boina, apesar de ainda ser tão cedo, entrou no quarto. Ele inspecionou Adelaide e seu amante com ar de desprezo.

— Então, afinal, o poderoso e honrado lorde Armand de Boisbaston não é nada além de um traidor.

O corpo inteiro de Adelaide tremia de ódio e espanto, conforme ela fulminava Richard.

— Você que é o traidor! Está conspirando contra o rei! Nós o ouvimos!

— Ouviram mesmo? — perguntou Richard, aparentemente sem a menor perturbação. — Então, por que não foram até o rei me acusar?

— Não tínhamos provas.

— Mas que infortúnio!

— Sou um leal servidor do rei — declarou Armand, enquanto os soldados começaram a puxá-lo em direção à porta. — Fiz um juramento— duas vezes.

— E aparentemente o quebrou disse Richard.

— Sabemos que você está tramando contra o rei — disparou Adelaide. — Você, Farnby e outros. Sabemos que pretendem matar Marshall e o arcebispo. Mas é você quem vai ter a morte de um traidor!

Richard deixou cair a máscara de tolo e revelou o homem ambicioso e cruel que havia por baixo.

— Não acredito em você. Se não, já teriam ido ao rei.

Ele lançou outro olhar de deboche ao corpo dela, e para o lençol que escondia sua nudez.

— Seja grata, pois não está sendo acusada, milady. Seja muito grata, pois sabemos que Armand não está sozinho nessa trama. Seu irmão, supostamente aprisionado, está realmente desfrutando da hospitalidade do duque d'Ormonde, e conspirando com Filipe, da França, contra João, seu soberano legítimo. Essa conversa de resgate é meramente uma tentativa de nos cegar em relação às atividades traiçoeiras.

— Isso é uma maldita mentira! — gritou Armand, o rosto vermelho de fúria, os olhos pontilhados de dourado parecendo pequenas línguas de fogo. Contudo, mesmo negando as acusações, havia um tom de esperança na voz de Armand e Adelaide imaginava o motivo. Isso significava que Bayard ainda estaria vivo.

Richard se retraiu, mas se manteve onde estava.

— Seja o que for que Bayard esteja fazendo no castelo do duque, ele não está no calabouço. Tem sido visto passeando junto ao muro, com a bela noiva do duque d'Ormonde.

— Não pode ser! — retrucou Armand. — Meu irmão não é traidor e não está tramando nada com Filipe. Mesmo que não estivesse aprisionado como estive... e rezo a Deus que não esteja... tenho certeza de que a necessidade de pagar por sua liberdade é genuína. Ele pode ter liberdade no castelo, sem poder partir.

— Não vou mais perder meu tempo falando com um traidor — Richard disse a Falkes. — Leve-o.

— Encontre Randall Armand avisou a Adelaide, enquanto os soldados, seguidos por Bréauté, o levavam do quarto. — Diga-lhe o que aconteceu.

— Direi! — gritou Adelaide.

Conforme os passos ecoavam no corredor, ela se virou para Richard, odiando-o mais do que jamais odiara alguém, nem mesmo seu pai.

— Seu traidor asqueroso! Você vai apodrecer no inferno por isso, depois que for executado por traição!

Richard gesticulou para que os soldados remanescentes saíssem e, enquanto eles obedeciam, um tremor de medo percorreu as costas de Adelaide.

No entanto, ela manteve a cabeça erguida. Ela jamais demonstraria medo a esse canalha. Reuniria sua coragem, força e determinação, por Armand.

Portanto, ela não recuou, nem demonstrou qualquer sinal de pavor, e falou com uma deliberação tranqüila, quando eles ficaram sozinhos.

— Acredito que deva lhe parabenizar, Richard. Você atacou primeiro, portanto, ganhou a batalha preliminar. É uma pena que um homem tão inteligente como você esteja fadado ao fracasso.

Richard riu baixinho e esticou o braço para segurar a ponta do lençol que estava enrolado ao corpo dela.

— É uma pena que uma mulher tão linda e inteligente tenha se aliado a um traidor.

— Isso seria verdade se eu tivesse sido tola o bastante para me aliar a você, ou Francis, ou Oliver — disse ela, adivinhando o que ele estava prestes a fazer.

Mesmo assim, e embora ela segurasse o lençol com mais força, não fez um esforço extraordinário para segurá-lo. Se o fizesse, ele acreditaria que a estava intimidando.

— Por falar em sir Oliver, você o viu esta manhã? — perguntou ela, como se estivessem conversando no salão, cercado de cortesãos. — Acredito que ele tenha fugido.

Os olhos de Richard se estreitaram ligeiramente.

— Também não faço a menor idéia de por que você tenha sido tão imbecil de incluir Francis em seus planos — continuou ela. — Ele jamais será fiel a qualquer um. A única pessoa em quem pensa é nele mesmo... assim como Oliver. Mas aquele é um sujeito esperto para você. Ele percebeu que havia se juntado a um bando de patetas e sabiamente partiu.

— Você está dizendo tolices — devolveu Richard. Apesar de sua postura desafiadora, ela percebeu o tremor de medo em sua voz. Infelizmente, ela triunfou por pouco tempo, pois ele subitamente puxou a ponta do lençol com força. O lençol caiu de seu corpo e Richard gargalhou quando ela ficou ali em pé, nua, diante dele.

Sem dúvida, ele esperava que ela gritasse, ou tentasse se cobrir. Ela não lhe daria essa satisfação. Coberta apenas pelos cabelos longos, ela ficou diante dele corajosamente, como se estivesse trajada como uma rainha.

— Mas que sujeito valente você é, Richard, usando a vergonha e o constrangimento como armas. Infelizmente, para você, não tenho vergonha de meu corpo, da mesma forma que não tenho vergonha de nada que fiz, como você deveria ter.

Richard puxou a espada.

— Vai matar uma protegida do rei, Richard? — perguntou ela, ainda sem recuar. — Que desculpa você dará quando encontrarem meu corpo nu e ensangüentado? Que eu, despida e desarmada, o ataquei primeiro? Ou todos irão presumir, principalmente as mulheres, que você tentou me estuprar, e quando resisti, você me matou? Então, o que acha que acontecerá a você?

— Sua meretriz! — gritou ele, erguendo a espada. Mas o medo na voz o traiu e ela soube que ele não atacaria.

— Não sou meretriz — disse ela, — e todos nessa corte sabem disso. Se eu fosse, teria estado na cama do rei, semanas atrás. Ou na de Francis. Ou, quem sabe, até na sua, se estivesse desesperada o suficiente.

— Cadela! — ele a esbofeteou com tanta força, com as costas da mão, que ela caiu no chão, aterrissando sobre as mãos e os joelhos. Ela cobriu a cabeça, esperando mais, lembrando dos punhos e xingamentos de seu pai.

Porém, em vez de agredir mais, Richard deixou o quarto praguejando, batendo a porta atrás de si.

Por um instante, Adelaide respirou fundo, ofegante, lutando contra a sensação de enjôo no estômago, juntando coragem, certa de saber o que era preciso fazer.

Ela encontraria Randall e lhe diria o que havia acontecido, depois iria até João. Contaria a verdade ao rei — sobre quem eram os verdadeiros conspiradores e o que planejavam fazer. João tinha que saber a verdade. Faria com que acreditasse nela.

Ela ficou de pé e encontrou sua combinação. Ao vesti-la, ouviu uma leve batida na porta. No momento seguinte, Eloise, nervosa, entrou correndo no quarto, seguida por Randall, igualmente

aborrecido, com uma espada enferrujada na mão.

— Oh, Adelaide! — Eloise disse, baixinho, enquanto corria para abraçar a amiga.

— É verdade? — perguntou Randall, segurando a espada com tanta força que os nós de seus dedos ficaram esbranquiçados. — É verdade que Armand foi preso por traição?

— Sim... na verdade, acusado pelos homens que estão tramando contra o rei — respondeu ela, revigorada pela determinação de salvar Armand. — Nós descobrimos sobre a conspiração e estávamos tentando conseguir provas, mas os inimigos do rei agiram antes, contra nós.

Eloise e Randall trocaram olhares surpresos.

— Não contamos a vocês, porque temíamos que isso fosse colocá-los em perigo — explicou Adelaide. — Ajude-me a colocar meu vestido, Eloise, enquanto conto a vocês tudo que descobrimos, e como.

Enquanto Eloise fazia conforme ela pediu, Adelaide contou tudo, começando com o que havia acontecido no jardim.

A única coisa que deixou de fora foi o fato de que o noivado era uma encenação, necessária apenas para que ela e Armand pudessem se encontrar, sem qualquer especulação. Ela simplesmente não podia revelar essa mentira, pois agora desejava que fosse verdade. Agora, que ele estava correndo tanto perigo, disposto a honrar sua promessa, ela queria rompê-la. Apesar de tudo e por causa de tudo, se tornar esposa de Armand de Boisbaston era mais importante que sua promessa.

— Preciso ir até o rei — concluiu ela. — Preciso dizer a ele quem são os verdadeiros traidores.

— Deixe-me ir com você — disse Randall.

— Também vou — declarou Eloise. — O rei certamente ouvirá a nós três.

Por mais confortada que Adelaide estivesse pela sincera oferta, ela disse:

— Acho que é melhor que vocês não o façam. Revelar que sabem sobre a conspiração ainda pode colocá-los em perigo.

Eloise pegou a mão de Adelaide, que estava fria, e olhou fixamente para a amiga.

— Somos seus amigos.

— E isso já deve ser o suficiente para que sejamos condenados como traidores, de qualquer modo — ponderou Randall. — Portanto, nós iremos. — Nem o tom, nem a expressão dele permitiriam qualquer discordância.

Obviamente ela, sem dúvida como muitos outros, estivera errada ao pensar que Randall FitzOsbourne era isento de determinação ou firmeza. Uma olhada para Eloise provou que ela estava igualmente resoluta.

— Somos abençoados em ter amigos assim — disse Adelaide, com gratidão sincera. — Venham.

Ninguém disse mais nenhuma palavra quando deixaram o quarto dela e se apressaram em direção aos aposentos do rei, que tinha de estar lá. Era cedo demais para que estivesse em qualquer outro lugar.

Quando chegaram ao corredor próximo ao quarto do rei, Falkes de Bréauté bloqueou o caminho, com vários soldados atrás dele.

— Saiam da frente! — ordenou Adelaide. O mercenário apenas riu com deboche.

— Por que a pressa, milady?

— Deixe-nos passar — ordenou Randall. — Ou, por Deus, irá se arrepender!

Eloise — a ex-branda e meiga Eloise — repetiu, desafiadora.

— Sim, deixe-nos passar.

— As acusações contra Armand de Boisbaston são falsas — declarou Adelaide, — embora haja, sim, uma conspiração contra o rei. Nós sabemos quem a está liderando e, se você não nos deixar ver João, pode colocá-lo em perigo.

Falkes lambeu os lábios.

— Sem dúvida, o rei ficaria feliz em vê-la em seu quarto, milady, mas não acho que ele ia querê-la falando.

— É bom deixá-la passar, Bréauté — disse Randall, por entre os dentes cerrados. — Se não deixar, isso pode lhe custar a vida.

— Quando foi que você ficou tão ousado, aleijado? — zombou de Bréauté, enquanto seus soldados riam, atrás dele.

— Quando decidi salvar o rei — retrucou Randall.

— Se o rei for derrubado — disse Adelaide, — onde isso o levará, Falkes? Considerando-se que você sobreviva à rebelião, é claro.

De Bréauté hesitou e ela viu a dúvida surgir em seus olhos castanhos.

— Então, apenas lady Adelaide — murmurou ele, baixando a espada.

Adelaide concordou assentindo e silenciou o protesto de Randall e Eloise com um olhar.

— Eu farei com que o rei veja o verdadeiro perigo que enfrenta.

Ela baixou o tom de voz e falou para que somente eles pudessem ouvir.

— Enquanto isso, encontrem Godwin. Ele tem de levar uma mensagem ao conde de Pembroke. Ele irá acreditar que Armand é inocente.

Os dois concordaram e se viraram para partir, enquanto Adelaide novamente se virou para Falkes e ergueu uma sobrancelha interrogativa, de forma imperiosa.

Sem mais nenhuma palavra, ele a conduziu até o quarto do rei, onde bateu à porta, com o cabo da espada.

Um serviçal de meia-idade cautelosamente abriu.

— O que você...

Ele nem teve tempo de terminar a pergunta, porque Adelaide empurrou a porta adentrando o quarto suntuoso.

O rei estava sentado junto à uma mesa coberta de garrafas, potes e pequenos baús que provavelmente continham jóias. Ele segurava um espelho numa das mãos e um pente na outra. Franzindo o rosto, ele se virou para ela.

— Quem se atreve a... — Ele deu um sorriso de lagarto, quando a viu. — Oh, é você, lady Adelaide. Eu acharia isso uma surpresa encantadora, só que, sem dúvida, você veio falar de seu noivo traidor. Não tenha medo... você não será maculada pela traição.

— Majestade, eu...

— Vá até a rainha e diga-lhe que deverei me atrasar para a missa — interrompeu o rei, acenando a mão gorducha para seu criado. — Depois espera na antessala. Essa dama e eu iremos discutir essa questão em particular.

Adelaide enlaçou as mãos quando a porta se fechou atrás do criado. Ela não temia por si mesma. Temia que o rei não acreditasse nela.

— Majestade — começou, — é preciso que saiba que Armand é inocente dessa acusação. Ele é seu servidor leal e jurou sua fidelidade duas vezes.

— O que realmente sei — disse o rei, voltando a olhar no espelho — é que um rei jamais está a salvo. Ele nunca pode confiar em ninguém... nem em seu pai, nem sua mãe, nem numa irmã ou irmão, nem num criado leal. Um rei está sempre sozinho e sempre deve estar alerta em relação aos traidores. Adelaide se aproximou da cadeira de ébano.

— Majestade, está, de fato, diante do perigo, mas não por causa de Armand. Ele e eu ouvimos homens tramando matar o conde de Pembroke e o arcebispo de Canterbury. O plano deles é cortar

esses confidentes leais e enfraquecê-lo, plantando sementes de descontentamento e rebelião. Nós íamos lhe contar sobre a trama, assim que tivéssemos certeza de quem estava envolvido, mas só descobrimos as identidades ontem à noite. Majestade, os traidores em sua corte são o lorde Richard e Francis, e talvez o sir Alfred também.

As sobrancelhas do rei se ergueram.

— E foi somente ontem à noite que souberam disso?

— Nós descobrimos a conspiração antes, quando ouvimos os conspiradores conversando — explicou ela, amaldiçoando a si mesma, por evitar que Armand fosse falar com o rei, naquele mesmo dia, mesmo que não soubessem quem estava envolvido na trama. — Mas não vimos quem era e as vozes estavam abafadas. Queríamos ter certeza, antes de fazermos qualquer acusação. Enquanto isso, Armand alertou o arcebispo e o conde.

O rei se levantou e foi andando até uma mesa coberta por pergaminhos, abaixo da janela.

— Lorde Richard, a pessoa a quem acusa de ser um traidor, me trouxe esta carta, esta manhã, de um dos meus leais cavaleiros da Normandia. Aqui... leia você mesma, se souber.

Ele pegou um dos pergaminhos e atirou nela, que ergueu as mãos para proteger o rosto quando o rolo de papel passou voando e aterrissou no chão.

— Bayard de Boisbaston não está sendo mantido prisioneiro em troca de resgate — declarou o rei, a voz vibrando de raiva.

— Ele está desfrutando da hospitalidade do duque d'Ormonde, um dos nobres mais leais de Filipe. Ele está livre para partir, na hora que quiser, e não parte porque não quer. Ele se juntou a Filipe, aquela víbora francesa, quando deveria ser leal a mim! — berrou o rei, batendo no próprio peito.

— Isso seria uma prova incontestável, majestade — concordou ela, tentando se manter calma, apesar da ira do rei, — se fosse genuína. Pode não ser. Mesmo que isso seja verdade, Armand não é um traidor. Ele jamais o traiu, nem quebrou seu juramento, nem jamais quebrará. Ele lhe é leal, assim como ao conde de Pembroke.

O lábio do rei se curvou zombeteiro, quando ele desabou o próprio peso na cadeira delicada, que miraculosamente não quebrou.

— Pelo amor de Deus, milady, você tem muita coragem! Faz com que eu me lembre de minha mãe, e isso não é nenhum elogio.

— Majestade, por favor, ouça — apelou ela, abrandando seu tom de voz, na esperança de que isso ajudasse. — Não é Armand quem tem de temer. É lorde Richard. Ele é quem está por trás do plano de derrubar seu reino, com a ajuda de Francis.

— Lorde Richard e sir Francis? — o rei debochou. — Eles não têm nada de perigosos. Richard pensa mais em seus cabelos do que na política, e Francis só se preocupa em levar mulheres para a cama. Eles não possuem inteligência, ou ambição, para uma trama de traição.

— Possuem, sim, majestade — insistiu ela. — A vaidade de Richard é seu disfarce... seu meio de fazer com que o senhor pense que ele é inofensivo. E Francis é ambicioso, e uma cobra traiçoeira. Ele seguirá quem quer que lhe prometa uma recompensa maior.

Os olhos do rei se estreitaram, enquanto ele a olhava.

— E acho muito interessante, milady, que você esteja acusando exatamente os homens que denunciaram seu noivo.

— Richard e Francis devem ter percebido que descobrimos a trama e agiram para se protegerem, acusando Armand antes. Estou lhe dizendo, majestade, eles planejam traição e rebelião.

O rei girou um dos anéis que trazia no dedo gorducho.

— Que prova você tem dessas acusações?

— Nossa palavra — disse ela, quando a esperança começou a acender, diante da mudança de comportamento do rei. — Certamente a palavra de lorde Armand de Boisbaston vale muito. Assim como a minha, que não é dada em vão.

— Então, devo aceitar suas acusações, apenas baseado na fé? Isso é tudo que pode oferecer em defesa de lorde Armand?

— Sim, majestade. Mandou prender o homem errado. O rei levantou.

— Infelizmente, milady, mesmo que eu acreditasse em você, não posso fazer julgamentos sem provas. De outro modo, poderia ser acusado de favorecimento.

Adelaide cerrou os dentes em frustração. O rei fazia favorecimentos entre os cortesãos o tempo todo, assim como seu pai e mãe haviam favorecido um filho, acima do outro, em detrimento à Europa.

— Armand de Boisbaston daria sua própria vida para servi-lo. E já chegou bem perto disso.

— Embora ele me odeie. — O rei sorriu ao ver o espanto que ela não conseguiu esconder. — Ora, minha querida, não sou tolo. Isso fica óbvio todas as vezes em que ele olha para mim.

— Mesmo que seja verdade, ele jamais quebraria seu juramento de lealdade ao senhor. Preferiria morrer.

Um brilho especulativo surgiu nos olhos do rei.

— Se ele estiver disposto a arriscar a vida para provar sua lealdade, sem dúvida, também estaria para provar sua inocência.

Ela percebeu o que o rei estava pensando, pois era muito inclinado a propor julgamentos pelos combates. Alguns alegavam que estava interessado na justiça, outros achavam que ele gostava de ver um espetáculo sangrento. Qualquer que fosse o motivo, o rei provavelmente concordaria com uma competição, e Armand certamente venceria. Ele não era apenas um guerreiro comprovado, mas era inocente e Deus lhe daria a vitória.

— Tenho certeza de que ele estaria disposto a provar sua inocência da maneira que sua majestade decidir.

A especulação nos olhos do rei se tornou gananciosa, quando ele cruzou os braços.

— Se eu for presidir um julgamento por combate, minha ida a Salisbury será adiada.

Ela sabia onde ele estava querendo chegar com aquilo também. O rei aceitava propinas para quase tudo.

— Naturalmente, Armand e eu estaríamos ávidos por recompensá-lo pela inconveniência de seu atraso.

— Até mesmo com quinhentos marcos?

Toda a quantia do resgate de Bayard de Boisbaston. No entanto, que outra escolha ela teria, se a vida de Armand estava em jogo?

— Sim, majestade.

— Ele não poderá resgatar o irmão, a quem parece ter em grande estima — frisou o rei, sorrindo com um ar de prazer vingativo.

— Se Armand for derrotado, ele continua condenado por traição, e Bayard de Boisbaston permanece condenado com ele. Nesse caso, o resgate seria confiscado para a coroa, de qualquer modo, junto com o restante dos bens que eles possuem.

— Excelente ponto de vista — disse o rei, desfilando até ela. — Você está se saindo uma excelente advogada, milady. Mas talvez isso não seja o bastante. Eu me pergunto: o que estaria disposta a fazer, para ver seu noivo livre?

Por toda a sua vida, Adelaide lutara para que seu destino não ficasse nas mãos de um homem. Agora, tinha o destino de Armand nas suas.

O que estaria preparada a fazer por ele?

Qualquer coisa. Qualquer coisa que o rei quisesse valia o sacrifício por Armand.

Ela olhou diretamente para o rei.

— Estou disposta a fazer o que seja necessário, majestade. João começou a andar em tomo dela.

Adelaide permaneceu imóvel, como se estivesse encurralada numa armadilha, se convencendo a não fugir.

— Jogou um belo jogo, milady — disse o rei, — colocando meus cortesãos uns contra os outros, e tudo a seu favor. Pelo amor de Deus, você incluiu até a mim em sua dança das cadeiras, com seus olhares inocentes e adiantamentos recatados.

— Esses dias finalmente chegaram ao fim.

## Capítulo Dezenove

---

---

—O rei a puxou, num abraço sufocante. Seus braços gordos a seguraram junto à barriga e ela lutou para não vomitar, enquanto a boca molhada e faminta pressionava contra a dela. Ele agarrou-lhe os seios bruscamente, apertando como se sovasse massa de pão, de uma maneira tão diferente dos carinhos amorosos de Armand.

Oh, Deus, dê-me forças para suportar isso por Armand!, ela silenciosamente rezava, dispondo-se a se submeter, embora todas as partes de seu corpo se rebelassem.

Como em resposta às suas preces, uma porta por trás da tela interna bateu e a rainha entrou marchando no quarto.

O rei se virou na direção de Isabel numa velocidade surpreendente e culpada.

— Eu não mandei chamá-la!

A rainha lançou um olhar frio para Adelaide, que corou de vergonha, apesar de sentir um alívio percorrê-la.

— Será que uma esposa necessita de convite para entrar no quarto de seu marido? — perguntou Isabel.

— Quando se trata do rei, sim, ela necessita — retrucou João. — Deixe-nos.

O olhar da rainha hesitou, depois ela cobriu o belo rosto com as mãos delgadas.

— Oh, você parte meu pobre coração, meu amor! Exibe suas amantes bem diante de meus olhos!

Os ombros de Isabel começaram a tremer e ela parecia estar aos prantos.

— Oh, que posso fazer? — choramingou Isabel. — Você disse que me amava, quando me roubou de Hugo, e me fez amá-lo, mas agora só pode me detestar, para fazer isso comigo! E também me culpa por ter perdido a Normandia, como se eu fosse seu general e não meramente a sua esposa!

— Não pense assim, Isabel — disse o rei, ligeiramente menos irritado. — Lady Adelaide não é minha amante.

— Se ainda não é, então ela quer ser! Todas as mulheres da corte querem tirá-lo de mim! Por que outro motivo ela está aqui, sozinha, com você?

— Vim pedir por meu noivo inocente e dizer ao seu marido quem são os verdadeiros conspiradores — revelou Adelaide. — O rei acaba de gentilmente concordar com um julgamento por combate.

Isabel descobriu o rosto, que estava visivelmente seco, e desviou o olhar de Adelaide para o rei.

— É isso mesmo?

— Sim — ele estrilou. — Então, agora percebe que não há necessidade de ficar com ciúmes.

Aparentemente lembrando que deveria estar aborrecida, Isabel fungou e lançou um olhar aflito na direção dele.

— Não posso evitar. Eu o amo muito.

Vendo uma chance para se afastar e torcendo para que houvesse um julgamento por combate, mesmo que ela fugisse, Adelaide foi andando de lado, em direção à porta.

— Tento ser uma boa esposa para você — Isabel disse ao rei, meigamente, — fazendo qualquer coisa que me peça, mas, ainda assim, você me atormenta com essas outras mulheres.

— Essas mulheres não significam nada para mim — disse o rei, enquanto grosseiramente a segurava nos braços carnudos.

Enquanto ele envolvia a jovem esposa num abraço quase enjoativo de se ver, Adelaide abriu a porta e saiu devagarinho.

Eloise estava esperando por Adelaide, quando ela saiu do quarto do rei. A essa altura, vários outros nobres curiosos, incluindo a maliciosa e contentíssima Hildegard, e o sério sir Charles, haviam se unido aos soldados.

Quando Adelaide viu os rostos interrogativos dos cortesãos e a avidez dos soldados, sentiu uma pontada de orgulho. Ela se permitira ser humilhada pelo rei, pelo bem de Armand, mas manteria sua dignidade diante desses outros.

Ela ergueu o queixo, endireitou os ombros e não disse nenhuma palavra de justificativa ou explicação, ao cumprimentar Eloise ternamente e afastá-la dos outros.

— O rei vai libertar Armand? — perguntou Eloise ansiosamente, atrás de sua amiga.

— Não. Vocês acharam Godwin?

— Sim. Randall está escrevendo uma mensagem para que ele leve agora. Walter de Chevron não faz absolutamente nenhuma objeção em mandá-lo, e também está fornecendo um acompanhante para escoltá-lo, para garantir que chegue em segurança. Pobre Walter, ele está tão aborrecido com tudo isso! Ele gosta de Armand e, mais importante, sabe que o conde confia nele. Tem certeza de que o conde ficará muito zangado quando souber do que aconteceu, e dentro de um de seus castelos.

— Bom — disse Adelaide, com um suspiro grato, sentindo algum consolo pelo apoio do mordomo, enquanto elas entravam no pátio.

Alguns dos soldados que não estavam de serviço descansavam junto à capela e as observaram quando passaram. Um sujeito magrinho, de sardas no rosto, deu um sorriso amistoso e os outros assentiram, para cumprimentá-la. Eles não precisaram dizer que acreditavam que Armand era inocente. Se não acreditassem, teriam feito uma cara feia, ou a ignorariam por completo.

Da mesma forma, os criados que encontravam as olhavam com amabilidade, embora também as evitassem e ignorassem.

Ela não podia condená-las. Elas tinham suas próprias preocupações, e a culpa ou inocência de um nobre, homem ou mulher, que não fosse seu mestre, tinha que ter prioridade.

— E quanto ao juramento de Armand? — perguntou Eloise. — João simplesmente o ignora por completo?

— Sim. Acredito que ele não coloque fé alguma nos juramentos de lealdade. Por que colocaria, depois de ele mesmo já ter traído os seus? — perguntou ela amargamente. — Mas o rei concordou com um julgamento por combate.

— Minha nossa! — Eloise gritou, parando subitamente. — Armand será morto!

Obviamente, os serviçais e soldados as encaravam.

— Armand certamente poderá derrotar qualquer homem que o rei mande lutar contra ele — disse Adelaide com firmeza.

— Não é que eu duvide de suas habilidades — explicou Eloise, apertando as mãos. — Randall me disse que ele foi gravemente ferido na Normandia.

— Minha mãe do céu! — Adelaide pegou a mão de Eloise e a puxou para a varanda da capela, longe dos olhos e ouvidos dos outros que estavam no pátio. — Ele nunca me disse que foi ferido!

Nem mesmo quando estavam sozinhos, intimamente... Mas então ela se lembrou, claramente, quando ouviu aqueles passos que mancavam, no jardim, e esperando encontrar Randall, encontrara Armand.

— Foi na perna? Eloise assentiu.

— Seu joelho direito foi gravemente ferido na explosão de uma bomba, e ficou sem ser tratado durante semanas, enquanto estava aprisionado. E ficava acorrentado, com os braços acima da cabeça, dias e dias seguidos, a cada vez. Segundo Randall, os braços ainda estão fracos por sua provação, e o joelho lhe causa muita dor.

Ele deveria ter contado... confiado nela... Como ela deveria ter contado a ele, desde o começo, sobre sua promessa de não se casar, e o motivo por tê-la feito.

— Se eu soubesse...

Se ela soubesse, teria feito qualquer coisa que o rei pedisse para poupar Armand e jamais teria proposto um julgamento por combate.

— É tarde demais — disse ela, sentindo o peso do desespero recaindo sobre seus ombros. — Eu já prometi ao rei os quinhentos marcos, para garantir o julgamento.

— A quantia do resgate de Bayard?

— Sim, e o rei me mostrou uma carta, supostamente chegada da França, alegando que Bayard se juntou a Filipe.

Em vez de parecer chocada, desesperada ou incrédula, Eloise ficou zangada.

— Isso é ridículo. Bayard não tem nada de traidor, tanto quanto Armand. Randall confia inteiramente em ambos.

E isso aparentemente era o suficiente para Eloise. Também era suficiente para Adelaide, e deveria ser para o rei, e todos os outros. No entanto, ela sabia que agora o rei só ficaria satisfeito com um julgamento por combate.

Contudo, a crença firme de Eloise na inocência de Bayard de Boisbaston deu algum consolo a Adelaide.

— Tenho certeza de que Bayard é tão honrado e confiável quanto Armand — concordou ela.

— Não podemos fazer algo para impedir isso? — perguntou Eloise, ansiosamente. — Como Armand poderá vencer, se ele está ferido?

Talvez, se ela voltasse ao rei e oferecesse... Mas e então? Dar a si mesma ao rei não livraria Armand e Bayard da suspeita de traição, diante dos olhos de homem algum, e provavelmente nem do rei. Só lhes renderia um pouco mais de tempo, antes que o acusassem novamente, e o rei não estaria disposto a ter seu corpo em troca, novamente.

Nem Armand ia querer o corpo de uma mulher, e sua honra, como pagamento por sua liberdade. Mais tarde, ele mesmo poderia se ressentir pela perda da chance de limpar seu próprio nome.

— Armand vencerá — Adelaide assegurou à amiga. — Não importa que esteja ferido, nem com quem ele lutará. Mas por ser inocente.

Francis olhava para Richard incrédulo, enquanto estavam no quarto nobre, suntuosamente mobiliado. Richard sempre viajava com o que julgava necessário.

— Ela me denunciou como um traidor ao próprio rei?

— Sim, denunciou — respondeu Richard, enquanto ajustava o cinto, numa posição que julgava mais adornada. Francis poderia deixar de comparecer à missa, por medo da acusação de Adelaide, mas ele, não. — Certamente não é de admirar que ela lhe apontasse o dedo, depois da forma como se portou com ela.

Uma expressão alarmada surgiu nos olhos de Francis. Richard percebeu que teria de lhe dizer mais, para evitar que fizesse algo imbecil.

— Não foi só a você que ela acusou. Ela me chamou de traidor, na minha cara. Mas não estou entrando em pânico, pois não há necessidade. Ela está tão inebriada por Armand que todos acreditarão que suas acusações são como sementes no campo de um fazendeiro, torcendo para que ao menos uma crie raiz, para salvá-lo.

— Oh, sim, não há necessidade de pânico — disparou Francis. — Então, onde diabos se meteu Oliver? Ele não estava em seu quarto, como você disse que estaria.

Pela segunda vez, naquela manhã, Richard sentiu uma pontada gélida de medo. Ele considerava Francis o membro mais fraco da conspiração e tomara suas atitudes para assegurar que ele soubesse muito pouco a respeito dos planos, mas confiara em Oliver.

— Suas roupas ainda estão lá?

— Não sou seu serviçal, como deveria saber...? — Francis sugou o ar e olhou fixamente para seu companheiro. — Você acha que ele partiu? Para onde? Por quê?

Ele agarrou Richard pela túnica amarelo-limão.

— Aquele canalha irlandês nos traiu? Richard empurrou a mão dele.

— Acalme-se — ordenou ele, ainda sem acreditar no que Adelaide lhe dissera. Ela estava apaixonada por Armand. Diria qualquer coisa tentando acertar, e ela obviamente o vira conversando com Oliver, antes. — Ele provavelmente está na aldeia, com alguma vadia. Ou aqui, no quarto de uma das damas, com outro tipo de prostituta.

— Eu perguntei às empregadas se elas sabiam onde ele estava — disse Francis. — Elas não sabiam.

— Então talvez não esteja no quarto de uma das damas. Há inúmeros lugares onde um homem pode ir para ficar com uma mulher.

Francis levou a mão ao cabo da espada.

— Alguém contou a Adelaide e Armand sobre nossos planos. Não fui eu, e obviamente não foi Oliver. Foi você? Por isso foi até o rei, esta manhã... para jogá-lo contra Armand e depois me denunciar? Foi por isso que Oliver fugiu... para evitar ser preso porque você traiu a nós dois? Ou você o matou? Está planejando me matar também?

— Não seja tolo — disparou Richard, atravessando o quarto e parando diante de uma janela estreita. — É Armand que eu quero morto. Ele é leal ao conde, portanto, tem de ser tirado de nosso caminho. O que quer que milady diga, o rei pode ser convencido de que ela só está tentando salvar seu amante. Mais importante, eles não têm provas, ou já estaríamos presos. Portanto, pelo amor de Deus, acalme-se! Aja como um cavaleiro, não como uma mulher amedrontada.

Mesmo enquanto falava, mais terror assombrava os pensamentos de Richard. Por enquanto estavam a salvo, mas o rei era um homem desconfiado, caprichoso. Ele poderia muito bem jogá-los no calabouço e acusá-los de traição, só como precaução.

— E se Armand convencer o rei de que ele está certo e nós somos os traidores? — perguntou Francis.

O medo e o temor de seu próprio destino oprimiram Richard. Ele se apressou na direção de Francis e o prendeu contra a parede mais próxima.

— Você quer ser pego? — rosnou ele, enquanto o segurava ali, com o braço sobre o pescoço de Francis.

Francis relutou para respirar e seu rosto ficou vermelho, mas ainda assim Richard não o soltou.

— Pelo amor de Deus, por que simplesmente não vai até o pátio e conta a todos sobre nossos planos? Deixe de ser tolo, nem deveria dizer a palavra traidor, pois não somos! João não é um rei honesto. Arthur era, e, agora que ele foi assassinado, o trono pertence a Eleanor e ao homem com quem ela se casar.

Respirando com força, Richard soltou Francis e deu um passo atrás.

— E ela há de se casar com você, imagino? — disparou Francis, levando a mão ao punhal que tinha no cinto.

— Não sou tão imbecil assim — retrucou Richard, rapidamente puxando seu próprio punhal, e colocando a ponta na garganta de Francis. — Não cometa um erro, Francis. Nós estamos nisso juntos, seja para a vitória ou para a derrota, e sem mim você será como um cego cambaleando no escuro.

Francis fez uma cara feia, enquanto esticava os braços, em submissão.

— Se eu for acusado e você me trair, não vou para a forca sozinho.

Não, ele choramingaria feito um bebê. Graças a Deus por ele saber tão pouco, embora eles jamais devessem tê-lo incluído nos planos. Ele não deveria ter ouvido Oliver, que insistia que Francis seria um bom acréscimo, ou um tolo ignorante e fácil de quem se livrar, caso o rei ficasse desconfiado. Eles seriam capazes de excluí-lo, segundo Oliver assegurara, caso Francis se voltasse contra eles.

Agora ele temia que Oliver tivesse deixado os dois.

— Nenhum de nós será acusado de traição — disse ele. — Já providenciei isso ao acusar Armand primeiro. Quanto a Oliver, ele está em algum lugar, em Ludgershall. Você está preocupado por nada, portanto, guarde seu punhal.

— Primeiro você.

— Muito bem — concordou Richard e o fez. Francis jamais se atreveria a matá-lo. Ele era rico e poderoso demais, assim como seus amigos. — Voltarei ao rei para me assegurar de que a adorável Adelaide não tenha conseguido persuadi-lo de que seu noivo é inocente.

— Isso é outra coisa — disse Francis. — Tenho certeza de que ela pode ser muito persuasiva, principalmente se estiver disposta a fazer qualquer coisa que o rei queira.

— Então, nós apenas teremos de nos assegurar de que ela fique longe dele. De Bréauté providenciará isso. Só Deus sabe o quanto eu o paguei. E enquanto eu estiver fazendo isso, você encontra Oliver. Vasculhe o castelo e a aldeia, e não desista enquanto não o encontrar.

O rei manteve Richard esperando do lado de fora de seu quarto por um tempo que pareceu uma eternidade. Richard suavizou a espera com os soldados de guarda que estavam ali, falando de mulheres e de vinho, mas o tempo todo sua mente estava acelerada, repassando tudo que dissera e fizera na corte, tentando pensar em possíveis erros que cometera e talvez fossem usados contra ele.

O pior havia sido confiar em Oliver e, a cada minuto que passava e Francis não aparecia para lhe dizer que o encontrara, crescia seu medo de ter sido enganado pelo irlandês.

E quanto ao papel que Oliver tinha no plano? Será que o arcebispo estaria morto, ou morrendo, ou ainda estaria vivo e bem, e Marcus, acorrentado? A essa altura, ele já deveria ter ouvido notícias da enfermidade do arcebispo.

Maldito Oliver! O melhor que ele merecia era uma morte lenta e dolorosa.

— O rei irá vê-lo agora.

Richard se assustou diante da declaração do serviçal, depois se apressou para entrar no quarto do rei.

Ele estava sentado numa poltrona perto da janela, com a rainha Isabel ao seu lado, como uma boneca, segurando sua mão.

— Uma história muito perturbadora chegou ate mim, majestade Richard começou a falar, com um ar de incredulidade e ligeira afronta. — Eu entendo que lady Adelaide tenha me acusado de traição, e também ao meu amigo, sir Francis de Farnby.

— Ela o fez — concordou o rei, com uma amabilidade que não ajudou em nada a aliviar os temores de Richard. — Lady Adelaide foi extremamente fervorosa em sua defesa de lorde Armand, e absolutamente inflexível quanto a vocês dois serem os traidores.

— É claro que ela me culparia e me desacreditaria — respondeu Richard. — Fui eu quem prendeu Armand, sob suas ordens.

O rei não pareceu se abalar por esse lembrete.

— Ela foi muito sincera.

— Não há dúvida de que ela acredita que tudo que Armand diz seja verdade. Como muitas mulheres apaixonadas, irá acreditar em qualquer mentira que seu amante lhe contar.

— Lady Adelaide parece ser uma mulher inteligente demais ser dominada pelo amor — frisou a rainha. Ela sorriu e deu um tapinha na mão gorducha do marido. — Ainda assim, nós mulheres temos o coração mole e talvez seja, de fato, como está dizendo.

— Ela apresentou alguma prova contra nós? — perguntou Richard. Ela certamente não o teria feito, ou ele e Francis já estariam no calabouço.

— Ela disse que ouviu você e sir Francis tramando uma conspiração para assassinar o arcebispo de Canterbury e o conde de Pembroke.

Richard riu.

— Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi!

— Concordo — disse a rainha, dando um sorriso para Richard, que o deixou certo de que a atenção que dispensara a ela, ocasionalmente chegando a um tom pessoal e excitante, tinha valido o esforço.

Satisfeito por ter a rainha do seu lado, ele ficou mais ousado.

— Por outro lado, majestade, agora o senhor tem a mais forte prova contra os Boisbastons.

— Eu não diria isso — respondeu o rei. — Você me trouxe uma carta que, aparentemente, condena Bayard de Boisbaston, não o seu irmão. Eu diria que sua prova contra lorde Armand não é mais forte do que a dele contra você... ou seja, nada substancial.

— Majestade — protestou Richard, — ficou óbvio, desde o momento em que Armand chegou aqui, que ele é seu inimigo.

— É óbvio que ele está zangado por ter ficado preso na Normandia — respondeu o rei. — No entanto, ele fez outro juramento de lealdade, algo que um homem de seu orgulho não faz com facilidade, e provavelmente jamais o quebrará.

Richard deu uma olhada para a rainha, que estava observando o marido.

— Majestade, muitos traidores já fizeram um juramento apenas para quebrá-lo, segundo sua conveniência.

— Você não precisa dizer a mim sobre a desonestidade dos homens — replicou o rei e Richard lembrou, com uma sensação nauseante, que o rei não era exatamente um modelo de fidelidade e confiabilidade.

A rainha afagou a mão do rei e disse algo tranquilizador, que Richard não conseguiu ouvir.

Felizmente, o rei relaxou um pouquinho.

— Portanto, o que temos, milorde, é um empate que terá de ser solucionado, pois não desejo adiar minha jornada até Salisbury. Dessa forma, eu decido deixar a questão por conta de Deus, num

juízo por combate, que será realizado amanhã. Como Armand acusou tanto você quanto Francis, um de vocês dois deverá enfrentá-lo em combate.

Teria sido manobra de Adelaide, ou idéia do rei? Não importava. Mesmo que ele fosse habilidoso com armas, Armand de Boisbaston não era o tipo de guerreiro contra o qual ele ia querer lutar.

Francis era um tolo ambicioso, mas sabia lutar. E Richard lembrou de outra coisa: ele vira Armand mancando ao deixar o salão naquela noite, como seu amigo aleijado. Se ele tivesse sido ferido na Normandia — e era muito provável que havia sido, pela batalha ocorrida em Marchant, antes de Armand finalmente se render — havia uma boa chance de que Francis pudesse ganhar.

— Acredito que sir Francis acolherá a oportunidade de limpar seu nome e obter esse êxito pessoal, majestade.

— Muito bem. Então, será sir Francis. — João sorriu com uma inesperada astúcia que fez o sangue de Richard correr gélido. — E você pode dizer a ele que lady Adelaide será do vencedor.

## Capítulo Vinte

---

---

Adelaide se aproximou dos aposentos do rei e, dessa vez, de Bréauté não fez qualquer movimento para impedi-la, embora estivesse com um sorriso debochado ao abrir a porta.

O rei estava sentado junto a uma mesa grande, coberta de pergaminhos, vidros de tinta e várias canetas de pena. Ele deu uma olhada acima quando a porta se abriu, depois recostou em sua cadeira, conforme Adelaide entrou no quarto. Ela não disse nada ao colocar sobre a mesa o saco de moedas, no valor de 500 marcos.

— Obrigado, milady — disse o rei, esticando a mão para pegar com os olhos cintilando, como um avarento numa casa de cobrança. — Falei com lorde Richard, que está horrorizado com suas acusações e as refuta firmemente.

— Era de se esperar — respondeu ela. Ela não esperava que ele agisse de outra forma. — Ele enfrentará Armand em combate?

— Não. Francis de Farnby será o oponente de lorde Armand.

Adelaide não escondeu seu sorriso. Richard era um homem esperto, e homens espertos certamente eram lutadores mais perigosos. Francis não era esperto nem corajoso. Mesmo machucado, Armand sem dúvida seria melhor que ele.

— E, enquanto isso, majestade, permitirá que Armand deixe a cela — disse ela e, embora estivesse se dirigindo ao rei, não era um pedido.

Em vez de encarar aquilo como uma ofensa, o rei achou graça.

— Por que não? Se ele não correu da briga em Marchant, não imagino que vá fugir de Francis de Farnby.

Aprisionado e sozinho, Armand estava sentado numa palha imunda, com os joelhos dobrados e os braços amarrados ao redor deles, olhando para a porta de madeira trancada. Mais uma vez ele estava preso, e sozinho.

No entanto, dessa vez, ele não se sentia só, pois agora tinha Adelaide ao seu lado. Ela seria uma advogada formidável e ele agradecia a Deus de todo coração por ela não ser uma mocinha fracote.

Como é que ele pôde achar que queria uma noiva plácida e fraca? Adelaide era igual a ele em coragem, determinação e inteligência.

Não, ela era superior. Ele não teria conseguido passar pelos caminhos traiçoeiros da corte, manejando os cortesãos como se fossem peças de um tabuleiro de xadrez. Ele teria assassinado João para

se livrar das investidas do rei e acabaria condenado como traidor.

Agora, Graças a Deus, ele também sabia onde Bayard estava, se é que alguma coisa naquela carta era verdade. Bayard estava vivo e a salvo e, ele esperava, desfrutando de um cativeiro mais fácil do que o que ele tivera de suportar. Ele ouvira falar do duque d'Ormonde. Diziam que era um cavaleiro, assim como William Marshall, portanto, provavelmente tratava bem os seus prisioneiros. Um tratamento amistoso era a forma aceitável de lidar com os cavaleiros que aguardavam para ser resgatados, até que João deixara os cavaleiros de Corfe morrerem de fome.

Armand olhou para a pequena janela ao alto, acima de sua cabeça — uma outra diferença de seu encarceramento, que deixava seu coração mais leve.

Passos ressoaram no corredor, do lado de fora de sua cela. Por um instante, ele sentiu medo e pânico, lembrando das surras que suportara na Normandia. Depois pensou na corajosa e audaciosa Adelaide e sua esperança voltou.

A porta da cela se abriu. Segurando uma tocha, Falkes de Bréauté entrou na cela abafada.

— Mas os poderosos também caem, não é milorde? — perguntou ele, enquanto olhava Armand, com um sorriso malicioso e cruel.

Novamente, Armand sentiu aquele pânico terrível, mas de novo ele pensou em Adelaide, e o amor e a fé que depositava nela lhe deram força.

— O favorecimento do rei vem e vai, como fumaça ao vento... algo que você deveria se lembrar, Falkes.

— Saiam do meu caminho! — uma voz maravilhosa e familiar gritou, e lá estava Adelaide, a linda e incrível Adelaide, que parecia tão inapropriada naquele cubículo horrível quanto uma flor nas ondas bravias do Tâmisia.

Ela correu para seus braços abertos, e o seu aroma delicado de rosas foi com um sopro de primavera. Ela viera exatamente como ele imaginou que faria.

— Adelaide, Adelaide — sussurrou ele, segurando-a bem perto, amando-a ainda mais.

— Vim para tirá-lo daqui — disse ela. — Convenci o rei a deixar que Deus decida quem está falando a verdade. Haverá um julgamento por combate e sei que você vencerá!

Mil perguntas irromperam na mente de Armand — em primeiro lugar, o que Adelaide teria feito ou prometido para convencer o rei a permitir um julgamento e deixá-lo sair de sua cela, — mas essas perguntas poderiam esperar até que eles estivessem sozinhos.

Ignorando Bréauté, Armand deixou que Adelaide o conduzisse para fora da cela, subindo pelos degraus imundos e escorregadios, passando pela sala que era usada para armazenagem do armamento e das armaduras dos soldados. Adelaide não falava, mas a força com que segurava sua mão dizia que não estava tão calma como parecia.

— Nós não vamos para o salão — disse ela enquanto atravessaram o pátio em direção aos apartamentos. Ele ficou aliviado. Não queria ser alvo de olhares e perguntas intermináveis. Preferia muito mais ficar sozinho com ela.

Os serviçais, os garotos do estábulo que cuidavam dos cavalos, silenciosamente os olhavam passar, e mais que um demonstrava respeito, se endireitava ao dar uma saudação, ou, no caso das empregadas, sorriam encorajando. A gratidão por lhe desejarem o bem o encheu de confiança.

Ao entrarem no quarto dele, encontraram Eloise já ali, em pé, ao lado de uma mesa posta, com uma toalha branca de linho. Sobre ela havia uma bandeja com pão preto e um pedaço generoso de carne assada e bastante molho. Também havia purê de ervilhas e um jarro de vinho. Velas acesas iluminavam o quarto, pois já quase anoitecia e a bacia no lavabo estava cheia de água quente.

Ele sorriu agradecido e foi diretamente até a bacia, onde lavou o rosto e as mãos, penteando os cabelos para trás. Ele ouviu Adelaide e Eloise conversando baixinho, enquanto secava o rosto, mas quando se virou para trás, Eloise havia saído.

— Imagino que parte disso tenha sido feito por ela, não? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas e sorrindo para Adelaide. Obviamente comovida, ela gesticulou para a mesa.

— Tudo foi idéia de Eloise. Ela não me disse que ia fazer isso. Deve ter trazido todas essas coisas enquanto fui levar o dinheiro para o rei.

— Dinheiro?

— Tive que suborná-lo pelo julgamento.

Ele deveria ter previsto isso, pensou Armand, se esforçando para conter sua raiva. Não era culpa de Adelaide que o rei fosse assim.

— Quanto?

— Sente-se e coma, e eu lhe direi tudo. Ela contou, e quando Armand ouviu sobre sua fuga por um triz do ataque do rei, ele bateu com o cálice da mesa com tanta força que quase o partiu.

— Aquela maldito...

— Isso não importa — ela interrompeu, esticando a mão para pegar a dele. — Isabel chegou para me salvar, embora eu duvide que ela saiba disso. O importante é que escapei ilesa.

— Pelo que o rei deveria ser grato, pois, com ou sem juramento, eu mesmo o mataria. — Armand levantou, agitando demais para permanecer sentado. — Pelo amor de Deus, aquele homem é um vilão! E pensar que ele é nosso rei.

— A quem temos de ser leais, ou a alternativa é a anarquia.

— Mas a que preço? — perguntou Armand, dividido entre a aflição e a necessidade de manter sua palavra jurada.

— Contanto que o rei tenha bons homens ao seu redor, posso esperar que ele não destrua o país. Homens como você e William Marshall.

— A menos que ele acuse a nós todos de traição — murmurou Armand, olhando pela janela, vendo a vista do céu claro e um pássaro que passou voando.

Adelaide passou os braços ao redor dele.

— Mesmo com toda sua ganância, o rei não é totalmente imbecil. Ele sabe que precisa de homens como você e o conde. E Bayard ainda será resgatado. Eloise acaba de me dizer que Randall vai arranjar o dinheiro com o pai.

Implorar em nome dele.

— Embora eu seja grato, preferia que ele não o fizesse — disse Armand, esfregando a testa. — O pai dele é um velho canalha que acha ser uma afronta pessoal o fato de Randall ter nascido aleijado.

— Por mais que Randall se importe com você — respondeu Adelaide, — essa não foi sua única razão. Ele também vai dizer ao pai que ele e Eloise vão se casar e precisa do dinheiro para pagar ao rei por sua permissão.

Por um instante, Armand esqueceu de seu apuro.

— Randall merece uma noiva bondosa e honesta como ela.

— Eles se amam muito — Adelaide disse, baixinho. Assim como ele a amava, pensou Armand, esticando os braços e puxando Adelaide para seus braços. Ele suspirou e a abraçou.

— Eu não devo ser o único homem modificado pelo amor, em Ludgershall, e se ele conseguir o dinheiro do resgate de Bayard, eu o aceitarei, agradecido. E recebo de bom grado a chance de encontrar Richard numa batalha.

— Você não lutará com Richard — disse ela, olhando acima, com um sorriso satisfeito. — Seu adversário será Francis de Farnby.

Essa não era uma boa notícia para Armand. Antes da Normandia ele teria rido e pensado ser uma tarefa fácil derrotar qualquer homem que viesse contra ele. Mas agora, não. Não com os braços ainda sem plena força e seu joelho que doía só de passar algum tempo em pé. E quaisquer que fossem as qualidades que faltassem em Francis, ele não era um lutador inábil.

No entanto, ele não queria aumentar as preocupações de Adelaide.

— Francis só lutou em lutas corpo a corpo, por prêmios ou demonstrações — ele pensou alto, ganhando confiança ao lembrar. — Jamais esteve numa batalha de verdade. Ele nunca aprendeu as centenas de pequenos truques e fintas que podem salvar sua vida.

Apesar de seu esforço para tranquilizá-la, uma pequena ruga surgiu no meio das sobrancelhas arqueadas de Adelaide.

— Depois que deixei o rei, Eloise me disse que você havia sido ferido na Normandia e seus machucados não foram tratados. Eu não sabia...

Ele a silenciou com um beijo rápido e procurou acalmar seus medos.

— Posso não estar em plena forma, mas vou derrotá-lo. Afinal, não sou o traidor. Portanto, Deus me ajudará a vencer.

Adelaide lhe sorriu cora toda a coragem e determinação que ele esperava dela.

— Eu tenho fé em Deus e em você, Armand — disse ela.

Depois, ela desviou e cobriu o rosto com as mãos, o primeiro sinal visível de vulnerabilidade que ela demonstrava. Ele a pegou pelos ombros e a virou de volta, de frente para ele. Gentilmente, puxou as mãos dela.

— Adelaide, não se preocupe. Vou estar seguro. Vou vencer.

— Não é isso — sussurrou ela, a voz faltando. — Tenho fé que você pode derrotar Francis de Farnby numa batalha de armas. Eu te amo, Armand. Amo mais que minha honra, mais que minha vida, mais que qualquer coisa. Amo tanto que vou quebrar minha promessa e serei sua esposa, se você me quiser. Sempre achei que estaria perdendo minha liberdade se me casasse, mas, agora que conheço você, jamais poderei ser mais livre do que sou ao seu lado.

A alegria e a determinação de triunfar no campo de batalha rugiram dentro dele.

— Você está falando sério, Adelaide?

Seu sorriso foi a resposta, antes mesmo de dizer:

— Sim, Armand, estou. Vou me casar com você. Com um grito de alegria, ele a pegou no colo e a girou. Ela riu, depois deu um sorriso encantadoramente desejoso.

— Espero que Gillian e Lizette me perdoem.

— Será que elas ficarão tão zangadas, se você quebrar sua promessa? — perguntou ele. — Será que não compreenderão que você se apaixonou? E haverá benefícios para elas, se nos casarmos. Elas terão a mim para protegê-las, também.

— Mas fui eu quem achou que deveríamos fazer um pacto. A idéia foi minha.

— Então, talvez seja melhor que você rompa a promessa. Ela enrolava as pontas do cadarço do corpete.

— Se nos casarmos, você se tornará o mestre de Averette. Gillian provavelmente me detestará por isso.

Essa era uma preocupação que ele poderia facilmente entender.

— Tenho minha propriedade para administrar e isso já é o suficiente para mim. Ficarei feliz em deixar que Gillian cuide de Averette.

Ele recebeu sua recompensa por esse minúsculo sacrifício quando Adelaide o olhou como se ele lhe tivesse oferecido o mundo.

— Você faria isso?

— Com prazer — disse ele. — É você que eu quero, não o patrimônio de sua família.

Com os olhos brilhando de amor, ela o acariciou no rosto.

— Oh, Armand, como posso deixar de amá-lo?

— Então, você me ama?

Ela riu baixinho, e, dessa vez, havia apenas felicidade em seus olhos.

— Se minhas palavras não são suficientes, você tem a prova de meu amor pelo rompimento de minha promessa, pois se eu não o amasse profundamente, com todo o meu ser, eu jamais me casaria com você.

— O que posso oferecer que se compare a isso? — perguntou ele, humildemente, diante da declaração dela.

— Você já deu... seu respeito. Você me trata como jamais pensei que um homem trataria uma mulher, como igual, uma parceira e confidente, digna de sua confiança. — A expressão nos olhos dele se modificou, para um desejo latente. — Mas se você precisa me dar mais provas de seu amor, posso pensar em algo.

O significado do que ela dizia não era nenhum mistério e a chama da paixão ardeu dentro dele.

— É mesmo, milady? — perguntou ele, a voz rouca de desejo. — E o que poderia ser?

— Preciso lhe dizer?

— Não, creio que não — murmurou ele, enquanto a puxava para seus braços.

Ele primeiro a beijou carinhosamente, como um jovem amante, bem de leve e devagar. Parecendo provocá-la, até que sua expectativa aumentou. Ela o segurou mais perto, pressionando seu corpo junto ao dele, com a boca pedindo mais.

Ela era dele, por amor. E, em breve, segundo a lei. Ela era dele, e sempre seria, assim como ele sempre seria dela. Juntos e iguais. Amantes e amigos. Uma união, não por poder e servidão, mas de respeito e confiança mútuos.

Armand parou de provocar e a levou até a cama. Em pé ao lado, eles lentamente ajudaram um ao outro a se despirem. Fizeram isso devagar, saboreando cada momento, cada toque, cada olhar, cada carícia.

Até que o calor da paixão os dominou.

Beijando-o, Adelaide o conduziu abaixo, sobre a cama, depois com um desejo declarado, ela subiu em cima dele.

Armand deixou que todas as sensações, do toque, do peso dela, de seus cabelos, o excitassem. Ela era dele e ele era dela, agora e para sempre, independente do que o futuro reservasse.

Adelaide lambeu sua pele, e a língua tracejou uma deliciosa jornada desde a cintura dele até o mamilo. Ele esqueceu de tudo, exceto do desejo e da excitação. Ele gemeu alto quando ela sugou seu mamilo e o lambeu.

Beijando-o na boca, ela colocou a mão em seu pênis. Ele estremeceu sob as carícias delicadas e gemeu quando ela o pegou e começou a acariciá-lo lentamente, acima e abaixo.

— Gosta disso, milorde? — perguntou ela, num sussurro sem fôlego.

— Armand, Meu nome é Armand — disse ele, ofegante.

— Eu acho que gosta, Armand — murmurou ela, enquanto fazia uma trilha de beijinhos, descendo por seu torso, — acho que gosta muito.

Ele só conseguia gemer em resposta, enquanto sua mente gritava com uma pergunta: Será que ela ia...

Minha nossa, ela ia! Ela o acolheu na boca quente e úmida. E ele se conteve para não se contorcer, até que se ergueu e a puxou à frente.

— Chega — resfolegou ele. — Deixe-me amá-la. Eu preciso amá-la.

Com os olhos inebriados de desejo, ela se ergueu e o guiou para dentro dela. Inclinando-se levemente à frente, ela o pegou, com o olhar fixo no dele, enquanto baixava o corpo ávido de desejo sobre o dele.

Com um gemido de gratidão, ele mergulhou dentro dela. Ela estava molhada e deslizante, pronta para recebê-lo, inteiro, avidamente o desejando, erguendo o quadril para encontrá-lo. Os olhos dela se fecharam de êxtase, que se igualava ao dele, as mãos dela se espalmaram nas laterais da cabeça dele, e ela começou a se balançar.

O desejo aumentava e a paixão explodia, tão radiante quanto uma tocha dentro de uma caverna escura. E eles se moviam como se fossem um só. Subindo e descendo, num mar de paixão, chegando à superfície, sentindo a correnteza do desejo, cada um deles sintonizado com o outro, como se fossem apenas um corpo, um apetite, uma fome que tinha de ser saciada.

Armand não podia esperar mais. Ele perdeu o controle e investia com força, rápido, enchendo-a com seu néctar. Jogando a cabeça para trás, enquanto o segurava com força, cravando as unhas na carne dele, ela também gritou, com o corpo contraído, compartilhando aquela sensação libertadora.

Ela era dele, e ele era dela.

Para sempre.

— Eu? — gritou Francis, furioso, ao encontrar Richard no corredor, longe de qualquer um que os pudesse ouvir. — Você disse ao rei que eu lutaria com Armand? Seu cão fétido! Não sou seu laçao para ser posto em perigo!

— Pelo amor de Deus, homem, você é cego? — perguntou Richard. — Será que não notou nada em Armand de Boisbaston, exceto a atenção que ele dispensa a Adelaide? O homem está mancando da perna esquerda, quando fica cansado. Ele passou meses acorrentado, e provavelmente foi ferido antes. Você o derrotará facilmente.

— É o que você diz — murmurou Francis. Ele virou o restante do vinho, num gole só. — Para você é bem fácil me colocar em perigo. Se está tão convencido de que ele será facilmente derrotado, porque não luta com ele?

— Porque você é um guerreiro melhor que eu — admitiu Richard, com relutância aparente. — Ou você preferiria se arriscar numa corte leiga, diante de uma acusação de traição... se é que chegaria tão longe? O rei talvez mande algum soldado matá-lo antes do julgamento, e você sabe que isso não seria rápido. Aqueles homens gostam do que fazem. E como uma recompensa adicional — disse ele, guardando por último a razão que certamente deixaria Francis tentado, — o rei lhe dará Adelaide quando você vencer.

Para sua surpresa, Francis não pareceu contente.

— O que foi, você não a quer?

— Não, já que Armand a teve.

Esse era um ligeiro problema, mas ainda havia razões de sobra para que Francis aceitasse o desafio.

— Então, pense o quanto os barões ficarão impressionados quando você derrotar Armand de Boisbaston, principalmente aqueles que reclamam que você não foi para a Normandia. Isso será uma forma de provar sua coragem e habilidade.

- Quem se atreve a falar contra mim porque não desperdicei minha vida naquela campanha inútil?
- perguntou Francis.
- Não fará diferença, uma vez que você tenha derrotado Armand. Isso irá silenciar quaisquer línguas afoitas.
- Mesmo que eu tenha êxito, o rei certamente suspeitará de nós — frisou Francis, provando que ele não era totalmente imbecil.
- Não mais do que suspeita de todos, mas ele confiará mais em você do que em muitos. Ele pode até trazê-lo para seu consulado, ou mandá-lo para missões diplomáticas importantes, como faz com a maioria de seus cavaleiros de confiança. Pense no que você poderá conseguir, das riquezas e dos aliados que pode ganhar para si e para nossa causa.
- Você sabe que se o rei me promover, eu posso não querer que ele seja derrubado — disse Francis, observando Richard atentamente.
- Você seria ainda mais vital ao novo rei, se trouxer conhecimento e aliança à sua causa. Isso é algo que não passará em branco.
- Não tenho muita escolha, tenho? — Francis resmungou. — Preciso lutar contra Armand ou serei considerado um traidor e um covarde.
- Mas haverá muitas recompensas quando você ganhar. A expressão de Francis dizia a Richard que o tolo estava ficando sagaz.
- E quando eu ganhar, vou usá-las.

## *Capítulo Vinte e Um*

---

---

Ao amanhecer, quando Adelaide despertou, após um sono vacilante, a primeira coisa que viu foi Armand, magnificamente nu, sob a luz da manhã, com os dedos entrelaçados enquanto esticava os braços musculosos sobre a cabeça. Ela ficou deitada em silêncio, admirando seus ombros largos, suas costas, suas nádegas provocadoras e pernas fortes.

Esse homem, esse guerreiro, certamente derrotaria sir Francis de Farnby. Mesmo enfraquecido e apesar do joelho machucado, Armand precisava e haveria de triunfar.

Ele caminhou até o lavatório e jogou água fria no rosto. A água pingou de seu queixo e do nariz e ele olhou para a cama.

— Você está acordada — disse ele, enquanto se secava. Segurando o lençol junto aos seios, ela se sentou, encostada nos travesseiros.

— Como está seu joelho, esta manhã? Ele agachou e se esticou.

— Não muito ruim.

Obviamente, não estava muito bom, pois ela viu a careta que surgiu no rosto dele, embora ela tivesse tentado esconder.

Ele flexionou seu braço direito, apertando o músculo da parte superior. Depois do esquerdo.

— E seus braços?

— Mais fortes do que estavam quando deixei a Normandia.

Ela ficou imaginando se ele estava dizendo isso apenas para que ela não se preocupasse, depois decidiu que, se estivesse, ela não iria questionar.

— Quando será o julgamento?

— Após o desjejum.

— Então, podemos ir à missa, juntos — disse ela, enquanto levantava da cama.

Ele foi até ela e pegou suas mãos.

— Adelaide, você se casaria comigo nesta manhã? Antes do julgamento, e antes da missa?

Adelaide não respondeu imediatamente. Embora sua decisão já estivesse tomada e ela tivesse certeza de estar certa, não teria volta, uma vez que eles ficassem diante de um padre, nos degraus da capela, e fizessem o juramento do matrimônio,

Armand não entendeu sua hesitação.

— Se você preferir não se unir a mim antes do julgamento, vou entender.

— Não, não! — ela o tranqüilizou e o abraçou.— Quero me casar com você, mais que qualquer coisa que já quis. Portanto, sim, Armand, eu me caso com você, esta manhã e com muito prazer, muito feliz. — Ela ficou na ponta dos pés para beijá-lo. — Por que o amo com todo meu coração e quero ser sua esposa.

Por mais certos que Adelaide e Armand estivessem quanto ao passo que estavam prestes a tomar, o padre não se mostrou tão confiante.

— Isso... é um tanto irregular — ele disse ao casal à sua frente na capela, antes do início da missa.

Armand não deixaria que o padre os dissuadisse. Ele já ganhara o coração de Adelaide e, enquanto ele vivesse, seriam casados.

Quanto à possibilidade de que ele pudesse morrer naquele dia, ele não alimentaria medo algum, embora, se de fato morresse, poderia ter certeza de que sua viúva faria tudo que pudesse para salvar seu irmão de um destino semelhante, e ele não podia pensar em ninguém melhor para zelar por seus bens.

Então, ele foi calmo porém firme, quando respondeu ao padre:

— Como sabe, nós temos a aprovação do rei para nos casarmos e, como desconfio que o senhor também saiba, a dama e eu já nos casamos, num outro sentido. Nós desejamos reconhecer nossa união perante Deus. E se ele escolher me levar hoje, não quero morrer como um pecador.

Os olhos de Armand hesitaram por uma fração de segundo, pois ele não demonstraria qualquer temor diante desse homem, nem de Adelaide, que apertou sua mão e disse, resoluta:

— Embora Armand seja inocente da acusação de traição, eu teria seu espírito livre de qualquer culpa ou preocupação, padre. O senhor não faria isso por nós? Deixar-nos livres do pecado para o ingresso no matrimônio?

— Como eu gostaria que a corte fizesse — disse o padre, subitamente decidido. — Portanto, ouvirei seus juramentos e confissões, depois lhes darei a bênção de sua união, quando a corte vier à missa.

Pouco tempo depois, após Armand e Adelaide terem se confessado ao padre e recebido a absolvição, eles ficaram em pé nos degraus da capela, observando o rei e a rainha, e o resto da corte se aproximando.

Segurando a mão de Armand, Adelaide olhava a multidão à procura de Eloise, e rapidamente a avistou. Eloise imediatamente adivinhou o significado do padre nos degraus da capela, junto com eles, e sua expressão de surpresa deu lugar a uma outra, de encanto. Adelaide retribuiu o sorriso da amiga e, por um momento terno, ela se esqueceu do julgamento que estava por vir — até que ela avistou sir Alfred, em meio à aglomeração, franzindo o rosto, com os olhos turvos.

Hildegard, não era de se espantar, os olhava com puro desdém. Sir Charles, sir Edmond e sir Roger, no entanto, cutucaram uns aos outros, e sorriram, num tom de aprovação, enquanto lady Jane parecia satisfeita e ignorava as exigências da mãe em querer saber o que estava se passando.

Richard e Francis não estavam em lugar algum à vista, o que não era de surpreender.

— Bom dia, milady e milorde — disse o rei, parando. — O que temos aqui?

Armand deu um passo à frente.

— Lady Adelaide e eu desejamos nos casar hoje, majestade.

— Como, esta manhã?

— Sim, majestade.

— Não ouvi dizer sobre a assinatura de nenhum contrato formal de compromisso.

— Não precisamos — disse Adelaide. — Tudo que tenho será de meu marido, conforme a lei exige.

— Tudo que tenho será compartilhado com minha esposa, como manda a honra — acrescentou Armand. Ele baixou o tom de voz e falou ao rei como um cavaleiro se dirigindo a outro, dando a João

esse respeito, apenas por temer que ele ainda pudesse recusar. — Majestade, desejo me casar com lady Adelaide antes do combate.

Um murmúrio de aprovação surgiu da aglomeração presente, exceto por lady Hildegard e lady Ethel que, finalmente, descobrira o que estava acontecendo e resmungava sobre a falta de moral dentre as jovens dessa idade degenerada.

O rei parecia querer recusar, no entanto acabou concordando, talvez por causa da multidão, ou talvez achasse que seria o último dia de Armand.

— Como desejar. Longe de mim negar a um homem o que pode ser seu último pedido. Mas, se cair, sua viúva se casará com sir Francis.

— O quê? — Armand gritou, enquanto Adelaide apenas olhava, perplexa demais para falar.

— Por que deveria se importar com o que pode acontecer à dama, depois que você estiver morto? — perguntou o rei. — De qualquer forma, seus bens não irão para os Farnby. Já que você será condenado como um traidor, tudo será confiscado pela coroa. A dama, no entanto, será uma compensação a sir Francis por sua falsa acusação. Quanto a você, milady, já teve tudo de seu modo durante muito tempo.

Ela ouviu o tom conclusivo na voz do rei e percebeu que não havia qualquer esperança de evitar o casamento com Farnby, se Armand morresse.

— Ainda deseja se casar com ela? — o rei perguntou a Armand.

— Por Deus, sim — declarou Armand. — Agora, mais do que nunca.

— Então, case-se com ela, se prefere — disse o rei, — mas faça isso rapidamente, padre, pois estou ficando com fome.

O padre começou a dar sua bênção. Enquanto o fazia, Adelaide não teve dúvidas quanto à sua decisão de se casar com Armand. Independente do que suas irmãs pensassem, ou o que o futuro guardasse, ela sempre se consideraria uma das mulheres mais afortunadas, pois era esposa dele.

Enquanto Armand e Adelaide se tornavam marido e mulher, Francis estava no quarto deserto de Richard, xingando baixinho. Aquele duas caras canalha havia fugido, como Oliver, deixando-o sozinho para enfrentar Armand de Boisbaston e as conseqüências do julgamento.

Embora Adelaide soubesse que seu medo do que poderia acontecer mais tarde era o que a fazia desejar que a missa demorasse mais, ela havia passado num piscar de olhos.

Eloise se apressou até eles, sorrindo por entre as lágrimas, quando deixaram a capela.

— Vocês estão casados! — gritou ela, abraçando Adelaide. — Estou tão feliz por vocês.

— É melhor tomar cuidado com o que fala, lady Eloise, ou pode acabar no calabouço — disse Hildegard, quando passou por eles.

— Eu preferia estar no calabouço, com meus amigos, a ter de suportar a sua companhia — respondeu Eloise.

Hildegard bufou e se afastou, seguindo em direção ao salão, enquanto lady Jane se apressava até eles, momentaneamente abandonando a mãe.

— Lamento muito pelo julgamento — disse ela, quando chegou até eles, corando, ao se dirigir a Armand. — Tenho certeza de sua inocência.

— Obrigado, milady — disse ele, com sincera gratidão.

— Filha! — gritou lady Ethel. — Você não ouviu o que eu disse? Deixe esses... essa gente e venha cá!

— Só um momento, mãe — respondeu Jane antes de se dirigir a eles novamente. — Eu queria lhes dizer que minha empregada viu lorde Richard partir ao amanhecer. Ela mesmo o viu.

— Jane! Venha cá! — ordenou sua mãe. Quando Jane se virou para sair, Adelaide colocou a mão em seu braço, para detê-la.

— Obrigada, Jane — disse ela, sinceramente. — Por isso e também por sua amizade.

Fungando, Jane saiu correndo, quando um grito surgiu da torre.

— Cavaleiros! Armados e vindo a galope!

Armand imediatamente sacou a espada. Soldados se apressaram a assumir suas posições no muro. A rainha pegou a saia e começou a correr, seguida pela maioria das damas da corte.

Adelaide, não.

Embora ela não tivesse armas, e nenhuma habilidade caso tivesse que usá-las, não deixaria o lado de Armand, até que fosse absolutamente necessário.

— Quem são? Estamos sob ataque? gritou o rei, de onde estava.

— É o conde de Pembroke! — disse o sargento de armas, de seu ponto de observação, com óbvio alívio. — Abram os portões! Abram os portões para o conde.

O coração de Adelaide disparou de alegria. O conde certamente concordaria sobre a inocência de Armand e não havia necessidade de um julgamento para prová-lo. Seu apoio absolveria Armand aos olhos dos outros nobres também.

Os imensos portões de madeira se abriram para receber o conde, cavalgando à frente de um grupo de cavaleiros. Eles entraram no pátio fazendo um grande ruído com os cavalos. Godwin, respingado de lama e aparentemente exausto, vinha logo atrás de Marshall. Os criados, que haviam se aglomerado no salão, na cozinha ou nos apartamentos, começaram a espiar pelas janelas e portas, vendo o cortejo.

Depois de inspecionar o pátio, os postos do muro e as pessoas que circulavam ao redor, o conde desceu do cavalo. Ele era alto e encorpado e tinha a aparência de um homem de seu valor, o que havia sido provado inúmeras vezes. Estava vestindo sua armadura, que pesava no mínimo 30 quilos, como se não fosse nada.

Marshall acenou a, cabeça para Armand, depois caminhou diretamente até o rei.

Ele provavelmente já teria notado a rainha vindo lá de dentro, com as outras damas curiosas logo atrás.

— Majestade — disse Marshall, fazendo uma reverência ao chegar perto de João.

— Milorde — respondeu o rei. — O que o traz para casa com tanta pressa? Há novos problemas com os galeses?

— Nenhum problema novo, majestade. Creio que Llywellan terá Joan como esposa — disse ele, falando da filha natural do rei, e do acordo de casamento que ele estavam tentando promover.

— Então, por que veio para cá?

O conde, que tinha que olhar abaixo para encarar o rei, não desviou o olhar do rosto dele.

— Fui informado quanto às acusações contra Armand de Boisbaston.

Adelaide ficou numa grande expectativa e pegou a mão de Armand, enquanto o rei ergueu uma sobrancelha imperiosa.

— E?

— E vim ver o resultado do julgamento pessoalmente.

A alegria de Adelaide desapareceu como o ar saindo de um balão. Ele não ia dizer ao rei que a acusação era ridícula? Que Armand era leal e não havia necessidade de um julgamento?

Armand apertou a mão dela.

— Ele não deveria interferir — sussurrou ele. — Se o fizer e eu perder, ele corre o perigo de também ser acusado de traição, pois é meu amigo. Nós temos que deixar que isso aconteça, Adelaide. Pelo bem do reino, tem de haver um julgamento por combate, entre Francis e eu.

Adelaide se importava com o reino e o destino de todos, mas se importava mais com Armand, portanto ela lamentava que o conde não tivesse dito ao rei que o julgamento era desnecessário.

O rei sorriu quando ele também percebeu que o conde não ia protestar contra sua decisão.

— Deve estar faminto, milorde — disse ele, colocando um braço solidário sobre o ombro largo do conde. — Venha tomar o desjejum conosco e nos conte as novidades de Gales, antes de resolvermos essa questão da traição.

Pouco tempo depois de uma refeição em que nenhum deles conseguiu comer, Adelaide e Armand estavam no quarto dele. Chegara a hora de ele se equipar para a batalha.

Armand sabia o que precisava fazer e estava pronto para fazê-lo e ser bem sucedido. O futuro de Adelaide e a vida de Bayard, além de sua própria, dependiam de como ele lutasse hoje.

Pela primeira vez, estava verdadeiramente grato por seu pai ter sido um professor exigente e impiedoso, forçando seus filhos a treinar e lutar por longas horas, independente do clima. Graças a seu pai, ele certamente era mais bem preparado do que Francis para a batalha que estava por vir.

— Beije-me, Armand — disse Adelaide, com a voz ligeiramente trêmula, enquanto ele foi até o baú que guardava seu armamento e armadura. — Beije-me, antes de vestir sua armadura.

— Com prazer — disse ele, mais uma vez maravilhado com a bravura e força dela.

Também seria um rápido momento de esquecimento, antes da batalha que se aproximava.

Uma batida na porta interrompeu o abraço dos dois e o conde de Pembroke pediu permissão para entrar. Armand pôde ver que Adelaide teria preferido que ele recusasse, porém, por mais que a adorasse e quisesse sua companhia, ele deu as boas-vindas ao guerreiro.

— Achei que você precisaria de alguma assistência — disse o conde, ao entrar no pequeno quarto. — Ou vocês dois preferem ficar sozinhos?

— Não, não, por favor — disse Armand, se afastando de Adelaide e esperando que ela entendesse que se ele ficasse distante isso era necessário para sua preparação. Conforme vestia sua armadura, ele também precisava armar sua mente, eliminando todos os pensamentos de tudo, exceto derrotar Francis de Farnby.

Ele lançou um sorriso terno a Adelaide.

— Duvido que você consiga lidar com a couraça de malha. Ela não protestou.

— E você tem de se assegurar de que sua armadura esteja colocada adequadamente — disse ela — e que tudo seja feito como deve ser, para que não hesite. O conde também poderá lhe dizer se alguém mexeu em sua armadura, ou o capacete.

— Acha que Francis irá trapacear? — perguntou o conde.

— Acha que ele poderia fazer isso? — indagou Adelaide, disposta a encarar o mais famoso cavaleiro do reino, caso ele não conseguisse perceber o perigo que Armand enfrentaria neste dia.

— Tristemente concordo que Francis seja mais do que capaz de uma desonra como essa — respondeu o conde. — Depois que eu ajudar Armand, vou verificar o cavalo, para ver se nada foi mexido. Vou emprestar-lhe um dos meus melhores animais.

Adelaide sentiu um peso sair de seus ombros, mesmo percebendo que Armand parecia ainda mais sobrecarregado.

Ele tinha tantas responsabilidades e já suportara tanta coisa. Por favor, Deus, ela silenciosamente rezava, proteja-o!

— Presumo que essa dama adorável seja a sua esposa?

Armand corou como um jovem envergonhado, diante da pergunta do conde.

— Ah, sim, perdoe-me, milorde. Lorde William, essa é lady Adelaide, minha esposa.

— Acredito que você tenha encontrado a mais bela moça da Inglaterra — disse o conde, com um sorriso paternal. — E você também não fica atrás, milady. Armand é um ótimo sujeito. Meio orgulhoso e teimoso... eu teria me rendido e entregado aquele castelo semanas antes dele. Mas ele é leal até os ossos, uma qualidade rara hoje em dia.

Armand franziu o rosto consternado, ao ouvir a menção de lealdade,

— Embora eu seja grato por seu apoio, milorde, não deveria ter vindo. Se eu perder, você...

— Minha posição não será mais precária do que é, desde o dia em que nasci — respondeu o conde, sacudindo os ombros.

— No entanto, você e Armand ainda continuam colocando suas vidas em risco por um rei que não vale tal sacrifício — disse Adelaide, dando vazão à raiva e frustração.

O conde a olhou com uma expressão fatigada, tão amargurada quanto a dela.

— O rei não é nenhum prêmio, isso eu posso lhe garantir, mas já sobrevivi a uma guerra de sucessão e não desejo passar pela experiência de outra. Apenas alguns ganham com a uma guerra dessas e raramente são os que deveriam.

— No entanto, ele assassinou Arthur, seu sobrinho, com as próprias mãos.

— Foi mesmo? — perguntou o conde. — Eu não tenho provas. Se alguém que tivesse algum conhecimento e provas para confirmar isso, se apresentasse, isso seria diferente. E Arthur era um menino ainda mais tolo que João. Ele teria entregado a Inglaterra a Filipe.

— Enquanto João lhe deu a Normandia.

— Por ora. Isso pode mudar.

— Mas isso certamente prova que João não tem competência para ser rei!

— Não tenho qualquer admiração por ele — disse o conde. — Respeito a hierarquia, mais que o homem... João é responsável por isso. Houve uma época em que tive grandes esperanças para ele, assim como foi com seu pai, somente para vê-lo decepcionar. Mas podemos dizer que outro será melhor? Quem tomaria seu lugar? Eleanor? Uma moça não pode ocupar o trono. O homem com quem ela se casar, quem quer que seja? Pode levar anos até que surja um vitorioso e, enquanto isso, muitos homens bons morrerão e a terra sofrerá, assim como seu povo, ricos ou pobres.

"Quanto tudo tiver sido dito e feito, João será o rei, segundo a lei, o soberano de Deus, embora possamos ter dúvidas quanto aos planos de Deus. E na verdade, milady, poucos homens tiveram uma vida como a de João, com tantas provações e tentações. Portanto, enquanto ele viver terá meu apoio, e como você e Armand juraram lealdade a ele, sei que também o apoiarão."

— Sim, milorde — Armand concordou.

— E você, milady?

Ela assentiu, mas, em seu coração, acrescentou uma condição. Qualquer que fosse o plano de Deus, se Armand morresse hoje, ela faria tudo que pudesse para pôr fim ao reinado de João. E se fosse obrigada a se casar com Francis de Farnby, ela mataria o traidor, em vez de se submeter.

— Bom — disse o conde, satisfeito. — E agora precisamos nos apressar para armar nosso campeão. Onde está sua armadura, Armand?

Adelaide foi até o baú e tirou uma túnica acolchoada com penas de ganso. Para a maioria dos soldados, essa era a única proteção que tinham numa batalha. Para um cavaleiro, era o acolchoado que usava entre a camisa e a armadura.

Armand vestiu e verificou as fivelas da frente, antes de fechá-las. Ao fazer isso, o conde pediu ajuda para fechar a armadura ao redor de suas pernas. Adelaide prendeu as duas peças de malha de aço com os fechos de couro de amarrar, tentando não reparar nos vários elos que estavam faltando e nas marcas deixadas no metal, como um lembrete de um golpe do passado.

— Não vai colocar as calças de malha metálica? — perguntou o conde, ao fechar os protetores frontais das canelas de Armand.

— Não, não consigo agüentar o peso em minhas pernas, desde que meu joelho foi ferido.

— Como foi que aconteceu?

— Golpe de clava.

— Ah — disse o conde, assentindo. — Já passei por essa experiência algumas vezes. Faz quanto tempo?

— Antes de minha captura.

— E, sem dúvida, você tratou isso com muito cuidado e delicadeza, temendo colocar seu peso, ou mexer muito?

— Sim.

O conde, que estava abaixado, se ergueu, ficando na mesma linha de visão de Armand.

— Nem sempre essa é a melhor forma de tratar de tais ferimentos. As vezes, mexer ajuda mais. Agora dobre.

Armand o fez e Adelaide pôde ver que ele estava tentando não fazer careta. O conde também notou, mas em vez de demonstrar compaixão, ele ordenou que dobrasse novamente.

— E continue a fazer isso, enquanto coloco sua couraça. Adelaide observava, mordendo o lábio, enquanto Armand obedecia, e, lentamente, um sorriso surgiu em seu rosto.

— Meu Deus, está melhorando, não está mais tão contraído, nem tão dolorido.

O conde soltou uma risada.

— Posso apostar que você ainda não foi ver um médico, desde que foi libertado, foi?

Armand sacudiu a cabeça.

— Idiota orgulhoso — murmurou o conde. — Aposto que pensou que ele fosse lhe dizer para amputar, ou algo assim.

— Eu sabia que não estava tão ruim assim — protestou Armand. — Não tive tempo. Venho tentando levantar o resgate para Bayard.

— Aquele é um sujeito ainda mais orgulhoso que você — frisou o conde, enquanto ia até o baú e tirava parte da armadura, para cobrir a cabeça, e as luvas que eram presas ao pescoço e punhos. Aberta na frente e atrás, para tornar possível a posição sentada sobre um cavalo, a armadura era muito pesada, no entanto, o conde a pegou como se fosse uma combinação. — Ouvei dizer que Bayard está sob a custódia do duque d'Ormonde. Ele tem liberdade no castelo, se não para partir.

— É o que lorde Richard afirma — Armand respondeu, melancólico. — Espero que isso seja verdade, mas não me surpreenderia se o próprio Richard tivesse escrito aquela carta.

— Não ouvi isso de lorde Richard — respondeu o conde, ao erguer a armadura sobre a cabeça de Armand e ajudá-lo a colocá-la no lugar. — Ouvei de outro cavaleiro, recém-chegado da Normandia.

Os ombros de Armand relaxaram e ele fechou os olhos.

— Então, no fim das contas, é verdade. Graças a Deus. Adelaide também ficou feliz ao ouvir a notícia, por causa de Armand, mas estava preocupada demais com o julgamento para se sentir aliviada.

— O duque é um bom homem — continuou o conde, enquanto amarrava as tiras de couro ao redor dos punhos de Armand, para evitar que as mangas da malha da armadura escorregassem para cima de suas mãos, que ainda não estavam de luvas. — Ele detesta Filipe, mas, infelizmente, detesta João ainda mais. Graças a Deus que ele dá valor à honra e ao cavalheirismo. É uma pena que não seja um aliado.

— Fico feliz em saber que Bayard não está sofrendo como aconteceu comigo — disse Armand, ao colocar a touca na cabeça.

O conde o ajudou a ajustar a frente do elmo e a aba que passava por seu pescoço e queixo, para protegê-los, amarrando no lugar, pouco acima da têmpora esquerda de Armand.

Adelaide sabia o que vinha a seguir e foi até o baú pegar o manto, caprichosamente dobrado. Era cinza claro, quase da cor de sua armadura.

— Posso ajudar com isso — disse ela, indo até Armand. Ele enfiou os braços pelas mangas, e a cabeça, pela abertura. Ela puxou abaixo e ajudou a ajustar, depois recuou para olhá-lo.

Era quase como olhar um estranho, ou uma estátua feita de prata, exceto pelo rosto tão familiar, e a determinação estampada nele. Nossa, como ela o amava! E quanto medo ela sentia que, da próxima vez que o visse, seus olhos pontilhados de dourado pudessem estar fechados pela morte.

O conde trouxe o cinturão da espada e enquanto Armand o prendia, Adelaide pegou seu capacete. Ele também exibia as marcas da batalha. Tentando não reparar, ela o ajudou a colocar e prendeu no lugar, sob o queixo, de modo que a maior parte do rosto ficou coberta pelo respirador e a abertura do nariz. Depois colocou as luvas, que eram feitas em duas seções — uma para o polegar, outra para o restante da mão, a palma coberta por um pedaço de couro para melhor segurar a espada.

O conde assentiu, aprovando.

— Pronto, milorde?

— Pronto, exceto por uma coisa: um beijo de minha amada esposa.

Quando ela pressionou os lábios junto ao rosto de Armand, nenhuma lágrima se acumulava em seus olhos, nem rolou sobre sua pele clara. Nenhum bolo se formou em sua garganta, nem surgiu um aperto no estômago. Em vez disso, ela sentiu uma calma confortante, uma certeza de que Deus protegeria e ajudaria esse nobre que ela tanto amava, pois a causa deles era justa e boa.

— Vou rezar para que Deus o abençoe e guarde, milorde — disse ela, baixinho, — mas tenho certeza de que você vai ganhar.

## *Capítulo Vinte e Dois*

---

---

Enquanto Armand esperava que o rei sinalizasse para o início do julgamento, ele desejou se sentir tão certo do resultado do julgamento quanto Adelaide e William Marshall pareciam estar. Embora quase todo o peso da lança bruta repousasse sobre seu estribo e o escudo estivesse preso ao redor do pescoço e peito, ele tinha plena consciência da fraqueza de seus braços.

Ao menos ele não teria que segurar o escudo apenas com o antebraço, a menos que a luta passasse ao solo. Se ele e Francis descessem dos cavalos suficientemente inteiros para continuarem a batalha, eles teriam que prosseguir lutando com as espadas e as clavas.

Ele não queria usar sua clava. Sentia-se mais confiante com a espada mais leve, principalmente depois de ter sido aprisionado. Contudo, a clava estava presa em sua sela, caso ele precisasse.

Do lado oposto do campo, Francis estava montado sobre um poderoso cavalo de batalha. Armand sabia que Francis preferia a clava. Ela só exigia a força física e pouca precisão para acertar o adversário na cabeça, ou adormecer o braço.

O rio estava à esquerda de Armand, enquanto o castelo estava à direita. O chão embaixo de seu cavalo não estava especificamente escorregadio e molhado, mas também não estava seco. Embora isso acrescentasse um elemento de perigo para os combatentes, o rei não havia adiado o julgamento. Afinal, fazê-lo causaria transtornos aos seus planos. E, em vez de passar pela inconveniência de sentar em cadeiras afundando na lama, o rei havia decretado que ele e o restante da corte assistiriam ao combate dos postos de observação acima do muro, mesmo que isso significasse que todos teriam de ficar de pé, enquanto durasse.

Assim como Armand, Francis já estava com seu capacete, portanto não podia ver seu rosto. Mas podia interpretar a linguagem corporal do homem. A rigidez dos ombros, a forma como sentava ereto sobre a sela, e a mão que se movimentava ao redor do cabo da lança. Francis estava ainda mais ansioso que ele. E por que não? Agora ele tinha muito mais em jogo do que Armand e consideravelmente menos experiência.

Um apito soou e ambos os cavaleiros olharam na direção do rei, que estava segurando um dos véus de seda da rainha Isabel. Erguê-lo significaria que eles deveriam segurar as lanças e se prepararem para a batalha. Soltá-lo seria o sinal para atacar.

O olhar de Armand percorreu o muro, até que ele encontrou Adelaide. Ele não conseguiu ver seu rosto, mas tinha certeza de que não demonstrava medo algum, apenas uma determinação e crença absoluta de que ele venceria.

Por favor, Deus, fazei a justiça prevalecer e me concedei a vitória, ele silenciosamente rezava, segurando a lança com firmeza. Porém, se for a vossa vontade que eu fracasse, protegi minha amada.

O rei ergueu o véu.

Olhando diretamente à frente, vendo as orelhas do cavalo se movendo, Armand baixou a lança e acomodou junto às costelas e o cotovelo. Tentando ignorar o protesto de seus músculos, ele se firmou junto ao cavalo, apertando os joelhos, com os tornozelos ligeiramente virados para fora. Ele girou as rédeas mais uma vez em volta da mão e inclinou a cabeça de um lado para o outro, para aliviar a tensão do pescoço.

O cavalo sabia o que o movimento da lança à frente antecipava. Ele roncava e batia as patas, com as orelhas para trás, impaciente como seu cavaleiro, esperando a hora de atacar.

O véu revoou na mão do rei.

Com um grito, Armand espetou os flancos do cavalo com as esporas. O cavalo arrancou e entrou em galope, com seu corpo poderoso seguindo na direção do adversário. Inclinando-se à frente, Armand cerrou os dentes, se preparando para o golpe da lança de Francis sobre seu escudo, quando o dele também colidiu com o alvo.

Se ele fosse abençoado ou sortudo, ou as duas coisas, a lança de Francis erraria completamente, ou deslizaria sobre seu escudo. Se não fosse, a lança arrancaria o escudo de seu corpo e perfuraria a armadura. Apenas a força poderia derrubá-lo da sela e lançá-lo ao chão, onde ele poderia sofrer fraturas nos membros, ou um ferimento fatal na cabeça.

Se Francis acertasse.

Eles colidiram numa explosão das lanças de madeira e escudos. Armand quase caiu, mas conseguiu se segurar com os joelhos, balançando como um bêbado por um tempo que pareceu longo demais.

Francis não foi tão afortunado. Com a velocidade e força do cavalo de Armand batendo em sua lança, Armand atingiu o escudo de Francis com força suficiente para parti-lo e empurrá-lo do cavalo.

Somente quando Armand ergueu a lança e virou o cavalo, ele ouviu o rugir entusiasmado da multidão.

O rugido cresceu quando Francis ficou de pé. Portanto, não estava seriamente ferido.

Com Francis desmontado, a batalha tinha de prosseguir no chão, até que um deles pedisse clemência ou estivesse morto. Armand virou a lança para o lado e passou a perna por cima do cavalo, esquecendo a rigidez e a dor, superadas pela necessidade de vencer essa batalha. Ele encontrou uma força renovada nos braços, ao bater no cavalo para mandá-lo para fora do campo.

Tendo perdido o escudo, Francis agora segurava a espada com a mão esquerda, embora não fosse sua mão preferida, na qual ele segurava a clava, com a tira de couro ao redor do punho. Quando caminhou à frente, ele começou a girar a bola de ferro com pontas, que podia quebrar os ossos de um homem, mesmo que ele estivesse de armadura.

Armand deslizou a mão pela tira interna de couro do escudo, para que pudesse movê-lo ao local onde seria mais útil. Ele esticou o braço ao outro lado do corpo para pegar a espada, segurando pelo punho de couro e tirando-a do cinturão. A lâmina reluziu sob o sol fraco que aquecia sua armadura e seu capacete e ele lembrou a si mesmo de respirar fundo, para conservar sua força e deixar que Francis viesse até ele.

Francis se aproximou com passos deliberados, girando a bola de ferro em arcos cada vez mais velozes, estampando um sorriso na boca, abaixo da linha de proteção que cobria o nariz.

— Você sabe o que vai acontecer com Adelaide, quando você perder, não sabe? — perguntou ele, com um sorriso malicioso, cruel. — Ela será minha, para que eu use como quiser.

Francis era realmente um tolo para querer zombar de um homem determinado a vencer, que sabia que sua vida, assim com a de sua amada e de seu irmão, estavam em jogo.

Esse era outro sinal de que Francis jamais lutara uma batalha quando a vitória representava vida ou morte, não um resgate ou uma recompensa. O que os deixados para trás sofreriam pela perda.

— Nada a dizer, hein, Armand?

Francis estava certo — ele não tinha nada a dizer. Toda a sua energia estava concentrada na vitória, e a conversa desse homem não passava de um falatório bestial que não enxergava a aproximação de sua própria queda.

— Foi muito gentil de sua parte, Armand, desvirginá-la para mim, mas tenho certeza de que há coisas que ela ainda precisa aprender. Será um prazer ensiná-la.

Mais dois passos, pensou Armand, se preparando. Mais dois passos e Francis estaria perto o suficiente.

Francis parou fora do alcance da espada de Armand. Como dois bichos fechados num cerco, eles encaravam um ao outro, cada um deles imaginando quem seria o primeiro a atacar.

Espere por ele, Armand dizia a si mesmo. Deixe que ele aja primeiro. Deixe chegar a hora certa para tirar-lhe o equilíbrio, espere esse instante necessário.

Ele avistou o movimento da clava. Foi uma mera fração de segundo, mas o suficiente para alertá-lo de que Francis não tinha paciência para esperar. Portanto, Armand estava pronto para se desviar da bola de ferro que desceu em arco. Se os seus braços estivessem mais fortes, ele poderia receber o golpe no escudo, para se aproximar mais de seu inimigo, mas hoje não podia arriscar. O escudo já era pesado o bastante.

Enquanto Francis se recuperava, Armand viu sua chance. Da mesma forma que ele, Francis não estava usando protetores de pernas, então Armand levou sua espada abaixo, não na bem protegida cabeça de Francis, nem no ombro, mas no espaço exposto entre o joelho e a bainha de sua túnica de malha. Era uma abertura estreita, não passava de um palmo, mas um corte profundo poderia ser fatal.

Ele errou e a força de seu próprio golpe o fez cambalear à frente, enquanto Francis chegava para o lado, e gritava:

— Um golpe baixo! Você é um covarde!

— Isso é pela morte — Armand o lembrou por entre os dentes cerrados, enquanto recuperava seu equilíbrio e o encarava. — Essa não é uma luta bonita para impressionar as damas e se gabar depois, bebendo vinho. Um de nós morrerá aqui, hoje ou mais tarde, com um fim terrível de traidor. Não pretendo que seja eu.

— Você vai morrer! — Francis gritou enquanto girava a clava na mão direita, como uma arma mortal. Na mão esquerda, ele estava com a espada pronta.

Ele teria que arrancar uma das armas de Francis, e rápido, pensou Armand, enquanto se agachava ligeiramente, se equilibrando, novamente decidido a forçar Francis a fazer o primeiro movimento. Uma pontada aguda no joelho o fez se retrair, mas ele manteve o foco no adversário e na clava que girava.

Dessa vez, quando Francis golpeou, Armand deixou que o escudo e seu braço esquerdo recebessem a força do golpe. Seus músculos enfraquecidos não agüentariam o escudo por muito tempo, mas foi o bastante para que ele desviasse da terrível bola de ferro que descia, enquanto girava a espada de baixo para cima, para atingir com força o punho de Francis. Embora ele estivesse protegido pela armadura, o punho, como a maioria das juntas, era um ponto de fraqueza. Armand descobrira isso quando fora atingido.

Sua esperança se confirmou e Francis derrubou a espada. Armand rapidamente a chutou para fora de alcance.

Então, Armand viu a mancha em vermelho vivo do sangue, logo acima do joelho de Francis. Ele o havia cortado. Talvez não profundamente, mas o suficiente para lhe causar dor. Agora eles estavam quites, pensou ele, com a confiança crescente.

Contudo, ele precisava ser cauteloso. Um simples erro poderia ser o fim para ele e um terrível futuro para Adelaide e Bayard.

Como Francis tinha apenas a clava, ele estaria se sentindo mais vulnerável. A exaustão começava a recair sobre ele também, e Armand podia ver isso a julgar pela sua postura, pela forma como segurava a clava, e principalmente por estar em silêncio.

Infelizmente, o peso do escudo estava sendo demais para ser suportado pelo braço de Armand. Os dois braços estavam em agonia e ele jamais conseguiria penetrar a armadura de Francis se segurasse a espada com apenas uma das mãos. Ele precisava da força das duas.

Então, ele abaixou o braço esquerdo e deixou o escudo cair.

Adelaide resfolegou perplexa quando viu o escudo de Armand caindo no chão. Ela ficara empolgada quando Armand fez a espada de Francis sair voando pela grama, mas agora temia que Armand estivesse gravemente ferido. Ele certamente estaria com dor e ficando cansado, dava para ver, pela forma como seus ombros estavam caídos e o jeito como se agachava. Francis também estava exausto, e ele parecia estar mancando um pouquinho, talvez por ter caído do cavalo, mas estaria ferido o bastante para estar vulnerável?

Os dois homens circulavam um ao outro, Francis com sua clava, Armand segurando firme em sua espada, com as duas mãos, com a ponta para baixo, como se fosse pesada demais para que a erguesse mais alto.

As preces silenciosas dela ficavam cada vez mais fervorosas. Armand não podia perder. Ele tinha que ganhar. Por favor, Deus, ele tem que ganhar!

Subitamente, Francis berrou como um touro enfurecido, ergueu a clava e correu para Armand. Ele levou a arma para trás do ombro, claramente pretendendo lançá-la abaixo, sobre a cabeça de Armand, antes que ele pudesse se desviar do golpe.

Adelaide gritou, mas não desviou o olhar.

Com uma velocidade que parecia impossível, Armand se inclinou, se afastando do golpe e simultaneamente ergueu a espada. Francis gritou como um porco sendo abatido, enquanto cambaleou à frente e caiu.

A investida de Armand atingira o alvo, na dobra do braço de Francis, onde as juntas da manga se encontravam e era um local ligeiramente mais fino. Com exceção do rosto e aquele espaço descoberto acima do joelho, era um local muito vulnerável.

Respirando ofegante, Armand se agachou à frente, com a mão esquerda sobre o joelho e a direita ainda segurando a espada. Ele precisara de toda sua força e determinação, assim como a hora exata de Francis, para cortar a armadura e tirar sangue.

Francis se esforçou para ficar sobre as mãos e joelhos. A clava ainda estava amarrada ao seu punho, segura dentro de sua luva.

Talvez o ferimento não tivesse sido muito fundo, pensou Armand, enquanto mais uma vez se preparava para se defender.

Francis não levantou. Ainda de quatro, ele puxou o capacete e ergueu os olhos repletos de ódio, para Armand.

— Você venceu, Armand. Não consigo levantar o braço — resfolegou ele, com o rosto lívido.

Francis piscou, enquanto uma gota de suor caía em seus olhos, e o sangue pingava debaixo de seu braço, manchando a grama.

— Vou desmaiar e você vai vencer, mas você não me matou. Eles vão trazer um médico para cuidar de mim para que eu possa ser executado depois. Enforcado e esquartejado, para servir de exemplo. Minha cabeça será colocada na torre, para que os corvos biquem.

Os olhos dele cintilavam com as lágrimas por cair.

— Tenha piedade, Armand. Se tenho que morrer porque quero outro rei, não deixe que seja assim. Pelo amor de Deus, eu lhe imploro, mate-me aqui, agora.

Francis de Farnby era inimigo deles. Ele havia desejado Armand morto e Adelaide em sua cama. Havia conspirado para matar o conde de Pembroke e o arcebispo de Canterbury, bons homens, embora João não fosse.

No entanto, ao olhar para Francis de Farnby, não era ódio que Armand sentia, mas pena, no fundo do coração. E ele teria concedido seu pedido, se pudesse.

— Não tenho mais forças para dar outro golpe em sua armadura.

— Então, no meu rosto — implorou Francis, cambaleando para ficar de pé. — Passe a espada em meu rosto.

— Oh, Deus — murmurou Armand, como um apelo e uma prece, ao mesmo tempo. — Não o farei. Não posso. Não sou um executor.

— Faça! — ordenou Francis, com a voz se elevando ao tentar endireitar a postura, com a clava balançando no punho, enquanto segurava o braço pendurado na lateral.

Quando ficou claro que Armand não o faria, Francis encontrou forças para erguer a clava. Ele seguiu para atacar Armand, como uma criatura demente.

— Então, por Deus, vou matá-lo! Com meu último suspiro, vou matá-lo!

Silenciosamente implorando clemência, Armand se preparou, ergueu a espada e fez como Francis queria.

Quando Adelaide viu Francis cair e Armand permanecer de pé, a alegria preencheu seu coração e ela soltou um grito de triunfo e alívio.

Ele havia ganhado! Ele estava salvo! E provara ser inocente.

— Bem, isso acabou — murmurou o rei, se dirigindo ao sorridente conde de Pembroke, que estava ao seu lado, antes de se virar para Adelaide e falar, acima da multidão empolgada de cortesãos. Todos haviam ficado silenciosos na maior parte da batalha, até mesmo Hildegard, mas quando terminou e Armand era claramente o vencedor, eles deram vazão aos sentimentos e expressaram suas opiniões sobre o combate.

— Deus o aprovou em Seu julgamento — gritou o rei. — Armand de Boisbaston é inocente de traição.

Sem dar uma palavra, Adelaide se virou e saiu para correr até seu amado, pois nem diante de uma ordem do rei ela seria detida.

## Capítulo Vinte e Três

---

---

Armand ouvira Adelaide chamar seu nome e, suspirando fundo, ela desviou o olhar do corpo estendido no chão. Ele não se sentia como um nobre cavaleiro defendendo sua honra, ou seu rei. Ele se sentia como um assassino.

— Você está a salvo! — gritou Adelaide, jogando os braços ao redor dele. — Graças a Deus, você ganhou! Agora todos sabem que você não é um traidor!

Ele não tinha mais forças nos braços para retribuir o abraço. Em vez disso, só pousou a cabeça no ombro dela e deu um suspiro profundo, de corpo e alma.

— Acabou — sussurrou Adelaide, com sua voz adorável, pulsando dentro da cabeça dele. — Meu amado marido está salvo.

Assim como ela. Oh, Graças a Deus, assim como ela. Ele encontrou forças para passar os braços ao redor de sua cintura fina e puxá-la para mais perto.

Ele percebia que mais gente se aglomerava ao redor deles. Ouviu a voz rouca do conde, e o chamado empolgado de Eloise. Conseguia discernir o elogio de Charles, os comentários de sir Edmond sobre as vantagens da espada sobre a clava, e a concordância de sir Roger. Todos estavam ansiosos para cumprimentá-lo por seu triunfo, mas, com o canto do olho, ele viu o escudeiro de Francis e um laçao levando seu corpo e não sentiu prazer algum.

Ele ficou abraçado a Adelaide pelo tempo que pôde, até que a voz do rei se sobrepôs à de todos.

— Lorde Armand de Boisbaston!

Armand soltou Adelaide e se virou fracamente para o homem que lhe dava aversão, no entanto a quem ainda era ligado por um juramento. Atrás de João, ele pôde ver a rainha e o conde de Pembroke, radiante, como um pai orgulhoso, e Eloise, que sorria e chorava ao mesmo tempo, e lady Jane, parecendo profundamente aliviada, assim como vários jovens da corte. Até lady Hildegard e lady Ethel o olhavam com um respeito rabugento.

A mão dele encontrou a de Adelaide, que a segurou com força. Não havia nenhuma opinião, gratidão ou respeito que significasse mais para ela do que a dela.

— Majestade — disse ele, baixando a cabeça.

— Lorde Armand de Boisbaston — o rei repetiu — nós consideramos que Deus tenha feito Seu julgamento e, segundo Ele, você é inocente de traição.

— Obrigado, majestade — repetiu ele, embora as palavras de gratidão quase o sufocassem. — Se me permite, majestade, gostaria de me ausentar da corte. Preciso ir a Normandia, para saber a verdade

sobre meu irmão e resgatá-lo, se estiver sendo mantido contra sua vontade, como fervorosamente creio.

Para seu espanto, o rei sacudiu a cabeça.

— Isso, eu não posso permitir. Tenho necessidade de homens como você aqui na corte, principalmente diante da última conspiração contra meu reinado.

— Mas meu irmão...

— Pode ou não ser leal — disse o rei. — Mandaremos Falkes de Bréauté para determinar se seu irmão está aprisionado e necessitando ser resgatado, ou se ele traiu seu juramento e se aliou a Filipe. Não farei objeção, milorde.

Antes que Armand pudesse responder, uma voz masculina irrompeu por trás da multidão.

— Majestade! Não precisa mandar ninguém para a Normandia para ter notícias de Bayard de Boisbaston, nem duvidar de sua lealdade!

A aglomeração se abriu para deixar passar um homem de cabelos escuros e armadura. Ele era quase tão bonito quanto Armand, apesar da cicatriz que ia do canto de seu olho direito até o queixo, e seguiu marchando à frente, como se fosse o dono mundo.

— Bayard! — gritou Armand, soltando a mão de Adelaide e correndo até ele.

Então, esse era o irmão de Armand e ele estava livre e voltara para casa. As lágrimas de alegria encheram os olhos de Adelaide, depois caíram por seu rosto, enquanto ela olhava os dois se abraçarem.

— Randall — Eloise gritou, correndo na direção do jovem esguio que apareceu atrás dele. Ele a envolveu num abraço alegre e, quando se beijaram, Adelaide percebeu que não havia dúvida de que, por trás da aparência gentil de Randall, se escondia um homem tão apaixonado quanto seu marido.

Armand soltou o irmão e foi em direção a ela. Ao se aproximar, Bayard de Boisbaston deu um sorriso tão endiabrado quanto o de Armand, ou de seu meio irmão ilegítimo.

— Essa é minha esposa, Adelaide — anunciou Armand, com um orgulho que a fez corar.

— Esposa? — repetiu Bayard, com uma ruga intrigada surgindo no meio das sobrancelhas escuras. — Randall não me disse que você tinha se casado.

— Nos casamos esta manhã.

O irmão riu, um riso profundo com um som cheio de vitalidade como o dono.

— Você sempre foi cheio de surpresas. Ele deu uma piscada impertinente para Adelaide.

— Você parece bem feliz agora, milady, mas se ficar cansada desse sujeito, eu me ofereço em seu lugar, agora que estou livre.

— Eu lhe agradeço pela oferta — respondeu ela, no mesmo tom insolente, — e vou pensar com toda a consideração que ela merece.

O rei limpou a garganta ruidosamente, chamando a atenção de todos.

— Nós ouvimos dizer, Bayard, que você estava preso e esperando para ser resgatado, ou estava aliado com Filipe e desfrutando da hospitalidade do duque d'Ormonde.

— Eu era um prisioneiro do duque — respondeu Bayard, ficando bem sério — e estava esperando para ser resgatado. Felizmente, o duque é um cavalheiro, portanto não fui mantido em seu calabouço. Tive que dar minha palavra de que não deixaria o castelo, mas, de outra forma, eu tinha liberdade para ir e vir.

— Então, como é que está aqui? — perguntou o rei, com a pergunta ecoando o pensamento de Adelaide e de Armand também, a julgar pelos rostos curiosos.

O sorriso matreiro de Bayard voltou.

— Talvez tenha ouvido falar, majestade, que o duque tem uma bela e jovem esposa e ela parece ter gostado de mim... não que eu a tenha tocado. Ela é muito jovem e frívola demais para o meu gosto e casada, apesar de gostar de minha companhia. O duque ficou... como posso dizer? Preocupado o

suficiente para acabar abrindo mão do resgate. Acho que se eu ficasse mais tempo ele acabaria me dando algum dinheiro para ir embora.

Ele riu novamente com tanto bom humor, que todos que ouviram riram também.

Exceto o rei, que esticou o braço para a bela esposa.

— Entendo. Você é bem vindo à nossa corte. Venha, Isabel. A refeição do meio-dia nos aguarda.

A rainha obedientemente pegou o braço do rei irado e seguiu na direção do castelo, seguida de várias damas, incluindo Hildegard. Enquanto Hildegard olhava para trás, por cima do ombro, para Bayard de Boisbaston, mais de uma vez, Isabel — espertamente, sem dúvida — não o fez.

— Randall estava me contando algumas outras coisas estarrecedoras — disse Bayard, depois que eles saíram. Ele olhou ao redor, voltando a franzir a sobrancelha. — Onde foi que ele se meteu?

Eloise e Randall provavelmente teriam escapado, Adelaide percebeu, deixando os três sozinhos.

— Minha nossa, Randall me encontrou aqui perto e me disse que precisávamos nos apressar para voltar a Ludgershall. Depois me contou uma porção de histórias fantásticas sobre conspirações, traições e moças incríveis e...

— Nós vamos explicar tudo depois — disse Adelaide, quando Armand começou a balançar, com o rosto pálido e exausto.

— Armand precisa de comida, bebida e descanso.

Bayard colocou o braço embaixo do braço do irmão para ajudá-lo, apesar dos protestos de Armand, de que não estava totalmente fraco.

— Randall disse que você se envolveu com uma mulher muito impetuosa — frisou ele, conforme seguiam ao castelo. — Posso ver que não era mentira.

Mais tarde, naquela noite, Bayard sentou na banquetta, no quarto de Adelaide, com as pernas longas esticadas à frente, e os tornozelos cruzados. Os braços também estavam cruzados sobre o peito, da mesma forma como Armand havia sentado ali, quando passou a noite, antes.

Armand sentou na ponta da cama, com Adelaide ao seu lado.

— Então, enquanto fiquei naquela cela fedorenta, com os braços amarrados acima da cabeça, imaginando-o numa situação semelhante — disse ele, — você estava meramente sendo tratado como um príncipe, pelo duque d'Ormonde?

— Não exatamente como um príncipe — respondeu Bayard, apesar da expressão de remorso nos olhos castanhos. — Mas fiquei bem melhor que você.

Ele se inclinou à frente e os pés da banquetta bateram com força no chão.

— Eu não sabia o que havia acontecido com você, Armand, ou teria escapado do castelo do duque para ir salvá-lo.

Adelaide acreditava nisso — ele parecia alguém que faria algo impetuoso assim, como tentar salvar o irmão sozinho.

— Apenas estou contente por você estar a salvo — respondeu Armand.

— Agora, graças a você, estamos todos fora de perigo — disse Bayard. — O rei não ousará duvidar de nossa lealdade novamente.

Adelaide não tinha tanta certeza disso e nem Armand, pois ele murmurou:

— Pelo menos por um tempo, não.

Antes que o astral baixasse, os olhos de Bayard se iluminaram de curiosidade.

— E quanto a esse suposto meio irmão nosso? Adelaide me falou sobre ele, enquanto você estava dormindo. Eu lembro daquela mulher com o filho. Você acha mesmo que era ele?

— Ele se parece com você, quando ri — disse Adelaide.

— E ele tem o charme da família — respondeu Armand.

— Passei uns momentos de ansiedade, pensando que ele estava tentando roubar Adelaide de mim.

— Como se ele tivesse alguma chance! — protestou ela.

— Bem, como é que eu podia saber disso? Você certamente deu a impressão...

— Se vocês dois vão começar a discutir, eu os deixarei — disse Bayard, levantando.

— Não, não vamos — disse Armand, esticando o braço para pegar a mão de Adelaide. — Não estou com a menor disposição para discutir com ninguém, a menos que seja o rei.

— Nessa estou com você — concordou Bayard, ficando sério. — Odeio o safado.

— No entanto, nós juramos lealdade a ele — disse Armand.

— Fiz isso duas vezes. Bayard sacudiu os ombros.

— Uma ou dez vezes não faz diferença para um Boisbaston, portanto agora não há nada a fazer exceto obedecê-lo da melhor forma que pudermos e mantê-lo em segurança. Enquanto ele tiver o conde ao seu lado, ele irá melhorar.

— Se ao menos tivesse algum modo de impor limites ao seu poder — Adelaide pensou alto. — Algum tipo de lei, ou tratado, ou contrato.

— Rei algum concordará com tal coisa — disse Bayard, balançando a cabeça. — Certamente não João.

Armand franziu o rosto.

— Ele poderia, se achar que não tem outra escolha. E muitos dos nobres que evitam as rebeliões e a guerra poderiam ficar mais inclinados a persuadi-lo a assinar um acordo desse tipo.

— Talvez, se alguém pudesse sugerir isso, sem correr o risco de ser acusado de traição — disse Bayard. — Não vá você arrumar idéias. Uma vez já é suficiente.

— Concordo — respondeu Armand. — Ainda assim, não me surpreenderia se o rei jamais confiasse em mim. Acho que é por isso que ele quer que eu permaneça na corte, para ficar de olho em mim.

— Não estou tão certa disso, meu amor — disse Adelaide.

— Posso acreditar que ele o quer por perto porque você é um dos poucos homens em quem ele pode confiar, agora que fez seu juramento novamente e triunfou sobre Francis de Farnby.

— Se ao menos Richard não tivesse fugido, poderíamos prendê-lo! — disse Armand, lastimando.

— Receio que tenhamos feito um inimigo poderoso ali — concordou Adelaide.

— Como ele escapou e sem dúvida nos culpa por termos arruinado sua trama, as suas irmãs podem estar em perigo. — Armand frisou, pensativo. — Precisamos avisá-las.

— Mandarei uma mensagem para Gillian — disse Adelaide.

— Ela tem um soldado bom e leal em Averette. Vou escrever para que Lizette volta para lá. — Ela hesitou, depois acrescentou. — Também preciso lhes contar que me casei.

Bayard ficou surpreso ao ver aquela mulher impetuosa corar ao dizer isso. Segundo Randall, ela mantivera o rei e inúmeros cortesãos à distância durante meses, enquanto também trabalhava para desvendar a trama de traição, embora parecesse estranhamente reservada quanto ao casamento.

Mas, por outro lado, quem podia entender as mulheres? Ele, certamente, não. E nem queria. Elas eram criaturas maravilhosas, principalmente na cama, mas ele não tinha desejo algum de ouvir sobre suas dificuldades e preocupações.

— Eu levarei a mensagem, para que você tenha certeza de que foi entregue sem ser interceptada — disse Bayard.

Isso parecia o mínimo que ele poderia fazer, depois de tudo que Armand e Adelaide haviam passado, enquanto ele estava se esquivando das investidas da esposa do duque d'Ormonde.

— Obrigada — disse Adelaide baixinho, sorrindo de uma maneira que fez Bayard pensar que o casamento, com a mulher certa, poderia ser algo a ser buscado, no fim das contas.

— Randall também disse algo sobre um tesouro escondido?— frisou ele. — Imagino que tenha de ser recuperado e levado para Averette. Farei isso também, se quiser.

Adelaide e Armand trocaram olhares.

— Não é realmente um tesouro — disse Adelaide, — ao menos, não da forma como você provavelmente está imaginando. É uma joia que pertenceu à minha mãe. O rei a pegou, e seu meio irmão a roubou de volta para mim.

— O quê? Debaixo do nariz do rei?

— Parece, Bayard, que nosso irmão é um ladrão excepcional — disse Armand.

Bayard riu.

— O que mais você poderia esperar, já que somos cavaleiros excepcionais? E, falando em excepcional, ou ao menos inesperado, Randall me disse que também vai se casar. Mas que homem mudado! Eu soube que ele disse ao pai que ia se casar, quer o velho canalha gostasse ou não, e exigiu dinheiro para pagar ao rei para garantir que isso aconteça, assim como uma soma suficiente para pagar pelo meu resgate. Nunca pensei que Randall pudesse ser tão ousado.

— O amor pode mudar um homem, Bayard — disse Armand baixinho, sorrindo para a esposa.

A forma como eles olhavam um para o outro subitamente fez com que Bayard se sentisse um intruso.

— Com essa idéia na cabeça, eu vou lhes deixar — disse ele, levantando. — Randall e eu cavalgamos como loucos para chegar aqui, portanto também estou cansado.

Ele foi andando até a porta e olhou para trás, por cima do ombro, para Armand e a mulher com quem se casara.

— Estou feliz que você não tenha morrido hoje, Armand.

— Estou feliz por você estar livre, Bayard.

Depois que a porta se fechou atrás de Bayard, Armand levantou e puxou Adelaide para ficar de pé, passando as mãos ao longo de seus braços.

— Hora de ir para a cama, amada.

— Hora de dormir, marido — corrigiu ela. — Você ainda precisa descansar.

Realmente fora um dia árduo. A paixão podia esperar, pensou ela, principalmente porque agora eles eram marido e mulher, embora a expressão nos olhos castanhos acendesse um desejo, como uma centelha no palheiro.

— Você pode estar certa — ele concordou, relutante. — E haverá outras noites para amar.

— Sim, Armand — murmurou ela, ao passar os braços ao redor dele. Ele riu baixinho.

— Como, milady? Sem discutir? Sem dizer que não devo lhe dizer o que fazer?

— Não considero isso uma ordem — respondeu ela, com o amor brilhando em seus olhos. — Então, beije-me, Armand, e me segure em seus braços até adormecer, e ficarei mais do que feliz esta noite.

— Isso é uma ordem, milady? — perguntou ele, com a alegria no fundo de seus olhos pontilhados de dourado.

— Somente se você concordar. Eu nos veria como iguais no quarto, se não fosse em nenhum outro lugar.

— Em todos os lugares — ele a tranqüilizou. — Seremos amigos e parceiros, assim como marido e mulher. Então, vou ouvir seu sábio conselho e fazer como você está mandando. Esta noite ficarei contente em deitar em seus braços até dormir. — Ele franziu os lábios com aquele sorriso sedutor. — Mas amanhã, quando estiver descansado, poderei pedir mais alguma coisa.

— O que ficarei feliz em lhe dar — disse ela, ao conduzi-lo até a cama. — E pensar que um dia achei que o casamento era pouco melhor que a escravidão!

— Enquanto eu achava que seria um dever a ser cumprido.

— Nós dois estávamos errados — disse ela, ao entrar embaixo das cobertas.

— Ou descobrimos o contrário, porque encontramos um ao outro.

Naquela noite, eles dormiram tranqüilamente, nos braços um do outro, e por muitas noites depois — embora, verdade seja dita, também houve muitas noites em que o sono só veio para Adelaide e Armand de Boisbaston depois de outro tipo de abraço, que não era tão calmo.